

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**LINHA DE PESQUISA: PRODUÇÃO DE SENTIDO NA COMUNICAÇÃO**  
**MIDIÁTICA**

**Júlio César Penariol**

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1950: CRITÉRIOS DE**  
**NOTICIABILIDADE E ANÁLISE DE CONTEÚDO DA COBERTURA**  
**REALIZADA PELO JORNALISMO DE REVISTA BRASILEIRO**

**Bauru, SP**

**2015**

**Júlio César Penariol**

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1950: CRITÉRIOS DE  
NOTICIABILIDADE E ANÁLISE DE CONTEÚDO DA COBERTURA  
REALIZADA PELO JORNALISMO DE REVISTA BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru/SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

**Bauru, SP**

**2015**

Penariol, Júlio César.

Copa do Mundo de Futebol de 1950: Critérios de Noticiabilidade e Análise de Conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro / Júlio César Penariol, 2015

190 f.


Orientador: José Carlos Marques

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2015

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JÚLIO CÉSAR PENARIOL, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICACAO DE BAURU.**

Aos 27 dias do mês de agosto do ano de 2015, às 10:30 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO do(a) Departamento de Ciências Sociais / Universidade Federal de São Carlos, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de JÚLIO CÉSAR PENARIOL, intitulado "Copa do Mundo de Futebol de 1950: critérios de noticiabilidade e análise de conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES

  
Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

  
Prof. Dr. LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO

## **AGRADECIMENTOS**

Aos amigos que, por alguns momentos, foram deixados de lado para que essa dissertação pudesse sair do plano das ideias para virar letras no papel.

Aos familiares, pelas festas, aniversários e churrascos em que não pude comparecer durante meses, tudo em nome dessa dissertação – e claro, pelo apoio que me deram para concluir a pesquisa.

Ao colegas do Gecef (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol), da Unesp em Bauru, pelo compartilhamento do aprendizado e pela colaboração sempre construtiva com este trabalho.

Ao professor Dr. José Carlos Marques, o Zeca, como o conhecemos, pela orientação e pelos ensinamentos essenciais que me permitiram chegar até aqui, e também pela compreensão que sempre teve com minhas atividades profissionais.

Ao meu amor, Larissa Rosseto, maior incentivadora para minha volta ao universo acadêmico depois de quase uma década longe das salas de aula. Sem você, eu jamais teria força suficiente para trilhar esse caminho.

*A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: — em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.*

PENARIOL, Júlio César. **Copa do Mundo de Futebol de 1950: critérios de noticiabilidade e análise de conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro**. Relatório apresentado ao programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru, para exame de qualificação de mestrado em Comunicação, na área de Concentração em Comunicação Midiática, linha de pesquisa Produção de Sentido na Comunicação Midiática, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

## Resumo

Este estudo tem como finalidade analisar a cobertura do jornalismo de revista brasileiro sobre a Copa do Mundo de Futebol 1950, avaliando o recorte e a reconstrução do fato esportivo, e verificar como revistas semanais destinadas a diferentes públicos retrataram o fato esportivo. O corpus da pesquisa engloba o material produzido por quatro revistas semanais daquela época – *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon!* e *O Cruzeiro* – entre 1º de janeiro de 1950 e 31 de agosto do mesmo ano, o que representa quase seis meses antes do início do Mundial e mais de um mês após a disputa da última partida. Mesmo com público-leitor e conteúdo diferentes uma das outras, será que as quatro publicações constroem um discurso convergente sobre aquele evento esportivo, em que a euforia e a exaltação de tudo o que era relacionado ao país estão presentes nos textos? Essa é a pergunta que pretendemos responder. Afinal, a Copa era a oportunidade que o Brasil tinha para se mostrar ao mundo como uma nação civilizada, desenvolvida e moderna, e organizar uma competição de futebol deste porte era uma das chaves para atingir este objetivo. Por outro lado, a derrota inesperada da seleção brasileira no jogo final diante do Uruguai, e que ocasionou a perda do título diante de mais de 200 mil torcedores do gigante estádio do Maracanã, parece mudar o tom do discurso de parte imprensa. O fracasso do time em campo traz de volta sinônimos atrelados ao país e que ele gostaria de esconder das nações estrangeiras – e de si próprio –, como o subdesenvolvimento, a tristeza e a pobreza.

**Palavras-chave:** comunicação; futebol; jornalismo de revista; Copa do Mundo de 1950; critérios de noticiabilidade.

## **Abstract**

This study aims to analyze the coverage of the Brazilian magazine journalism about the World Cup Football in 1950, assessing the cut and the reconstruction of the sporting event, and check as weekly magazines aimed at different audiences portrayed the sporting event. The corpus of the research encompasses the material produced by four weekly magazines of that time - *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon!* and *O Cruzeiro* - between 1 January 1950 and 31 August of the same year, which is nearly six months before the start of the World and more than a month after the dispute of the last round. Even with readership and content different from each other, are the four publications build a converged discourse on one sporting event in the euphoria and exaltation of all that was related to the country are present in the texts? That's the question we want to answer. After all, the World Cup was a chance that Brazil had to show the world how a civilized, developed and modern nation, and organize a football competition of this size was a key to achieve this goal. On the other hand, the unexpected defeat of the Brazilian team in the final game against Uruguay, and involving the loss of the title before more than 200,000 fans of the giant Maracana stadium, seems to change the tone of the press part of speech. The failure of the field team brings back synonyms linked to the country and that he would like to hide from foreign nations - and himself - such as underdevelopment, sadness and poverty.

**Keywords:** communication; soccer; magazine journalism; World Cup 1950; newsworthiness criteria.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO I – FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E O BRASIL PRÉ-COPA DE 1950</b>	<b>20</b>
2.1 A relação entre o futebol e a academia	20
2.2 A Copa de 1950: divisor de águas	27
2.3 O governo getulista e o nacionalismo	31
2.3.1 O Governo Provisório (1930-1934)	32
2.3.2 O Governo Constitucional (1934-1937)	34
2.3.3 O Estado Novo (1937-1945)	34
2.4 O Governo Dutra: 'redemocratização' e Copa do Mundo	36
2.5 A participação da seleção brasileira nos primeiros Mundiais da FIFA	40
2.5.1 A Copa de 1930 e a estreia brasileira	40
2.5.2 A Copa de 1934 e as primeiras eliminatórias	40
2.5.3 A Copa de 1938 e a seleção com força máxima	41
2.5.4 A Copa de 1950 e o Brasil favorito	42
<b>3. CAPÍTULO II – METODOLOGIA, JORNALISMO DE REVISTA E TEORIAS DO JORNALISMO</b>	<b>46</b>
3.1 A metodologia de pesquisa	46
3.2 Por que consumimos mídia	47
3.3 Revista: um negócio jornalístico com características próprias	49
3.4 As teorias do jornalismo	52
3.4.1 <i>Gatekeeper</i> e os "portões" da notícia	52
3.4.2 A hipótese do <i>agenda-setting</i>	54
3.4.3 <i>Newsmaking</i> e os critérios de noticiabilidade	56
3.5 A metodologia da Análise do Conteúdo	61

<b>4. CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E LEVANTAMENTO QUANTITATIVO</b>	<b>67</b>
4.1 As revistas objeto de estudo: por que e quem são	67
4.1.1 <i>Revista da Semana</i> , a primeira do gênero	69
4.1.2 <i>Fon-Fon!</i> : buzinando moda e modernidade	71
4.1.3 <i>Careta</i> : política com boa dose de irreverência	74
4.1.4 <i>O Cruzeiro</i> : uma revolução no mercado de revistas	76
4.2 A Copa de 1950 pelas revistas semanais: análise quantitativa	80
4.2.1 <i>Revista da Semana</i>	80
4.2.2 <i>Fon-Fon!</i>	86
4.2.3 <i>Careta</i>	90
4.2.4 <i>O Cruzeiro</i>	98
4.2.5 Quadro comparativo e considerações iniciais sobre o material publicado	106
<b>5. CAPÍTULO IV – LEVANTAMENTO QUALITATIVO E O CONTEÚDO APRESENTADO PELAS REVISTAS</b>	<b>110</b>
5.1 Seleção e organização do material	110
5.1.1 <i>Revista da Semana</i>	112
5.1.2 <i>Fon-Fon!</i>	124
5.1.3 <i>Careta</i>	132
5.1.4 <i>O Cruzeiro</i>	147
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>180</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>187</b>

## 1. INTRODUÇÃO

"Por quê? Por que amar o esporte? Convém em primeiro lugar lembrar que tudo o que acontece com o jogador também acontece com o espectador. Porém, se no teatro o espectador não passa de um observador, no esporte ele é um ator. (...) Assistir, aqui, não é apenas viver, sofrer, ficar na expectativa, compreender, mas também – e sobretudo – o que se diz, com a voz, o gesto, o rosto; é tomar o mundo inteiro como testemunha. Resumindo: é comunicar-se." (BARTHES, 2009, p.104).

Foi-se o tempo em que o futebol era considerado um simples passatempo das massas, um produto da indústria cultural feito para alienar as pessoas. Pelo menos dentro dos estudos acadêmicos, muitos pesquisadores consideram, hoje, o futebol como um objeto que pode contribuir significativamente tanto para entendermos um pouco mais sobre a sociedade em que vivemos quanto para a própria renovação metodológica dos estudos desenvolvidos pelas Ciências Humanas e Sociais. Diversos estudiosos (Helal, Damatta, Morato, Franco Junior) apontam que, assim como outros temas, o esporte (e o futebol, por consequência) não pode ser compreendido de maneira isolada, e sim, na sua relação entre o que há de específico (estrutura de jogo, questões táticas e técnicas, e mesmo questões como a paixão e a irracionalidade, antes consideradas as causadoras da tal da alienação) e o contexto social, ou seja, as características daquele ambiente em que ele está inserido. "Ele é muito mais que um simples esporte proporcionando aptidão física a seus praticantes e lazer aos observadores. O futebol é um legado sociocultural brasileiro" (MORATO, 2005, p. 101).

A Copa do Mundo FIFA de 2014, realizada no Brasil e que acabamos de assistir, mostrou o quanto esta modalidade esportiva é capaz de escancarar algumas características fundamentais do povo brasileiro e, da mesma maneira, como ela deixa marcas em toda a nossa sociedade. Claro, é preciso admitirmos que os aspectos econômicos envolvidos na comercialização do evento em si (direitos de transmissão dos jogos, vendas de anúncios, vendas de ingressos etc) e dos produtos oriundos desta competição esportiva (artigos esportivos como as camisas das seleções e produtos ligados às marcas patrocinadoras do torneio) podem, de certa forma, servir de munição àqueles que defendem que o futebol faz parte da lógica capitalista e da indústria cultural – e, portanto, pode atuar como um alienante

para a massa apaixonada pelo esporte. Mas é possível entendermos a importância do futebol sob outros aspectos.

O Brasil foi anunciado como país-sede da Copa 2014 no dia 30 de outubro de 2007, durante eleição realizada pela Federação Internacional de Futebol Associação, a FIFA, entidade máxima responsável por regulamentar a prática do futebol no mundo. A competição, considerada um dos maiores eventos esportivos mundial ao lado dos Jogos Olímpicos, foi realizada entre os dias 12 de junho e 13 de julho e organizada de maneira conjunta por três partes: a própria FIFA; a Confederação Brasileira de Futebol, a CBF, entidade que rege essa modalidade esportiva no país; e o Governo Federal Brasileiro.

As duas primeiras são entidades privadas e estão diretamente ligadas às seleções, às regras e à prática do futebol em si. Já o governo, como sabemos, é um ator público, responsável por oferecer toda a infraestrutura necessária para a realização do Mundial de Futebol, como transporte, rede hoteleira, segurança e estádios modernos.

A dimensão do evento teve reflexos na mídia, não só do país organizador, mas das outras 31 seleções que disputam a competição e também de outras dezenas de países. Para se ter uma ideia da grandiosidade do Mundial 2014 e o alcance que teve na mídia, ele foi transmitido por canais de televisão para mais de 200 países, segundo a FIFA, o que significa um universo de 3,2 bilhões de telespectadores.

E não foi apenas a televisão que concretizou uma ampla cobertura da competição, mas todos os meios de comunicação. Isso porque a realização de um evento deste porte é um momento simbólico, em que esporte, sociedade e cultura popular estabelecem laços fortes. De fato, a Copa realizada no Brasil em 2014 provocou alterações significativas na sociedade, como mostraram diariamente os veículos de comunicação, sejam eles impressos, televisivos, radiofônicos ou eletrônicos. Não só mudanças estruturais nas cidades que receberam as partidas deste que é considerado o campeonato de futebol mais importante de todos, ou paralisação nas atividades econômicas de diversos setores, mas também mudanças no comportamento dos torcedores, independentemente da classe social e da faixa etária. A mídia, aproveitando-se da disputa do Mundial em território brasileiro, por diversas vezes exaltou a brasilidade e a nacionalidade no conteúdo que produziu, elogiando as belezas e os pontos fortes do país, da seleção e de seu povo.

Mas essa não foi a primeira Copa do Mundo de futebol realizada no país. Em 1950, o Brasil foi responsável por organizar o Mundial, o quarto na história da FIFA. Naquele ano,

vários países ainda se recuperavam da Segunda Guerra Mundial, e reorganizavam-se em torno de uma nova ordem mundial. O Brasil, por outro lado, praticamente não sofreu nenhum abalo estrutural com a guerra e, após o fim do Estado Novo e do governo do presidente Getúlio Vargas em 1945, via as instituições democráticas se reestruturarem. Era um período de renovação não só política, mas também econômica. Por isso, a Copa de 1950 era encarada, pelo governo e pela própria imprensa brasileira, como uma oportunidade única de o país se mostrar ao mundo como uma nação civilizada, moderna, em pleno desenvolvimento industrial e econômico, capaz de grandes realizações, não apenas na esfera esportiva.

Esses objetivos não seriam obtidos somente com a organização impecável do torneio, mas também com a construção daquele que seria considerado o maior estádio do mundo, o Maracanã, e pela conquista inédita do título de campeão mundial pela seleção brasileira. Era o ambiente ideal para que a imprensa exaltasse as qualidades do país, utilizando-se de um nacionalismo exacerbado em sua produção jornalística.

Assim, dada a importância que o futebol assumiu na sociedade brasileira desde seu surgimento até hoje, a relevância que a modalidade ganhou dentro do universo acadêmico, tornando-se um material rico para entendermos melhor a sociedade, e a significância que a Copa do Mundo de Futebol de 1950 teve para o Brasil, em termos esportivos, econômicos e históricos, esta dissertação buscará contar a história do Mundial por meio das revistas semanais brasileiras daquela época e verificar como retrataram em suas páginas a realização daquele evento, analisando ainda qual foi o comportamento desta mesma imprensa e o conteúdo do discurso por ela produzido depois da derrota inesperada da seleção para o Uruguai no jogo final da Copa.

A pesquisa tem por finalidade principal quantificar a cobertura da imprensa brasileira de revista sobre a Copa do Mundo de 1950, avaliando o recorte e a reconstrução do fato esportivo, e verificar, a partir dos conceitos da Análise de Conteúdo, como as noções de brasilidade e identidade apareceram no material sobre o evento, o mais importante dentro do mundo esportivo realizado no Brasil até então.

É possível definir ainda objetivos específicos para esta dissertação, a saber:

- verificar, dentro de conteúdo esportivo das revistas, a representatividade da Copa do Mundo de 1950
- mostrar, a partir das teorias do jornalismo, como a dinâmica de produção jornalística de uma revista semanal foi adaptada para o evento

– servir como um ponto de partida para a formação de um banco de dados sobre textos publicados em revistas da época sobre a primeira Copa disputada no Brasil.

Em relação ao objeto de pesquisa, nos debruçaremos em quatro revistas semanais de variedades, ou seja, que não atendiam ao segmento esportivo propriamente dito, e que estavam entre as mais consumidas pelos leitores naquela década. São elas, pela ordem em que foram lançadas no mercado: *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon!* e *O Cruzeiro*<sup>1</sup>.

A escolha dos quatro veículos<sup>2</sup> teve como critérios o grau de representatividade e a importância que tinham dentro do mercado editorial de revistas da época. Juntos, compõem um leque das publicações mais importantes, longevas e de maior tiragem na primeira metade do século XX no Brasil. Cada um a seu modo, e produzidos para um determinado leitor, abordava os principais fatos do Brasil. Em 1950, por exemplo, além da Copa, as quatro revistas realizaram uma ampla cobertura das eleições presidenciais que seriam realizadas naquele ano.

Quando falamos em representatividade utilizamos uma pesquisa realizada pelo instituto Ibope em 1945 para justificar essa palavra. Segundo Mira (1997), naquele ano, o levantamento feito pelo instituto apontou que três das quatro publicações que são aqui objetos de estudo ocupavam as três primeiras posições no ranking das revistas mais lidas pelos brasileiros. São elas: *O Cruzeiro*, *Revista da Semana* e *Careta*, respectivamente primeira, segunda e terceira colocadas. Já *Fon-Fon!*, sétima colocada entre as preferências dos leitores segundo a mesma pesquisa de 1945, foi selecionada para completar o quarteto em função da segmentação de mercado, ou seja, era uma publicação que investia em ilustrações e que tinha um público leitor predominante formado por mulheres por conta do conteúdo que oferecia. Assim, juntas, essas revistas formavam um leque de semanais nacionais que atendiam a diferentes leitores.

Aqui, é necessário justificarmos a não utilização das revistas que eram a quarta, a quinta e a sexta mais lidas de acordo com o Ibope. *Seleções* (quarta colocada) era uma publicação mensal, o que já basta para excluí-la desta pesquisa, que leva em consideração somente aquelas com periodicidade semanal. *Carioca* (quinta), apesar de ser semanal, não

---

<sup>1</sup> *Revista da Semana*, *Careta* e *Fon-Fon!* foram consultadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, e estão disponíveis no endereço [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br). Já *O Cruzeiro* foi pesquisada a partir de cópias adquiridas junto ao acervo do grupo Estado de Minas, que detém os direitos autorais sobre a revista.

<sup>2</sup> Os textos das quatro revistas, quando aqui transcritos, serão apresentados conforme a ortografia da época.

tinha como característica ser voltada para as mulheres e nem era uma revista ilustrada, ou seja, era uma publicação que se assemelhava a outras já incluídas na dissertação, e o objetivo aqui é trabalhar com uma variedade de revistas. Por fim, *A Cigarra* (sexta), além de circular quinzenalmente, pertenceu, a partir de 1924, à mesma editora de *O Cruzeiro*, o que fez com que buscássemos a sétima colocada, *Fon-Fon!*, que tinha um perfil diferente das outras seis.

Como detalharemos mais adiante, *O Cruzeiro* apostava em grandes reportagens noticiosas sobre o país e no casamento perfeito entre repórter de texto e repórter fotográfico, *Revista da Semana* trazia um conteúdo mais focado no cenário artístico e cultural, do Brasil e exterior, *Careta* tinha como principal característica a acidez política e o humor, com charges e tirinhas, e *Fon-Fon!* era um periódico ilustrado com ênfase no mundo da moda e na vida fora do país.

A produção de revistas impressas no Brasil no século passado costuma ser dividida em quatro gerações. *Revista da Semana*, *Careta* e *Fon-Fon!* fazem parte da primeira geração, que vai de 1900 até meados da década de 1920. São publicações que ainda estão muito associadas às revistas ilustradas e literárias europeias, "novidade que se propagou e se impôs no início da centúria passada" e que "jogaram um papel fundamental não apenas na difusão de hábitos, costumes, valores e sociabilidades urbanas [...], mas também na constituição de uma visualidade e sensibilidade modernas, com suas páginas coloridas, tomadas por fotos", como descreve a historiadora Tania Regina de Luca no prefácio da obra *O Moderno em Revistas* (2010, p.8). Já *O Cruzeiro*, que surgiu na chamada segunda geração de revistas, geração esta que vai até 1945, tinha um cunho mais político e trouxe um novo olhar mais crítico relacionado ao país, consolidou o gênero grande reportagem na imprensa de revista e aperfeiçoou a fotografia em movimento, estilo ainda pouco usual naquela época e que, depois, se tornaria o mais utilizado no jornalismo.

É justamente a escolha destas revistas como objeto de estudo que mostra a relevância desta dissertação. A maior parte das pesquisas realizadas no campo da comunicação e esporte que tem como objeto de estudo os veículos impressos antigos trabalha com jornais diários. São poucos os pesquisadores que se debruçam sobre as revistas do século passado. Portanto, torna-se importante verificar o posicionamento destes veículos, formadores de opinião, diante do maior evento esportivo realizado no Brasil até então.

Por outro lado, ao utilizar revistas como objeto de estudo, é preciso que o pesquisador perceba estas publicações não apenas a partir do tipo de jornalismo que elas

produziam, mas também a partir da intrínseca relação delas com a sociedade e suas articulações. Não podemos, portanto, nos debruçarmos para as páginas destes veículos sem olharmos para o contexto do país e sem levarmos em consideração as relações deles com as forças políticas e econômicas vigentes na época. Ao abarcar as revistas, o contexto do Brasil naquela metade de século e como a Copa do Mundo foi organizada, poderemos entender que as revistas, como cita Aline Dalmolin (2013, p.297) em artigo, "vão muito além das fronteiras do jornalismo noticioso, ofertando-se como marcos para a leitura do espírito de um tempo". Portanto, qual era o espírito daquele Brasil no início da década de 1950? E essas revistas corroboravam com esse espírito, ou remavam na contramão dos ideais da época? São perguntas que tentaremos responder ao longo desta dissertação.

Em relação ao corpus, a pesquisa acompanha todas as edições desses periódicos publicadas entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 1950, ou seja, quase seis meses antes do início do Mundial de futebol daquele ano (a primeira partida foi realizada em 24 de junho) e mais de um mês após o término da competição (o último jogo foi disputado em 16 de julho).

A ideia é desvendar o seguinte problema de pesquisa: como o mercado de revista da década de 1950 retratou a Copa do Mundo em função dos públicos aos quais se destinavam sua publicação, ou seja, de que maneira revistas diferentes, produzidas para públicos diferentes, abordaram o campeonato de futebol? Realmente havia um discurso de adesão à Copa, tal qual o governo gostaria, ou a cobertura foi mais crítica?

Vale lembrar que, no início de 1950, o Brasil vivia um momento de otimismo, dentro e fora dos gramados, como citamos anteriormente. O futebol vinha adquirindo uma importância enorme para a sociedade brasileira naquela metade de século, com a profissionalização da modalidade ocorrida especialmente no pós-Segunda Guerra, e, junto com outras manifestações, como o carnaval, a música, a religião e a culinária, exaltavam a cultura nacional.

Nos campos da política e economia, as transformações também eram grandes. Em 1945, após 15 anos sob o governo de Getúlio Vargas, o país começa um processo de redemocratização, com a organização de entidades sociais e políticas, e a diversificar e desenvolver a sua produção industrial, melhorando as taxas de emprego e investindo em obras de urbanização. Tudo isso influencia diretamente nas condições de vida dos trabalhadores.

Diante deste cenário, nunca, até então, o sentimento de nacionalidade no Brasil esteve tão aflorado como em 1950, quando o país organizaria, pela primeira vez na sua



história, a Copa do Mundo FIFA de Futebol e teria, de fato, uma oportunidade real de conquistar o título inédito e mostrar as qualidades que tinha a todo o mundo. E é neste clima otimista que entra a imprensa. Os políticos e os organizadores do evento esportivo enxergavam nos meios de comunicação um canal essencial que poderia receber e assumir estes valores nacionalistas e levá-los à toda a população brasileira.

Em um primeiro momento, esta dissertação se aproveitará de alguns conceitos relacionados às teorias do jornalismo, especificamente o de *gatekeeper*, a hipótese da *agenda-setting* e os critérios de noticiabilidade, para quantificar e pré-analisar como foi realizada a cobertura da Copa do Mundo de 1950 no Brasil pelas quatro revistas semanais nacionais da época já citadas: *Revista da Semana*, *Fon-Fon!*, *Careta* e *O Cruzeiro*. O objetivo é, com base nesses quatro veículos jornalísticos, reconstituir uma parte da história brasileira, cruzando com as chamadas fontes oficiais, que servirão de suporte, apesar de consideramos que o desenvolvimento da imprensa nacional pode indicar o desenvolvimento do próprio país, até mesmo porque, como cita Sodré (1986), "a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista". Também como já foi dito, serão acompanhadas todas as edições desses periódicos publicadas entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 1950.

Em seguida, a partir dos conceitos de Análise de Conteúdo propostos por Laurence Bardin, esta pesquisa irá organizar o material encontrado, selecionar um conteúdo relevante, categorizar e analisar as inferências contidas nas matérias. O objetivo é procurar que textos estão escondidos por trás das palavras e imagens a respeito da Copa veiculadas pelas revistas, identificando todas as manifestações de brasilidade contidas nestes textos. Como diz Bardin (1977): "Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar."

Para abordar a importância que o futebol adquiriu para os estudos das Ciências Humanas, a evolução deste campo dentro da comunicação, as relações que a modalidade estabeleceu com a sociedade brasileira e a midiaticização de eventos como a Copa do Mundo, esta dissertação terá como base autores que já se debruçaram sobre assunto, como Ronaldo Helal, Roberto Damatta, Édison Gastaldo, Hilário Franco Junior e Antonio Jorge Soares.

Gastaldo (2002), por exemplo, ajuda a explicar por que o futebol tornou-se um importante elemento da cultura brasileira, especialmente a partir da metade do século passado, e como a modalidade passou a ser considerada um dos principais elementos articulados com a identidade nacional no país, fazendo jus à expressão "país do futebol" atribuída ao Brasil.

Segundo ele, o futebol praticado em terras brasileiras "é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo" (p.2).

Neste sentido, Gastaldo tem uma visão parecida com a de Damatta, para quem toda e qualquer modalidade esportiva, incluindo aí o futebol, carrega muitas das características dos seus praticantes e da sociedade em que ela está inserida. Por isso, o futebol jogado no Brasil teria tantas semelhanças com a cultura brasileira, ou seja, se há problemas como racismo, violência, homofobia e corrupção na sociedade, essas questões também fazem parte do universo futebolístico. Assim, não é possível dissociar o esporte da cultura e dos valores do país. As pontuações feitas por esses dois autores irão colaborar para entendermos o momento diferente que o país vivia naquela época pré-Copa de 1950 e como o futebol atuava para dar sentido a valores propagados pelo governo pós-Getúlio.

Já Helal (2011), por sua vez, discorre sobre como surgiu o termo "país do futebol", que teria começado a ser construído socialmente a partir dos anos 1930 "por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do 'estado-nação', acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade." Naquela época, diz ele, autores como Gilberto Freyre e Mário Filho foram fundamentais para entender a miscigenação racial não mais como um atraso para o país, mas como valor positivo e demonstração da força do brasileiro. E o Mundial de 1950 é realizado no momento em que este termo começa a tomar maiores dimensões. Primeiro, porque o evento da FIFA foi organizado justamente quando se iniciava a profissionalização da modalidade no país, ajudando a divulgar não só o futebol praticado nos campos brasileiros, mas o Brasil novo e redemocratizado que se construía. Segundo, porque a derrota para o Uruguai no Maracanã, apesar de dolorida, cria um sentimento de que o futebol nacional poderia, sim, ser classificado como um dos melhores do mundo, com características próprias e bem diferentes do praticado pelas seleções europeias. Tanto que, vinte anos depois daquele Mundial, a seleção brasileira levantava o troféu de campeã do mundo pela terceira vez.

Para compreendermos melhor o contexto histórico, social e esportivo de 1950, e sabermos qual era o papel destinado à imprensa durante a Copa do Mundo daquele ano, no sentido de divulgar as potencialidades do país, esta dissertação recorrerá a autores como Gerson Fraga (2009), que em sua pesquisa de doutorado analisou as tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. Ele

explica que aquele mundial, aos olhos da imprensa nacional, tinha uma importância que ia muito além do aspecto esportivo, "sendo apresentado como uma possibilidade ímpar de nos mostrarmos ao mundo como uma nação civilizada, moderna e capaz de grandes conquistas e realizações". Este pesquisador também aborda como a inesperada derrota para o Uruguai na partida derradeira da competição contribuiu, de certa forma, para resgatar antigas perspectivas depreciativas acerca do povo brasileiro, como o atraso do país diante do modelo europeu.

Em relação ao jornalismo de revista, as obras de Maria Celeste Mira (1997) e Marília Scalzo (2004) são a base para esta pesquisa. A primeira autora reconstituiu a história das revistas no Brasil e trata de suas relações com o mercado e os leitores, desde a partir do século XIX e até 1950, ou seja, ano da realização da primeira Copa do Mundo de futebol no Brasil - posteriormente a essa data, ela se detém às publicações da Editora Abril. Assim, Mira possibilita entendermos qual o modelo de jornalismo de revista adotado pelas empresas brasileiras e o papel que esses veículos de comunicação impressos tinham na sociedade como um todo. A partir desta obra, é possível visualizarmos como as quatro revistas escolhidas para análise nesta dissertação se posicionavam no mercado editorial e analisarmos, posteriormente o conteúdo do material que produziram sobre a Copa.

A obra de Scalzo vem para complementar o que já foi explicitado por Mira. Ela mostra que a revista não é apenas um veículo de comunicação, mas também um negócio, um produto com viés econômico, que mistura jornalismo e entretenimento e que, acima de tudo, cria uma relação com o público-leitor que ultrapassa a simples condição de produtor-consumidor. Seria, segundo Scalzo, uma relação feita com ingredientes como confiança, credibilidade, expectativas, erros e acertos, tal como uma história de amor. Todas essas pontuações serão fundamentais para avaliarmos a postura das quatro publicações diante do seu leitor.

Dentro das obras sobre teorias do jornalismo, esta dissertação se baseia nos conceitos apresentados por Mauro Wolf, um dos autores mais conceituados neste campo da comunicação. É dele que emprestamos as definições sobre as teorias que utilizaremos nesta pesquisa: *gatekeeper*, *agenda-setting* e *newsmaking*, ou critérios de noticiabilidade.

O *newsmaking* é até hoje uma das teorias mais utilizadas e, apesar de ter surgido nos anos 1970, ou seja, após o período das revistas analisado nesta pesquisa, ajuda a entender o processo de produção jornalística. Segundo o autor, os fatos são medidos de acordo com

critérios de noticiabilidade ou valores-notícia, que ajudam a definir se ele irá virar notícia ou não. Esses valores são divididos em categorias, que serão apresentadas ao longo da pesquisa.

Outra teoria que surgiu nos anos 1970 foi a hipótese do *agenda-setting*. Formulada pelos norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw, ela retrata o poder que os veículos noticiosos exercem sobre a opinião pública. Em linhas gerais, este conceito diz que a mídia é responsável por apresentar ao público uma lista daquilo sobre o que é necessário saber, ter opinião, discutir. O pressuposto fundamental dessa hipótese é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida pelos mass media. A imprensa teria, então, a capacidade de dizer aos leitores sobre quais temas eles devem pensar.

Por fim, o conceito de *gatekeeper* foi apresentado pela primeira vez pelo psicólogo alemão Kurt Lewin (1947) durante a realização de um estudo sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais. Ao identificar os canais por onde fluía a sequência de comportamentos e informações relativos a um determinado tema, Lewin percebeu que existem zonas (ou mesmo pessoas) que atuam como cancela (ou porteiro), filtrando essas atitudes, ou seja, selecionando o que deve ou não ser passado adiante. Essa teoria pode ser aplicada, segundo o psicólogo, em todos os campos da sociedade. No jornalismo, este papel de "controlador da notícia" é exercido pelos profissionais que atuam desde a escolha do fato a ser noticiado até o editor, o último "portão" antes das informações chegarem ao público consumidor daquele veículo de comunicação.

Já em relação à AC (Análise de Conteúdo), a dissertação utiliza a proposta de Laurence Bardin para avaliar o material que será recolhido das quatro revistas. De acordo com a autora, o pesquisador que avalia os dados coletados em seu objeto de estudo a partir da perspectiva da Análise de Conteúdo pretende, em última instância, procurar o texto que está escondido atrás de outro texto, ou seja, uma mensagem que não está aparente já na primeira leitura e que, portanto, necessita de uma metodologia para ser descoberto. Essa metodologia envolveria três fases: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, com a análise da inferência e a interpretação dos dados. A primeira etapa tem por objetivo escolher os documentos que serão submetidos à análise, sistematizando o material para que o pesquisador possa prosseguir com as próximas fases. A segunda etapa, a mais longa de todo o processo, é o momento da codificação, ou seja, é a hora de transformar os dados coletados em informações organizadas, codificadas e classificadas, permitindo, posteriormente, que a terceira e última etapa da metodologia se concretize, que é a interpretação dos resultados.

## 2. CAPÍTULO I - FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E O BRASIL PRÉ-COPA DE 1950

"A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira." (HELAL, 2011, p.28)

### 2.1 A relação entre o futebol e a academia

Especialmente nas últimas três décadas, pesquisas acadêmicas, grupos de estudos e correntes de pensadores têm-se debruçado sobre temas ligados ao universo do futebol, dentro e fora de campo, e derrubado paradigmas que o consideravam um produto alienante e a expressão de uma multidão alienada. Tais paradigmas partiam do raciocínio de que o esporte, enquanto produto de uma sociedade contemporânea e da indústria cultural, feito para ser consumido pela massa, gerava alienação e impedia a formação de uma consciência mais crítica. Assim, diziam algumas teóricos, como os da Escola de Frankfurt, a massa, envolvida com o espetáculo, ficaria incapaz de raciocinar sobre qualquer tema e tornar-se-ia vulnerável a qualquer tipo de manipulação, especialmente em termos políticos.

Enquanto isso, os estudiosos que se debruçavam sobre a temática futebol e comunicação eram vistos com desconfiança dentro da própria academia, como explica Luiz Carlos Ribeiro:

Inscrito na marginalidade dos campos formais do econômico, do político, do social e do cultural e visto como atividade de lazer e ócio — portanto em oposição ao trabalho, lugar por excelência do fazer humano —, o esporte não se configura como objeto de interesse das ciências para a compreensão do processo social. (RIBEIRO, 2004, p. 113)

Mas, aos poucos, essa situação tem mudado e o estudo do futebol como tema consistente de pesquisa dentro do campo das Ciências Humanas e Sociais começa a romper as barreiras. Isso aconteceu principalmente a partir dos anos 1980, quando percebeu-se que a busca de referências teóricas e metodológicas para o estudo de uma modalidade esportiva, como o futebol, não poderia restringir-se aos aspectos do jogo em si e da estrutura à sua volta, e sim, necessitaria passar pela interdisciplinaridade, apropriando-se de conceitos, hipóteses, teorias e metodologias praticadas em áreas como a Antropologia, a História, a Psicologia. Ou seja, na verdade, os estudos no campo da comunicação esportiva sofriam do mesmo preconceito existente no início das pesquisas em Comunicação, justamente por conta a inexistência de metodologias específicas para isso.

E nessa virada de jogo em que o futebol passou a ser mais respeitado dentro da academia, visto como um objeto que pode contribuir significativamente tanto para compreendermos alguns aspectos sobre a sociedade quanto para a renovação metodológica dos estudos desenvolvidos pelas Ciências Humanas e Sociais, os textos de Roberto DaMatta foram essenciais. Em artigo de 2011, Helal explica que, na obra *Universo do Futebol*, DaMatta utilizou a "perspectiva ritualística, procurando entender o fenômeno como 'drama' da sociedade brasileira" (p.18).

DaMatta foi um dos primeiros estudiosos a estabelecer relações entre o esporte, a sociedade e a cultura popular, contrapondo aqueles que consideram o futebol como um produto alienante e parte de uma visão capitalista. "[...] o esporte - como arte - é uma atividade que possui uma clara auto-referência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle" (DAMATTA, 1994, p.13). Para ele, entender as relações ocorridas dentro do universo do futebol é buscar compreender a sociedade de uma maneira mais ampla. "É parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira" (DAMATTA, 1982, p. 21). Por isso, esta dissertação também entende que os aspectos sobre a Copa do Mundo de 1950 que foram retratados nas páginas das quatro revistas aqui pesquisadas revelariam muito mais do que o evento esportivo em si. Essas matérias, fotos e colunas de opinião retratariam também a sociedade brasileira e os rumos políticos e econômicos que o país tomava naquela metade de século.

Assim, o autor é enfático ao dizer que cada sociedade tem o futebol que merece, no sentido de que a modalidade esportiva carrega consigo características fundamentais do seu povo. Portanto, se o país sofre de problemas como racismo, corrupção, machismo, rivalidade e violência, por exemplo, o futebol vai enfrentar os mesmas dificuldades com esses assuntos. Não é possível dissociar o esporte da sociedade, do espaço em que ele é produzido, praticado e assistido. Para ele, o futebol "permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos" (DAMATTA, 1982, p. 40).

A partir dos estudos deste autor, as pesquisas atuais sobre a temática futebol apontam que, da mesma maneira que outros temas sociais, o esporte deve ser compreendido levando-se em consideração as suas próprias características e aquelas do ambiente em que ele está

inserido. Morato (2005), por exemplo, acredita que entender o ser humano que torce, seja por um clube ou pela seleção brasileira, é compreender o próprio país. Pois o ato de torcer não significa apenas esperar que o time vença um jogo ou um campeonato, e sim relacionar-se com tudo o que está por trás deste clube ou seleção: a história, o hino, a bandeira, a camisa, os títulos, os fracassos, os jogadores, os rivais.

No Brasil, a sociedade encontrou neste esporte uma maneira de se expressar e de extravasar emoções profundas, e a modalidade adquiriu características que a distinguem daquele estilo de jogo praticado em outros países. Segundo Marques (2000), isso foi possível quando o futebol deixou de ser um esporte praticado exclusivamente pelas elites brancas europeias. "A presença do negro e de sua cultura trouxeram ao futebol brasileiro uma peculiaridade e um enriquecimento que acompanharam as mudanças que a prática desse esporte sofreu desde que foi difundido em nosso país no final do século passado" (p.23). Ele aponta, inclusive, que o amadorismo do futebol no país foi por algumas décadas defendido por essas elites para preservá-lo de qualquer miscigenação, mas que esse caráter foi alterado tão logo as classes populares tiveram acesso à prática nos clubes, o que culminou, mais tarde, na profissionalização do esporte no Brasil.

Hoje, sabe-se que o futebol ultrapassa a esfera do simples entretenimento, do produto da indústria cultural. Um dossiê elaborado pelo instituto Ipsos Marplan (2006) definiu o futebol como uma "fonte de identidades que se cruzam com a segmentação econômica, social e política dos seus espectadores e praticantes, criando mais um sistema de emblemas coletivos".

A Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada recentemente no Brasil, ajuda a entendermos um pouco do que vem sendo discutido até aqui. Não podemos ignorar que os aspectos econômicos envolvidos no evento podem, de alguma maneira, municiar aqueles que defendem que o futebol está cada vez mais inserido dentro da lógica capitalista e da indústria cultural. Afinal, os valores envolvidos nos direitos de transmissão das partidas, na comercialização de patrocinadores, na venda de ingressos e de produtos oficiais do Mundial (uniformes completos das seleções, bonés, bandeiras, copos, chaveiros, adesivos e outras dezenas de artigos de todos os tipos) são astronômicos e provam que há uma midiaticização cada vez maior da Copa, tornando-a um negócio extremamente lucrativo para a FIFA e determinados parceiros.

Mas um outro olhar sobre o Mundial traz luz para outros aspectos não menos importantes acerca do fato e mostra sua relevância para a sociedade e para o entendimento humano. O evento provocou alterações significativas nas cidades do país, como mostraram diariamente os veículos de comunicação, sejam eles impressos, televisivos, radiofônicos ou eletrônicos. Desde o dia 30 de outubro de 2007, após a eleição realizada pela Federação Internacional de Futebol Associação, a FIFA, entidade máxima responsável por regulamentar a prática do futebol no mundo, e que elegeu o Brasil como sede do evento esportivo, as cidades que receberiam jogos do torneio se transformaram em verdadeiros canteiros de obras. Hotéis, aeroportos, avenidas e estádios passaram por melhorias ou foram construídos do zero. Tudo para receber turistas e seleções de maneira mais adequada, gente que deixaria um legado econômico grandioso ao Brasil. Segundo o portal da Copa elaborado pelo governo federal:

Os gastos de turistas estrangeiros no Brasil em junho, quando começou a Copa do Mundo, registraram um crescimento de 75,93% na comparação com o mesmo mês de 2013. Com US\$ 797 milhões (aproximadamente R\$ 1,8 bilhão), a entrada de divisas é um novo recorde mensal desde que o Banco Central começou a calcular essa informação, em 1948. Somando o dado parcial de gastos dos primeiros 23 dias de julho (US\$ 609 milhões), o valor chega a US\$ 1,4 bilhão. (<http://copa2014.gov.br/pt-br/noticia/gastos-de-turistas-estrangeiros-no-brasil-creceram-76-em-junho-mes-em-que-a-copa-teve>)

E o Mundial 2014 não proporcionou apenas mudanças estruturais nos municípios que receberam as partidas do campeonato de seleções mais importante do mundo. Houve também a paralisação nas atividades econômicas de diversos setores em todo o país, além de mudanças no comportamento dos torcedores, independentemente da classe social e da faixa etária. No horário dos jogos da seleção brasileira, o comércio em grande parte das cidades permaneceu fechado e empresas dispensaram os funcionários para que pudessem acompanhar as partidas. Na imprensa, o conteúdo sobre a Copa ocupou espaço considerável, com informações e opiniões sobre tudo o que ocorreu nos gramados e também fora dos estádios.

Porém, as relações entre futebol e mobilização popular no Brasil não são recentes. Isso pode ser atestado com a ajuda dos jornais impressos e das revistas de décadas anteriores. Em 1919, portanto 11 anos antes de a primeira Copa do Mundo ser realizada em qualquer país (o torneio organizado pela FIFA iniciou em 1930), o país foi sede do Campeonato Sul-Americano, o primeiro campeonato entre seleções disputado em solo brasileiro. A competição estava em sua terceira edição. As duas primeiras foram realizadas em 1916 e 1917, mas não no Brasil. No ano seguinte, uma doença chamada febre espanhola, que assolava as



populações, fez os países do continente adiarem o torneio, que voltaria a ser organizado em 1919. Naquele ano, o brasileiro vivia o conturbado período da República Velha, em que as classes mais ricas eram favorecidas, e a política estava envolta de denúncias de corrupção e até fraudes eleitorais.

Assim, o Sul-Americano de 1919 ficou marcado na história do Brasil como a primeira vez em que a população encontrou, no futebol e na seleção, uma forma de se sentir representada. A presença de jogadores de diferentes classes sociais fazia da equipe nacional um exemplo de democracia em um país em que essa palavra passava longe da sociedade e da política. Por isso, os jornais cariocas daquela época noticiaram o entusiasmo do povo com o torneio, especialmente no Rio de Janeiro, local que sediou as partidas. Na edição do dia 7 de maio, por exemplo, o jornal *A Rua* mostrou como a população, triste com a febre espanhola e a situação do país, se envolveu com o esporte: "Antes do campeonato, o football aqui já era uma doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa".

Já uma reportagem publicada no dia 19 de maio daquele ano pelo jornal carioca *Correio da Manhã* mostrava as interferências na vida cotidiana do Rio de Janeiro provocadas pela realização do campeonato:

O movimento das ruas, desde a cidade até o campo, era formidável, havendo mesmo ocasião em que a rua das Laranjeiras, congestionada pelo trânsito de automóveis, bondes e auto-ônibus, ficava entupida, proporcionando à polícia um trabalho insano, para restabelecer a normalidade.

Dez dias depois, quando foi disputada a decisão desta competição entre as seleções brasileira e uruguaia, o governo carioca decretou ponto facultativo nas repartições públicas, enquanto instituições financeiras e estabelecimentos comerciais fecharam suas portas e liberaram os funcionários para que, de alguma maneira, pudessem acompanhar o desenrolar daquela partida final. Uma verdadeira interrupção das atividades cotidianas, como ocorreu agora, 95 anos depois, durante a realização da Copa do Mundo 2014.

Estudar e entender o futebol e suas nuances dentro e fora dos gramados é, portanto, buscar compreender um pouco mais sobre a sociedade em que ele está inserido. Mais uma vez recorremos a DaMatta que, sobre a coletânea *Esporte na Sociedade: um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro* que ele publicou, escreveu que naquela obra se utilizaria do futebol praticado no Brasil para interpretar a sociedade do país.

Esta modalidade esportiva, desde que chegou oficialmente ao país no final do Século XIX, aos poucos foi se incorporando à nossa cultura a ponto de se tornar, como muitos

gostam de dizer, uma "paixão nacional" (HELAL, 2001), como se disséssemos que a modalidade praticada por aqui tivesse um nível técnico maior do que em outros países, e como se concluíssemos que o brasileiro gosta mais ou entende mais de futebol do que outros povos. Na verdade, são duas afirmações impossíveis de se fazer, mas que foram construídas ao longo dos anos, como aponta Helal, por agentes que atuam dentro do campo esportivo – utilizando a definição de campo de Pierre Bourdieu<sup>3</sup> –, como a imprensa, políticos e até pesquisadores acadêmicos.

Helal (2011) explica que a expressão "país do futebol" atribuída ao Brasil até hoje, especialmente em épocas de Copa do Mundo, começou a ser construída socialmente a partir dos anos 1930, "por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do 'estado-nação', acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade". Segundo ele, naquela época autores que se debruçavam a entender a formação sócio-cultural do país, tais como Gilberto Freyre e Mário Filho, contribuíram para que a miscigenação racial existente nas raízes brasileiras não fosse mais encarada como um sinal atraso para o país, algo negativo, mas como valor positivo, que simplesmente demonstrava a força do brasileiro e toda a sua riqueza cultural.

E essas características do povo brasileiro foram transpostas para o futebol praticado por ele, fazendo com que a seleção tivesse um estilo de jogo diferente das demais, especialmente do praticado pelas seleções europeias. Em um artigo, escreve Helal, Freyre afirma que essa miscigenação racial seria, portanto, fundadora de um "certo estilo de jogo que seria típico do Brasil – uma 'dança dionisíaca', o que tempos depois se convencionou chamar de 'futebol-arte'."

O Mundial de 1950 foi realizado no momento em que a expressão "país do futebol" começava, de fato, a tomar corpo no Brasil. Primeiro, porque o evento da FIFA foi organizado justamente quando a profissionalização da modalidade no país alcançava nova dimensão, com

---

<sup>3</sup> Para Bourdieu (2004), campo é o espaço social, multidimensional, em que ocorrem a produção e a circulação de discursos e práticas. Ele possui regras próprias, mecanismos que permitem o ingresso e a exclusão de discursos, fronteiras normalmente muito bem definidas, e objetos ou troféus em disputa. É nesse campo que ocorrem relações sociais entre os agentes e uma verdadeira disputa entre dominantes e dominados. Aqueles que detêm o poder compartilham interesses em comum e fazem de tudo para manter a hegemonia, o status de dominante dentro do campo. Por outro lado, os dominados lutam para obter um espaço nesse campo. Os agentes, por sua vez, são os que possuem um acúmulo maior de poder (capital) e os responsáveis por definir as regras do campo e por limitar quem pode ou não fazer parte dele. O objetivo final é sempre conservar suas posições hegemônicas.

o fortalecimento de clubes e campeonatos. A chegada de Getúlio Vargas à presidência do país duas décadas antes, em 1930, foi, ao poucos, dando um fim nas práticas amadoras futebolísticas. O governo varguista tinha como objetivos integrar a identidade brasileira e estimular a cidadania, estendendo direitos e deveres para uma maior parcela da população. Para que isso acontecesse também no esporte, ele criou uma política mais organizada, estruturada e centralizada. Tanto que, em 1933, nascia a Liga Carioca de Football, fundada por clubes do Rio de Janeiro, a primeira entidade futebolística a aceitar oficialmente a inscrição de atletas profissionais. Naquele mesmo ano, foi criada também a Associação Paulista de Esportes Atléticos, e juntamente com a entidade carioca, fundam a Federação Brasileira de Futebol, que apoiava o profissionalismo da modalidade. Quando chega a década de 1950, o futebol já unia a população de todas as camadas sociais do país de maneira muito semelhante ao Carnaval, e nada menos que 17 campeonatos estaduais com boas doses de profissionalismo eram realizados de norte a sul.

Meihy (1982, apud Helal) explica um pouco sobre o contexto do futebol no Brasil às vésperas do Mundial de 1950:

O futebol tornou-se uma indústria nacional, no fim da Segunda Guerra Mundial, fortemente regulada pelo governo. Jornais e rádios continuaram a manter sua popularidade. A urbanização produziu uma grande mudança: enquanto a diretoria permanecia no campo sagrado das elites, os associados eram de classe média, que foram atraídos ao clube por suas atividades sociais (bailes de carnaval, restaurantes, piscinas) e pelo status a eles oferecidos pela primeira vez. Os associados passaram de algumas centenas a milhares no início dos anos 40, e uma geração depois o Flamengo tinha 65.000 pessoas e o Corinthians 150.000 associados. O futebol não só afetou espaço para a classe média como afetou muito o público. Despertando interesses, produziu nos grupos o sentido da diversidade dentro das cidades e elos horizontais entre grupos em uma sociedade dominada pelos laços hierárquicos verticais. (MEIHY, 1982: 31, apud Helal 2008, p.7)

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ibope em 1950 apontou alguns hábitos sobre o carioca no que diz respeito ao consumo do futebol. De acordo com o levantamento, 57,3% dos entrevistados disseram gostar de futebol naquele ano. Se considerarmos apenas o público masculino que foi ouvido, esse índice sobe para 71,4%, enquanto entre as mulheres cai para 43,2%. Deste universo de 57,3%, 88% revelaram que assistiam aos jogos do campeonato ou pelo rádio (principalmente) ou pela TV. Esses dados comprovam que o futebol era um produto que vinha caindo no gosto da população, e que a realização de uma Copa do Mundo no Brasil, àquela altura, ajudaria a popularizar ainda mais a modalidade.

E, em segundo lugar, porque a derrota da seleção brasileira para o Uruguai no Maracanã, na partida derradeira daquela Copa, apesar de significar a perda do título e de ter ficado marcada como uma das mais doloridas de todos os tempos, criou um sentimento de que o futebol nacional poderia, sim, integrar o rol dos melhores do mundo, com características próprias e bem definidas. Tanto que, vinte anos depois daquele Mundial, a seleção brasileira levantava o troféu de campeã do mundo pela terceira vez, tendo ganhado outras duas vezes depois. Ou seja, até momento em que esta dissertação é escrita, o Brasil é o único país pentacampeão mundial – títulos conquistados em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 –, o que, de alguma maneira, ajuda a perpetuar a ideia de que o Brasil é o "país do futebol".

Não à toa, de quatro em quatro anos, quando se realiza a Copa do Mundo, essa expressão ganha ainda mais intensidade na mídia, e as narrativas jornalísticas sobre o evento se enchem de ufanismo. Segundo Gastaldo, quando está em campo, a seleção brasileira faz com que as pessoas superem eventuais diferenças, realizando uma espécie de "unidade nacional". "Assim, é frequente que no discurso da crônica esportiva a 'seleção brasileira' venha a 'representar' (no sentido mais metonímico do termo) o 'povo brasileiro'" (p. 3). E, rapidamente, tudo o que acontece com a seleção dentro de campo passa a ser considerado pela imprensa como algo do povo brasileiro. As vitórias do time nacional evidenciariam a capacidade e as qualidades do povo, enquanto que as derrotas da equipe exporiam as mazelas do povo e todos os problemas sociais, políticos e econômicos enfrentados pelo país.

## **2.2 Copa de 1950: divisor de águas**

Se em 1919 o povo brasileiro – ou, ao menos, a população do Rio de Janeiro – mostrou, pela primeira vez, um sentimento diferente pela seleção de futebol, ao ponto de a cidade literalmente parar para acompanhar o campeonato sul-americano que era disputado, e se tivemos, em 2014, durante a Copa do Mundo também disputada no país, uma enorme demonstração do forte vínculo da sociedade com o selecionado brasileiro e da influência do futebol no cotidiano das pessoas, é de se imaginar que a primeira Copa do Mundo FIFA realizada em estádios nacionais, em 1950, também tenha mexido com a vida do brasileiro.

Naquela metade de século, o Brasil vivia um momento de otimismo, dentro e fora dos gramados. O futebol, como já foi citado, vinha adquirindo uma importância enorme para a sociedade brasileira naquela metade de século, com a profissionalização da modalidade

ocorrida especialmente no pós-Segunda Guerra, e, ao lado de outras manifestações sociais, como o carnaval, a música, a religião e a culinária, exaltava a cultura nacional.

Nos campos da política e economia, as transformações também eram grandes. Em 1945, após 15 anos sob o governo muitas vezes centralizador de Getúlio Vargas, o país começava um processo de redemocratização, com a organização de entidades sociais e políticas. Era um início da diversificação e do desenvolvimento da sua produção industrial, melhorando as taxas de emprego e investindo em obras de urbanização. Tudo isso influenciava diretamente nas condições de vida dos trabalhadores, que enxergavam um futuro muito mais promissor.

Diante deste cenário, segundo Fraga em "*A derrota do Jeca*" na imprensa brasileira: *nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950* (2009), nunca o sentimento de nacionalidade no Brasil esteve tão aflorado como em 1950, quando o país organizaria, pela primeira vez na sua história, a Copa do Mundo de Futebol e teria, de fato, uma chance real de conquistar o título inédito e mostrar as qualidades que tinha a todo o mundo. Seria a primeira oportunidade em que os brasileiros poderiam ver de perto sua seleção em campo contra as principais seleções da Europa, das Américas e até da Ásia. E é neste clima de otimismo que entra a imprensa. Os políticos e os organizadores do evento esportivo enxergavam nos meios de comunicação um canal essencial que poderia receber e assumir estes valores nacionalistas e levá-los à toda a população brasileira.

Com este panorama favorável, temos que levar em consideração a hipótese de que o novo ambiente social favoreceria o aparecimento dos discursos eufóricos por parte da imprensa, e tanto os jogos em si e a disputa de seleções nos gramados quanto o entorno da realização da Copa de 1950 devem ter predominado no conteúdo esportivo divulgado pelas revistas semanais da época, como as que serão utilizadas nesta pesquisa – *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon!* e *O Cruzeiro* – suplantando, em termos de espaço ocupado, as demais modalidades que eram noticiadas naquela metade de século. E, muito provavelmente, matérias esportivas exaltando o nacionalismo e a brasilidade, comparando o Brasil com os países europeus, foram veiculadas por estas revistas. Até porque, como perceberemos ao longo desta dissertação, o futebol e a Copa de 1950 tinham uma importância muito grande como instrumento de construção de uma imagem positiva daquele Brasil.

É preciso ainda verificar qual foi o comportamento da imprensa e o discurso que ela utilizou depois da derrota da seleção para os uruguaiois na decisão da Copa. O revés pode ter

extrapolado o campo de jogo e encarado pelas revistas como a derrota do povo brasileiro, em que elas resgatariam antigas visões negativas sobre o país e seu povo, ou pode ter sido retratado como um simples resultado de jogo, exaltando a organização do Mundial em terras brasileiras. Ainda de acordo com Fraga, a primeira hipótese se concretizou, pois a derrota "acabaria por resgatar antigas perspectivas acerca do brasileiro, auto-imagens depreciativas que nos tinham por condenados ao atraso diante de um modelo europeu de civilização, no momento exato em que tais visões passavam a serem contestadas por novas interpretações acerca do Brasil", mas é necessário analisar se os quatro veículos de comunicação aqui pesquisados tiveram essa mesma postura.

É de se supor, por exemplo, que a mídia tenha acompanhado a competição de perto, noticiando cada fato relacionado ao evento esportivo. E que o resultado final, a derrota do Brasil no último jogo para o Uruguai, tenha deixado marcas em toda a sociedade: na imprensa, na seleção, no futebol do país, no povo como um todo.

Em artigo publicado na Revista USP, José Sebastião Witter (2003) confirma essas hipóteses:

O ano de 1950 é um divisor de águas para o futebol, tanto por ser o momento da retomada do campeonato mundial, depois da Segunda Guerra Mundial, como por ele ser disputado no Brasil. Antes da grande disputa mundial no Maracanã outras três copas foram jogadas: no Uruguai, Itália e França. O Brasil vivia, nas décadas de 40 e 50, um período de crescimento em todos os setores e pôde, com maestria, construir o grande estádio para celebrar a nossa vitória, que não aconteceu, pois perdemos, no último jogo, para o Uruguai. Nunca se viu comoção maior que aquela, só comparável com a da morte de Getúlio Vargas. (p.165)

Não à toa, a inesperada derrota da seleção brasileira para o Uruguai naquele 16 de julho de 1950 é, até hoje, um dos acontecimentos esportivos mais comentados e não só aqui, mas em todos os cantos onde se discute a modalidade. Aspectos esportivos, históricos e sociais relacionados a este fato também são pesquisados por membros da academia. Afinal, aquela decisão representava muito mais do que a possibilidade de o Brasil conquistar o seu primeiro título mundial. Estava em jogo, como já dito, a chance de o país se mostrar ao resto do mundo como uma nação civilizada, desenvolvida, em crescimento, capaz de sediar um evento deste porte com a organização necessária para tal. Após 15 anos sob o governo centralizador de Vargas, o país, agora sob o comando de Eurico Gaspar Dutra, iniciava a redemocratização e enchia o povo de otimismo.

A famosa expressão de que os "atletas jogam pelo seu país" quando vestem a camisa da sua seleção era, naquela final, a melhor definição para o momento do Brasil. Uma vitória sobre os uruguaio coroaría não só a bela campanha da equipe nacional dentro da competição, com direito a vitórias por goleada na fase final, mas significaria o triunfo de todo um povo. É por isso que, sobre esta derrota, Mário Filho escreveu, na introdução da sua clássica obra *O Negro no Futebol Brasileiro*: "Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou".

O revés na final, por outro lado, pode ter acendido de vez a paixão do brasileiro pela modalidade. Hoje, esta modalidade esportiva é um dos principais emblemas da identidade brasileira, ao lado do samba e das chamadas religiões afro-brasileiras. No texto "A Bola no Bar", apresentado durante o 7º Congresso Latinoamericano de Investigadores de La Comunicación, em 2004, o professor Édison Gastaldo, em parceria com os pesquisadores Rodrigo Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity, cita que ao futebol jogado no Brasil são atribuídas características constituintes do que seria uma "identidade brasileira", como a modalidade de conduta conhecida como "malandragem".

Por falar em identidade, Hilário Franco Júnior, em artigo publicado no site do jornal *Le Monde Diplomatique*, em 2010, corrobora com a ideia de que uma seleção de futebol, de qualquer país, é um símbolo nacional e, por isso, as épocas de Copas do Mundo corporificariam o orgulho de uma nação. Ele cita bons exemplos para comprovar. Primeiro, diz que a edição de estreia do Mundial, em 1930, foi organizada naquele ano pelo Uruguai para festejar o centenário de independência do país. Quatro anos depois, ele lembra que, no dia da partida decisiva da Copa de 1934, realizada na Itália, o jornal *Corriere della sera*, um dos mais importantes do país, escreveu que "hoje seremos invadidos pela divina paixão que inevitavelmente está em tudo o que é nosso, em tudo que tem a marca da nossa raça". Já em 1986, o jogador Diego Maradona, estrela da seleção argentina, reconheceu que o duelo contra os ingleses naquela Copa significava bem mais que uma partida de futebol: tinha sido encarada pelos atletas como uma revanche pela derrota na guerra das Malvinas, anos antes. E provavelmente, assim como ocorreu no jornal italiano em 1934, provavelmente, encontraremos muitas dessas expressões ufanistas nas quatro revistas objetos de estudo, em que o triunfo do país se confundia com o êxito em campo da seleção brasileira.

Franco Júnior diz ainda que nas Copas emergem diversas rivalidades. Novamente, ele aponta exemplos interessantes. Em 1930, o consulado do Uruguai que existia em Buenos

Aires, na Argentina, foi depredado por uma multidão que não se conformava com a derrota da seleção argentina para o país vizinho, campeão daquele Mundial. Já em 1950, quando a rivalidade entre brasileiros e argentinos crescia a cada Sul-Americano que era disputado, a seleção hermana resolveu não participar do Mundial porque ela perdeu o direito de sediar o evento justamente para o rival vizinho.

### **2.3 O governo getulista e o nacionalismo**

Nos vinte anos que antecederam a realização da Copa do Mundo de 1950, em quinze deles o Brasil esteve sob um único governo e viveu o que os historiadores denominam de "Era Vargas", nome concedido ao período em que Getúlio Vargas comandou o país de maneira contínua, e que vai de 1930 a 1945.

Faz-se necessário, portanto, entendermos como ele chegou ao cargo máximo do país, discorrermos sobre os principais acontecimentos do seu governo, e que provocaram alterações substanciais na sociedade, na economia e na cultura brasileiras, para, só então, clarearmos o momento que o Brasil vivia quando organizou o Mundial de futebol pela primeira vez, já sob o comando do presidente Eurico Gaspar Dutra.

A Era Vargas teve início com a Revolução de 1930, que tirou a oligarquia cafeeira do poder, e a História costuma dividi-la em três períodos: Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945).

Até 1930, o Brasil passava pelo seu primeiro período republicano, a chamada República Velha. Neste sistema político, a base da economia era cafeeira, o poder era centralizado na aliança política denominada café-com-leite, formada pelos proprietários de terra de São Paulo e Minas Gerais, mas ele se mostrava ineficiente diante do novo país que se formava. A crescente industrialização e urbanização a partir de 1915, por exemplo, provocou mudanças significativas e promoveu o crescimento das camadas sociais urbanas, fazendo surgir a burguesia industrial, a classe média e o operariado. Por outro lado, o sistema político, voltado para a economia agrária, não dava conta dessas mudanças, fazendo eclodir revoltas populares e levantes militares, já que estes também estavam alijados do poder. Na avaliação das elites dominantes, as reivindicações trabalhistas não passavam de "caso de polícia", mas a repressão policial contra os trabalhadores só fez aumentar a revolta popular, culminando em greves em várias partes do país.



Em 1929, a falência da bolsa de valores de Nova York provocou grave crise financeira em todo o mundo, a começar pelos Estados Unidos. O Brasil, país em que a economia ainda era predominantemente agrária, sustentava-se na exportação de produtos primários e dependia do mercado externo comprador, como o norte-americano e o europeu, também foi duramente afetado pela crise.

Diante da situação política, econômica e social insustentáveis, estava em xeque o domínio político dos proprietários de terra paulistas e mineiros, que até então se revezavam no poder. Na sucessão presidencial de 1930, São Paulo e Minas Gerais romperam a aliança, pois discordaram sobre o nome do candidato que lançariam à disputa do pleito. Enquanto o presidente Washington Luiz apoiava a candidatura do paulista Júlio Prestes, os mineiros queriam que Antônio Carlos concorresse ao cargo. Com o impasse, Minas Gerais preferiu apoiar o Rio Grande do Sul e a Paraíba, formando um grupo político oposicionista chamado Aliança Liberal. Para concorrer nas eleições de 1930, a Aliança lançou Getúlio Vargas como seu candidato. A vitória ficou com o candidato governista Júlio Prestes, mas ele nem tomou posse. A Aliança Liberal não aceitou a validade das eleições, não só porque alegava fraude na eleição de Prestes, mas também porque alguns dos seus deputados eleitos não tiveram seus mandatos reconhecidos.

O clima político era problemático e o estopim para a revolta veio com a morte misteriosa de João Pessoa, candidato à vice-presidência na chapa de Getúlio Vargas, que foi assassinado em Recife (PE). A base de apoio getulista, então, com a colaboração dos tenentes do Exército, também descontentes com o governo vigente – já que estavam alijados do poder, criticavam o sistema eleitoral, defendiam o voto secreto, e ansiavam por amplas reformas sociais e econômicas – organizaram uma revolta armada que culminou com um golpe de Estado, expulsando o presidente Washington Luiz do cargo. Uma junta militar assumiu o comando de maneira provisória e logo alçou Getúlio Vargas, considerado o líder da revolução, ao cargo de presidente do Brasil. Era o início do longo período de 15 anos em que ele permaneceria à frente das decisões do país.

### **2.3.1 O Governo Provisório (1930-1934)**

Com forte presença dos tenentes em cargos políticos e controlando alguns dos principais governos estaduais, já que eles tiveram participação decisiva no golpe de Estado, Vargas teve como principal tarefa nos seus primeiros anos reorganizar a política brasileira e

acabar com os resquícios da influência dos antigos coronéis. Para isso, o novo presidente deu início ao processo de centralização do poder, eliminando órgãos legislativos nas esferas municipal, estadual e federal.

A convivência pouco amistosa entre os militares e as velhas oligarquias era mais forte em São Paulo. O estado, que já era considerado a maior economia do país, concentrou a oposição a Vargas e as forças políticas locais convocaram os paulistanos a lutar contra o presidente gaúcho e seus tenentes. Tal mobilização, que ficou conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932, exigia a convocação de novas eleições e a elaboração de uma Assembleia Nacional Constituinte, mas foi derrotada pelos varguistas.

Apesar do triunfo, Vargas convocou eleições para elaborar uma Assembleia Constituinte, numa tentativa de conciliar diversos interesses políticos e se garantir por mais alguns anos no governo. Alguns militares importantes perderam espaço político, e uma nova constituição, a Carta Magna de 1934, foi promulgada. Ela garantiu mais poderes ao executivo, criou o que seriam as bases da legislação trabalhista e adotou novas medidas democráticas.

No campo trabalhista, a Constituição trouxe vários benefícios já pleiteados pela nova classe operária que crescia vertiginosamente nos grandes centros urbanos. Ela criou o salário mínimo, reduziu para 8 horas diárias a carga horária de trabalho e proibia diferenciação salarial baseada em questões como sexo, idade e estado civil. Outras melhorias que ela proporcionou foram as férias remuneradas, o repouso semanal, a indenização para os trabalhadores demitidos sem justa causa e a proibição do uso de jovens menores de 14 anos como mão-de-obra. Todas essas medidas ajudaram a acalmar os ânimos das revoltas populares.

Já no âmbito da economia, a Carta Magna de 34 tinha como foco adotar medidas que proporcionassem o desenvolvimento da indústria nacional, atendendo aos anseios da burguesia industrial. Por isso, as novas leis favoreciam a criação de institutos de pesquisa, fundações e linhas de crédito que contribuíssem para expandir o parque industrial e modernizar a economia do país. Em relação à agricultura, o governo permitiu que novos itens fossem incluídos na pauta das exportações, favorecendo um número maior de produtores.

Em relação às leis eleitorais, a Constituição concedeu direitos democráticos, instituindo o voto secreto e direto, e permitindo a participação pelo voto a todos os cidadãos maiores de 21 anos, incluindo as mulheres, com exceção aos padres, analfabetos, soldados e mendigos. Apesar dessa ampliação dos direitos, a Carta determinava que essas novas leis não

tinham validade para a escolha do novo presidente e determinou que a primeira eleição presidencial seria decidida pelo voto da Assembleia recém-formada. Com o apoio da maioria do Congresso, Vargas foi eleito para mais um mandato de quatro anos.

### **2.3.2 O Governo Constitucional (1934-1937)**

De olho nas eleições diretas presidenciais que estavam marcadas para ocorrer em 1937, dois movimentos políticos antagônicos ascenderam durante esta segunda fase do governo de Getúlio. A AIB (Ação Integralista Brasileira) e seus ideais totalitários, que cresciam em boa parte da Europa, era formada por setores mais conservadores da sociedade, incluindo alguns militares. O grupo buscava a consolidação de um governo centralizado, rígido, que poderia levar o país a um grande destino, que só seria possível com o fim dos movimentos comunistas e a interferência máxima do Estado em todos os campos, inclusive na economia. Já a ANL (Aliança Nacional Libertadora), formada por alas esquerdistas da sociedade, tinha ideais mais democráticos, pregava a justiça e o equilíbrio social, e era a favor de questões como a revolução feita a partir da luta de classes e a reforma agrária, dando condições igualitárias de sobrevivência a todas as pessoas.

Alvo de críticas por parte do grupo, e com receio de perder o poder, Vargas colocou os membros da ANL na ilegalidade com base na Lei de Segurança Nacional. Na clandestinidade, a aliança foi reorganizada pelos defensores do comunismo e, a partir daí, iniciou uma tentativa de golpe contra o governo getulista em várias cidades do país. A ação, que ficou conhecida como Intentona Comunista, foi contida rapidamente.

Mesmo com a ameaça controlada, o presidente usa o fato para centralizar ainda mais o poder em torno da sua figura. Getúlio decreta estado de sítio, e passa a perseguir os membros da esquerda. Além disso, anula a eleição presidencial que, pela constituição de 1934, seria realizada em 1938, e ainda anula essa constituição. Com amplos poderes, e contando com o apoio do Congresso e da maior parte das Forças Armadas, Vargas dissolve o Poder Legislativo e dá o golpe que originaria o Estado Novo, período em que ele governaria o país de maneira soberana.

### **2.3.3 O Estado Novo (1937-1945)**

Considerado um dos períodos mais autoritários da história do Brasil, o Estado Novo se inicia com a elaboração de uma nova constituição, desta vez inspirada nas constituições

fascistas da Itália e da Polônia. Segundo os relatos históricos, ela ampliou ainda mais os poderes do presidente, permitindo a Getúlio Vargas intervir a qualquer momento nos poderes Legislativo e Judiciário. Além disso, todos os direitos políticos foram suspensos, e os partidos e as organizações civis, abolidos. E tinha mais. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais foram fechados. O poder getulista atingia o auge, e ele passou a indicar todos os governadores estaduais.

Para fazer o controle ideológico e propagar os ideais do regime junto à população, Vargas criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Mas mais do que promover a ideologia ufanista e exaltar a importância do trabalho, o órgão fiscalizava e censurava os veículos de comunicação que eram contrários ao regime e que mostravam aspectos negativos deste governo. É por isso que, como veremos mais adiante, uma das revistas analisadas nesta dissertação se posiciona totalmente contrária à candidatura de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais que aconteceriam em 1950, após a disputa da Copa do Mundo.

O presidente buscava, a todo custo, a exaltação do país, e tornou obrigatória nas escolas a disciplina de Educação Moral e Cívica, que trazia temas "patrióticos" para dentro das salas de aula. Além disso, com um governo amplamente populista e que apelava para as massas, Vargas usou a ameaça comunista para alcançar um grande apoio popular. Em troca, criou leis de amparo ao trabalhador, que garantiu direitos que há tempos eram reivindicados pela classe, mas criou um sindicato oficial, ligado ao Ministério do Trabalho e que divulgava a ideologia varguista, e desarticulou os movimentos sindicais livres.

Ao mesmo tempo que continha o povo, Getúlio também dava condições para o desenvolvimento do setor industrial brasileiro. Assim, no campo econômico, criou o Conselho Nacional do Petróleo, o Conselho Federal de Comércio Exterior e a Companhia Siderúrgica Nacional, que impulsionaram a industrialização brasileira e aceleraram o desenvolvimento do país, com obras importantes sendo realizadas nas principais cidades. Mas para que o Estado continuasse no controle de tudo, inclusive da economia, ele também inaugurou empresas estatais, como as Companhias Siderúrgica Nacional (1940) e Vale do Rio Doce (1942), além da Fábrica Nacional de Motores (1943) e da Hidrelétrica do Vale do São Francisco (1945).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), contudo, começou a mudar a postura do governo Vargas. Isso porque, apesar de manter uma ideologia próxima à doutrina fascista e nazista praticada por Itália e Alemanha, respectivamente, o Brasil combateu esses dois países durante o conflito mundial ao se alinhar aos Estados Unidos e os demais países dos Aliados.

Isso só foi possível porque os norte-americanos concederam um empréstimo milionário ao governo brasileiro. Com o fim da Guerra e a derrota de italianos e alemães, os ideais liberais-democráticos dos Estados Unidos ganham força, tornando insustentável a manutenção, por parte de Getúlio, de um regime autoritário no país.

Sofrendo forte pressão pelo fim do Estado Novo, o presidente criou uma emenda constitucional que permitia a organização de partidos políticos e marcou eleições para ocorrer em 1945. A saída de Vargas do poder, portanto, era considerada por muitos uma questão de dias e, incitado por militares e opositores do seu governo, especialmente militantes da União Democrática Nacional, partido recém-criado, Getúlio aceita ser deposto, preservando a sua imagem e passando a ideia de que também era favorável à democracia – o que lhe permitiria voltar ao cargo de presidente seis anos mais tarde.

#### **2.4 O Governo Dutra: 'redemocratização' e Copa do Mundo**

O general Eurico Gaspar Dutra era ministro da Guerra no governo de Getúlio Vargas e, portanto, a sua eleição para presidente, em dezembro de 1945, não significou uma ruptura total dos ideais do ex-presidente, mas também não deixou de ser um importante passo para um processo que ficou marcado na História como a redemocratização do Brasil.

Logo no seu primeiro ano de mandato, convocou a Assembleia Constituinte para discutir as leis que seriam integradas à nova constituição do país. Os principais pontos da nova Carta Magna, que duraria até 1964, eram: divisão dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário); mandato de cinco anos para cargos executivos; concedeu direito de voto às mulheres maiores de 18 anos; restabeleceu eleições diretas para presidente, governadores e prefeitos; garantiu a igualdade de todos os cidadãos perante a lei; permitiu a liberdade de manifestação de pensamento, ou seja, a censura só poderia ocorrer em espetáculos voltados para a diversão pública; garantiu a liberdade de imprensa e a organização de partidos, além de ampla de defesa jurídica da pessoa acusada.

Com essas características, é possível afirmar que a constituição provocou, neste ponto, uma ruptura com a ditadura do Estado Novo, criando um cenário social um pouco mais favorável. É neste clima de conquistas, ao menos no campo das leis, que a realização da quarta edição da Copa do Mundo FIFA no Brasil foi anunciada, em julho de 1946, pela entidade máxima do futebol. Naquela época, a Europa estava arrasada por conta da Segunda Guerra Mundial, e o país surgiu como uma opção viável para receber o evento esportivo. O

Mundial seria realizado em 1950 e, nesses quatro anos de intervalo, muitas obras, incluindo um novo estádio, o Maracanã, precisavam ser construídas.

Para colocar de pé as obras necessárias para modernizar a economia do país e também realizar a Copa, o governo brasileiro contou com grande ajuda financeira dos Estados Unidos. Afinal, depois da Guerra, as nações economicamente estáveis, como a norte-americana, precisavam escoar o seu capital econômico para voltarem a crescer, e auxiliaram na reconstrução dos países afetados pelo conflito. Nesse sentido, as nações consideradas de terceiro mundo, como o Brasil, eram vistas como locais lucrativos para a exportação de divisas, bens de consumo e também da ideologia capitalista.

As políticas econômicas liberais adotadas por Dutra, com a não intervenção do Estado na economia, ampliaram as importações do país e, por outro lado, desaceleraram a indústria nacional. Para contornar a situação, o presidente buscou reorganizar os gastos públicos e apostou em um projeto para modernizar o Brasil: investiu na construção de grandes obras, como a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e a rodovia que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, criou a indústria petrolífera e facilitou a importação de maquinário industrial pelas empresas nacionais.

Com isso, o país alcançou um crescimento econômico anual de 6%, patamar considerado bom para aquela época. Essas ações criaram um novo público urbano, ampliaram o poder aquisitivo das camadas mais populares e trouxeram de vez a influência da cultura norte-americana.

[...] O sonho americano penetrava no Brasil, dando suporte às iniciativas culturais que visavam atualizar o país com relação à modernidade dos centros industrializados. O cosmopolitismo, o romance psicológico, a renovação da linguagem da imprensa, a profissionalização do teatro preocupado com a arte pela arte, o cinema industrializado e o surgimento da televisão são elementos novos do panorama cultural. (ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.51-52)

Essa "norte-americanização" da sociedade brasileira como um todo, especialmente da nossa cultura, segundo Freitas Junior (2009), fazia com que o futebol fosse um dos poucos elementos ainda autênticos, com características tipicamente brasileiras. Além disso, era por esse esporte que o Brasil ainda conseguia competir em condições de igualdade com qualquer outro país, graças ao avanço do futebol por aqui e à profissionalização por que a modalidade passava.

Desta maneira, organizar a Copa do Mundo de 1950 era uma oportunidade significativa para atrair as atenções de todo o mundo, ainda mais porque seria a primeira competição de futebol que reuniria diferentes nações de todo o mundo após a guerra mundial. Era a chance de, pelo futebol, o Brasil mostrar as suas qualidades de país promissor.

O desenvolvimento do futebol expressou o contraditório processo – aberto pela expansão capitalista – de inscrição da sociedade brasileira na modernidade. Alguns cronistas, por vezes, edificaram uma imagem dramatizada da angústia nacional em superar o atraso; em vencer como prova de civilização e progresso. Assim, esse esporte se apresenta como possibilidade de leitura do “caráter nacional brasileiro”, em que o fracasso de 1950 foi descrito como a evidência de um povo despreparado. (FREITAS JUNIOR, p.3)

É preciso, no entanto, tecermos algumas considerações a respeito do termo "redemocratização", historicamente utilizado quando nos referimos ao governo Dutra. Isso porque, atualmente, estudiosos como Renato Cancian, autor do livro *Comissão Justiça e Paz de São Paulo: Gênese e Atuação Política -1972-1985*, têm apontado que o ex-general não exerceu, de fato, uma política democratizante.

Em artigo publicado no portal UOL o cientista social cita algumas medidas autoritárias adotadas por Dutra e que colocam em xeque esse suposto legado democrático. O ex-presidente, por exemplo, preservou a estrutura fundiária, mantendo os grandes latifúndios praticamente intocáveis, e manteve os principais sindicatos trabalhistas vinculados ao Estado, tornando ilegal os movimentos populares, os movimentos trabalhistas e as atividades dos que seguiam a ideologia comunista.

O Movimento Unificador dos Trabalhadores foi proibido de existir, e todas as greves eram combatidas com rigor. Também foram proibidas as eleições sindicais, e os órgãos eram acompanhados de perto por pessoas da confiança de Dutra. Além disso, o governo colocou o PCB (Partido Comunista Brasileiro) na ilegalidade e cassou o mandato dos representantes do partido, incluindo a figura maior do PCB, Luis Carlos Prestes, que tinha sido o senador mais votado nas eleições anteriores.

O foco desta dissertação não é analisar o governo exercido pelo general Dutra, tão pouco compará-lo com o do antecessor, Getúlio Vargas, verificando qual foi mais ou menos democrático. Nosso objetivo aqui é avaliar como as revistas brasileiras se comportaram durante a realização da Copa do Mundo de 1950, se elas "abraçaram" o torneio como uma oportunidade de expor as qualidades do país.

Por isso, o que é relevante destacar é que o símbolo maior daquele Mundial, o Maracanã, foi construído durante o governo Dutra, e em tempo recorde: dois anos, ou 22 meses, para sermos mais exatos. Tratava-se de uma obra que fazia parte do projeto desenvolvimentista, uma autoafirmação brasileira diante da opinião pública internacional, e que mostrava a dimensão que os governantes brasileiros davam para a Copa. O estádio foi projetado para receber, oficialmente, segundo Farrugia (2013), 155 mil torcedores, mas como ainda estava em obras no dia da inauguração, ocorrida no dia 17 de junho de 1950 – portanto, apenas sete dias antes da abertura do Mundial –, cerca de 100 mil espectadores compareceram ao jogo entre as seleções de novos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A autora aponta ainda que, na ânsia para construir aquele que seria o maior estádio do mundo, e com a obra totalmente atrasada (por conta da indefinição sobre o local em que o estádio seria erguido e sobre quem seria responsável pelo projeto) e pressionada pela FIFA, o governo estourou o orçamento do Maracanã. A previsão era de um gasto na ordem de 150 milhões de cruzeiros (o equivalente a R\$ 267,6 milhões nos dias atuais), mas com a necessidade de contratar mais operários – cerca de 2,8 mil trabalhadores chegaram a ocupar o canteiro de obras simultaneamente –, desapropriar propriedades no entorno e comprar o material necessário de maneira rápida, a construção consumiu aproximadamente R\$ 410,3 milhões, mais de 50% acima da previsão inicial.

E não foram apenas a concepção e a implantação do Maracanã que exigiram grandes gastos do governo. Segundo Farrugia, o custo total do Mundial de 1950, no que se refere apenas ao preparo dos seis estádios (reforma e/ou construção) que sediariam as partidas, ficou em torno de R\$ 437,5 milhões. Por outro lado, a renda oficial gerada pelo público que acompanhou os jogos nas arquibancadas foi de apenas R\$ 65,3 milhões. Mesmo assim, na avaliação da autora, o legado deixado pela realização da Copa foi positivo em termos futebolísticos. "No Rio de Janeiro [...], o Mundial trouxe uma nova realidade à capital do país. Graças à competição, o Maracanã foi construído e o estádio mudou a relação do torcedor com o futebol. [...]. O Maracanã tornou o esporte popular" (p. 142). Essas informações serão importantes quando formos avaliar as reportagens das revistas referentes, principalmente, à inauguração do estádio carioca.



## **2.5 A participação da seleção brasileira nos primeiros Mundiais da FIFA**

A derrota da seleção brasileira para o Uruguai no jogo final da Copa do Mundo de 1950 e a maneira como a imprensa nacional lidou com o assunto só podem ser melhor compreendidas se olharmos não só para o contexto político, histórico, social e econômico do país, mas também para a participação do Brasil nos três mundiais anteriores. Por conta da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve o cancelamento das Copas do Mundo que se realizariam em 1942 e 1946. Portanto, antes de 1950, apenas três edições foram disputadas: em 1930, no Uruguai; 1934, na Itália; e 1938, na França. Em todas elas, a participação brasileira não passou de coadjuvante.

### **2.5.1 A Copa de 1930 e a estreia brasileira**

Para a Copa de 1930, não foram disputadas eliminatórias e todas as nações afiliadas à FIFA receberam o convite para participar do evento. Mas, naquela época, o futebol ainda era considerado um esporte amador e, para os países da Europa, atravessar o oceano demandava um custo financeiro grande, que poucos poderiam pagar. Por isso, apenas quatro seleções daquele continente se dispuseram a bancar as viagens de suas delegações até o Uruguai, escolhido sede do torneio pelo fato de 1930 ser o ano do centenário da independência do país e por conta do bicampeonato olímpico (1924 e 1928) conquistado anteriormente pela sua seleção de futebol.

No total, o Mundial contou com a participação de treze seleções: Brasil, Argentina, Paraguai, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai, México, Estados Unidos, Iugoslávia, Bélgica, França e Romênia. O Brasil foi para a primeira Copa com uma equipe bastante desfalcada. Por divergências políticas, a Federação Paulista de Futebol não aceitou ceder os jogadores dos seus clubes para a seleção, que, portanto, foi formada apenas por atletas que atuavam no Rio de Janeiro. A estreia brasileira foi com derrota por 2 a 1 para a Iugoslávia. Na partida seguinte, vitória por 4 a 0 diante da Bolívia, resultado, porém, que não garantiu a classificação do Brasil para as semifinais da competição. Entre os treze selecionados participantes, o brasileiro terminou com a sexta colocação, enquanto o título ficou com os donos da casa.

### **2.5.2 A Copa de 1934 e as primeiras eliminatórias**

A Copa de 1930 teve repercussão positiva em todo o mundo, tanto que 34 países demonstraram interesse em disputar o Mundial da Itália, realizado quatro anos mais tarde. O

país europeu foi escolhido sede após a desistência da Suécia e a interferência de Benito Mussolini, ditador fascista italiano que via na competição esportiva uma maneira de propagandear seu regime autoritário.

Com tantos interessados em jogar a Copa, a FIFA precisou organizar partidas eliminatórias, no sistema de mata-mata, para definir os 16 participantes. Entre eles, apenas três do continente americano, incluindo o Brasil. Em uma espécie de represália ao que considerou boicote europeu à Copa que organizou, o Uruguai decidiu não defender o título que conquistou e não foi ao campeonato. A novidade ficou por conta do Egito, primeiro país africano a disputar um Mundial de futebol.

Assim como no Uruguai, a seleção brasileira enviada para a Copa de 1934 não reunia os melhores jogadores do país, novamente por conta de brigas políticas, desta vez entre a Confederação Brasileira de Desportos e a Federação Brasileira de Futebol. A primeira defendia a profissionalização da modalidade, enquanto a segunda queria manter o mundo da bola no amadorismo. Por isso, a base da equipe foi formada por jogadores do Botafogo (RJ) e o Brasil fez aquela que se tornou, até hoje, sua pior campanha em Copas do Mundo. A seleção realizou apenas uma partida, contra a Espanha, perdeu por 3 a 1 e, como o sistema de disputa era mata-mata, foi eliminada logo de cara e encerrou o evento na 14ª posição entre os 16 participantes. Já a taça de campeã ficou, mais uma vez, com o país-sede, e a Itália de Mussolini triunfou diante da sua torcida.

### **2.5.3 A Copa de 1938 e a seleção com força máxima**

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo de 1938 teve três candidatos a sede. A Argentina esperava que houvesse um rodízio de continentes e, portanto, que o evento voltasse a ser realizado na América após o Mundial italiano. Já a Alemanha, governada pelo autoritário Adolf Hitler, tinha organizado os Jogos Olímpicos de 1936 e esperava repetir o feito na Copa de 1938, em mais uma oportunidade para fazer propaganda do nazismo e da superioridade da raça ariana. Porém, a maioria dos 23 países aptos a votar na eleição escolheram a França para sediar a Copa. A decisão foi encarada como uma homenagem a Jules Rimet, presidente da FIFA e idealizador da Copa do Mundo, e que já tinha 64 anos naquela época.

Insatisfeita com o resultado da votação, a Argentina liderou o boicote dos países americanos e apenas o Brasil não aderiu, ganhando a vaga para o Mundial de maneira

automática, sem precisar passar pelas eliminatórias. No lado europeu, a Inglaterra, ainda em pé de guerra com a FIFA, decidiu mais uma vez não disputar o campeonato organizado pela entidade. Já a Espanha, que vivia uma grande guerra civil, também não reunia condições de participar da Copa. Mais uma vez, jogos eliminatórios foram realizados para definir as 13 seleções que iriam para o Mundial e que se juntariam à França (país-sede), Itália (garantida por ser a atual campeã) e Brasil.

Assim como em 1934, a Copa do Mundo de 1938 foi disputada no sistema mata-mata. Mas, ao contrário dos anos anteriores, a seleção brasileira foi com força máxima para a França e realizou sua melhor campanha até então. Após vitória na estreia (contra a Polônia, por 6 a 5) e empate somada a vitória nas quartas de final (o Brasil empatou com a Tchecoslováquia e precisou realizar um jogo extra, vencendo por 2 a 1), a seleção brasileira foi superada pela Itália na semifinal por 2 a 1. Na decisão do terceiro lugar, novo triunfo, desta vez diante da Suécia (4 a 2), e a conquista do seu primeiro resultado expressivo em Mundiais. Já os italianos levaram a melhor sobre a Hungria na final (4 a 2) e chegaram ao bicampeonato mundial.

#### **2.5.4 A Copa de 1950 e o Brasil favorito**

"Quase tão honroso quanto vencer uma Copa do Mundo é o fato de ganhar o direito de sediá-la, pois o país que conquista esse direito torna-se conhecido internacionalmente, figurando durante meses nas manchetes dos principais jornais do mundo."

A frase de Freitas Junior mostra bem a importância que a Copa de 1950 teria para o Brasil. A escolha do país para sediar a quarta edição do evento esportivo pode ser justificada basicamente por quatro fatores:

- 1) após o Mundial de 1938, o Brasil esteve presente em um congresso organizado pela FIFA, em Paris, e lá demonstrou interesse em organizar o próximo campeonato, que seria realizado em 1942, caso não houvesse a Segunda Guerra Mundial;
- 2) a seleção brasileira era uma das poucas que tinha participado das três primeiras edições da Copa e deixado uma boa impressão para os organizadores pelo estilo de jogo diferente, especialmente o time de 1938, que tinha o atacante Leônidas da Silva como sua principal estrela e que foi considerado um dos melhores atletas do mundo naquela época;
- 3) apesar de ter apoiado os países Aliados na segunda metade do confronto, o Brasil não teve participação direta na Segunda Guerra Mundial e não sofreu consequências em termos de

infraestrutura dentro do país. Já as nações europeias foram duramente atingidas pelos combates e, em sua maioria, dedicavam todos os esforços para reconstruir o país, material e moralmente. Por isso, nenhuma delas se candidatou para sediar a Copa;

4) além de ter demonstrado interesse em organizar a competição desde 1938, o Brasil apresentou à FIFA uma proposta viável para isso, com a presença de estádios de médio porte já construídos e a possibilidade de erguer um grande estádio, totalmente novo, para receber as partidas decisivas do Mundial.

Sem concorrentes, o Brasil foi escolhido para ser o anfitrião da Copa em 1946, um ano após o fim da guerra. O Mundial seria realizado em 1949, mas dois anos antes, em setembro de 1947, a FIFA decidiu adiar o evento em mais um ano, deixando-o para 1950. A medida, de acordo com os jornalistas e pesquisadores Beatriz Farrugia, Diego Salgado, Gustavo Zucchi, Murilo Ximenez, autores do livro *1950 – O Preço de Uma Copa* (2014), foi tomada principalmente por dois motivos: ajudar o próprio Brasil, que estava com as obras atrasadas, incluindo a construção do estádio do Maracanã, o grande chamariz para o evento; colaborar com as nações europeias, dando mais tempo para se reconstruírem e reunirem condições, até mesmo financeiras, de disputar a competição.

Mas o conflito bélico, de fato, tornou impossível a participação de alguns países na Copa no Brasil, como Tchecoslováquia, Hungria e Polônia. A Alemanha, por sua vez, foi proibida pela entidade máxima do futebol de jogar. Assim, 32 seleções se inscreveram para as eliminatórias e concorrerem a 14 vagas no Mundial, já que o Brasil, por ser sede, e a Itália, última campeã, estavam automaticamente classificados. As equipes foram divididas em dez grupos seguindo critérios de localização geográfica: seis chaves eram formadas por países europeus, além de Israel e Síria (eram 18 equipes no total, disputando sete vagas); duas chaves tinham seleções sul-americanas (oito times em busca de quatro vagas); um grupo era formado por nações da América do Norte, América Central e Caribe (três seleções para duas vagas) e uma chave tinha países asiáticos (quatro equipes na luta por apenas uma vaga).

Antes mesmo da bola rolar pelas Eliminatórias, quatro seleções da América do Sul abriram mão do torneio: Argentina, Colômbia, Equador e Peru. Essa desistência classificou automaticamente outros quatro países para a Copa de 1950 sem a necessidade de entrar em campo: Chile, Bolívia, Uruguai e Paraguai. Nos grupos de outros continentes, mais nações desistiram do Mundial antes e até mesmo durante as Eliminatórias, como Bélgica, Birmânia e Finlândia, provocando novas alterações na tabela dos jogos. E teve mais baixas, mesmo

depois da definição das 15 seleções classificadas para vir ao Brasil. Escócia, Índia e Turquia abriram mão das vagas conquistadas dentro de campo, e França, Portugal e Irlanda, times que participaram das Eliminatórias, foram convidados pela FIFA, mas declinaram ao convite.

Assim, a Copa no Brasil contou com a presença de apenas 13 seleções, entre elas a Inglaterra, que pela primeira vez disputaria o torneio. Como a desistência de alguns dos países aconteceu em cima da hora e os grupos do Mundial já estavam formados, alguns deles ficaram com menos de quatro seleções: foram duas chaves com quatro equipes, incluindo a do Brasil; uma com três times; e uma com apenas duas seleções, que fizeram só um jogo na primeira fase. Somente o campeão de cada grupo avançou para a fase final, quando novamente foi formada uma chave e as equipes jogaram entre si, com a primeira colocada sendo declarada campeã. Portanto, não houve semifinal e final.

Não só por atuar em casa, diante da torcida que lotou o estádio, mas por apresentar um futebol em evolução (graças também ao fortalecimento dos clubes) e ter uma seleção com vários bons jogadores, o Brasil, pela primeira vez, entrou como favorito para ganhar um Mundial. Apesar de um tropeço na primeira fase (empate em 2 a 2 com a Suíça), a equipe venceu seus outros dois adversários (4 a 0 no México, na estreia, e 2 a 0 contra a Iugoslávia) e se classificou para a fase final, que seria disputada contra Suécia, Espanha e Uruguai, os campeões das outras três chaves. O primeiro duelo foi com os suecos, e a goleada por 7 a 1 deixou a melhor impressão possível. Na segunda partida, diante dos espanhóis, nova exibição de gala e vitória por 6 a 1. Os atletas deixaram o campo ouvindo a torcida cantar "Touradas em Madri" e não havia um brasileiro que não acreditasse que o primeiro título mundial estava muito próximo.

Apesar de não ter final, o último jogo desta fase era uma verdadeira decisão, pois reunia as duas únicas seleções com chances de ser campeã: a brasileira, que precisava apenas de um empate para ficar com a taça, e a uruguaia, que por ter empatado com a Espanha na estreia da fase final necessitava vencer o Brasil para conquistar seu segundo título de Copa. E o resultado todo mundo já sabe: triunfo de virada do Uruguai por 2 a 1, diante de um Maracanã perplexo e lotado, com cerca de 200 mil torcedores, e um Brasil esfarrapado após a derrota - da seleção e do seu povo.

Mas a história dessa Copa de 1950 será mais detalhada nos próximos capítulos, com a pesquisa e a análise do material referente ao Mundial no Brasil produzido pelas quatro revistas semanais da época escolhidas para esta dissertação. E sempre levando em

consideração o que Freitas Junior (2009) diz sobre o estudo do futebol, em uma pesquisa acadêmica de qualquer área, incluindo na Comunicação:

[...] ao mesmo tempo em que não pode perder de vista a dimensão social, não pode descaracterizar a sua estrutura, a tal ponto que não nos permita perceber a sua dinâmica institucional, que está presente na experiência cotidiana, como prática singular do campo esportivo e que pode auxiliar para que se compreenda a complexidade social na qual ele está inserido.

O que é preciso perceber, neste momento, é que, quando organizou o Mundial da FIFA, o Brasil, enquanto país, vivia um momento de desenvolvimento e redemocratização, fortalecendo a economia e proporcionando ao seu povo um sentimento nacionalista, logo captado e propagado por diversos veículos de comunicação. Já o futebol praticado pela seleção também evoluía e o time era considerado um dos mais fortes do mundo. Por isso, realizar aquela competição era uma oportunidade significativa de mostrar aos outros países o que a nação brasileira era capaz de produzir, dentro e fora de campo.

### 3. CAPÍTULO II - METODOLOGIA, JORNALISMO DE REVISTA E TEORIAS DO JORNALISMO

"A melhor notícia não é a que se dá primeiro,  
mas a que se dá melhor" - Gabriel García  
Márquez (apud. Goulart, 2006)

#### 3.1 A metodologia de pesquisa

O primeiro passo desta pesquisa foi definir que tipo de revista seria utilizada como objeto de estudo. A opção pelos veículos de periodicidade semanal, e não pelos mensais, deu-se por conta da duração da Copa do Mundo de 1950: apenas 23 dias, entre 24 de junho e 16 de julho. Isso significa que as revistas mensais teriam publicado apenas uma edição ao longo daquele Mundial, ao passo que as semanais teriam lançado entre três e quatro edições, o que aumenta significativamente o corpus desta pesquisa.

Em seguida, partimos para a escolha dos títulos propriamente ditos que seriam pesquisados. O objetivo era selecionar revistas de variedades, ou seja, não do segmento esportivo, com boa representatividade dentro do mercado editorial daquela época e, conseqüentemente, de relevância para a sociedade brasileira, com público leitor cativo. Para isso, como já citamos no capítulo de introdução, recorremos a uma pesquisa realizada pelo instituto Ibope, que apontava como os três periódicos mais lidos, pela ordem: *O Cruzeiro*, *Revista da Semana* e *Careta*. Já *Fon-Fon!*, sétima colocada no levantamento do Ibope, foi selecionada para esta pesquisa por entendermos que ela representava um segmento de mercado não compreendido pelas outras três, de revista ilustrada e com um público prioritariamente feminino por conta do conteúdo de moda que trazia em suas páginas.

A etapa seguinte foi a definição do corpus da pesquisa, e decidimos acompanhar todas as edições destas quatro revistas publicadas entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 1950, isto é, quase seis meses antes do início do Mundial de futebol daquele ano (a primeira partida foi realizada em 24 de junho) e mais de um mês após o término da competição (o último jogo foi disputado em 16 de julho). A proposta é levantar, com uma pesquisa exploratória, todo o conteúdo esportivo divulgado pelos quatro veículos neste período e, em seguida, elencar quais assuntos, de fato, foram abordados em relação à Copa no Brasil. O objetivo é ter familiaridade com os temas mais retratados por *O Cruzeiro*, *Revista da Semana* e *Careta* e *Fon-Fon!* e verificar a representatividade que o esporte e o Mundial de futebol tinham dentro das edições, possibilitando formular hipóteses que, depois, serão comprovadas ou refutadas a partir de

análises mais profundas. Ou seja, faremos uma pesquisa quantitativa, traduzindo em números e porcentagens as informações que colhermos nos veículos de comunicação, e verificando a importância e o espaço que eles atribuíram à competição esportiva da FIFA.

Na sequência, esta dissertação, com base em pesquisa bibliográfica – principalmente de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na internet – se aproveitará de alguns conceitos relacionados às teorias do jornalismo, especificamente o de *gatekeeper*, a hipótese da *agenda-setting* e os critérios de noticiabilidade, para pré-analisar como foi realizada a cobertura da Copa do Mundo de 1950 no Brasil pelas quatro revistas semanais já citadas. Aqui, o intuito é verificar quais os aspectos relacionados ao Mundial foram mais recorrentes (preparação da seleção brasileira; construção do estádio do Maracanã; organização da Copa; turismo e a presença de estrangeiros nos estádios; etc).

Essa etapa será fundamental para, enfim, chegarmos à análise das reportagens propriamente dita, pois permitirá elencarmos quais os temas sobre o Mundial merecem ser melhor estudados. Nesta última fase, vamos nos utilizar dos conceitos de Análise de Conteúdo propostos por Laurence Bardin para verificar como, nos textos selecionados, manifestou-se a brasilidade, a exaltação ao país e ao povo brasileiro. O objetivo é procurar os discursos que estão por trás das palavras e imagens divulgadas pelas revistas a respeito da Copa, analisando como revistas produzidas para públicos distintos abordaram o evento esportivo.

As hipóteses são que o novo ambiente social que o país vivia era favorável ao aparecimento dos discursos eufóricos por parte da imprensa, e os jogos e o entorno da realização da Copa de 1950 em terras brasileiras devem ter predominado no conteúdo esportivo divulgado pelas revistas semanais da época (como as já citadas Revista da Semana, Careta, Fon-Fon! e O Cruzeiro), suplantando as demais modalidades que eram noticiadas naquela metade de século.

### **3.2 Por que consumimos mídia**

Antes de apresentarmos os conceitos do jornalismo de revista que serão tomados como referência para esta dissertação, e antes de discorrermos sobre as teorias do jornalismo mais relevantes dentro desta pesquisa, é preciso entendermos o que leva uma pessoa a consumir um veículo de comunicação.



A escolha das quatro revistas semanais como objeto de estudo desta dissertação deu-se, em primeiro lugar, pela importância que o produto jornalístico tem dentro da sua comunidade, seja ela local, regional ou nacional. Como investigaram os sociólogos da comunicação Katz, Gurevitch e Haas, em um estudo publicado em 1973, os mass media satisfazem algumas necessidades do seu receptor, daí o crescimento do seu consumo. São elas: necessidades cognitivas (aquisição e reforço de conhecimentos e de compreensão); necessidades afetivas e estéticas (reforço da experiência estética, emotiva); necessidades de integração em nível pessoal (segurança, estabilidade emotiva, incremento da credibilidade e da posição social); necessidades de integração em nível social (reforço dos contatos interpessoais, com a família, os amigos, etc.); necessidades de evasão (abrandamento das tensões e dos conflitos).

Além disso, segundo Mauro Wolf, os meios de comunicação de massa, tal como são *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon!* e *O Cruzeiro*, estão em contínua transformação, assim como a sociedade industrial onde estão, e são, antes de tudo, verdadeiras empresas que, além de terem como objetivo informar e entreter seu público, precisam do lucro para sobreviver. Por isso, quando são criados, e mesmo ao longo da sua história, buscam se colocar no mercado com um conteúdo diferente dos concorrentes para conquistar um consumidor que não se sente satisfeito com os veículos de comunicação já existentes.

Os mass media constituem, simultaneamente, um importantíssimo setor industrial, um universo simbólico objeto de um consumo maciço, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual cotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo, etc. (WOLF, 2001, pag. 13)

A ideia de "mediação" desenvolvida por Jesus Martín-Barbero está presente nesta pesquisa, na medida em que foi necessário deixar de lado a teoria dos "meios" para entender a comunicação como um processo, no qual os veículos, com seus diferentes formatos e públicos consumidores, atuam como mediadores entre o que pensa a indústria cultural e o uso que as pessoas fazem desses produtos. Embora não se tenha sido feita uma pesquisa de recepção das revistas para este estudo, até porque as quatro publicações utilizadas aqui como objeto já não são editadas há décadas, o que impossibilita, portanto, o contato com o seu leitor mais fiel, procuramos traçar características do público que consideramos o consumidor de cada uma delas. Isso foi feito a partir de pesquisa bibliográfica de livros, artigos, teses e dissertações

que já tiveram uma das revistas como objeto de estudo, além, é claro, a partir da análise sobre o conteúdo que cada uma publicava em suas páginas, especialmente ao longo de 1950.

### **3.3 Revista: um negócio jornalístico com características próprias**

Dois séculos depois do lançamento das primeiras revistas no Brasil, é possível afirmar que esses veículos de comunicação são a história viva do país. Não apenas porque os principais registros visuais que temos da sociedade em todas essas décadas passadas estão nas páginas das revistas – primeiro, em forma de ilustração e, depois, com a evolução das técnicas e das tecnologias, em forma de fotografias –, mas também porque os registros textuais dessas publicações refletem muitas características do país. Por meio das páginas desses veículos de comunicação, é possível acompanharmos as mudanças econômicas, políticas, sociais, tecnológicas e comportamentais por que a sociedade passou. Pode-se questionar que a visão retratada por uma revista sobre qualquer fato não seja uma verdade absoluta, mas não se pode duvidar que a publicação, de alguma maneira, mostra o que aconteceu no país.

Na obra *Jornalismo de Revista* (2004), Marília Scalzo diz que várias palavras podem ajudar a definir o que é uma revista: veículo de comunicação, produto, negócio, marca, jornalismo e entretenimento. Mas nenhuma delas, diz a autora, abrange completamente todo o universo que envolve uma revista e seus leitores. Isso porque a relação entre esses dois extremos do elo comunicacional – a revista em si e o seu público leitor – é feita de sentimentos, de erros e acertos, onde o consumidor deposita toda a confiança e expectativa em um objeto, enquanto os responsáveis pela produção deste objeto buscam, a todo custo, passar credibilidade por meio do conteúdo. "Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo", aponta Scalzo.

Já Marcia Benetti, em artigo publicado no livro *A revista e seu jornalismo* (2013), define o jornalismo de revista de uma maneira ainda mais ampla, abarcando características físicas do veículo, particularidades na forma de produção das notícias e de construção dos textos, relação com o leitor e até mesmo a função social que tem.

O jornalismo de revista é um discurso e um modo de conhecimento que: é segmentado por público e por interesse; é periódico; é durável e colecionável; tem características materiais e gráficas distintas dos demais impressos; exige uma marcante identidade visual; permite diferentes estilos de texto; recorre fortemente à sinestesia; estabelece uma relação direta com o

leitor; trata de um leque amplo de temáticas e privilegia os temas de longa duração; está subordinado a interesses econômicos, institucionais e editoriais; institui uma ordem hermenêutica do mundo; estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado; indica modos de vivenciar o presente; define parâmetros de normalidade e de desvio; contribui para formar a opinião e o gosto; trabalha com uma ontologia das emoções. (BENETTI, 2013, p.55)

Essa longa definição usada por Benetti nos dá a exata dimensão da complexidade que é a produção de uma revista e, principalmente, a importância que tem dentro da sociedade e como o conteúdo nos dá uma visão, mesmo que parcial, dos principais fatos e temas que são discutidos, no Brasil e no mundo. Trata-se, portanto, de um jornalismo diversificado e que, por todas essas características descritas pela autora, estabelece fortes laços com os leitores.

Historicamente, o jornalismo impresso, tal qual a revista e o jornal, parece transmitir uma verdade mais "verdadeira" do que os outros veículos de comunicação, afinal, o que foi escrito pelo jornalista está impresso e pode ser guardado para sempre, como que para comprovar a história, para ser consultado sempre que necessário. Scalzo lembra também que a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações mais complexas, que envolvem várias nuances. Com o papel cheio de letras e imagens em suas mãos, o leitor pode ler e reler tudo até entender a complexidade do fato. Até por isso, os veículos de comunicação impressos costumam ser a fonte das informações mais profundas e completas dos acontecimentos. Principalmente as revistas, em que o tempo de produção da notícia é maior do que no jornalismo diário, proporcionando mais possibilidades de se ouvir todas as fontes para esgotar o fato.

E é justamente a periodicidade o que ajuda a diferenciar o jornalismo de revista do jornalismo diário impresso. O "como", em revista, é muito mais importante do que o "onde e quando". "Até por causa de sua periodicidade – que varia entre semanal, quinzenal e mensal – elas cobrem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura", diz a autora. Por isso, a revista colabora para a educação do leitor e também tem a função de entretê-lo. Essa dupla função, aliás, encontra explicação no nascimento do veículo de comunicação. Se o jornal nasceu, como fala Scalzo, com a marca do engajamento político, as revistas surgiram para ajudar a aprofundar os assuntos e complementar a educação das pessoas que não tinham tempo para ler um livro. Por esta razão, com o passar dos anos, as revistas apostaram na segmentação, produzindo conteúdos para públicos específicos e em formatos específicos.

Outra marca do jornalismo de revista é a importância da linguagem visual. Foi neste veículo de comunicação que a fotografia – e, posteriormente, o infografismo – ganharam destaque, mostrando que não bastava preencher uma página com informações relevantes, se visualmente ela não era atraente. E mais do que isso: o casamento perfeito entre repórter e jornalista fotográfico provaram, nas revistas, que o trabalho em equipe era fundamental para informar e conquistar o leitor. Foi exatamente o que fez *O Cruzeiro*, como explicaremos mais adiante. Em meio a um mercado extremamente concorrido, a revista apostou no entrosamento desta dupla de profissionais para produzir materiais com mais qualidade.

Em relação ao conteúdo, uma revista é composta por vários tipos de textos, verbais e não verbais, considerando aqui a definição de texto como tudo o que transmite uma mensagem. Matérias, entrevistas, cartas dos leitores, editoriais, seções, legendas, notas e reportagens são exemplos de textos verbais presentes em um veículo de comunicação impresso, enquanto fotos, ilustrações, quadrinhos, infográficos e charges são alguns dos textos não-verbais existentes.

Sobre a linguagem verbal, Scalzo aponta que a revista trata o leitor por você, tem intimidade com ele, até porque está dentro da casa dele, e muitas vezes é carregada junto com ele, por onde quer que ele ande. A segmentação do mercado de revistas, com publicações feitas exclusivamente para determinados públicos (homens, mulheres, jovens, crianças, idosos, religiosos, ambientalistas, empreendedores, esportistas, amantes de culinária etc), faz com que os produtores conheçam o rosto do leitor e, assim, falem diretamente com ele, tratando-o por "você", com títulos de matérias sem, necessariamente, um verbo de ação, como é no jornalismo diário. Como define Sérgio Vilas Boas (1996, p.34), a revista é "um lazer que mistura sedução, necessidade de haver personagens, 'espetáculos' etc". Cada texto é ajustado segundo seu público consumidor.

Os jornalistas têm mais liberdade de estilo na hora de redigir textos para uma revista. É preciso que as palavras seduzam o leitor, explorem novos ângulos do fato, tragam novidades, e muitas vezes o profissional concilia as técnicas jornalísticas e as literárias para atingir seus objetivos. Vilas Boas acrescenta que essa riqueza textual de uma revista é o que quebra as rotinas cotidianas dos demais veículos de comunicação.

Uma reportagem de revista, continua o autor, deve ser mais interpretativa, descritiva, analítica e informativa do que um texto contido em um jornal diário, que é sempre mais objetivo e direto, justamente pelo diferença que há entre eles no tempo de apuração da notícia.

Assim, o jornalismo de revista pode utilizar mais personagens, recordar fatos ligados ao assunto, contextualizando-o, empregar diálogos e confrontar ideias. O texto pode ter gírias, metáforas, exemplos, verbos menos comuns, mas sem, é claro afetar a limpidez e a clareza da informação a ser transmitida.

Scalzo faz um alerta em relação ao texto e às palavras escolhidas. Segundo a autora, os jornalistas que atuam em revistas devem ficar atentos à construção das matérias e reportagens. É preciso, sim, utilizar uma linguagem que diferencie aquele veículo do concorrente, e que o aproxime do leitor, mas, ao mesmo tempo, é necessário que essa linguagem seja acessível tanto aos leigos no assunto, quanto aos especialistas nos assuntos tratados. Esse equilíbrio é importante para fidelizar o leitor, acostumado a acompanhar a revista de sua preferência, e conquistar novos consumidores e anunciantes.

Assim, podemos resumir que a missão das revistas é falar com públicos específicos e aprofundar assuntos, analisando o fato e preenchendo o vazio informativo das coberturas jornalísticas realizadas por rádio, TV, jornais diários e, hoje em dia, internet. Enquanto os editores desses veículos, na pressa pela informação mais quente e mais rápida, correm o risco da imprecisão, a revista presa pela notícia correta. Para finalizar este assunto, Scalzo cita uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Online News Association, no final de 2001, sobre as características mais importantes de uma notícia, na avaliação dos internautas daquele site. Para eles, a novidade da notícia é apenas a quinta característica mais relevante, atrás de exatidão, completude, honestidade e fontes confiáveis. É justamente isso que uma revista precisa buscar constantemente.

### **3.4 As teorias do jornalismo**

Para dar conta da primeira parte da análise proposta nesta dissertação, que é, então, quantificar o material produzido pelas quatro revistas semanais a respeito da Copa do Mundo de Futebol de 1950, utilizaremos três conceitos das teorias do jornalismo que abordam sobre a produção dos veículos de comunicação: *gatekeeper*, *agenda-setting* e *newsmaking*.

#### **3.4.1 *Gatekeeper* e os "portões" da notícia**

O conceito de *gatekeeper* foi apresentado pela primeira vez pelo psicólogo alemão Kurt Lewin (1947) durante a realização de um estudo sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais. Ao identificar os canais por onde fluía a sequência de comportamentos e

informações relativos a um determinado tema, Lewin percebeu que existem zonas (ou mesmo pessoas) que atuam como cancela (ou porteiro), filtrando essas atitudes, ou seja, selecionando o que deve ou não ser passado adiante. Essa teoria pode ser aplicada, segundo o psicólogo, em todos os campos da sociedade.

O *gatekeeper* atuaria como formador de opinião que influencia a decisão do grupo com o qual ele se relaciona, sendo que este papel é exercido não apenas pelo editor de uma revista, no caso do nosso objeto de estudo, mas também por um líder de bairro cuja opinião é valorizada, pelo professor ou até mesmo pela dona de casa mais experiente. Todos esses "porteiros" seriam responsáveis por formar a chamada opinião pública.

No início dos anos 50, nos Estados Unidos, este conceito começou a ser bastante utilizado pelos pesquisadores da comunicação como uma forma de deferência ao jornalismo e ao seu poder, mostrando que o processo de produção da informação dentro de qualquer empresa midiática é um processo de escolhas no qual o fluxo de notícias tem que passar por diversos "gates" (portões) até a sua publicação.

Trata-se, portanto, de um conceito que analisa o comportamento dos profissionais da comunicação, de forma a investigar que critérios são utilizados para se divulgar ou não uma notícia. No jornalismo, dizem os teóricos, esse poder é exercido principalmente pela figura do editor, mas eles ressaltam também que a decisão de publicar algo ou não depende, também, da cultura de trabalho desse veículo ou da política empresarial, e ainda, dos critérios de noticiabilidade, conceito que será melhor explicado mais adiante.

Em 1950, o pesquisador norte-americano David Manning White fez uma pesquisa com um jornalista de seu país para analisar por que algumas notícias eram publicadas pelo veículo e outras, descartadas. Das 1.333 explicações para a recusa de uma matéria, cerca de 800 tiveram como explicação a falta de espaço e outras 300, a falta de interesse jornalístico ou a falta de qualidade da escrita.

Outras 76 ainda se referiam a temas considerados muito afastados do interesse da empresa jornalística, ou seja, que não mexeriam com os anseios do leitor. Portanto, White percebeu que a não-publicação de uma matéria teve, na maioria das vezes, explicações profissionais, não de ordem subjetiva. Não foi o jornalista que preferiu um tema em detrimento de outro. "As decisões do *gatekeeper* são tomadas, menos a partir de uma avaliação individual da noticiabilidade do que em relação a um conjunto de valores que

incluem critérios, quer profissionais, quer organizativos, tais como a eficiência, a produção de notícias, a rapidez." (ROBINSON, 1981, apud WOLF, 2001, p. 97).

Alguns pesquisadores, ao desenvolverem mais este conceito, revelam que, no mass media, o *gatekeeping* inclui não apenas a decisão do editor, mas todas as formas de controle da informação, que podem se estabelecer nas decisões acerca da codificação das mensagens, da seleção, da formação da mensagem, da difusão, da programação, da exclusão de parte ou de toda a mensagem.

Na seleção dos temas, por exemplo, os teóricos dizem que o jornalista carrega bastante daquilo que já é praticado pelo meio de comunicação em que atua, pelos seus colegas de redação. Essas referências implícitas dos outros profissionais e do próprio sistema da empresa (a chamada linha editorial) pesam muito mais que qualquer outra referência. O contexto organizacional-organizativo-burocrático exerce, assim, influência decisiva nas escolhas dos *gatekeepers*.

### **3.4.2 A hipótese do *agenda-setting***

Dentro do universo dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa na sociedade, surge nos anos 1970 a hipótese do *agenda-setting*. Formulada pelos pesquisadores norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw, ela retrata o poder que os media exercem sobre a opinião pública.

Em linhas gerais, este conceito diz que a mídia é responsável por apresentar ao público uma lista daquilo sobre o que é necessário saber, ter opinião, discutir. O pressuposto fundamental dessa hipótese é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida pelos mass media. A imprensa teria, então, a capacidade de dizer aos leitores sobre quais temas eles devem pensar.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, 1979, apud WOLF, 2001, p. 96).

Shaw vai além. Para ele, os mass media fornecem algo mais do que certo número de notícias: eles revelam as categorias em que os destinatários podem, sem dificuldade e de uma forma segura, colocar essas notícias dentro da sua agenda, da hierarquia do seu dia a dia,

classificá-las como menos ou mais importantes. Transportando essa ideia para o nosso objeto de estudo, podemos afirmar que, caso a Copa do Mundo de 1950 tenha tido um destaque maior do que qualquer outra modalidade esportiva dentro das quatro revistas no período aqui analisado, significa que o assunto tinha importância para a sociedade da época, esteve na pauta dos veículos de comunicação e, conseqüentemente, era um tema discutido pelas pessoas no dia a dia.

Um estudo realizado pela dupla Karen Siune e Ole Borre em 1975, ou seja, três anos depois do surgimento do conceito *agenda-setting*, mostra que o mass media tem papel decisivo na modificação das prioridades dos temas de conhecimento público. Por meio de uma pesquisa, eles concluíram que os assuntos que foram mais retratados pelos veículos de comunicação na época, como o mercado comum, a política fiscal dos países e a economia mundial, também passou a ser mais discutido na sociedade, ganhou maior importância do que temas que a mídia deixou de lado, como os problemas sociais, a educação, a cultura, a degradação do meio ambiente.

Porém, de acordo com os autores, outros temas que o mass media deixou de dar importância continuaram a existir para o eleitorado da época, como política de habitação. Na visão de Siune e Borre, as atitudes pessoais dos destinatários agem de forma a integrar sua agenda subjetiva com o que é proposto pelo mass media. Ou seja, os consumidores dos veículos de comunicação não são entidades estáticas que apenas absorvem o conteúdo que lhes é proposto. Eles formam a sua própria agenda baseados, sim, nas notícias que encontram no dia a dia, mas também calcados em suas necessidades, crenças e expectativas, que influenciam aquilo que eles retiram de uma situação comunicativa para a sua vida.

Assim, o conceito da *agenda-setting* leva em consideração também as relações interpessoais na determinação do conteúdo dos mass media sobre o público. A mídia é importante na construção da imagem da realidade, mas de uma realidade que o sujeito já vem estruturando por tudo aquilo que ele vivencia. A formação da agenda do público é, portanto, resultado de algo muito mais do que a simples estruturação de uma ordem de temas do dia feita pela imprensa. Outros estudiosos da área de comunicação, ao longo da década de 1970, também se debruçaram a analisar a questão do agendamento. Alguns, por exemplo, falam que a capacidade de influência dos mass media sobre o conhecimento daquilo que é importante varia de acordo com os temas abordados, as chamadas *issues*.



Há alguns que são mais influenciáveis, diz Harold Zucker (1978). "Quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm de uma determinada área temática, mais essa experiência dependerá dos mass media para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área". Quando a mídia aborda um tema do cotidiano das pessoas, com o qual elas estão familiarizadas, o poder de influência dessa notícia é menor.

Mas essa hipótese do agendamento não tem a mesma força em todos os veículos de comunicação. Aqui novamente entram em cena dois pesquisadores norte-americanos, Robert McClure e Thomas Patterson (1976). Para eles, o *agenda-setting* é mais visível na imprensa escrita, como é o caso das revistas semanais, e tem ainda mais força nos jornais locais. As notícias televisivas, segundo eles, são breves demais, heterogêneas e fragmentárias para terem um efeito de agenda significativo. Já a informação escrita fornece aos leitores uma indicação de importância sólida, constante e visível, como Scalzo já apontava no capítulo anterior. E quando se trata de um veículo impresso local, essa notícia está muito mais próxima da realidade do destinatário, ela se comunica de maneira mais rápida e espontânea com o cotidiano do leitor.

A *agenda-setting* tem também seus limites. Um dos problemas apontados pelos estudiosos a respeito deste conceito é que os efeitos do agendamento são estudados a partir do conteúdo divulgado sistematicamente por diversos mass media, em períodos específicos, o que gera homogeneidade da cobertura informativa e potencializa o efeito sobre o público consumidor. Mas quando isolamos um período comum para verificar a influência da mídia em relação a temas cotidianos, como drogas, poluição, não há tanta homogeneidade na cobertura informativa e nem se verifica o poder de agendamento dos meios de comunicação de forma tão evidente.

### **3.4.3 *Newsmaking* e os critérios de noticiabilidade**

Teoria surgida nos anos 1970 a partir de uma simples constatação: há superabundância de fatos ocorrendo todos os dias e, sem uma organização do trabalho jornalístico, é impossível produzir notícias com a rapidez que os meios de comunicação necessitam. Trata-se de um conceito que vincula a seleção de um assunto pelo repórter a três vertentes: a cultura profissional dos jornalistas, a organização da rotina e a institucionalização de processos produtivos.

Com base nessas regras, diz o pesquisador Mauro Wolf, o profissional da comunicação consegue otimizar o seu trabalho, como se fosse um empregado de uma indústria. Quando ocorre algum tipo de distorção do fato trata-se de um problema provocado de modo inconsciente pelo jornalista, ligado às práticas profissionais, às rotinas produtivas, aos valores partilhados e interiorizados acerca do modo de desempenhar a função de informar.

O objetivo declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes. [...] Este objetivo é, como muitos outros fenômenos aparentemente simples, inextricavelmente complexo. O mundo da vida quotidiana – a fonte das notícias – é constituído por uma superabundância de acontecimentos [...]. São esses acontecimentos que o órgão de informação deve selecionar. A seleção implica, pelo menos, o reconhecimento de que um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se subtraem ao registro. O objetivo de selecionar tornou-se mais difícil devido a uma característica posterior dos acontecimentos. Cada um deles pode exigir ser único, fruto de uma conjunção específica de forças sociais, económicas, políticas e psicológicas [...]. (WOLF, 2001, p. 188).

Por conta da superabundância de acontecimentos, aponta a socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1977), os órgãos de informação, para produzirem notícias, devem cumprir três obrigações: tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável; elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada fato ocorrido a um tratamento idiossincrásico; organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. Estas obrigações estão relacionadas entre si.

Para facilitar o trabalho do profissional de comunicação, os fatos são medidos de acordo com critérios de noticiabilidade ou valores-notícia, divididos em cinco categorias:

- substantivas (relativas ao conteúdo da notícia): diz respeito à importância e à quantidade de pessoas envolvidas no fato, se é um acontecimento de interesse nacional ou de interesse humano, ou ainda, se é um feito excepcional;
- relativas ao produto: aborda a disponibilidade de material, a brevidade (se a notícia está dentro dos limites de tempo e espaço do jornal), a atualidade, a novidade, a organização interna da empresa, a qualidade (ritmo, ação dramática), o equilíbrio (diversificação de assuntos na edição do jornal), o deadline, a escala de trabalho dos jornalistas;
- relativas ao meio de informação: refere-se à acessibilidade e à proximidade do jornal com a fonte ou com o local da notícia, à frequência que aquele fato ocorre, à formatação prévia de manuais de redação, à política editorial do veículo;

- relativas ao público: se o fato permite plena identificação de personagens ou se ele retrata um serviço de grande interesse público;
- relativas à concorrência: engloba as notícias que são exclusivas de um único meio de comunicação, o chamado furo jornalístico, capaz de gerar expectativas em todos os consumidores e que também era perseguido pelas revistas semanais, e não apenas pelos veículos de comunicação diários.

Assim, os fatos que se encaixam em algumas dessas categorias têm grandes chances de virarem notícia no dia seguinte. Por outro lado, tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído por não ser adequado às rotinas produtivas e à cultura profissional que o jornalismo exige. Isso significa que, embora o jornalista seja um profissional que tenha participação ativa na construção da realidade, incluindo da realidade discutida pelas pessoas no dia a dia, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional. Existe, sim, uma submissão a um planejamento produtivo, a regras jornalísticas, aos critérios de noticiabilidade, que teriam maior importância do que as preferências pessoais na hora de selecionar o que vai virar ou não notícia na edição seguinte.

Os valores/notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos (WOLF, 1999, p. 203)

Ou seja, o veículo de comunicação tem uma periodicidade, um formato definido e uma rotina produtiva, o que torna possível um planejamento prévio de alguns tipos de notícia que o comporão, antes mesmo que elas sejam produzidas. Porém, no caso de acontecimentos excepcionais, que fogem do previsível, o órgão de informação tem flexibilidade para se adaptar à situação. O furo jornalístico, conclui Wolf, não é uma capacidade misteriosa de captar notícias, mas uma capacidade adquirida a partir de parâmetros como os valores/notícia. Porém, sabe-se que, ao se limitar a essa rotina, o jornalista corre o sério risco de tornar sua cobertura burocrática e sem criatividade, relatando apenas notícias cotidianas, que não despertam a curiosidade do seu público consumidor.

Embora a teoria dos critérios de noticiabilidade seja mais eficiente para analisar a cobertura realizada por veículos de comunicação diários, como um jornal impresso, por conta da rotina de produção ser mais rígida e depender de uma organização oferecida por esses critérios, ela também pode ser aplicada em análises de revistas semanais, como os objetos desta pesquisa. A revista, mesmo com suas particularidades, também é um produto jornalístico e, como tal, dadas as suas características, necessita de um certo arranjo ou organização para as operações jornalísticas que sobre ela operam. Uma revista também tem o compromisso de informar o leitor, transmitindo notícias, fazendo análises e reflexões mais substanciais. Assim, se o profissional de comunicação não se basear em alguns critérios na hora de definir a pauta que será desenvolvida, os assuntos que serão trabalhados naquela edição, os acontecimentos da semana que realmente merecem uma cobertura mais profunda e analítica, e os prazos que os repórteres e os repórteres fotográficos têm para cumprir suas tarefas, dificilmente a publicação chegará às bancas e às casas dos assinantes no dia determinado.

Em uma revista semanal, jornalistas e editores, seguindo suas capacidades e necessidades, produzem o conteúdo de acordo com tempos e espaços de uma mídia impressa que difere das outras e, por isso, necessitam ter um outro olhar para a realidade, mas não podem abrir mão dos critérios de noticiabilidade típicos do jornalismo. O que pode acontecer, na prática, é determinado critério ser mais relevante para um jornal diário e menos significativo para uma revista, seja ela mensal ou semanal, e vice-versa. A acessibilidade à fonte, o deadline e a proximidade física do acontecimento em relação ao jornalista são, em teoria, mais importantes para uma cobertura jornalística diária, em que o tempo de produção da notícia é muito mais enxuto. Por outro lado, critérios como relevância do fato (não importa a distância) e da fonte que deve ser consultada, a novidade e o furo jornalístico são elementos essenciais para a produção de uma revista semanal, em que o leitor busca o diferencial da notícia em relação aos veículos concorrentes.

Vale lembrar ainda que, além da linha editorial, do perfil do leitor médio e do alcance dos recursos financeiros, são os recursos humanos disponíveis (repórteres, editores, fotógrafos, editores de arte, etc) que definem o planejamento das pautas a serem cobertas. E estas, mesmo no jornalismo de revista, atendem a critérios de noticiabilidade. "Em princípio, as revistas buscam tratar dos acontecimentos mais importantes da semana", lembra Marcia

Benetti (2013, p.51). E quando a autora fala em importante, pressupõe que as notícias têm hierarquias, que são, portanto, definidas pelas categorias dos critérios de noticiabilidade.

Por não terem o compromisso de informar diariamente, as revistas operam com a construção de um fato, sua contextualização, análise, privilegiando os temas de longa duração. Tavares e Schwaab (2013) observam que a revista está cercada por duas determinantes temporais: do tempo de produção da notícia e do tempo de duração da notícia. Em uma publicação semanal, o tempo de duração da notícia tem grande relevância, o que significa dizer que o jornalista precisa ter um olhar e uma postura diferente sobre a realidade, com o objetivo de produzir matérias e reportagens que permaneçam atuais por mais tempo, seja na maneira de abordar o fato (se for algo factual, trazendo aspectos que o mantenham atraente por muitos dias e semanas), seja na escolha do tema a ser debatido (os chamados temas mais "frios" e "atemporais").

Na prática, nos casos de eventos pré-agendados, como uma Copa do Mundo, cabe ao profissional de revista buscar o inusitado a respeito do fato para conseguir se destacar dentro do mercado editorial. Se a revista fez uma cobertura mais factual sobre o Mundial de futebol, se atendo apenas a questões como escalação das seleções e autores dos gols, ela se comportou como um jornal impresso diário, e não como uma revista propriamente dita. "A extensão do tempo marca e impele ao jornalista um outro tipo de fazer, o que diz, com certeza, da existência de posturas e olhares diferentes nela observado", apontam Tavares e Schwaab (2013, p.34). Ou seja, era preciso se ater mais ao tempo de duração da notícia, e não apenas ao tempo de produção da notícia. Era preciso ter um outro olhar sobre o fato.

Scalzo considera ser impossível imaginar uma publicação semanal de informações que se limite "a apresentar para o leitor, no domingo, um mero resumo do que ele já viu e reviu durante a semana. É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender o leitor de cada publicação" (Scalzo, 2004, p.41). Mas isso pede uma necessidade de rearranjo técnico (das operações), de tecnologia (instrumentos, impressão), de cobertura de fatos e temas, e que as revistas, pelo menos na metade do século XX, pareciam não estar preparadas. Pois estamos falando de uma obra (da Scalzo) escrita neste século, enquanto a análise desta pesquisa se refere a revistas nascidas no início do século passado e que reportam um evento esportivo ocorrido há mais de sessenta anos.

É preciso ainda reforçar como o perfil do leitor de uma publicação interfere na maneira com que ela retrata um tema ou um acontecimento, ou seja, o quanto esse público leitor funciona como um critério de noticiabilidade importante. O que leva um fato a atrair a atenção e outro ser ignorado depende do tema e dos referentes de cada revista, pois o "jornalismo de revista está intimamente ligado às expectativas dos leitores", lembra Renné Oliveira França (2013, p.93), o que significa que, diferentemente do jornal impresso diário, que traz os acontecimentos de uma maneira mais objetiva, geral e factual, com o intuito de atingir o maior número de leitores possível, "a revista costuma ser especializada, com características próprias que dizem de sua identidade". E o autor continua:

Dessa forma, cada 'mundo' apresentado pela revista será um mundo criado pela relação entre a atualidade (na qual se encontram os acontecimentos e personagens) e a expectativa da comunidade de leitores. Os referentes jornalísticos, nesse caso, são recortes da realidade feitos pelas escolhas da instituição jornalística a partir daquilo que ela espera que agradará seus leitores. (FRANÇA, 2013, p.93)

Ou seja, as revistas levam em conta o público e utilizam as suas marcas jornalísticas para acompanhar os acontecimentos, por isso, muitas vezes, "a formatação antecede o fato" (p.94). O acontecimento é o referente (ou o critério de noticiabilidade) mais claro do jornalismo de revista, e o que o autor chama de *pensata*, que é o que define previamente como determinado assunto será tratado, inclusive o formato em que ele será apresentado (nota, matéria, foto com legenda, grande reportagem, charge, etc), formata esse acontecimento de acordo com as expectativas de seu público.

Por isso, cada revista aqui analisada seguiu o seu padrão de comportamento ao acompanhar as disputadas da Copa do Mundo. Até pela periodicidade, *Cruzeiro*, *Revista da Semana* e *Careta e Fon-Fon* não conseguiriam trazer informações como placares de jogos e autores de gols sobre a Copa de 1950 com mais antecedência que o jornal diário e o rádio. Assim, uma saída para isso seria apostar em outros fatos relacionados ao evento esportivo, e mostrar a rotina de vários personagens ligados ao Mundial, como atletas, torcedores, turistas. No capítulo seguinte, veremos se, na prática, as quatro revistas conseguiram se diferenciar dos demais veículos de comunicação na cobertura da Copa do Mundo.

### **3.5 A metodologia da Análise de Conteúdo**

Conforme já dissemos, os conceitos de AC (Análise de Conteúdo) serão utilizados para selecionar parte do conteúdo sobre a Copa do Mundo publicado pelas revistas,

categorizar e analisar as inferências contidas nas matérias. O objetivo é procurar que textos ou discursos estão escondidos por trás das palavras e imagens a respeito do Mundial de 1950 veiculadas pelas revistas, identificando todas as manifestações de brasilidade contidas nestes textos.

A matéria-prima da AC pode ser qualquer material produzido no campo da comunicação, seja ele verbal ou não-verbal. Jornais, revistas, programas radiofônicos ou televisivos, cartas, propagandas, fotos, vídeos, informes empresariais, etc. Todavia os dados criados a partir dessas fontes chegam ao pesquisador em estado bruto, como diz Moraes (1999), "necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo" (p.9).

Ele continua, apontando que em qualquer mensagem escrita "podem ser computadas letras, palavras e orações; podem categorizar-se as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar as associações, denotações, conotações e também podem formular-se interpretações psiquiátricas, sociológicas ou políticas" (p.9). Daí a importância da análise realizada pelo pesquisador.

Inicialmente, pode-se dizer que esta metodologia de pesquisa é uma técnica refinada, que exige dedicação, rigor e intuição, principalmente na hora de definir as categorias que serão analisadas. A AC surgiu nos Estados Unidos, na década de 1940, por meio de autores como Lazarsfeld e Berelson, e era, inicialmente, uma técnica utilizada essencialmente em análises quantitativas de textos jornalísticos e de propaganda. O método teve bastante utilidade para o governo norte-americano, que buscava encontrar, nos conteúdos veiculados pela mídia de outros países, possíveis posições ideológicas contrárias às práticas dos Estados Unidos, especialmente no contexto político após a Segunda Guerra Mundial. Com o passar dos anos, no entanto, a AC passou a ser utilizada em outras áreas bem diferentes da comunicação, e até hoje é uma técnica presente em campos como saúde e administração.

Em linhas gerais, podemos afirmar que, na AC, o texto é um meio de expressão do sujeito (no nosso caso, os textos das revistas são a expressão do que aquele veículo de comunicação pretende destacar), onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. Essa análise, ao conduzir o pesquisador a descrições sistemáticas do objeto de estudo, ajuda a reinterpretar as mensagens, a descobrir novas mensagens e a compreender seus significados num nível que vai muito além de uma leitura comum.

Para esta dissertação, vamos nos basear nos conceitos da Análise de Conteúdo propostos por Laurence Bardin (1977). A autora propôs uma revisão da metodologia criada pelos norte-americanos. Para ela, mais do que constituir uma metodologia de pesquisa para realizar a contabilização e a categorização de dados, a AC deve ser usada para descrever e interpretar conteúdos de todos os tipos. Bardin a considera muito mais do que uma simples técnica, representando uma abordagem com características próprias e que conduz a descrições que ajudam a compreender significados que vão além daqueles encontrados em uma leitura comum. Bardin define a Análise de Conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 44)

Bardin introduz um elemento fundamental dentro da AC, a chamada *inferência*, que pode fazer com que essa metodologia seja também utilizada em pesquisas qualitativas. Para ela, as inferências atuam na área do "não dito" ou do "não expresso", ou seja, possibilitam desvendar uma intenção escondida em um enunciado. Segundo a autora, o conceito de inferência caracteriza-se por ser o momento em que o pesquisador, com base nas informações já colhidas sobre o objeto de estudo e sobre o meio em que ele foi produzido, passa a fazer leituras implícitas e críticas sobre os conteúdos analisados.

Daí a importância do levantamento feito nesta pesquisa até aqui, que foi o de conhecer, mesmo que de maneira rápida, o momento que o Brasil vivia em todos os aspectos: econômico, político, social e até mesmo futebolístico. Da mesma maneira, será essencial, no capítulo seguinte, conhecermos mais sobre a história e as características das quatro revistas, e quantificarmos o conteúdo sobre a Copa de 1950 veiculado por elas. Agindo assim, teremos mais capacidade e mais ferramentas para chegarmos a qualquer conclusão a respeito do posicionamento destas revistas frente ao Mundial e, conseqüentemente, o posicionamento delas em relação ao país e ao povo brasileiro.

Voltando à Análise de Conteúdo, os estudiosos apontam que existe uma grande diferença entre as duas abordagens da AC. Na quantitativa, tal como nasceu essa técnica nos Estados Unidos, a Análise de Conteúdo permite que se trace uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto. Já na abordagem qualitativa, a metodologia considera "a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou



conjunto de características num determinado fragmento da mensagem" (p. 54), ou seja, ela pode revelar discursos que não estavam explícitos.

De fato, na sua evolução, a metodologia foi questionada por alguns estudiosos, que entendem que ela oscila entre o rigor da suposta objetividade dos números, porcentagens e médias, e a exagerada subjetividade na interpretação das informações por parte dos pesquisadores. No entanto, a abordagem qualitativa da AC tem ganhado terreno nas pesquisas e vencido essa desconfiança, utilizando a indução e o rigor nas análises como ferramentas para se compreender de maneira mais ampla e profunda os fenômenos investigados.

Portanto, a AC oferece ao campo da comunicação ferramentas necessárias para a análise do conteúdo contido nos meios de comunicação, como são as quatro revistas selecionadas para esta pesquisa.

Não existe um método pronto para se aplicar a Análise de Conteúdo, mas há algumas regras e etapas básicas que devem ser seguidas para que o resultado seja satisfatório. São caminhos que garantem a neutralidade científica para que, ao realizar as análises, o pesquisador não imprima nelas algumas compreensões subjetivas. Isso significa que, caso os dados e etapas sejam seguidos, se o mesmo estudo for feito por dois ou mais pesquisadores, os resultados serão semelhantes.

Na proposta de análise que criou, a autora diz que o pesquisador, ao avaliar os dados coletados em seu objeto de estudo a partir da perspectiva da AC, pretende, em última instância, procurar o texto que está escondido atrás de outro texto, ou seja, um conteúdo ou uma mensagem que não está aparente já na primeira leitura e que, portanto, necessita de uma metodologia para ser descoberto.

Essa metodologia desenvolvida por Bardin e largamente utilizada nas pesquisas em comunicação envolve três fases: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados.

Podemos definir que a primeira etapa, a pré-análise, é a fase da organização do material e tem por objetivo escolher os documentos que serão submetidos à análise, sistematizando o material para que o pesquisador possa, ainda dentro desta etapa, formular as hipóteses e elaborar os indicadores que irão fundamentar a interpretação final dos dados. A pré-análise é constituída de quatro etapas: (a) leitura flutuante, que consiste em estabelecer contato com o material a analisar e "conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações" (p.122); (b) escolha dos documentos, o que significa a demarcação do que, de

fato, será analisado dentro de todo o material recolhido; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos, ou seja, afirmação provisória que nos propomos verificar com os procedimentos da análise e a finalidade desta análise; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise.

A segunda fase, chamada exploração do material, é considerada a mais longa de todo o processo da AC. É o momento da codificação, ou seja, é a hora de transformar os dados coletados em informações organizadas, codificadas e classificadas, permitindo que se realize a terceira e última fase da metodologia. Nesta segunda etapa, o pesquisador define as categorias (sistemas de codificação) e identifica as unidades de registro e as unidades de contexto, que permitem a unificação do material coletado e a descrição analítica dos dados. Juntas, codificação, classificação e categorização possibilitam uma maior riqueza das interpretações e inferências na terceira fase, confirmando ou não as hipóteses previamente levantadas.

Portanto, como acabamos de citar, é na terceira e última fase da AC que são identificadas as inferências, que nada mais é que o momento em que o pesquisador passa a fazer leituras implícitas e críticas sobre o conteúdo analisado. Segundo Bardin, é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Por mais que haja a necessidade de respeitar as fases e regras durante a utilização da Análise de Conteúdo, vale salientar que ela não deve ser considerada como algo rígido ou um modelo exato. Ele pode ser adaptada de acordo com o objeto de estudo do pesquisador. A própria Bardin deixa claro que sua proposta se situa entre o rigor da objetividade e a riqueza da subjetividade.

Nesse sentido, essas características da AC justificam a sua utilização como metodologia nesta dissertação, pois ela oferece ao campo da comunicação mecanismos adequados que possibilitam a análise do conteúdo das mensagens veiculadas pela mídia – no nosso caso, as quatro revistas semanais. Assim, poderemos diagnosticar, por exemplo, se existe ou não uma quebra no discurso de brasilidade e nacionalismo das publicações quando a seleção brasileira é derrotada pelo Uruguai e, conseqüentemente, perde o título que parecia tão próximo de ser conquistado, frustrando torcedores e imprensa.

Moraes revela que há muitas maneiras de categorizar os objetivos de pesquisas realizadas utilizando AC. Segundo ele, historicamente há pelo menos seis categorias, que levam em conta características do objeto de estudo, o contexto em que as informações foram produzidas e as inferências pretendidas. Essas categorias se baseiam no clássico modelo de

comunicação criado por Laswell, a partir das seis questões tão conhecidas pelos estudiosos da área: 1) Quem fala?; 2) Para dizer o que?; 3) A quem?; 4) De que modo?; 5) Com que finalidade?; 6) Com que resultados?. Assim, ao direcionar a análise para uma dessas seis questões, o pesquisador terá objetivos diferentes. E escolher uma destas categorias não implica desconsiderar as outras. Moraes indica que as pesquisas podem se direcionar para duas ou mais destas questões.

Com base nesta categorização, esta pesquisa vai focalizar o item 5. Ao analisarmos "com que finalidade?" as revistas utilizaram determinado termo para se referir à Copa do Mundo (ou ao brasileiro, ou ao estrangeiro), vamos procurar as intenções com que se emitiu aquela mensagem, sejam elas manifestas ou ocultas.

## 4. CAPÍTULO III - DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E LEVANTAMENTO QUANTITATIVO

"Mais do que roupas, filmes e carnaval, no entanto, 1950 era o ano do futebol. Os acontecimentos das duas décadas anteriores, que muita gente preferia ter esquecido, levaram para a terra do samba o esporte que estava se tornando um símbolo daquele povo incondicionalmente alegre." (FARRUGIA, 2013, p.17)

### 4.1 As revistas objeto de estudo: por que e quem são

A escolha dos quatro veículos para a realização desta dissertação teve como critérios o grau de representatividade e a importância que tinham dentro do mercado editorial de revistas da época. Juntos, compõem um leque das publicações mais importantes, longevas e de maior tiragem na primeira metade do século XX no Brasil. Cada um a seu modo, e produzidos para um determinado leitor, abordava os principais fatos do Brasil. Em 1950, por exemplo, além da Copa, as quatro revistas realizaram uma ampla cobertura das eleições presidenciais que seriam realizadas naquele ano.

Quando falamos em representatividade utilizamos uma pesquisa realizada pelo instituto Ibope em 1945 para justificar essa palavra. Segundo Mira (1997), naquele ano, o levantamento feito pelo instituto apontou que três das quatro publicações que são aqui objetos de estudo ocupavam as três primeiras posições no ranking das revistas mais lidas pelos brasileiros. São elas: *O Cruzeiro*, *Revista da Semana* e *Careta*, respectivamente primeira, segunda e terceira colocadas. Já *Fon-Fon!*, sétima colocada entre as preferências dos leitores segundo a mesma pesquisa de 1945, foi selecionada para completar o quarteto em função da segmentação de mercado, ou seja, é uma publicação que, ao lado das outras três, formavam um leque de revistas semanais nacionais que atendiam a diferentes públicos. Como detalharemos mais adiante, *O Cruzeiro* apostava em grandes reportagens noticiosas sobre o país e no casamento perfeito entre repórter de texto e repórter fotográfico, *Revista da Semana* trazia um conteúdo mais focado no cenário artístico e cultural, do Brasil e exterior, *Careta* tinha como principal característica a acidez política e o humor, com charges e tirinhas, e *Fon-Fon!* era um periódico ilustrado com ênfase no mundo da moda e na vida fora do país.

Claro que, aqui, reduzimos todo o conteúdo das quatro revistas a algumas de suas marcas para mostrarmos que, de alguma maneira, elas não deixavam de atender a segmentos

diferentes de leitores. A questão da segmentação que utilizamos nem segue tanto a definição mercadológica, que diz, por exemplo, que no Brasil são consideradas segmentadas aquelas revistas cujas tiragens são inferiores a 100 mil exemplares. *O Cruzeiro*, só para citarmos uma das revistas, lançava edições com mais de 250 mil exemplares, isso ainda em 1950, quando o país tinha cerca de 50 milhões de habitantes, e o número de pessoas alfabetizadas e capacitadas para realizar leituras era muito menor do que hoje. Por isso, o termo segmentação foi utilizado aqui de uma maneira mais ampla, abarcando todas as revistas, sejam elas pequenas ou grandes, procurando encontrar as diferenças entre elas, ou melhor, o leitor específico de cada uma das publicações, especialmente quanto ao gênero, à faixa etária e à classe social a que pertencem esse leitor.

Por exemplo, entende-se que as mulheres têm maior interesse pelos assuntos relacionados ao mundo da moda e por narrativas românticas, como textos de novelas ou contos. Já os jovens buscam nas revistas algo mais próximo do entretenimento, do humor. Por sua vez, as pessoas pertencentes às classes sociais mais baixas, na teoria, dificilmente despenderiam com revista um dinheiro que poderia lhes fazer falta no orçamento do fim do mês. Por isso, quando o fizessem, procurariam por uma publicação com um preço de capa menor do que outras existentes no mercado, desde, é claro, que trouxesse assuntos de seu interesse. Já os leitores que ocupavam as classes sociais mais privilegiadas financeiramente sempre acompanharam publicações que mostrassem a vida das celebridades e a modernidade dos países estrangeiros mais desenvolvidos.

Por mais que essas informações levantadas não tenham a precisão metodológica mais desejada, especialmente quando apontamos a classificação sócio-econômica do leitor de cada uma das revistas, elas nos dão um perfil aproximado do consumidor de cada publicação. Sabe-se, também, que há leitor que consome mais de uma revista, e que um exemplar de qualquer publicação pode passar pelas mãos de quatro ou cinco pessoas do mesmo círculo social (familiares, amigos etc), de acordo com cálculos do próprio mercado editorial. Ou seja, o mundo do consumo é complexo e fragmentado. Porém, essas informações nos ajudarão a entender um pouco sobre o comércio de revista naquela época.

Dadas as explicações iniciais, desenvolvemos a seguir um pouco mais sobre a história e as características de cada uma das quatro revistas semanais, com o objetivo entendermos o conteúdo que normalmente apresentavam em suas edições.

#### 4.1.1 *Revista da Semana*, a primeira do gênero

*Revista da Semana* foi a primeira do gênero semanal a surgir no Brasil, em 1900, e existiu até 1962. Do seu nascimento até 1915, pertenceu ao *Jornal do Brasil* e circulava encartada no periódico. Depois, foi comprada pela *Companhia Editora Americana*, quando recebeu maquinários modernos de impressão e passou a utilizar cores em suas páginas, como lembram Gisele Taboada, João Elias Nery e Maria Gabriela Marinho (2004): "A tecnologia foi algo que a revista soube acompanhar, da mesma forma que acompanhou os avanços da fotografia na virada do século XX, tendo explorado intensamente essa forma de comunicação".

Em relação ao conteúdo, abriu caminho para a formatação de uma publicação com olhos voltados para o resumo dos acontecimentos da semana, mesclando informações factuais e outras temáticas mais "frias". É a partir de *Revista da Semana*, lembra Mira, que nasce a ideia de uma das revistas brasileiras mais importantes do ponto de vista histórico e mercadológico de todos os tempos, *O Cruzeiro*, em 1927. Tanto é verdade que, segundo Mira, Assis Chateaubriand convidou um dos diretores editoriais *da Revista da Semana* para integrar a equipe de *O Cruzeiro*. Carlos Malheiros Dias, que trabalhou por cerca de duas décadas na primeira semanal do país, ajudou a colocar a concorrente em circulação, por isso a influência de uma na outra em termos editoriais.

Ainda em relação ao "recheio", a proposta da *Revista da Semana* era semelhante à de outras publicações da época, e misturava textos literários de autores conhecidos do público e muitos recursos ilustrativos. Assim, crônicas, poesias, contos, notícias curtas sobre os principais acontecimentos do país, fotorreportagem e seções com dicas para as mulheres eram os principais assuntos que ocupavam as páginas da revista. As grandes reportagens ainda eram pouco comuns quando a revista surgiu. Podemos citar ainda que algumas notícias, artigos e seções traziam um enfoque político, ao mesmo tempo em que a publicação abria espaço para as charges, contando com a colaboração de alguns dos principais artistas da época. Estes, inclusive, desenhavam as publicidades do periódico.

*Revista da Semana* reservava também um espaço significativo para as matérias culturais e artísticas, mas antes de detalharmos o conteúdo trazido pela revista, é preciso um parêntese sobre a formação cultural do brasileiro naquela época, a fim de entendermos a formação do público leitor nacional. Quando o primeiro número desta publicação semanal circulou, o Brasil era um país em que jornalismo e literatura tinham laços estreitos. Além

disso, cerca de 70% da população, formada por aproximadamente 17 milhões de pessoas, era composta por analfabetos, segundo o censo demográfico realizado naquele início de século. Por isso, podemos estimar como pequeno, embora em crescimento contínuo, o público leitor de uma revista no começo dos anos 1900. "A leitura só fazia parte dos hábitos de uma pequena elite culta e rica, cujos filhos eram educados por preceptores, concluindo seus estudos na Europa" (MIRA, 1997, p.33).

Foi justamente com a chegada do século XX que mudanças importantes ocorreram na sociedade brasileira, no que diz respeito à imprensa, como aponta Nelson Werneck Sodré, e que determinaram algumas das principais características das publicações semanais surgidas na virada do século, como é o caso da *Revista da Semana*:

...a tendência ao declínio do folhetim substituído pelo columnismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e os mundanos. Aos homens de letra, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos elaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. (WERNECK, 1977, p.339).

Com essas mudanças, os colaboradores literatos vão, aos poucos, perdendo espaço no jornalismo diário e se aproximando das revistas, por isso muitos desses autores marcam presença nas páginas desta publicação semanal. E não apenas os autores nacionais, mas os estrangeiros também tinham lugar cativo, especialmente os escritores de contos, novelas e romances, temas que já despertavam o interesse do público feminino.

Voltando ao conteúdo, *Revista da Semana* abordava assuntos muito próximos dos vistos nas publicações semanais dos dias de hoje. Trazia um resumo dos acontecimentos da semana, como as festas envolvendo pessoas famosas e que movimentaram o cenário social da época, além de cenas urbanas que enfocavam pessoas, paisagens cotidianas e pontos turísticos. Apostava, ainda, na reconstituição, em estúdios fotográficos, de crimes que marcaram o país nos últimos dias.

Em uma primeira análise das reportagens e seções veiculadas pela publicação durante o período pesquisado nesta dissertação, que vai de 1º de janeiro a 31 de agosto de 1950, podemos dizer que, mesmo com as transformações sociais do país naquela metade de século, com a alfabetização crescente, o conteúdo da revista tinha como público prioritário os

leitores pertencentes às classes mais altas da sociedade. Isso porque, muitas vezes, trazia matérias sobre o estilo de vida europeu, a modernidade e o desenvolvimento daqueles países, seus personagens famosos e seus pontos turísticos. Apostava ainda no humor, como charges e tirinhas (histórias em quadrinhos) sobre os tipos humanos e as situações cotidianas, além de contos e novelas.

A vida das estrelas do cinema norte-americano, em plena expansão no início dos anos 1950, também despertava o interesse dos leitores brasileiros e ganhava espaço nas páginas de *Revista da Semana* e de praticamente todas as outras publicações nacionais naquela metade de século. A maneira como se vestiam, os lugares que visitavam, os carros que compravam, a casa onde moravam, os hobbies preferidos, as famílias que formavam, tudo deveria ser acompanhado de perto pelo mercado de revistas. "Pode-se dizer mesmo que nos dourados anos 50, a influência da cultura americana é sobretudo cinematográfica. O cinema, através dos filmes e da especulação da vida íntima dos seus astros, transforma-se no veículo de novas ideias de vida" (MIRA, p.60).

O Brasil também era bem representado em suas páginas e foi possível encontrar reportagens sobre os avanços de Belo Horizonte, a vida e as curiosidades dos povos indígenas, uma ampla cobertura do Carnaval carioca de 1950 realizado nos clubes e a classe artística do país, como Carmem Miranda. Mas em relação ao nosso país, o diferencial em relação às revistas concorrentes eram as matérias críticas e politizadas. Fez, por exemplo, uma série de reportagens para mostrar como eram os partidos políticos em 1950 (uma delas trazia como título "UDN por dentro e por fora"), enquanto outras matérias destacavam os problemas da agricultura nacional e a falta de um banco agrícola que incentivasse os pequenos agricultores, a enorme produção de trigo no Brasil e o pouco incentivo do governo à categoria. Ainda em relação à cultura, o periódico semanal trouxe algumas tradições de outras regiões brasileiras, como a festa da uva de Caxias do Sul (RS). Como se nota, *Revista da Semana* era uma típica publicação de variedades.

#### **4.1.2 *Fon-Fon!*: buzinando moda e modernidade**

Periódico ilustrado que seguia o modelo dos que existiam na Europa no início do século, especialmente na França, a revista *Fon-Fon!* circulou entre 1907 e 1958 no Brasil. Era um "semanário alegre, político, crítico e esfuziante", conforme a autodescrição contida na primeira página do seu primeiro número.



O título da revista, segundo uma edição especial da coleção *Cadernos da Comunicação*, produzida pela prefeitura do Rio de Janeiro, em 2008, e que trazia curiosidades sobre a história e as marcas registradas de *Fon-Fon!*, era inspirado no som de uma buzina de carro e, de maneira sugestiva, foi escolhido pelos seus fundadores para representar uma cidade que se industrializava, se desenvolvia e que cada vez mais era dominada pelos carros que circulavam nas ruas e avenidas que se abriam por todo o país, especialmente na capital fluminense, que naquele início de século ainda era capital do Brasil – Brasília só tomou o lugar do Rio em 1960.

A revista se propunha a acompanhar a chegada do século XX e as mudanças que provocou em todos os campos: industrial e tecnológico, com o aumento da produção de automóveis cada vez mais velozes; urbanístico, com obras que proporcionavam mais qualidade de vida aos moradores das grandes cidades, como no Rio, e transformavam as paisagens; cultural, com o aparecimento de grandes artistas; social, com o surgimento de uma nova classe, operária, e também com a mudança de comportamento das pessoas. "O Rio de Janeiro era o centro de uma modernidade que irradiava novidades para todo o Brasil, registrada nos textos irreverentes e bem-humorados da revista e nas ilustrações de J.Carlos, Raul Pederneiras e K.Lixto, que os acompanhavam" (2008, p.5).

Como escreve Maria Cecília Zanon (2005), a revista encarregava-se de oferecer ao seu público, em primeira mão, as últimas novidades de Paris, cidade que desde aquela época já era considerada o centro da modernidade, da cultura, da moda e da elegância do mundo. O objetivo das matérias, notas, fotos e sessões era transportar o leitor para o cenário parisiense. Visão confirmada pela doutora em História Social, Monica Pimenta Velloso (2008):

As capitais das metrópoles modernas como Paris, Berlim, Londres, Tóquio, assim também como países e continentes considerados exóticos como o Egito, faziam parte desse percurso que ainda incluía as capitais latino-americanas como Montevideú e Buenos Aires. Mas, sem dúvida, era em Paris que se concentrava o foco de atenção. (VELLOSO, 2008, p.11)

Assim, as reportagens, seções e artigos da publicação eram, em sua maioria, voltados para o mundo da moda, com ênfase nas ilustrações. Trazia, ainda, textos leves e irônicos sobre a vida mundana carioca, especialmente sobre o comportamento das classes sociais mais altas, e textos do que se chamava de boa literatura da época, inclusive, muitos deles escritos por autores estrangeiros bem conceituados naquele início de século.

Desde o lançamento, a revista *Fon-Fon!* tinha a intenção de ser um veículo de comunicação semanal voltado para a alta sociedade, em que a qualidade da informação fosse essencial e "acompanhasse o desenvolvimento intelectual da população", como lembra Ribeiro (2011). Dentro desta perspectiva, a publicação abordava tudo o que era urbano, moderno e cotidiano, reunindo as informações relevantes para quem quisesse entender essa modernidade na qual ingressava o Rio de Janeiro e outras grandes cidades do país.

A política brasileira era outro assunto relevante dentro das páginas da revista mas, ao contrário das revistas concorrentes, que rotineiramente traziam este conteúdo pulverizado em colunas de opinião e em textos opinativos escritos por ativistas dos partidos ou por críticos especializados, *Fon-Fon!* apostou no humor para explorar a editoria. "Em geral, todo o conteúdo girava em torno da vida cotidiana e das atividades parlamentares que ocorriam na então capital do país", lembra Ribeiro (2011). Os textos políticos costumavam ser curtos e extremamente irônicos.

Mas era realmente o estilo de vida europeu que predominava nas poucas matérias mais longas da revista. No período analisado nesta dissertação, por exemplo, *Fon-Fon!* trouxe a matéria "Aspectos de Portugal" (edição 2.235, de 11 de fevereiro de 1950, páginas 40 e 41), em que mostrava "as maravilhas do país e suas modernas construções" – como explicava a linha fina, texto de apoio ao título –, incluindo o Estádio Nacional, "todo feito em granito, um verdadeiro luxo". Ainda em relação à Europa, publicou matérias sobre como se vestiam as babás que trabalhavam nas residências das famílias pertencentes às classes mais abastadas, sobre a construção de uma torre de 90 toneladas para atender a uma TV inglesa, as técnicas de criação de abelhas por apicultores, o crescimento e o desenvolvimento da indústria de tapetes, a vida dos cachorros, curiosidades sobre os hábitos dos macacos, e as novidades da cultura e da arte daqueles países do outro lado do Atlântico, entre outros assuntos.

Podemos destacar por último que, de janeiro a agosto de 1950, chamou a atenção a existência de uma coluna fixa na revista que apresentava as novidades ligadas a outro meio de comunicação, o rádio. Com pequenas notas, *Fon-Fon!* trazia informações sobre as principais emissoras do país, como as mudanças em suas equipes jornalísticas, os prêmios conquistados por determinados programas ou reportagens, a compra de equipamentos e de novas sedes. A presença desta coluna mostra, portanto, a importância que o rádio tinha para a sociedade da época e que a revista não considerava este meio de comunicação um veículo concorrente na busca por anunciantes e público consumidor.

#### 4.1.3 *Careta*: política com boa dose de irreverência

*Careta* foi uma revista semanal brasileira que circulou de 6 de junho de 1908 a 5 de novembro de 1960 e que veiculava opiniões fortes, críticas a determinados modelos de comportamento e a posturas e atitudes de políticos, mas sempre com muito humor e ironia. Pelo nome sugestivo, temos uma boa pista para entendermos que o conteúdo publicado em suas páginas tinha uma grande carga de sarcasmo, informações confirmadas já no editorial da edição número 1 da revista.

Ahi vae a nossa Careta. Lançando a publicidade este semanario, é preciso confessar, e contrariamente o fazemos, que a Careta é feita para o Publico, o grande e respeitavel Publico com P. grande! Se tomamos essa liberdade foi porque sabiamos perfeitamente que elle não morre de caretas. Longe vae o tempo em que isso acontecia. Todavia, a nossa esperança é justamente que o publico morra pela Careta, afim de que ella viva. E feita cynicamente, essa confissão egoistica (nós estamos no seculo XX) digamos logo que o nosso programma cifra-se unicamente em fazer caretas. Careta como toda gente sabe, e se não sabe, devia saber, é assim uma espécie de cara pequena, conforme a abalisada opinião do Candido de Figueiredo, e se não for, é a mesma cousa. Ora por ahi existe muita gente de quem se diz ter duas e mais caras; não é demais, por consequencia, que nós tenhamos uma porção de caretas que iremos mostrando todos os sabbados, á razão de uma tuta e meia (tuta em latim corresponde a 200 réis, segundo o Dr. João Ribeiro). As nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas. Mas nunca fiando... Quem vê caretas, não vê corações. Faremos tudo para que ás nossas, não correspondam caretas de máo humor; preferimos francamente, sorrisos, mesmo daquelles que mais parecem caretas.

A revista, é claro, não era feita apenas de humor e publicava também sessões mais sérias, em que a informação era dada de maneira simples e direta. Mas ao longo da história da publicação, foram as matérias, os artigos e especialmente as charges e cartuns com boa dose de irreverência que mais marcaram a existência de *Careta*, em que a acidez política, a ironia e a crítica aos costumes elitistas da época estavam quase sempre explícitas. Tanto que alguns dos chargistas e cartunistas mais conceituados do Brasil trabalharam na publicação, como os citados pelo blog *Museu dos Gibis*: J. Carlos, Oswaldo Storni, Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto) – criador do famoso Juca Pato –, Raul Paranhos Pederneiras e Théo (Djalma Pires Ferreira).

Uma das diferenças mais marcantes de *Careta* em relação às outras revistas semanais analisadas nesta dissertação, pelo menos no período aqui pesquisado (entre janeiro e agosto de 1950), está no fato de esta publicação apostar mais em textos curtos, ou seja, ela trazia novas formas de abordagem da notícia para se diferenciar dos veículos já existentes naquela época.

Assim, suas páginas estavam repletas de seções, charges, artigos, cartuns e de pequenas notas jornalísticas, diferentemente das matérias e grandes reportagens das outras publicações. Como já falamos anteriormente, a segmentação do mercado de revistas pedia essas pequenas inovações.

Além disso, enquanto os demais periódicos daquele começo de século apresentavam um cunho mais elitista, voltado para as tendências urbanizantes e modernizantes da sociedade, *Careta* se mostrava uma revista de variedades, de conteúdo multiforme, voltado para um leitor mais popular, mas isso não significa que era um leitor menos literário e erudito. O trecho final do editorial de estreia da revista revela, novamente na base do humor, o público leitor que os editores da publicação gostariam de atingir – e as mulheres faziam parte dele:

Se ao vêr a Careta, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das secções galantes do jornalismo smart, franzir graciosamente as graciosas sobranceiras, na boquita rubra estalando um desprezador muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia careta, pelo menos. Se porém algum representante desse sexo que se diz barbado e vive a depilar-se agora, seguindo as novas correntes estheticas do pan-americanismo (!?), enfurecer-se ao mirar a Careta, não haverá duvida tambem: deitamo-lhe convictamente um palmo de lingua de fóra. Com um programma tão vasto, tão seductor, tão (como diremos?) careteristico, esperamos da sympathia do publico o franco acolhimento que lhe não merecem tantas caretas por ahi, bem conhecidas. A Careta é honesta e não é feia; é uma careta de lei.

Ao longo dos seus 53 anos de circulação, a revista mostrou-se bastante politizada e serviu de oposição ao governo em vários momentos, fazendo com que a política fosse um tema bastante explorado, especialmente nos textos mais críticos, nos editoriais e nas charges. O governo de Getúlio Vargas, por exemplo, era um dos principais alvos. Em 1950, ano aqui analisado, a eleição presidencial que ocorreria no dia 3 de outubro tinha grande importância para *Careta*, que trazia, em praticamente todas as edições, mensagens nos rodapés das páginas como essa a seguir, publicada em 4 de fevereiro de 1950:

Eleitor, quando fores votar não te esqueças dos escândalos desta legislatura! Os politqueiros são como os morcegos: temem a luz do dia. Os politqueiros ainda não se convenceram de que não são donos da presidência da república. Precisam aprender, mas duramente, a lição, que o voto lhes dará. Precisamos acabar com a raça dos politqueiros profissionais, que têm feito a desgraça do Brasil!

Ainda em relação ao conteúdo verificado nas edições deste período, foram encontradas, embora em menor grau que as outras revistas semanais, matérias sobre o cotidiano e as belezas das cidades europeias, como Milão, Londres e Paris, textos a respeito

da vida das celebridades do cinema de Hollywood e tendências da moda, com looks para as mulheres se inspirarem.

Sobre o Brasil, além de curiosidades a respeito dos hábitos dos povos indígenas, tema que parecia despertar um fascínio nas pessoas, já que todas as revistas aqui pesquisadas o abordavam de alguma maneira, foram encontrados muitos textos curtos e pequenas notas que expunham principalmente a vida urbana e suas cenas cotidianas, como o ambiente doméstico, o comportamento das crianças, os problemas do trânsito, as relações estabelecidas entre as pessoas nas ruas da cidade, as ações da prefeitura carioca e dos demais governantes do país – aqui, sempre em um tom crítico e pessimista. O editorial "Melancolia da pobreza brasileira" (edição 2.177, de 18 de março de 1950), resumia a visão do corpo editorial da revista a respeito do país, e dizia: "vivemos uma ilusão, um romântico ufanismo, e que somos um dos países mais pobres e miseráveis do mundo".

#### **4.1.4 *O Cruzeiro*: uma revolução no mercado de revistas**

Lançada em 10 de dezembro de 1928, a revista *O Cruzeiro*, publicação dos *Diários Associados*, circulou até julho de 1975. Revista de informação, cultura e entretenimento, trazia um conteúdo variado e se dirigia a um amplo público leitor: homens e mulheres, jovens e idosos, sem muita preocupação em descobrir as preferências de cada público específico. Era uma publicação, sobretudo, moderna, contemporânea, feita para a família brasileira, como ela mesmo se definia.

Mira (1997) lembra que, em 1950, o Ibope realizou uma pesquisa para identificar quem era a "família leitora" de *O Cruzeiro*, e concluiu que esta era formada por pouco mais de cinco pessoas, entre homens, mulheres, crianças com mais de 10 anos, crianças abaixo dessa idade, além dos "creados" que viviam nas casas das famílias de classes sociais mais altas. "Cada exemplar encontrava mais de 4 leitores dentro da mesma casa, percorrendo, como se vê, diferentes sexos, idades e classes sociais" (p.20).

No editorial de estreia, os responsáveis pela publicação a descreviam como "a mais moderna revista brasileira", pois, diziam eles, ela nascia em uma época de maior desenvolvimento do país, em que a urbanização já proporcionava um novo visual para as grandes cidades, a industrialização e a economia apresentavam um bom crescimento – ao contrário das principais revistas concorrentes, que surgiram bem no início do século XX, quase que na época do "Rio colonial", como citava o editorial. Aliás, a escolha da

denominação *O Cruzeiro* tinha tudo a ver com essas características, pois a revista representava o novo, a luz, a nova moeda, o novo Brasil que se desenhava:

Cruzeiro é um título que inclue nas suas tres syllabas um programma de patriotismo”, escreveram os editores, e —iracula desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, infiltra-se por todos os municípios; entra e permanece nos lares; é a leitura da família e da vizinhança. [...] Porque é a mais nova, Cruzeiro é a mais moderna das revistas.

Logo quando surgiu, *O Cruzeiro* e também as demais publicações semanais enfrentavam grande concorrência dos jornais diários na busca por público leitor e também por empresas anunciantes. O próprio editorial da revista deixava claro essa luta por espaço no mercado da época. A saída encontrada pelo periódico semanal para conquistar o leitor dos jornais foi, já em seu primeiro editorial, apontar para a perenidade do conteúdo trazido pelo impresso diário, que seria algo sem valor nenhum no dia seguinte. "O jornal de hontem é já um documento fóra de circulação: um documento de archivo e de bibliotheca. O jornal dura um dia. Essa existencia, tão intensa como breve, difficulta os grandes percursos". Já uma revista, também segundo os próprios produtores de *O Cruzeiro*, ainda não era um produto com funções muito bem compreendidas pelos brasileiros, por isso ela trata de explicar a importância do seu conteúdo para as pessoas:

[...] o campo de acção da revista é mais vasto, a sua interpretação dos acontecimentos deve subordinar-se a um criterio muito menos particularista do que o do jornal. Um jornal pôde ser um órgão de um partido, de uma facção, de uma doutrina. Uma revista é ums instrumento de educação e de cultura: onde se mostrar a virtude, animá-la; onde se ostentar a belleza, admirá-la; onde se revelar o talento, applaudi-lo; onde se empenhar o progresso, secundá-lo. O jornal dá-nos da vida a sua versão realista, no bem e no mal. A revista redu-la á sua expressão educativa e esthetica. O concurso da imagem é nella um elemento preponderante. A cooperação da gravura e do texto concede á revista o privilegio de poder tornar-se obra de arte.

Aliás, o editorial publicado na primeira página, sem qualquer assinatura, seria mais uma marca da diferença entre jornal e revista. Os responsáveis por *O Cruzeiro* diziam que, enquanto o primeiro podia ser o porta-voz "de um partido, de uma facção, de uma doutrina", a revista devia se prestar a ser um instrumento de educação e de cultura. Exatamente o que aponta Scalzo, como citamos no capítulo anterior.

Confirmando o otimismo do editorial de estreia de *O Cruzeiro*, a revista se tornou a mais importante do país durante vários anos – em termos de variedade de assuntos, modernidade gráfica, qualidade de texto e imagem, e até mesmo tiragem. Em 1950, a revista por várias vezes ultrapassou a marca dos 250 mil exemplares e trouxe conteúdo diversificado,

distribuído por mais de 120 páginas, muito acima das suas concorrentes semanais daqueles tempos.

Segundo informações contidas na edição especial da coleção *Cadernos da Comunicação*, produzida pela prefeitura do Rio de Janeiro em 2002, os números alcançados por *O Cruzeiro* são, até hoje, um marco no mercado editorial de revista nacional. A publicação chegou a vender mais de 700 mil exemplares em uma época em que o Brasil tinha cerca de 50 milhões de habitantes. Apesar de parecer algo inconcebível, ao menos uma vez foi comprovado que este veículo semanal, de fato, comercializou 720 mil exemplares. O caso aconteceu na edição sobre a morte de Getúlio Vargas, ocorrida em agosto de 1954, e que provocou uma corrida frenética de leitores em busca de uma edição nas poucas bancas que existiam no país. O número se esgotou e precisou ser reimpresso, lembram os editores de *Cadernos*.

Além disso, como cita Mira (1997), uma outra pesquisa Ibope realizada em 1945 entre leitores de jornais e revistas no Rio de Janeiro, então a capital federal do país, já indicava a supremacia de *O Cruzeiro* em relação às suas concorrentes. A revista aparecia em primeiro lugar absoluto com 37,7% da preferência dos entrevistados, mais do que o dobro de votos da segunda colocada, a *Revista da Semana*, que recebeu 15,5% das indicações. O pódio era completado por *Careta*, que ficou com 11,3% dos votos.

[...] atingia não só os moradores das grandes cidades, mas também penetrava no interior do país, chegando a lugares onde o Diário Oficial jamais chegou. Os temas de discussão política publicados pela revista estavam sempre entrando nos anais do Congresso. Conseqüentemente, nos anos 50, tornou-se um dos meios de comunicação social mais importantes do Brasil. [...] O fato é que a revista penetrava em todos os lugares, das favelas às mansões. [2002, p.10].

Em relação ao conteúdo, o periódico tinha como conceito principal apresentar um Brasil moderno, avançado, e suas páginas, todas coloridas (mais um diferencial em relação ao que já existia no mercado), traziam uma linguagem e uma diagramação diferenciadas – não podemos nos esquecer do que fala Scalzo sobre a importância do visual. Publicava seções, artigos, flagrantes do cotidiano das ruas, contos, novelas, entretenimento, mas a sua grande marca, aquilo que a diferenciava de todas as outras revistas da época, eram as grandes reportagens produzidas em parceria por dois profissionais da comunicação: o responsável pelo texto e o responsável pelas imagens. *O Cruzeiro* abriu um espaço único para as fotografias em suas páginas. Assim, uma reportagem era sempre narrada em duas linguagens: a de texto e a

fotográfica. Uma revolução para a época, e um feito narrado pelos livros de jornalismo de revista até hoje. E ao assumir a importância do visual para as matérias, sem, é claro, prejudicar o tamanho dos textos, a revista passou a publicar reportagens que muitas vezes ultrapassavam a extensão de 10 páginas, outro feito inédito para aquela metade de século.

As matérias analisavam a evolução da própria comunicação enquanto indústria, dos meios de transporte, da construção civil, da educação, da indústria e agricultura, da arte e da cultura brasileiras. Uma das primeiras reportagens de *O Cruzeiro*, por exemplo, já alertava para a necessidade de investimentos por parte do governo em recursos naturais para dar conta do aumento da demanda e do crescimento populacional do país. No ano analisado nesta pesquisa, 1950, a revista publicou reportagens sobre a vida indígena no interior da Amazônia, os negros e a escravidão, os avanços da agricultura no sul do Brasil, além de matérias investigativas e policiais. E, da mesma maneira que as outras revistas, também explorava aspectos da vida europeia, seus hábitos e belezas, as estrelas do cinema norte-americano e a moda ditada por esses países, assim como as celebridades da música e do teatro brasileiros, mas sempre com uma nova roupagem e um casamento perfeito entre repórter e fotógrafo.

O mundo esportivo também ganhou uma nova perspectiva com o nascimento desta revista. Se nas demais semanais o esporte aparecia de maneira esporádica, principalmente associado a grandes eventos, como campeonatos brasileiros ou mundiais, em *O Cruzeiro* não apenas o futebol, mas várias modalidades tinham destaque ao longo de todo ano. Em 1950, competições e personagens de jiu-jítsu, boxe, natação, vela, turfe, vôlei e até levantamento de peso foram retratados. No futebol, títulos estaduais e rivalidades regionais tiveram espaço em edições do fim de 1949, como o Gre-Nal (Grêmio x Internacional, clássico disputado no Rio Grande do Sul). E, como veremos mais adiante, a Copa do Mundo de Futebol de 1950 proporcionaria a *O Cruzeiro* um farto material a ser trabalhado. A revista acompanhou desde a preparação da seleção brasileira (amistosos, torneios, treinos e concentrações) até o último jogo do Mundial, passando pela reta final da construção do estádio do Maracanã, o grande palco da competição, iniciada pelo menos dois anos antes.

Apesar das especificidades de cada revista citadas até aqui indicarem diferenças fundamentais entre elas, até mesmo por uma questão mercadológica, em que cada publicação se voltava para um público consumidor próprio, todas as quatro – embora em menor grau em *O Cruzeiro* – tinham semelhanças em relação ao leitor que procuravam atingir. André de



Seguin des Hons considera o elitismo como marca principal dessa primeira geração de revistas da imprensa brasileira.

Ainda que estas revistas sejam endereçadas a um público variado, que incluía burguesia e classes médias, elas eram ainda impregnadas pelo elitismo cultural [...]. O emprego de uma linguagem pesquisada, o cuidado com as 'belas letras', o conformismo moderador, o interesse pelos acontecimentos mundanos dão seu estilo a essas revistas do entre-guerras... Elas são profundamente ligadas a uma sociedade burguesa segura de seus valores. Um leve esnobismo em relação à província e às classes populares, uma preocupação com os bons costumes, referências às discussões mundanas da época ou às intrigas dos gabinetes ministeriais, em suma esses magazines indicavam tudo o que se devia saber para fazer parte da 'boa sociedade'" (DES HONS apud Mira, 1997, p.25)

## **4.2 A Copa de 1950 pelas revistas semanais: análise quantitativa**

Neste primeiro momento de análise, como já falamos na Introdução, vamos nos ater ao levantamento quantitativo do material sobre a Copa do Mundo de 1950 publicado pelas quatro revistas, contabilizando quantos textos cada uma trouxe ao longo do período já determinado, que vai de 1º de janeiro de 1950 a 31 de agosto do mesmo ano. Vale destacar que aqui consideramos texto todo e qualquer conteúdo, verbal e não-verbal, presente nas páginas das publicações e que comunique alguma coisa, que contenha informações que foram produzidas por um emissor (no caso, os jornalistas, editores e colunistas das revistas) e que possam ser decodificadas pelo público leitor, como matérias, reportagens, notas, editoriais, fotos, tirinhas e charges, desde, é claro, que sejam conteúdos jornalísticos, e não publicitários.

### **4.2.1 Revista da Semana**

Vamos fazer essa análise pela ordem cronológica de nascimento de cada um dos periódicos, por isso começamos pela *Revista da Semana*. Em relação ao conteúdo esportivo de maneira geral, a publicação trouxe um total de 25 referências ao longo das 34 edições lançadas no período de análise. São elas, já com algumas breves análises do que podemos encontrar em cada texto:

#### Número 1 (7 de janeiro)

– matéria "Canadá, o berço do hockey no gelo" (p.24, 25 e 46), sobre a popularização desta modalidade no país da América do Norte.

#### Número 7 (18 de fevereiro)

– notinha "A droga dos brasileiros" (p.6), sobre uma droga que os jogadores brasileiros estariam usando para conquistar a Copa do Mundo que seria realizada dali a poucas semanas.

#### Número 12 (25 de março)

– notinha sobre o "Rapto de Heleno" (p.8), sobre a troca de clube feita pelo jogador de futebol Heleno de Freitas, mas sem dar qualquer detalhe sobre o assunto.

#### Número 14 (8 de abril)

– matéria "A Copa do Mundo movimenta uma equipe" (p.51 a 53), sobre a preparação de uma rádio para realizar a cobertura do mundial de futebol no Brasil. No texto, cita "não causará espanto aos que acompanham o evoluir do século vinte, o interesse demonstrado pelas atividades desportivas".

#### Número 16 (22 de abril)

– tirinha de humor (p.36 ) sobre o protesto do Uruguai contra as Eliminatórias para a Copa do Mundo.

#### Número 18 (6 de maio)

– matéria "Joe, punhos de aço" (p.4 a 9), sobre a visita realizada pelo pugilista ao Rio de Janeiro e o carinho que recebeu dos brasileiros. A matéria promete trazer "algumas das melhores e das piores recordações da carreira" do lutador.

#### Número 19 (13 de maio)

– nota "Futebol serve para tudo" (p.10 ) lembra que, no passado, foi depois de uma partida de futebol entre as duas seleções que Brasil e Uruguai acertaram uma questão de fronteiras. Agora, porém, o futebol vinha servindo para acobertar alguns problemas. O Senado teria aprovado uma lei em meio a uma polêmica entre Vasco e Flamengo (aproveitou o desvio do foco da imprensa), enquanto uma equipe sueca estava processando o Botafogo após realizar um amistoso no Brasil por falta de cumprimento do contrato.

#### Número 20 (20 de maio)

– Matéria "Ases do basquetebol" (p.4 a 7 + 48), sobre a evolução da modalidade no Brasil e sobre o time do Flamengo, considerado o grande campeão nacional naquele tempo.

#### Número 26 (1º de julho)

– notinha "O estádio municipal" (p.10), sobre a inauguração do Maracanã, o estádio construído para a Copa do Mundo. Fala, por exemplo, que é uma "praça de esportes digna do progresso que nos recomenda como nação realizadora", mas também a questão da educação

do povo para utilizar o estádio, questionando o fosso que foi construído, separando o gramado da arquibancada do estádio.

– matéria "O maior do mundo" (p.12, 13 e 98) destaca a festa de inauguração do Estádio Municipal do Rio, o Maracanã, naquela época a maior praça de esportes do mundo. Sobre os trabalhadores, chamam-nos de "Esses homens humildes, heróis obscuros, mas eficientes, da campanha pelo estádio" e "colaboraram com entusiasmo para o término das obras".

#### Número 27 (8 de julho)

– página de humor "Copa do Mundo" (p.6), em que traz charges que abordam (e satirizam) vários aspectos relacionados ao Mundial. Por exemplo, uma das charges traz a frase "Gastaram tanto dinheiro no estádio e não puseram elevadores lá para o último andar", enquanto outra diz "Os caçadores de votos ocuparam todas as paredes em volta do estádio. A torcida que vota no concurso de cracks está fazendo uma tremenda confusão".

– foto de página inteira com legenda (p.7) sobre o primeiro gol do Brasil naquela Copa do Mundo.

– notinha "Muito obrigado, mexicanos" (p.8) fala que o futebol, feito para unir os povos, estava desunindo por conta da violência em campo, fruto da má educação dos jogadores. E cita um gesto de carinho dos mexicanos ao chegarem ao Brasil para o Mundial.

– notinha "Muito bem, major" (p.73) fala sobre o desrespeito ao trânsito nas imediações do Estádio Municipal no dia do jogo entre Brasil e México.

#### Número 28 (15 de julho)

– notinha "Espírito esportivo" (p.7) elogia a postura dos jogadores norte-americanos ao chegarem ao Brasil, pois teriam sido sinceros e dito que foram ao Mundial como coadjuvantes mesmo, que não tinham condições nenhuma de serem campeões.

– notinha "Enterro do foot-ball" (p.56) questiona a real capacidade da seleção inglesa, já que foram os ingleses os inventores do futebol, mas a seleção do país fez feio na Copa do Mundo e tinha sido desclassificada ainda na primeira fase, logo no primeiro Mundial que disputaram. A notinha destaca uma notícia do jornal inglês *Daily Herald* sobre a seleção inglesa e a Copa.

#### Número 29 (22 de julho)

– reportagem "O Rio corre para o Maracanã" (p. 4 a 9 + 49), sobre a empolgação e o entusiasmo dos moradores do Rio com a Copa do Mundo. Diz que a Copa provou "que o carioca sabe vibrar". Exalta ainda a democracia nas arquibancadas do estádio, com gente de

todas as classes sociais; cita a ação de cambista nos arredores do estádio; elogia "a firme estrutura do estádio", que recebeu milhares de pessoas durante os jogos.

– seção "A personagem da semana" (p.10), que traz a figura do técnico da seleção brasileira, Flávio Costa.

– reportagem "Fantasia venesiana em águas guanabaras" (p.11 a 13), sobre "as luzes e as belezas do Rio" que foram apresentadas aos turistas que vieram para a Copa do Mundo. "Não há dúvida, foi mais uma ótima oportunidade para propaganda da nossa terra, especialmente entre os naturais daqueles países que pouco intercâmbio mantém conosco, e onde é comum cometer enganos geográficos, como, por exemplo, colocar o Rio de Janeiro no lugar da capital da Argentina e coisas parecidas".

#### Número 30 (29 de julho)

– matéria "Elevação moral" (p.3), que traz uma foto com o placar do jogo final da Copa, disputado entre Brasil e Uruguai, e vencido pelos vizinhos sul-americanos por 2 a 1. No texto, a matéria diz, entre outras coisas, que a imprensa uruguaia elogiou a maneira como o Brasil recebeu sua seleção derrotada.

– seção "A personagem da semana" (p.4) traz o presidente do Uruguai e diz que "nunca se viu a cultura esportiva servir tanto à fraternidade entre os povos", em referência à Copa e à partida disputada entre as duas seleções.

– página de humor "A Copa Catete" (p.5) traz os candidatos à presidente do Brasil (haveria eleições naquele ano ainda) vestidos de jogador de futebol.

– matéria "País feliz, esse Brasil" (p.6-17). Trata-se de um longo material de 12 páginas com muitas fotos e um texto com conclusões sobre o jogo final e a Copa como um todo. Diz, por exemplo, que um delegado da Espanha valorizava o aspecto moral da derrota brasileira, e que tanto uruguaio quanto brasileiros poderiam ter sido campeões. Em resumo, o texto parece não vislumbrar grandes problemas para o país por conta da derrota dentro de campo, mas essa matéria será melhor analisada no capítulo seguinte.

– foto grande, quase de página inteira, com o título "O bolo que ninguém comeu" (p.58). A foto em si traz uma imagem do bolo estilizado, em formato de campo de futebol e com jogadores representados, e que seria partido pelos campeões mundiais brasileiros caso a seleção conquistasse o título. Mas como a seleção perdeu, ele teria ficado intacto.

#### Número 32 (12 de agosto)

– matéria "Esportivamente foi um sucesso" (p.14-15 + 48) traz as impressões do técnico da seleção brasileira, Flávio Costa, sobre a Copa do Mundo. Ele apontou que o otimismo em excesso e o nervosismo dos jogadores foram os principais fatores que determinaram a derrota da seleção brasileira diante dos uruguaios.

Podemos notar que, das 25 referências esportivas encontradas na *Revista da Semana*, foram 10 matérias ou reportagens, 10 notas ou fotos-legendas e cinco outros tipos de textos (charges, tirinhas, artigos ou personagem de seção). Dentro destas referências, 20 foram relacionadas à Copa do Mundo de 1950, ou seja, 80% de todo o conteúdo esportivo publicado por ela no período analisado esteve vinculado à Copa. E entre as 20 notícias sobre o Mundial, foram sete reportagens, oito notas ou fotos-legendas e cinco outros textos.

Como já comentamos, essa publicação tinha outras editorias como foco e, não fosse a realização da competição futebolística no Brasil – um evento que carregava consigo inúmeros critérios de noticiabilidade, como a proximidade do local do fato, o envolvimento de muitos personagens conhecidos e uma modalidade em pleno desenvolvimento no país –, dificilmente qualquer esporte apareceria nas páginas do periódico.

Dos cinco textos não relacionados ao Mundial, mas ainda ligados ao esporte, os destaques foram uma matéria sobre o hóquei no gelo do Canadá, outra sobre a presença do pugilista norte-americano Joe Louis no Brasil, e uma terceira que mostrava as conquistas do basquete do Flamengo.

Sobre a Copa do Mundo, cabe observar que muitas matérias e notas não eram factuais, ou seja, traziam um conteúdo mais comportamental em relação ao evento, e não puramente esportivo. Com exceção do jogo final, que rendeu farto material, para a revista não importava tanto qual seleção venceu ou perdeu. Por exemplo, na edição de 22 de julho a reportagem que iniciava na página 4 e encerrava na 9 tinha como título "O Rio corre para o Maracanã". Em linhas gerais, a matéria abordava o envolvimento dos brasileiros com o evento, mostrando o comportamento da torcida e também de outros personagens, como os cambistas. Trata-se de um conteúdo com um discurso ufanista, e que merece melhor análise em capítulo posterior.

E por falar em ufanismo, neste caso estereotipado, chamou a atenção o seguinte trecho, encontrado na matéria "Boa vizinhança no teatro" (de 6 de maio, p.18 a 22, sobre um espetáculo musicado que reunia meninas argentinas, norte-americanas e brasileiras): "[...] à fragilidade das argentinas e ao desembaraço das sobrinhas de Tio Sam, as morenas brasileiras

opõem a graça natural do nosso povo". Por não se tratar de um conteúdo esportivo, foco desta pesquisa, essa reportagem fica apenas como registro de curiosidade.

Outros pontos chamaram a atenção durante a pesquisa na *Revista da Semana* e merecem ser citados. A edição de 17 de junho, publicada, portanto, uma semana antes de a Copa no Brasil começar, não trouxe nenhuma linha sobre a competição e, por outro lado, trouxe uma matéria de quase 10 páginas sobre as touradas espanholas, tradição cultural daquele país e muito distante da realidade futebolística brasileira. Já a edição de número 26 da revista (1º de julho) é publicada com um aumento considerável no número de páginas, passando das 60 que tradicionalmente tinha pra mais de 100 nesta edição, que é justamente a primeira a trazer um conteúdo sobre o maior evento esportivo daquele ano, a Copa. Por fim, em 12 de agosto, quase um mês depois do fim do Mundial, a revista publica uma entrevista com o técnico da seleção, Flávio Costa, o que confirma que o processo de produção desta publicação semanal não conseguia acompanhar os fatos na hora e no momento em que aconteciam. Essa característica da *Revista da Semana* também ficou evidente no registro do jogo final da Copa, disputado no dia 16 de julho de 1950, e retratado pela publicação apenas na edição de 29 de julho.

Traduzindo em números e porcentagens, temos as seguintes informações sobre o conteúdo esportivo em *Revista da Semana*:

	<b>Matérias ou reportagens</b>	<b>Notas e fotos-legendas</b>	<b>Outros textos (charges, tirinhas, artigo, seção)</b>	<b>Total</b>
<b>Outros temas esportivos</b>	3	2	0	5
<b>Copa do Mundo de 1950</b>	7	8	5	20
<b>Total</b>	10	10	5	25

Por este quadro, podemos afirmar que o conteúdo sobre a Copa do Mundo foi diversificado em relação ao tipo de texto encontrado na revista, com ligeiro predomínio das notas e fotos com legenda (40%), enquanto outros temas esportivos jamais foram retratados em páginas de humor, por exemplo. E, com base na descrição cronológica dos conteúdos

realizada, vale a pena destacar que, quanto o Mundial no Brasil começou, Revista da Semana não produziu nenhum material relativo a outro fato ou evento esportivo, e centrou suas atenções na competição da FIFA.

#### **4.2.2 *Fon-Fon!***

Com um conteúdo voltado mais para a moda e as novidades da Europa, o esporte não era, nem de longe, o foco editorial de *Fon-Fon!*. Entre a primeira edição de janeiro de 1950 (número 2.230, de 7 de janeiro) e a última de agosto daquele ano (2.262, de 27 de agosto), foram encontrados 16 textos relacionados ao mundo esportivo. São elas:

##### Número 2.235 (11 de fevereiro)

– matéria "Aspectos de Portugal" (p. 40 a 41), sobre as maravilhas do país europeu, as modernas construções, incluindo o Estádio Nacional, todo feito em granito.

##### Número 2.240 (18 de março)

– matéria "A maior coleção de peças de xadrez" (p. 12 a 16), sobre aquela que seria a coleção mais rica e rara do mundo, e que estava em exposição em Londres. Trata-se de uma matéria muito menos esportiva e mais cultural, em que as peças de xadrez são consideradas quase que uma obra de arte, um artigo de luxo, para se guardar e observar. Apenas para citar, nesta mesma edição havia matéria sobre como se vive em Nova Iorque, sobre os hábitos daquele povo e daquela cidade; e outra sobre a indústria de tapetes "na terra de Franco", confirmando a tendência da revista de retratar personagens, locais e hábitos estrangeiros.

##### Número 2.245 (22 de abril)

– matéria "Farra aquática com três sereias" (p. 27 a 30), sobre atletas campeões do pólo-aquático, tanto no masculino quanto no femininos, aproveitando uma tarde de em uma piscina. O que chama a atenção neste material, composto basicamente de fotos e texto curto, é que não cita de que país são esses atletas (pelos nomes, percebe-se que não são brasileiros) e nem onde fica essa piscina. A linha fina da matéria "Numa reunião de sereias, há água, sol e brinquedos inocentes" também indica o teor do conteúdo, novamente nada voltado para o esporte.

##### Número 2.246 (29 de abril)

– matéria "Rocky Graziano – agora é um bom rapaz" (p.14 a 17), sobre o que foi considerada pela revista como a nova fase da vida do famoso lutador de boxe, mostrando a sua rotina de treino e vida social. Traz foto do esportista com um bebê no colo para justificar o termo

"agora é um bom rapaz". Novamente uma mostra de que, para *Fon-Fon!*, até as personalidades esportivas de outros países eram mais importantes do que os brasileiros, e outra vez os atributos esportivos do atleta não são o foco das matérias. Importa muito mais as questões fora do campo esportivo das celebridades.

#### Número 2.254 (24 de junho)

– matéria e infográfico mostram "A Copa do Mundo e o problema do tráfego" (p. 34 a 37). Material rico em serviço e bem didático para a população carioca (e também para os turistas) revela o que a prefeitura preparou para evitar congestionamentos nas proximidades do estádio do Maracanã em dia de jogo do Brasil, com dicas de lotações, bonde, ônibus e estacionamentos para os torcedores utilizarem. Nem parece uma matéria de *Fon-Fon!*, revista que se mostrava distante da realidade brasileira.

#### Número 2.255 (1º de julho)

– matéria "Um monumento esportivo – O estádio Municipal" (p.39 e 40), sobre o ato inaugural do Maracanã (a essa altura, a Copa já tinha começado), com a presença do presidente General Eurico Dutra e de outras autoridades.

#### Número 2.256 (8 de julho)

– artigo "Notas pitorescas de Espanha e Portugal" (p.10 ) fala sobre como as touradas estavam perdendo espaço para o futebol na Espanha.

– fotos de lances e pequenos textos (p.32 e 33) sobre as seleções durante a Copa do Mundo.

– matéria "IV Campeonato Mundial de Futebol" (p.34 e 35), traz fotos e texto sobre a partida entre Brasil e México. As fotos retratam vários momentos do jogo de estreia das seleções naquele Mundial, como das duas equipes perfiladas antes da partida, do discurso das autoridades presentes e de lances do duelo.

#### Número 2.257 (15 de julho)

– fotos com legendas (p.27) sobre a partida entre Inglaterra e Espanha na Copa.

– fotos e legendas (p.28 a 30) da partida entre Brasil e Iugoslávia (tem foto da arquibancada lotada, de lance de jogo, de comemoração de gol etc).

#### Número 2.258 (22 de julho)

– fotos e legendas (p.32 a 35) da partida Brasil x Espanha, com muita variação de imagens, incluindo cena da torcida fazendo um lanchinho na arquibancada durante o jogo.

– fotos e legendas da partida Brasil x Suécia (p.36 e 37)

– fotos e legendas da partida Espanha x Uruguai (p.38)



Número 2.259 (29 de julho)

– fotos e legendas (p.33 a 35) sobre a derrota do Brasil para o Uruguai no último jogo daquele Mundial. Infelizmente esta edição da revista estava com páginas faltando, justamente sobre a final. Mas no material que foi possível consultar, tem muitas imagens de arquibancada (torcedores conversando, confraternizando, comendo, protegendo-se do sol etc), de autoridades e de jogador do Brasil chorando dentro de campo.

– coluna "Sob a grande marquize" (p.40) aborda a perda da taça da Copa do Mundo pelo Brasil. Esta é a primeira vez que a coluna fala de futebol desde o começo daquele ano, período pesquisado nesta dissertação.

Podemos observar que das 16 referências esportivas encontradas em *Fon-Fon!*, encontramos oito matérias ou reportagens, cinco fotos-legendas e três outros tipos de textos. E, dentre as 16 referências, 11 eram sobre a Copa do Mundo de 1950 (das quais quatro eram matérias ou reportagens, cinco eram fotos-legendas e dois eram artigos). Isso significa que 68,75% de todo o conteúdo esportivo publicado por este periódico ilustrado durante o período analisado era relacionado ao Mundial no Brasil.

Entre os cinco textos que não abordavam o evento FIFA, nenhum deles dizia respeito a atletas brasileiros e todos tinham como enfoque o aspecto mais comportamental do que o esportivo em si. Isso mostra que, para *Fon-Fon!*, as disputas esportivas em todo o mundo pouco importavam. O que tinha relevância para a revista eram as personalidades envolvidas com as modalidades e a vida delas fora do campo esportivo (como o boxeador em família e os atletas de pólo aquático durante tarde de lazer), além das questões culturais, como o artigo de 8 de julho que falava sobre como as touradas estavam perdendo espaço para o futebol na Espanha – ao invés de falar que o futebol estava ganhando destaque no país, o artigo prefere lamentar o fato, até porque a tourada era um lazer extremamente ligada aos aspectos culturais dos espanhóis, enquanto o futebol fora introduzido por estrangeiros.

Sobre a Copa do Mundo, vale ressaltar que apenas duas das 11 referências não eram factuais, ou seja, não retratavam resultados dos jogos. A primeira delas, a reportagem "A Copa do Mundo e o problema do tráfego" (de 24 de junho era ) de extrema importância para o torcedor e fugia das características do conteúdo costumeiramente publicado pela revista. Nela, texto e infográfico explicavam como a prefeitura do Rio de Janeiro se preparava para evitar muitos congestionamentos nas proximidades do estádio do Maracanã, além de dar dicas de lotações e ônibus para os torcedores utilizarem quando forem assistir aos jogos. A outra

referência foi a coluna "Sob a grande marquize" (29 de julho). Os demais textos a respeito do evento esportivo limitavam-se a trazer grandes fotos e pequenos linhas sobre as partidas realizadas ao longo do campeonato, dizendo o placar e os destaques (positivos ou negativos) de cada seleção. Assim como ocorreu na *Revista da Semana*, o ritmo de produção de *Fon-Fon!* não conseguia acompanhar a rotina de jogos, tanto que a mesma edição da revista trouxe dois relatos de jogos do Brasil na fase final (contra Espanha e Suécia).

Em relação a possíveis citações encontradas em conteúdos não esportivos, mas que diziam respeito à formação da identidade do país e ao ufanismo vivido naquele momento, vale a pena fazer dois registros. O primeiro é o artigo "Delírios Carnavalescos" (edição de 18 de fevereiro, p.19) que abordava o Carnaval brasileiro e tinha frases como "o Brasil que se contenta com essa herança dum passado distante, trazido da África distante, e nela se ensimesma e enclausura...", como se quisesse chamar a atenção para um país que era muito mais desenvolvido do que os próprios brasileiros achavam. O segundo é o artigo "Através das selvas brasileiras" (edição de 4 de março, p. 24 e 25), que dizia que o país tinha muito mais riquezas do que aquelas encontradas no Rio de Janeiro, e que o próprio povo brasileiro não conhecia direito o seu país, especialmente a Amazônia. Em determinado momento do artigo, o autor cita uma expedição europeia, ocorrida em 1936, e que revelou as riquezas das selvas amazônicas. O artigo encerrava com a frase "No que diz respeito à flora do Amazonas, há ainda muita coisa capaz de embasbacar o carioca. Mas é mister sair do Rio pra ver...".

Transformando em números e porcentagens as referências esportivas encontradas, temos o seguinte quadro sobre *Fon-Fon!*

	<b>Matérias ou reportagens</b>	<b>Notas e fotos-legendas</b>	<b>Outros textos (charges, tirinhas, artigo, seção)</b>	<b>Total</b>
<b>Outros temas esportivos</b>	4	0	1	5
<b>Copa do Mundo de 1950</b>	4	5	2	11
<b>Total</b>	8	5	3	16

Com base no quadro da página anterior, podemos dizer que a cobertura da Copa do Mundo de 1950 realizada pela revista *Fon-Fon!* foi focada em fotos-legenda (45,45%) e em matérias (36,36%), enquanto outros tipos de texto (18,18%) foram um recurso menos utilizado. Isso confirma o que já foi dito, que a revista, mesmo sendo um veículo semanal, priorizou o factual, com poucas informações que pudessem trazer novidades aos leitores. O quadro também revela que, em se tratando de outros temas esportivos, a publicação apostou em matérias (80%), que permitem trazer mais informações sobre a modalidade retratada.

Como vimos, uma revista é feita para um leitor específico. Talvez por isso, o máximo que os leitores de *Fon-Fon!* gostariam de saber sobre a Copa era justamente os placares, quem ganhou, quem perdeu, ou seja, um retrato factual da competição. Não se tratava de um público, portanto, interessado em detalhes sobre a competição, especialmente aspectos relacionados ao entorno do Mundial. Como lembram Tavares e Schwaab:

A pressuposta e pretensa intimidade com o público resulta em uma produção, em essência, centrada no indivíduo, uma relação feita de confiança. Uma produção que mesmo envolta por lógicas e práticas profissionais e materiais, reconhece o indivíduo para a qual se dirige e, ao mesmo tempo, o convoca a todo momento para o interior de seu processo de feitura. Uma produção atenta para as maneiras como sua audiência, seu público leitor, dialoga e recontextualiza esses processos, inaugurando e compondo uma troca permanente. (2013, p.37)

#### **4.2.3 Careta**

Na pesquisa realizada entre 1º de janeiro de 1950 e 31 de agosto do mesmo ano, em relação ao conteúdo esportivo divulgado pela revista foram encontradas 36 referências. A seguir, seguem os textos e uma breve análise sobre o conteúdo deles:

##### Número 2.170 (28 de janeiro)

– a capa traz uma charge brincando que o ano terá duas Copas: a do Mundo e a do Catete, já que teríamos eleições presidenciais em 1950.

##### Número 2.172 (11 de fevereiro)

– charge (p.40) brincando com o jogo do bicho em tempos de Copa do Mundo.

##### Número 2.173 (18 de fevereiro)

– reportagem "Regata internacional" (p.21 a 24), sobre uma competição esportiva de vela. É a maior reportagem da edição, com 4 páginas, e faz a cobertura de um evento que foi realizado no Rio de Janeiro, com competidores brasileiros e argentinos. O campeonato foi realizado em 2 de fevereiro, e a cobertura da revista sobre ele foi publicada no dia 18, mais de duas

semanas depois do fato ocorrido. Já dava para ter uma ideia de como seria o processo de produção de matérias sobre a Copa do Mundo em *Careta*.

Número 2.177 (18 de março)

– carta de leitor (p.12) criticando a postura do prefeito do Rio de Janeiro em várias situações, incluindo a questão da construção do estádio do Maracanã e o problema das cadeiras cativas.

Número 2.181 (15 de abril)

– notinha (p.15) falando que as pessoas estão querendo arrendar restaurantes no Brasil por alto preço para explorá-los durante a realização da Copa do Mundo, e que o governo deveria fazer algo, "pois os visitantes sairão daqui convencidos de que nós somos antropófagos". Aliás, esta é uma frase extremamente preconceituosa contra o próprio país, e que corrobora com a visão europeia de que o Brasil era um país de selva, com animais espalhados pelas ruas e povo sem civilização. Já a notinha abaixo diz que o governo deveria taxar os "nossos footballers" para que não deixassem o país.

– matéria "Iatismo" (p.21 a 23) diz que esta modalidade conquistou lugar de destaque no esporte nacional e que 1950 marca a evolução do iatismo brasileiro.

Número 2.182 (22 de abril)

– matéria "Os 'Peixes' voadores" (p.24 a 26), sobre uma exibição de quatro nadadores japoneses campeões mundiais realizada na piscina do Guanabara, no Rio. A matéria exalta o estilo dos japoneses, diferente do exibido pelos outros nadadores. Trata-se de um conteúdo que exalta os esportistas estrangeiros.

– notinha (p.38) questionando onde o Brasil vai hospedar tantos turistas durante a Copa do Mundo e lembrando sobre a "desapropriação das favelas em massa" realizada pelo governo para receber o Mundial.

Número 2.184 (6 de maio)

– matéria "Joe Louis no Rio" (p. 22 e 23) fala de uma luta do famoso pugilista realizada no Rio de Janeiro e critica o evento, dizendo que foi uma "luta abaixo do pífio". Tem foto do público e de cenas da luta.

Número 2.185 (13 de maio)

– matéria "Uruguai versus Paraguai" (p.24 e 25), sobre a disputa de uma taça, a Brigadeiro Armando Trompowski, realizada em uma partida no estádio de São Januário (RJ) entre as duas seleções. Diz que o time paraguaio venceu, em uma partida considerada ruim, "sem coordenação, sem técnica apreciável", e que os uruguaios jogaram "muitíssimo mal".

– carta do leitor (p.35) intitulada "Instituição da Taça Brasil e do Prêmio Extra" critica a proposta de um vereador do Distrito Federal (no Rio de Janeiro) de premiar cada jogador da seleção brasileira, em caso de título da Copa do Mundo, com uma quantia em dinheiro, além de dar uma taça, a Taça Brasil, para a seleção campeã (mesmo que for de outro país). O leitor critica, diz que os jogadores já são muito bem pagos, e que não acha justo o dinheiro dos impostos pagos pela população ir para os atletas.

#### Número 2.187 (27 de maio)

– matéria "Bola ao cesto" (p.19) traz um relato de uma partida de basquete disputada entre dois clubes cariocas e diz que é uma modalidade que tem se tornado mais popular nos últimos anos.

– matéria "Brasil 3 – Uruguai 2" (p.22 e 23) fala de uma partida realizada entre as duas seleções sul-americanas, mas sem explicar se era amistoso ou algum torneio. O texto diz que o Brasil, que já tinha perdido para os mesmos uruguaios recentemente e também para "os orientais que estão jogando foot-ball de 2ª categoria", desta vez ganhou do Uruguai, mas "deixando, não obstante a vitória, impressão de fraqueza, de incapacidade, de decadência". O texto critica duramente a seleção brasileira, aponta falhas no time, diz que tem quatro jogadores "assás fracos" e que o time precisa melhorar muito para a Copa do Mundo.

#### Número 2.188 (3 de junho)

– matéria "Joe Louis x Arturo Godoy" (p.22 e 23), novamente sobre pugilismo, fala sobre um novo embate entre os dois boxeadores, que já haviam se enfrentado no Brasil oito dias antes. Tem fotos e texto, que se atentam apenas ao fato esportivo em si.

#### Número 2.190 (17 de junho)

– charge "Quem sabe?" (p.4) brinca com o fato de mais uma seleção ter anunciado que não disputaria a Copa do Mundo no Brasil, a francesa, às vésperas do começo do campeonato.

– matéria "Volleyball feminino" (p.20 e 21) diz sobre esta modalidade e afirma que ela é indicada para as mulheres, pois nela "a brutalidade e a grosseria" dão lugares "à inteligência e à agilidade". Matéria que mostra o preconceito que já existia contra os homens que jogavam vôlei, esporte em que há uma rede separando os times e evitando qualquer contato físico.

– matéria "Atletismo feminino" (p.22 e 23) traz a cobertura do Campeonato Feminino de Estreantes da Federação Metropolitana de Atletismo. É uma matéria com muitas fotos e praticamente sem textos, mostrando lances de oito das modalidades disputadas no evento.

#### Número 2.193 (8 de julho)

– charge "Drink para a Copa do Mundo" (p.16) brinca com a cachaça brasileira e também traz o estereótipo da mulher brasileira, pois ambas seriam feitas "para encantar os turistas". Novamente, um texto estereotipado sobre o próprio país, e que será analisado no capítulo adiante.

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.30 e 31) fala sobre a partida de estreia da Copa, entre as seleções de Brasil e México, realizada no Estádio Municipal, o Maracanã, e sobre a presença em massa do público. Traz fotos e relatos sobre o jogo, com a escalação das duas seleções.

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.32 e 33) fala sobre a partida entre Inglaterra e Chile, também disputada no estádio carioca, com fotos e um pequeno texto.

#### Número 2.194 (15 de julho)

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.20 a 23) traz fotos e legendas das partidas entre Brasil x Iugoslávia e Brasil x Suécia. É uma cobertura bem rasa, e os pequenos textos sobre cada jogo nem título tinham.

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.24 e 25) traz fotos e legendas da partida entre Inglaterra e Espanha.

– charge "Entre o livro e a 'pelota!..." (p.32) é mais uma sobre a Copa do Mundo. No diálogo, um filho pergunta para o pai se ele não acha que é mais importante para o Brasil ter um crack (jogador) do que mais um doutor (médico). Ainda nesta página, sob o título "O trânsito, seus problemas e soluções", tem uma nota que fala sobre o trânsito nos dias de jogos no Maracanã. É uma página que discute o assunto de uma maneira mais geral, e lembra os jogos da Copa.

#### Número 2.195 (22 de julho)

– seção Black Notes (p.6) traz o título "O nosso fracassado turismo" e fala sobre o turismo no Brasil em tempos de Copa do Mundo. "Toda gente estava certa de que a Copa do Mundo ia ser um motivo de atração turística para o Brasil. Teríamos, pois, compensados os nossos grandes sacrifícios, com o afluxo de uma numerosa corrente de turismo. (...) Foi essa ilusão que alimentávamos durante largo tempo, ao embalo da publicidade pessoal do Prefeito. (...) Entretanto, verificamos com tristeza que tivemos uma decepção e um desapontamento". A seção tenta explicar os motivos desse fracasso e critica o que foi considerada como publicidade falsa feita pelo governo.

- matéria "Brasil x Suécia" (p.19 a 23) traz fotos e pequenos relatos da partida entre os dois países na fase final da competição. O texto, adjetivado, exalta a goleada do Brasil, elogia o "cavalheirismo" dos suecos, e diz que o título está próximo da seleção brasileira. "Tudo isso que acabamos de escrever é resultante do entusiasmo e do otimismo de que nos encontramos possuídos".
- matéria "Espanha x Uruguai" (p. 24 a 26) traz fotos e relatos da outra partida da fase final da competição.
- charge "Goal" (p.28), em que o marido comemora que a mulher foi ao jogo da seleção, no estádio, e não voltou mais para casa.
- charge "O técnico" (p.29) em que brinca com a goleada do Brasil sobre a Suécia. Diz a charge que o jogo estava tão fácil que o técnico brasileiro poderia ter colocado mais um atacante no lugar do goleiro do time.
- carta na seção dos leitores (p.33) com o título "A grande compensação", em que um leitor denominado "X" aborda a inauguração do estádio do Maracanã, reclamando que, enquanto se fez festa para um "elefante branco de cimento armado", o Rio de Janeiro sofria de vários problemas. E ele enumera esses problemas todos, da falta de água à devastação de matas, sendo 14 no total. Não seria difícil imaginar que a carta, por estar no anonimato, fora escrita pelos próprios editores da revista, críticos do governo daquela época, pois as outras cartas são assinadas por nomes verdadeiros.

#### Número 2.196 (29 de julho)

- matéria "Brasil x Espanha" (p.19 a 21), sobre mais um jogo da fase final do Mundial. Exalta a goleada do Brasil, dizendo que aquele poderia ser o jogo mais difícil desta fase, mas que mesmo assim a seleção brasileira esteve bem e goleou. O curioso é que o texto sobre este jogo é escrito já se sabendo o resultado da partida seguinte da seleção, quando ela perdeu para o Uruguai e não conquistou o título. Por isso, ele critica a festa antecipada pelo título que todos (jogadores, imprensa e torcida) fizeram, com frases como "os palhaços se puzeram a comemorar logo pela manhã, dentro e fora do Estádio, com estouros de rojões, [...] por banda de música e samba que haviam sido convocadas pela Prefeitura [...]".
- matéria "Brasil x Uruguai" (p.22 e 23) fala sobre a grande final da Copa do Mundo de 1950. Na verdade, a matéria tem esse título, mas o texto é uma continuação da matéria anterior, sobre o jogo anterior. O texto vem dizendo que a seleção ganhou o jogo mais difícil e acabou perdendo o mais fácil. E critica a atuação do goleiro Barbosa. "Sucede, porém, que o foot-ball

tem esquisitices. Perdemos para os uruguaios e é preciso ser justo e dizer a verdade: perdemos porque não mereceríamos ganhar. Barbosa, desde o começo, jogou mal. A segunda bola que deixou entrar foi verdadeiro 'frango'".

#### Número 2.197 (5 de agosto)

– capa traz mais uma charge que mistura Copa do Mundo com política.

– editorial (p.3 e 4) fala sobre política e Copa do Mundo. Elogia a atuação da seleção nas goleadas que aplicou e diz que o prefeito do Rio usava a competição pra se promover politicamente. Na final, diz que o prefeito tinha armado a maior festa para comemorar o título, com caminhões de fogos de artifício e tudo. Mas veio a derrota, e aí, diz o texto, quiseram jogar a culpa da derrota na torcida, no time, na bola... Mas o editorial fala que "o único culpado é o Prefeito". O texto continua na página 4, que traz ainda outra charge, "Cautela e caldo de galinha", em que um cara diz que não sai de casa faz meses e o outro diz que é melhor assim, ou ele seria confundido com o Bigode, jogador da seleção brasileira que teria cometido falhas na final diante do Uruguai.

– charge (p.28) brinca com a estátua de bronze que existe em frente ao Maracanã, e o texto diz que ela teria saído para levar o troféu ao Uruguai, o campeão da Copa.

#### Número 2.198 (12 de agosto)

– seção "Contos e pontos" (p.10) traz análises sobre o Maracanã e a seleção brasileira. Fala do silêncio que ficou no estádio após a derrota, imagina o carnaval que seria caso o Brasil conquistasse o título, lembra da Copa de 1938, fala que o Maracanã reuniu famílias pelo futebol (diz que ninguém fica em casa, "as pessoas correm para o estádio", e que a felicidade doméstica no Rio se fortalecerá com o estádio). Ao contrário do editorial da edição anterior, trata-se de um texto mais positivista sobre o fim do Mundial.

– charge (p.16) une, mais uma vez, Copa do Mundo e política. Diz que os torcedores do futebol não votarão em Getúlio, pois ele transformaria o estádio Municipal em uma sucursal do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), utilizado pelo ex-presidente para controlar o conteúdo que a imprensa divulgava sobre o país.

Podemos observar que das 36 referências sobre esporte publicadas no período por *Careta*, 17 eram matérias ou reportagens, duas era notas e 17 eram outros tipos de textos (charges, principalmente, além de artigos, editorial e carta de leitor). E das 36, 27 tinham conteúdo ligado à Copa do Mundo daquele ano, sendo oito matérias, duas notas e 17 outros textos, enquanto as nove referências restantes diziam respeito a outras modalidades e



competições. Assim, 75% de todo conteúdo esportivo pesquisado nesta revista era sobre o Mundial de futebol disputado no Brasil.

O que é possível afirmar, em uma primeira análise, é que a maioria destas nove referências (para ser exato, oito delas) abordam outras modalidades, e apenas uma (um jogo entre Uruguai e Paraguai) falava sobre futebol. Teve matéria sobre uma regata realizada no Rio de Janeiro e que contou com competidores brasileiros e argentinos (edição 2.173, de 18 de fevereiro de 1950), outra sobre a evolução do iatismo nacional (2.181, de 15 de abril), a exibição em Guanabara (RJ) de nadadores japoneses campeões mundiais (2.182, de 22 de abril), além de matérias sobre basquete, duas sobre o boxeador Joe Louis, vôlei feminino e atletismo feminino. Eram sempre matérias curtas, com textos pequenos e fotos grandes, mas que mostravam a variedade de temas proposta pelos editores. Ou seja, se não fosse a Copa do Mundo, o futebol, apesar de ser uma modalidade que crescia no país naquela época, teria quase nenhum destaque.

Em relação ao material publicado sobre Copa do Mundo, como já citamos, entre as 27 referências, foram encontradas oito matérias (com textos e fotos jornalísticas): uma que abordou a inauguração do Estádio Municipal, o Maracanã (edição 2.193, de 8 de julho de 1950, ou seja, quase um mês após a abertura oficial do estádio e já com quase metade dos jogos da Copa disputados); quatro sobre partidas da seleção brasileira naquele Mundial (com fotos e pequenos textos descritivos sobre como tinha sido aquele jogo), sendo uma da primeira fase diante da Iugoslávia e três da fase final; e três matéria com relatos de partidas entre seleções estrangeiras (Inglaterra x Chile, Inglaterra x Espanha e Espanha x Uruguai, esta também na fase final do torneio).

Todo o restante do conteúdo (portanto, 19 referências) sobre a Copa foram abordados de maneira mais crítica em notas, artigos, editoriais, cartas e muitas charges. Foram encontradas, entre outras referências, notas sobre pessoas que desejavam arrendar restaurantes no Brasil por alto preço para explorá-los durante a realização da Copa do Mundo (edição 2.181, de 15 de abril de 1950) e questionando onde o Brasil iria hospedar tantos turistas (2.182, de 22 de abril); charges brincando com a desistência da França em disputar o Mundial (2.190, de 17 de junho) e com a cachaça e as mulheres brasileiras, que iriam encantar os turistas (2.193, de 8 de julho); carta de leitor questionando a postura do prefeito do Rio de Janeiro sobre a necessidade de se construir um estádio grande como o Maracanã (2.177, de 18 de março); e um artigo (2.195, de 22 de julho), criticando a publicidade feita pelo governo

carioca de que a cidade receberia milhares de turistas, o que não aconteceu de fato, segundo a publicação.

Essas 19 referências, além de conterem uma carga de deboche e muitas críticas em relação ao Mundial, reproduziam estereótipos relacionados ao Brasil e mostravam que *Careta* era uma revista que, na maioria das vezes, se posicionava como oposição ao governo, seja ele municipal ou federal. Para comprovar isso, podemos citar trechos de um editorial publicado neste período (edição número 2.177, de 18 de março, na página 3). O texto, intitulado "Melancolia da pobreza brasileira", dizia que "essa ilusão em que vivemos nos tem sido nociva", "é preciso desfazer os nossos enganos a respeito da riqueza e da prosperidade do Brasil", e ainda "vivemos uma ilusão, um romântico ufanismo, mas somos um dos países mais pobres e miseráveis do mundo." O texto trazia vários dados sobre pobreza e outros indicadores econômicos, comparando o Brasil a vários outros países.

Traduzindo em números e porcentagens, temos as seguintes informações sobre o conteúdo esportivo publicado por *Careta*:

	<b>Matérias ou reportagens</b>	<b>Notas e fotos-legendas</b>	<b>Outros textos (charges, tirinhas, artigo, seção)</b>	<b>Total</b>
<b>Outros temas esportivos</b>	9	0	0	9
<b>Copa do Mundo de 1950</b>	8	2	17	27
<b>Total</b>	17	2	17	36

Observando o quadro, é possível reafirmar que a cobertura do Mundial de futebol de 1950 feita pela *Careta* teve como maior foco textos variados, especialmente as charges (17 das 26 referências, o que corresponde a 65,3%), enquanto as matérias foram utilizadas em menor frequência (26,9%). Isso só confirma a vocação para o humor que a revista tinha. Por outro lado, quando *Careta* decide retratar outro evento esportivo que não fosse a Copa do Mundo, ela deixa de lado sua vertente humorística e aposta exclusivamente em matérias e reportagens, deixando de lado as notas, as fotos-legendas e os outros tipos de textos. É como

se os demais esportes fossem encarados com mais seriedade e menos crítica do que a Copa pelos editores desta publicação.

#### **4.2.4 O Cruzeiro**

Como já foi citado quando apresentamos algumas características desta revista, dissemos que o esporte ganhou um novo tratamento quando *O Cruzeiro* foi lançada, pois diversas modalidades e atletas, inclusive do futebol, foram retratados em suas páginas durante o período analisado neste estudo. E dissemos isso porque, entre janeiro e agosto de 1950, a revista publicou um total de 49 textos relacionados ao mundo esportivo. Seguem todas as referências encontradas, com uma breve descrição a que cada uma se referia:

##### Edição de 14 de janeiro

- reportagem "10 anos do recorde mundial" (p. 80 e 81) sobre a nadadora brasileira Maria Lenk, contando todos os feitos da carreira dela.
- reportagem "Helio Gracie desafia Ezzard Charles" (p. 42 a 48), sobre o desafio proposto pelo brasileiro, campeão de jiu jitsu, contra o então campeão mundial de boxe.
- reportagem "Carnaval também no Futebol" (p. 32 e 33), sobre uma disputa entre clubes carnavalescos e esportivos pela Taça Kanoa.

##### Edição de 1º de abril

- reportagem (p.42 e 43) sobre quatro nadadoras japonesas campeãs mundiais que participaram de uma exibição em um clube de São Paulo

##### Edição de 8 de abril

- matéria (páginas 54 a 56) sobre a conquista da Taça Olímpica, também chamada de prêmio Nobel do Esporte, pelo clube carioca Fluminense.
- matéria (48 a 52) sobre campeonato de vela que contou com a participação de brasileiros.

##### Edição de 15 de abril

- reportagem "Ases do futebol" (p. 104 a 112), a primeira, vale a pena lembrar, sobre a Copa do Mundo de 1950. A revista trazia uma chamada na capa, dizendo "Craques no estaleiro", e falando do fim de semana em Araxá (MG) que a reportagem (jornalista e fotógrafo) passou junto com os jogadores da seleção que disputariam o Mundial pelo Brasil. Matéria curiosa, que mostrava os atletas em situações de descanso, pescando, mais descontraídos, e com muitas fotos. Em geral, o material tratava os atletas como celebridades.

#### Edição de 20 de maio

– matéria (p. 94 a 98) sobre o pugilista norte-americano Joe Louis, considerado pela revista "um gentleman perfeito". Diz o texto que o atleta já teria faturado 150 milhões de cruzeiros, não fumava, não bebia e não se prestava a aventuras amorosas. A revista considera o boxeador um exemplo para outros esportistas, inclusive para os brasileiros.

#### Edição de 27 de maio

– reportagem "28 cabeças... 56 pés" (p. 66 a 69). Às vésperas da Copa do Mundo de futebol, que começaria em junho, a matéria fala que foram anos de trabalho e sacrifício dos jogadores da seleção para a conquista de um título ambicionado. Fala que o Mundial seria uma oportunidade que os "craques brasileiros esperam há muitos anos". A foto que abria a matéria era do Maracanã, ainda em obras, mas exaltando o tamanho dele, com a legenda: "A mais monumental praça de esportes do mundo". Mais uma matéria que exaltava a seleção e a Copa no país, elogiando a grandiosidade do Estádio Municipal.

#### Edição de 3 de junho

– matéria (p. 36 a 39, 56 e 82) sobre a Copa Rio Branco de Futebol de 1950, disputada em três jogos entre Brasil e Uruguai. Fala sobre como estava a seleção para disputar a Copa, as virtudes, os defeitos, e os benefícios que os jogos contra o Uruguai trouxeram pra equipe. "Prova de fogo para o Campeonato Mundial", dizia parte do texto.

#### Edição de 10 de junho

– matéria "Os europeus na Copa do Mundo" (p. 86 a 89 + 94) trazia um panorama das seleções europeias que disputariam a Copa no Brasil. Destaque para as frases "Desfile de concorrentes do setor europeu" e "Inglaterra e Espanha, os mais sérios candidatos".

#### Edição de 17 de junho

– matéria "Garotas e o craque" (p. 42 e 43), dizendo que há sempre um craque na vida das garotas e que as meninas consideram craque o "cidadão de quem gostam na semana em curso". Trata-se uma seção da revista voltada para as mulheres, e que aproveitou o clima de Copa do Mundo no Brasil para falar sobre a beleza dos jogadores.

– matéria "Sombra e água fresca" (p. 102 a 105) traz, novamente, momentos vivenciados pela equipe de reportagem da revista com os jogadores da seleção brasileira na concentração. "Confiantes para a vitória, certos da responsabilidade, apelam para a sempre entusiasta torcida brasileira", dizia. Matéria ilustrada com fotos descontraídas, dos atletas jogando pingue-pongue, comendo, lendo, dormindo etc.

#### Edição de 24 de junho

- matéria "A Tupi no Campeonato Mundial" (p. 110 a 112) mostrava a equipe escalada pela rádio Tupi para fazer a cobertura do Mundial no Brasil, "o grande acontecimento" do país.
- matéria "Garotas e a Copa do Mundo" (p. 134 e 135) falava que a Copa era um grande acontecimento e, portanto, "as garotas não podem deixá-lo despercebido". É a seção da revista voltada para as mulheres, novamente aproveitando a temática Mundial de futebol.

#### Edição de 1º de julho

- matéria "O gigante Maracanã" (p. 112 a 115), sobre a entrega oficial ao público "da maior praça de esportes do mundo". Segundo o texto, cem mil pessoas assistiram ao jogo de inauguração, com a presença de "altas autoridades esportivas, militares e civis". Matéria exaltava a capacidade dos trabalhadores brasileiros, que conseguiram concluir uma obra gigantesca.

#### Edição de 8 de julho

- artigo (p. 6) sobre literatura e futebol, de autoria de Genolino Amado.
- matéria "Torre de Babel" (p. 12 a 15 + 82) traz vários aspectos e histórias curiosas sobre a Copa do Mundo. Conta, por exemplo, sobre como um turista inglês conseguiu entrar no estádio do Maracanã sem ingresso; sobre um homem que só sabia japonês e procurava sua cadeira numerada na arquibancada do estádio; sobre um brasileiro que só obteve a informação que queria falando em francês. Também aborda aspectos esportivos, como gols e jogos da Copa.
- matéria (p. 16 a 19 + 42) sobre os jogos Brasil x México e Inglaterra x Chile. Fala que a seleção brasileira venceu fácil na estreia, mas que os ingleses tiveram trabalho para conseguir a vitória. Apesar de não terem se enfrentado, a matéria compara as seleções brasileira e inglesa, dizendo, por exemplo, sobre a "cronometragem" inglesa a "improvisação" brasileira.
- matéria (102 e 103 + 42) sobre o duelo entre Suécia e Iugoslávia, descrevendo o encontro "como uma boa partida, com lances longos e um final bem sensacional".
- matéria "Derrota da Squadra Azzurra" (p. 104 a 106) fala sobre a "decepcionante" atuação da seleção italiana na derrota para a Suécia. Diz que foi um "espetáculo pobre em técnica e rico em combatividade e disciplina".

#### Edição de 15 de julho

- capa traz uma chamada dizendo: "Neste número, 26 páginas esportivas com jogos no Distrito Federal, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e em Porto Alegre". Foi a maneira

encontrada pelos editores de *O Cruzeiro* para chamar a atenção do leitor amante do esporte e mostrar a ampla cobertura realizada pela revista sobre a Copa no país.

– matéria "A Copa errada" (p. 12 a 19 + 26) fala sobre a desorganização do Mundial, e diz que um "veterano profissional da imprensa faz a reportagem direto da cadeira numerada, enquanto a legião doméstica invade a tribuna destinada aos jornalistas". Fala, ainda, sobre as lições que o Brasil aprendeu com o passado, "a goteira e o goal do centroavante Ademir".

– matéria "Vitória da classe, fibra e coração" (p. 20 a 23 + 26) sobre como o Brasil se classificou para a fase final da Copa, sobre mais uma derrota do "antiquado WM" (um esquema de jogo utilizado por algumas seleções) e ainda, sobre "o espetáculo oferecido pelos torcedores nas arquibancadas". É mais uma matéria analisando vários aspectos do Mundial, esportivos e comportamentais.

– matéria "O francês que veio ao Maracanã" (p. 24 e 26) diz que "este campeonato do mundo tem um vencedor: o futebol". O texto analisa vários pontos, como "o fracasso da Itália, coisa normal", "o fracasso da Inglaterra, assinará os norte-americanos", "porque não veio a França" e "A equipe do Brasil – Matadores e virtuosos".

– matéria "Suécia x Paraguai" (p. 104 e 105 + 120) falava que tinha sido "um excelente jogo, mas sem vitória pra nenhum dos lados". Dizia ainda sobre a preferência da torcida brasileira pela seleção sul-americana neste confronto: "inteiramente favorável aos guaranis".

– matéria sobre o jogo "Estados Unidos x Inglaterra" (p. 106 e 107), discorria sobre os surpreendente resultado, já que a seleção norte-americana, formada por "11 desconhecidos", derrotou por 1 a 0 "o fabuloso scratch inglês".

– matéria sobre o jogo "Iugoslávia x México" (p.108 e 109 + 122)

– matéria (p. 112 e 113) sobre o jogo do Brasil contra a Suíça válido pela primeira fase e que terminou em 2 a 2. O texto considera um "absurdo a constituição da equipe nacional" e critica a escalação da seleção. Fala também da "displicência, excesso de confiança e menosprezo ao adversário" por parte do Brasil; diz que a qualidade do futebol das duas equipes foi medíocre, que a seleção brasileira foi vaiada. Utiliza expressões como "Jogo de tricot: onze homens brincando de cestinha de flores"; "Ameaça de sururu" e "Nota zero para o jogo seria um prêmio".

– matéria (p. 114 e 115) sobre o duelo entre Espanha x Estados Unidos, em que ressalta o frio de Curitiba, que teria obrigado atletas a jogarem de luvas.

– matéria (p. 116 e 117) sobre a partida entre Espanha e Chile, falando em "classe e sangue contra sangue".

– matéria (p. 118 e 119), a terceira consecutiva, sobre a seleção espanhola, desta vez a respeito do duelo contra a Inglaterra. Destaque para o belo registro mostrando a imprensa mundial que acompanhava aquela partida no estádio.

#### Edição de 22 de julho

– matéria "Sob a batuta de Ademir" (p. 12 a 17 + 24) fala que a seleção "jogou em ritmo de samba" e que, "quando o scratch joga o seu jogo, lembra um conjunto bem afinado na cadência da música brasileira". Usa ainda o termo "Do piano do Ari Barroso à harmonia de Zizinho, Jair e Ademir". A esta altura do mês, a partida final da Copa já tinha sido disputada, mas a revista continua trazendo várias matérias sobre os jogos, pois também não conseguia publicar textos nos dias seguintes às partidas por conta da periodicidade (semanal) e do processo de produção das notícias (da captação do fato esportivo até a impressão da matéria).

– matéria (p. 18 a 21 + 120) sobre mais um jogo do Brasil, dizendo "O Brasil dá uma lição de futebol". Era sobre a vitória contra a Suécia, já na fase final. Dizia que "os suecos não tiveram pernas para acompanhar a mobilidade dos brasileiros" e trazia muitas fotos dos jogadores brasileiros alegres, inclusive tomando banho após o jogo.

– matéria (22 a 24 + 110) que novamente exaltava o futebol brasileiro, intitulada "Grandioso – O futebol dos brasileiros é como sua música: irresistível".

– matéria "Última rodada nos pampas" (p. 98 e 99) abordava a eliminação dos mexicanos sem uma vitória na competição após a derrota para os suíços por 2 a 1. Falava em "um jogo bisonho e um público escasso".

– matéria "A valsa do adeus" (p. 100 e 101 + 106), sobre a despedida de italianos e paraguaios dos gramados brasileiros após o duelo entre as duas seleções. Falava que o resultado foi "injusto" e que foi "um duelo emocionante entre a fibra dos sul-americanos e a técnica dos peninsulares".

– matéria "Pernambuco só assistiu a um jogo" 102 e 103 E 106, falando sobre a única partida realizada no estado, entre Estados Unidos e Chile, e que ela "não teria correspondido aos esforços pernambucanos" no sentido de preparar em tempo o estádio da Ilha do Retiro.

– matéria "Rosário de gols em Belo Horizonte" (p. 104 e 105 + 120), falando sobre o único jogo do Uruguai na fase de classificação e que, em apenas um jogo, o time marcou o mesmo número de gols que o Brasil, que disputou três jogos na fase classificatória. Chama a seleção

da Bolívia de "pudim de pão" e o atacante uruguaio Varela de "alto-falante do quadro oriental".

#### Edição de 29 de julho

– artigo "Ufano-me do meu país" (p. 5), do Austegesilo de Athayde, sobre o estádio do Maracanã, em que elogia a obra e a considera um marco, algo para se comemorar.

– matéria "Derrota da máscara" (p. 14 a 20) sobre o jogo final da Copa entre Brasil e Uruguai. Diz o texto que "Somos tão responsáveis por esse desfecho esportivo quanto os jogadores e o técnico. Nós, os jornalistas que criamos a lenda da invencibilidade dos onze brasileiros. E todos os que ajudaram a afivelar a máscara de imbatível, criando a exagerada certeza na vitória que não veio". Trata-se de um texto carregado em opinião, e que critica o comportamento da seleção e a festa antecipada feita por todos, incluindo a própria imprensa.

– matéria (p. 22 a 27) sobre a seleção uruguaia campeã mundial, assinada por um jornalista francês.

– matéria "A última vitória dos brasileiros" (p. 102 a 107), falando ainda de um jogo pela fase final entre Brasil e Espanha. Fala em "o canto do cisne de 11 rapazes com muita técnica e pouca fibra", já tecendo uma crítica pela derrota que a seleção sofreria no jogo final contra o Uruguai.

– matéria "Luta de gigantes" (p. 114 e 115), sobre outro duelo disputado antes do jogo final, desta vez entre Espanha e Uruguai, naquela que foi considerada pela revista como "a melhor partida da Copa do Mundo disputada no Pacaembu". Fala em recorde de renda, em jogo com "muita fibra" e na "consagração de Varela", atleta uruguaio.

– matéria (p. 116 e 117) sobre o jogo entre Uruguai e Suécia, também pela fase final, disputado em um "Pacaembu às moscas".

– matéria "Suécia – 3º lugar" (p. 118 e 119) sobre o jogo realizado entre suecos e espanhóis no quadrangular final. Fala em "desinteresse do público pela peleja entre nórdicos e ibéricos", renda baixa e da "desculpa" encontrada pelos jogadores da Espanha para a derrota: "culpa do clima".

#### Edição de 5 de agosto

– matéria sobre a competição de turfe mais importante do país, o GP Brasil.

#### Edição de 12 de agosto

– matéria sobre a égua Tirolesa, que ganhou o GP Brasil de Turfe daquele ano. Falava sobre o treinamento e a rotina dela.



### Edição de 19 de agosto

– matéria sobre o primeiro campeonato de levantamento de peso que seria realizado no Brasil.

De acordo com o levantamento, é possível observarmos que entre as 49 referências sobre esporte encontradas em *O Cruzeiro*, nada menos que 46 eram matérias e grandes reportagens, muitas delas com três ou mais páginas recheadas de textos e fotos, enquanto outros dois textos eram artigos e uma referência era a capa da revista. Destas 49 referências, 38 eram sobre a Copa do Mundo de 1950, o que significa dizer que 77,5% de todo o conteúdo esportivo publicado pela revista no período pesquisado esteve vinculado ao Mundial de futebol disputado no Brasil. Também é possível afirmarmos que a maior parte deste material sobre a Copa era formado por matérias: foram 36 (muitas delas maiores do que as publicadas pelas outras três revistas analisadas nesta dissertação), e apenas dois eram outro tipo de texto, sendo um artigo de opinião, assinado por Austegesilo de Athayde, e uma capa. Essa constatação confirma uma das características de *O Cruzeiro*, que era o de apostar em grandes reportagens, em um trabalho em conjunto realizado por repórter de texto e repórter fotográfico.

Em relação às 11 referências sobre outros assuntos esportivos que não fosse o Mundial da FIFA, entre janeiro e agosto de 1950 o periódico abordou, como verificamos, várias modalidades como natação, boxe, vela, turfe e levantamento de peso. Mas chama a atenção o fato de o futebol aparecer em três textos não relacionados à Copa, incluindo um sobre o Fluminense, um dos clubes brasileiros de maior prestígio naquela época. Isso mostra que a modalidade, pelo menos aos olhos dos editores da publicação, de fato merecia uma atenção maior do que a dada pelas outras revistas semanais analisadas neste estudo.

Mas é sobre a Copa do Mundo que a revista, de fato, mostra uma variedade de cobertura em comparação com as demais publicações. Podemos citar pelo menos cinco momentos para comprovar essa afirmação. Em primeiro lugar, foi o único dos periódicos aqui estudados a trazer fotos e textos de todos os jogos da seleção brasileira e de várias outras partidas, acompanhando, inclusive, duelos realizados em todas as seis sedes, e não apenas no eixo Rio-São Paulo. A edição de 15 de julho, por exemplo, trazia a chamada de capa "26 páginas esportivas com jogos no Distrito Federal, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e em Porto Alegre".

Segundo, porque a revista se preocupou em acompanhar a preparação da seleção brasileira antes da Copa, desde os jogos disputados contra o Uruguai pela Copa Rio Branco,

até a rotina de treinos e de descanso no hotel em que ficou concentrada antes do Mundial. A grande reportagem "Ases do futebol" (edição de 15 de abril de 1950, páginas 104 a 112) trazia os atletas em situações de descontração durante um fim de semana em Araxá (MG), onde o Brasil se hospedava. Já a matéria "28 cabeças... 56 pés" (27 de maio de 1950, páginas 66 a 69) traçava um perfil dos jogadores, da comissão técnica, e falava que "foram anos de trabalho e sacrifício para a conquista de um título ambicionado, uma oportunidade que os craques brasileiros esperam há muitos anos". Em terceiro lugar, porque *O Cruzeiro* também se ateuve aos adversários que a seleção brasileira enfrentaria, como na matéria "Os europeus na Copa do Mundo" (edição de 10 de junho de 1950, páginas 86 a 89 e 94), que indicava um panorama das seleções europeias que disputariam a competição. O quarto momento de destaque é quando a publicação também mostra como uma das principais rádios daquela época faria a cobertura do evento, na matéria "A Tupi no Campeonato Mundial" (edição de 24 de junho de 1950, páginas 110 a 112). E em quinto lugar, porque a revista abordou fatos curiosos relacionados à Copa, como os relatados na reportagem "Torre de Babel" (edição de 8 de julho de 1950, páginas 12 a 15 e 82), em que mostrava como um inglês conseguiu entrar no estádio do Maracanã, a história do homem que só sabia japonês e procurava sua cadeira numerada e do brasileiro que só obteve informação falando em francês.

É interessante perceber como a revista foi construindo um discurso otimista em relação à conquista do Mundial pela seleção brasileira – mostrando desde o esforço que os atletas faziam durante os treinos, na concentração, passando pela construção do estádio do Maracanã, quando as matérias elogiavam a grandeza da obra e o trabalho realizado pelos brasileiros, e chegando aos jogos da equipe, especialmente nas duas goleadas aplicadas nas duas primeiras partidas da fase final – e como esse discurso se esfacela quando o time perde o jogo final para os uruguaios, em que o texto critica a postura da própria imprensa. Nos textos sobre os jogos, vale a pena ressaltar expressões que aproximavam o futebol da música, como "jogou em ritmo de samba" e "quando o scratch joga o seu jogo, lembra um conjunto bem afinado na cadência da música brasileira", mostrando características que diferenciavam o futebol – e o povo – brasileiro do europeu.

Tabulando todos esses números e informações em uma tabela, temos o seguinte quadro relativo ao conteúdo esportivo publicado por *O Cruzeiro*:

	<b>Matérias ou reportagens</b>	<b>Notas e fotos-legendas</b>	<b>Outros textos (charges, tirinhas, artigo, seção)</b>	<b>Total</b>
<b>Outros temas esportivos</b>	10	0	1	11
<b>Copa do Mundo de 1950</b>	36	0	2	38
<b>Total</b>	46	0	3	49

Como já citamos, a tabela acima resume bem a vocação da revista para as grandes reportagens. Foram 46 entre as 49 referências encontradas, o que representa 93,8% do total do material esportivo. Destaque também para a única capa entre todas as revistas analisadas nesta pesquisa e que trazia algum conteúdo sobre a Copa do Mundo. Vale ressaltar ainda que, assim como já aconteceu nas outras três publicações, o conteúdo esportivo não relacionado ao Mundial de futebol só apareceu em edições anteriores e posteriores à sua realização, comprovando que todas as atenções dos profissionais da revista, quando o assunto era esporte, estavam voltadas para a realização do grande evento no Brasil.

#### **4.2.5 Quadro comparativo e considerações iniciais sobre o material publicado**

Após o levantamento quantitativo do material esportivo, incluindo a Copa do Mundo de 1950, publicado pelas quatro revistas, podemos montar o quadro comparativo que segue abaixo:

	<b>Total de referências sobre esporte</b>	<b>Referências sobre a Copa de 1950</b>	<b>Porcentagem ocupada pelo conteúdo da Copa sobre o todo</b>
<i>Revista da Semana</i>	25	20	80%
<i>Fon-Fon!</i>	16	11	68,75%
<i>Careta</i>	36	27	75%
<i>O Cruzeiro</i>	49	38	77,5%
<b>Total</b>	126	96	76,2%

A intenção desta pesquisa ao realizar esse primeiro levantamento não é comparar qual revista publicou mais conteúdo, em termos quantitativos, relacionado ao esporte, até porque cada publicação, como falamos na apresentação delas, tinha uma linha editorial, uma linguagem verbal e não-verbal e um público leitor diferentes uma das outras, em que priorizavam determinados assuntos em detrimento a outros. Isso ocorria por uma questão de posicionamento no mercado editorial, pela questão da segmentação deste mercado, também já debatida anteriormente.

O objetivo aqui, na verdade, é verificar o quanto a realização da Copa do Mundo no Brasil alterou a rotina produtiva dos quatro veículos, e isso fica claro quando olhamos para a porcentagem dos textos referentes ao Mundial publicado por eles. Notemos que esse percentual varia de 68,75% a 80%, o que mostra a importância dada ao campeonato por todas as revistas. E, se olharmos para a frequência com que os outros esportes apareceram nessas publicações, percebemos que, enquanto a Copa foi realizada, nenhuma outra modalidade ou evento esportivo foi retratado. O foco dos profissionais de jornalismo era mesmo o Mundial da FIFA, que pela primeira vez era realizado no Brasil.

Evento de dimensões grandiosas, que interrompe o curso das atividades cotidianas por um período, a Copa do Mundo de futebol traz consigo uma série de critérios de noticiabilidade que não podem – e neste caso, não foram – ser ignorados pelos veículos de comunicação. Em 1950, o futebol era uma modalidade que crescia e se profissionalizava no Brasil, e já tinha conquistado a paixão de milhares de torcedores.

Segundo Quére (apud França, 2013, p. 96), "o acontecimento apresenta, pois, um caráter inaugural, de tal forma que, ao produzir-se, ele não é, apenas, o início do processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra". Ou seja, ele tem um poder de iniciar um novo tempo, de esclarecer alguns pontos, de revelar características de uma nova era, a tal ponto que deve ser acompanhado pelos meios de comunicação. E aquela primeira Copa do Mundo no Brasil tinha essas marcas. Como já vimos, o governo gostaria que a competição simbolizasse o início de uma nova era do país, mais desenvolvido, mais organizado, pronto para entrar na modernidade. Quére diz que mesmo os acontecimentos que foram previstos têm a capacidade de "emergir algo novo". Em relação ao Mundial de futebol, segundo as definições do autor, ele se encaixaria na denominação "acontecimento legítimo", "no sentido de que seu poder de mudanças preexiste a sua exposição midiática, provocando, por conta própria, um quadro de sentido que precisa ser explicado".

Por isso, as revistas semanais daquela época analisadas nesta dissertação, mesmo não sendo especializadas em esportes, realizaram a cobertura do Mundial, cada uma a seu modo. *O Cruzeiro*, por exemplo, que desde o lançamento caracterizou-se pelas grandes reportagens, variedade de temas e qualidade das fotografias, mostrou isso durante a Copa de 1950, trazendo aos leitores várias faces daquele evento e matérias de várias sedes, não apenas do Rio de Janeiro. Já a *Revista da Semana* apostou em matérias comportamentais, sobre a presença da torcida no Maracanã, ao contrário da *Fon-Fon!*, que se apegou ao factual, ao resultado dos jogos, para mostrar a Copa do Mundo aos seus leitores. Por sua vez, *Careta* manteve o foco no bom humor e na "acidez", típicos de sua linha editorial, para abordar o Mundial do Brasil, publicando charges sobre vários aspectos relacionados ao evento, além de notas e artigos críticos, questionando ações da prefeitura e o turismo que não se desenvolveu como se esperava.

O que se pode afirmar, após essa primeira análise, é que as quatro revistas pesquisadas agendaram seu público, trouxeram a Copa do Mundo para ser discutida pelos seus leitores, sem, contudo, deixar de noticiar assuntos que já faziam parte da sua rotina produtiva, como moda, beleza, política e vida europeia, mesmo durante a realização do evento esportivo no Brasil. Esse levantamento também nos permite apontar que todas traziam textos sobre os jogos do Brasil, como da partida final, vários dias depois da data em que foram realizados, o que mostra as dificuldades de produção jornalística naquele tempo.

Assim, podemos dizer que, com a realização da primeira Copa do Mundo no Brasil, em 1950, é possível identificar uma mudança no foco do discurso esportivo apresentado pelos quatro veículos, em que o futebol ocupou a maior porcentagem do conteúdo e se buscou apresentar, durante o Mundial, as características que diferenciavam os brasileiros do restante do mundo.

Também não seria errado pensarmos que a Copa do Mundo aparece nas quatro revistas com frequência nos meses analisados por questões mais econômicas, relacionadas ao mercado publicitário. Quesada Pérez (apud Tavares, 2013, p.79) lembra que, embora os conteúdos das publicações, em teoria, sejam determinados por critérios de noticiabilidade como limitações estruturais (capacidade dos jornalistas e dos editores), limitações de tempo, perfil editorial e perfil do público leitor, com frequência, no entanto, a decisão do que e como noticiar "é tomada levando em conta outros critérios: o critério dominante estabelece que o

tipo de conteúdo preferido é aquele mais interessante para o tipo de público que um publicitário deseja atingir para vender um produto".

Em outras palavras, por ser um evento que, de alguma maneira, modificou a sociedade brasileira naquele ano, inclusive a economia do país, atraindo marcas que gostariam de relacionar seu nome a ele, a Copa do Mundo também levou novos anunciantes para aquelas publicações, anunciantes que gostariam, de alguma maneira, de ver o Mundial estampado nas páginas das revistas. Mas para chegarmos a alguma conclusão sobre essa possibilidade, teríamos que nos ater às propagandas veiculadas nas revistas durante o período pesquisado e também seria necessário verificar como cada uma delas se mantinha financeiramente, e este não é o objetivo desta dissertação.

Por fim, antes de passarmos para o capítulo seguinte, que analisará qualitativamente o conteúdo sobre a Copa produzido pelas revistas e de que maneira publicações semanais produzidas para públicos diferentes abordaram o campeonato de futebol, é preciso ressaltarmos que, nesse primeiro levantamento quantitativo, percebemos que o tema Copa do Mundo foi retratado em diferentes formatos dentro de uma mesma publicação, e isso não ocorre por coincidência.

Tomemos como exemplo *Careta*, que abordou o Mundial entre as seleções em formatos como charge, artigo, seção, carta de leitor e, é claro, matérias. Tavares (2013) diz que, ao agir desta maneira, a revista segue sua linha editorial e realiza "uma espécie de espelhamento dos preceitos editoriais previstos em suas seções, articulando uma rede de discursos e gêneros jornalísticos heterogêneos" (p.87). Por isso, a repetição do tema em vários tipos de textos dentro de uma revista "opera constituindo uma série de conjuntos temáticos inacabados que, quando reunidos, dão a dimensão dos traços que constituem um escopo editorial e salientam sua 'universalidade distinta'".

Em outras palavras, seja em matéria, artigo, carta, charge, etc. é o conjunto de todos esses textos que dá a verdadeira dimensão de como o veículo enxerga aquele acontecimento, além de conferir ao fato uma nova temporalidade, deixando-o mais atual, menos factível. É como se, "de maneira fragmentada, por conteúdos e formas, a revista desse conta de vários aspectos que compõem o todo de um tema" (p.88).

## 5. CAPÍTULO IV - LEVANTAMENTO QUALITATIVO E O CONTEÚDO APRESENTADO PELAS REVISTAS

"Bandeiras enroladas, lágrimas nos olhos, comércio fechado, ruas desertas, mortes provocadas pela tristeza. [...] No entanto o nacionalismo, em gestação havia décadas, sobrevivia, embora cabisbaixo. [...] A derrota da nacionalidade no terreno de jogo favoreceu a vitória do nacionalismo no terreno político."  
(FRANCO JR, 2007, p. 90)

### 5.1 Seleção e organização do material

O material referente à Copa do Mundo de 1950 levantado junto às quatro revistas é por demais extenso para ser analisado em sua totalidade, afinal, foram encontradas quase 100 referências a respeito do Mundial. Assim, de acordo com as indicações da metodologia da Análise de Conteúdo, definiremos uma amostragem dentro deste *corpus* para ser melhor estudada a seguir, segundo os temas mais recorrentes encontrados sobre o campeonato. "A amostragem diz-se rigorosa se a mostra for uma parte representativa do universo inicial", explica Bardin (p. 123).

Para termos uma melhor noção do conteúdo, dividiremos o material em três momentos: aquele publicado antes do início da Copa e que vai de janeiro até as edições de 1º de julho de 1950 (isso porque todas as quatro revistas publicaram o primeiro texto referente a algum jogo da Copa a partir da edição do dia 8 de julho, mesmo com as partidas iniciais tendo sido disputadas em 24 de junho. Esse fato ocorre por conta do tempo de produção necessário naquele tempo para se colocar uma matéria em qualquer revista semanal); o que saiu durante o Mundial (vai da edição de 8 de julho até a de 29 de julho de 1950, quando as quatro revistas trouxeram as matérias referentes ao último jogo entre Brasil e Uruguai); e o que circulou após o término da Copa, nas edições que foram publicadas entre 5 e 31 de agosto de 1950.

Com isso, temos o seguinte quadro:

	<b>Antes da Copa</b>	<b>Durante a Copa</b>	<b>Pós-Copa</b>	<b>Total</b>
<i>Revista da Semana</i>	6	14	0	20
<i>Fon-Fon!</i>	2	9	0	11
<i>Careta</i>	8	14	5	27
<i>O Cruzeiro</i>	8	30	0	38
<b>Total</b>	24 (25%)	67 (69,79%)	5 (5,20%)	96 (99,99%)

Verificamos que os textos publicados pelas revistas durante a realização da Copa do Mundo representam quase 70% do material coletado no período, enquanto o número de referências encontradas antes e depois do Mundial, juntas, não chega a metade do total. Partindo desta constatação, definimos, então, que trabalharemos com o conteúdo publicado pelos veículos de comunicação ao longo da Copa, ou seja, iremos analisar um total de 67 referências, a grande maioria sobre as partidas que foram disputadas pelas seleções nos estádios brasileiros.

Como vimos, havia para o Brasil, nos anos 1950, um projeto para desenvolver a nação e fazer com que o país entrasse para o rol dos desenvolvidos, e o futebol – com o fortalecimento e a profissionalização da modalidade, com a construção do Maracanã e a reforma de outros estádios para receber a Copa, e com a própria realização do Mundial daquele ano – era um elemento chave dentro deste projeto. Assim, na análise do material que iniciamos neste capítulo, pretendemos verificar como as revistas refletiam esse momento e atestar se elas estavam alinhadas a essa ideia, ou se faziam oposição ao evento – e ao governo, por consequência. Ou seja, será que as revistas estavam empenhadas em refletir um agendamento de país desenvolvido, capaz de realizar uma Copa do Mundo com perfeição, ou elas buscavam outra visão sobre o Brasil?

Para isso, classificaremos as 64 referências em categorias temáticas, método que, segundo Bardin:

Pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando através de números e percentagem, uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da



mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para (...) introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN, 1977, p.37).

Na análise, partiremos das categorias mais relevantes, em termos quantitativos, pois a presença de um maior número de textos sobre um assunto reflete os aspectos das implicações da própria natureza do jornalismo. Ou seja, partiremos do pressuposto de que quando as revistas dão maior visibilidade para determinado tema é porque existem elementos (critérios de noticiabilidade, perfil da revista, perfil do público leitor, estrutura do veículo, etc.) que contribuem para uma maior publicidade deste assunto perante os demais fatos.

Assim, os 67 textos serão classificados dentre as seguintes Categorias temáticas:

- Categoria 1 – País moderno: que trata de questões ligadas ao desenvolvimento do Brasil e à civilização do povo, em um discurso de exaltação do país, alinhado ao do governo.
- Categoria 2 – Maracanã: textos que abordam o maior símbolo brasileiro daquele Mundial.
- Categoria 3 – Seleção brasileira: referências ao time brasileiro, em textos sobre jogos da equipe ou sobre momentos vividos pelos jogadores fora dos gramados.
- Categoria 4 – Seleção estrangeira: textos que abordam jogos (e outras notícias) envolvendo as demais seleções que vieram disputar a Copa do Mundo.
- Categoria 5 – País com problemas: críticas (com ou sem humor) ao Brasil (ao governo, ao povo, ao torcedor, etc.), como eventuais problemas causados pela disputa da Copa, em um discurso contrário ao do governo, ou o aproveitamento, por parte dos políticos brasileiros, do clima de Copa para conquistar eleitores.
- Categoria 6 – Torcida: textos que mostram o comportamento da torcida que compareceu aos estádios para acompanhar os jogos da Copa do Mundo.

### **5.1.1 Revista da Semana**

Abaixo, as categorias abordadas pelas 14 referências sobre a Copa publicadas por esta revista ao longo do período escolhido:

#### Número 27 (8 de julho)

– página de humor "Copa do Mundo" (p. 6) - **CATEGORIA 5**. São várias charges ironizando situações problemáticas causadas pela Copa do Mundo, como os batedores de carteira; a falta de elevador no Maracanã, apesar dos gastos elevados; os turistas indesejáveis; a corrida por

votos promovida pelos políticos dentro do estádio. É um discurso contrário ao do governo brasileiro, que só via pontos positivos na realização da Copa. As charges criticam problemas sociais do país, como a ocorrência de pequenos assaltos e a má aplicação do dinheiro público, quando critica a falta de elevadores no estádio. Abaixo, uma reprodução desta página:



– foto de página inteira com legenda (p. 7) sobre o primeiro gol do Brasil naquela Copa do Mundo - **CATEGORIA 3**. Referência positiva, com foto e uma legenda curta, sobre o desempenho da seleção brasileira, mostrando o exato momento em que a bola chutada pelo atacante Ademir entra no gol defendido pelo goleiro mexicano Carvajal. A foto foi publicada principalmente por três critérios de noticiabilidade: a importância do gol (o primeiro da equipe na Copa), a importância da partida (estreia da seleção) e a felicidade do fotógrafo da revista em capturar aquele instante. Possivelmente, poucos profissionais conseguiram registrar aquele momento e, por isso, os editores responsáveis pela revista decidiram trazer a foto em página inteira.

– notinha "Muito obrigado, mexicanos" (p. 8) - **CATEGORIA 4** (mas de elogios aos estrangeiros, neste caso, mexicanos). Diz a nota que o futebol é um esporte muito violento, em que por vezes assistimos agressões ocorridas dentro de campo, a juizes, jogadores ou entre torcedores. Mas fala que, algumas raras vezes, há demonstrações de que o futebol, em um futuro próximo, estará enquadrado em seu verdadeiro lugar: "um elemento catalizador na fraternidade dos povos". O elogio é para a seleção mexicana, que teria visitado a estátua de José Bonifácio, ao desembarcar no Brasil, e depositado uma coroa de flores no local. Trata-se de um elogio ao comportamento estrangeiro em solo brasileiro.

– notinha "Muito bem, major" (p.73) - **CATEGORIA 5**, de crítica ao país. Diz que a inauguração do "colosso Maracanã" trouxe preocupação para as autoridades responsáveis pelo trânsito. Fala que o estádio deveria contar com grandes áreas de estacionamento, mas que o projeto não previu isso. Por isso, em dias de jogos com grandes públicos, restava à prefeitura estudar a melhor forma de escoar os veículos, espalhar avisos de como ficaria o trânsito nesses dias e permitir melhor movimentação no entorno do estádio. Mesmo assim, diz a nota, muitos desrespeitaram as regras de trânsito no local, inclusive um vereador, que chegou a discutir com um guarda, mesmo estando errado. Trata-se, portanto, de uma crítica à falta de planejamento e ao comportamento dos brasileiros, inclusive políticos.

#### Número 28 (15 de julho)

– notinha "Espírito esportivo" (p.7) - **CATEGORIA 4**. Mais um elogio ao comportamento de uma seleção estrangeira ao chegar para a disputa da Copa. Desta vez, para o time dos Estados Unidos. Isso porque os jogadores deram entrevista dizendo que não pretendiam ganhar a Copa, pois, em matéria de futebol jogado com os pés e a cabeça, ainda eram "crianças". E após a derrota na estreia para a Espanha por 3 a 1, os norte-americanos teriam ficado felizes com o resultado e saíram de campo elogiando tudo (árbitro, gramado, estádio).

– notinha "Enterro do foot-ball" (p.56) - **CATEGORIA 4**. Nota em que há crítica à capacidade da seleção inglesa. O texto começa questionando a história de que o futebol e as regras foram inventadas na Inglaterra, mas diz que a supremacia do futebol praticado pela seleção inglesa sempre foi inquestionável, e que era da Inglaterra de onde sempre vieram "as

lições mais corretas e de sabor técnico admirado por todo mundo" quando o assunto era futebol. Mas, aponta a nota, "tudo no mundo tem seu declínio, e o futebol inglês, que já andava ruinzinho, veio ao campeonato mundial no Rio somente para morrer". Segundo o texto, quem disse isso foi um jornal inglês, *Daily Herald*, após a derrota da seleção para a Espanha. Tal periódico teria feito uma capa enterrando o futebol do país. A nota, portanto, é uma maneira de criticar uma das seleções favoritas ao Mundial, como se isso pudesse também dar mais forças para a seleção brasileira. Segue reprodução da nota:

**ENTERRO DO FOOT-BALL**



Dizem os historiadores esportivos que o chamado «foot-ball association» nasceu na Bretanha e, desde o seu nascimento empolgou o povo inglês. Muita gente pensa, por isso, que esse esporte é britânico. Não queremos discutir esse ponto, bastante confuso e difícil de resolver-se.

O que não resta dúvida é quanto à tradicional supremacia da chamada «escola inglesa» em matéria de futebol. Vieram da Inglaterra os seus regulamentos, suas penalidades, posições dos jogadores, as medidas dos campos, a classificação dos disputa-

tantes, a formação dos times. Tudo isso é fácil de ver-se pelos nomes que ainda hoje são adotados em países estrangeiros que cultivam o esporte bretão: «free-kick» (ponta-pé, coice), «off-side» (impedimento, fora de forma), «goal» (objetivo, alvo), etc., etc.

Era a Inglaterra a dominadora do «association» e de onde vinham as lições mais corretas e de sabor técnico admirado por todo mundo que aprecia o jogo em que as mãos só entram para atrapalhar. Mas, tudo no mundo tem o seu declínio e o futebol inglês, que já andava ruinzinho, veio ao campeonato mundial no Rio somente para morrer. Quem diria! Não é nossa a afirmação e sim do jornal londrino «Daily Herald» do dia 3 de julho de 1950, nos seguintes termos:

«Em afetuosa memória do futebol inglês, falecido no Rio de Janeiro no dia 2 de julho de 1950. O finado foi profundamente chorado pelo grande círculo de amigos e parentes enlutados. N. B. (Note bem) O corpo será cremado e as cinzas serão levadas à Espanha.»

O jornal inglês estava envolto em crepe na primeira página solidarizando-se com o falecimento do futebol, da terra de Churchill e comunicava o infausto acontecimento naquele aviso fúnebre...

### Número 29 (22 de julho)

– reportagem "O Rio corre para o Maracanã" (p. 4 a 9 + 49) - **CATEGORIA 2**. A matéria falava sobre como o carioca tinha se entusiasmado com a Copa do Mundo na cidade e comparecido em grande número para acompanhar os jogos no estádio. "Até mesmo os enfermos, os velhos, as donas de casa, os grandes 'business man', os indivíduos pouco afeitos a essas proezas, tiraram-se de seus cuidados, deram feriado aos serviços, transferiram para outros dias seus passeios e suas transações importantes, para irem ao Maracanã". É possível observarmos que foram utilizados 11 termos e expressões positivas quando o autor se referia ao Brasil, seu povo ou suas riquezas, enquanto apenas uma vez apareceu algo negativo sobre o país, quando há uma crítica pelo fato de o Rio de Janeiro não estar muito preparado para

receber milhares de turistas que poderiam vir para acompanhar suas seleções durante a Copa do Mundo. O mesmo posicionamento ocorre em relação ao Maracanã: foram nove termos exaltando seu tamanho e sua estrutura, contra três expressões mais negativas (uma criticando a falta de lugares numerados, uma sobre a atuação de cambistas nos arredores do estádio, e outra a respeito do excesso de público). Já quando o autor vai abordar algo referente ao estrangeiro, essa posição se inverte e aparecem quatro termos negativos: sobre a guerra da Coreia, as lutas no oriente, a não participação da Argentina no Mundial e o fraco desempenho da seleção inglesa (chegou como uma das favoritas, mas acabou eliminada na primeira fase). Não há nenhuma exaltação positiva sobre o estrangeiro. Em resumo, esta matéria estava totalmente alinhada ao discurso do governo em relação ao Mundial, e tinha o intuito de elogiar todos os esforços dos brasileiros, tanto na construção do Maracanã quanto no envolvimento com o evento, e criticar quem duvidava que as obras do estádio não ficariam prontas a tempo ou que ele não suportaria tantos torcedores nas arquibancadas. No fim, o texto exalta que, mesmo quem jamais sonhou assistir futebol, foi pela primeira vez, gostou e "apanhou o vício", brinca que os turistas que vieram para a Copa aprenderam que Buenos Aires ficava na Argentina, e que a capital brasileira era o Rio de Janeiro, e afirma que os estrangeiros que vieram se encantaram e levarão junto "a impressão esmagadora do que acabaram de ver na cidade mais bela do mundo". Abaixo, a página de abertura desta matéria:



– seção "A personagem da semana" (p.10) - **CATEGORIA 3**. Seção indica que o mundo inteiro voltou suas atenções para o Brasil durante a Copa, até mesmo os países que não vieram disputar a competição, e que muitos apontavam a seleção brasileira como uma das favoritas ao título. Com o passar dos jogos, aponta o texto, o Brasil foi mostrando que realmente tinha a melhor seleção, "tanto pela técnica, como pela resistência física", mas acabou perdendo para o Uruguai na partida final. Mesmo assim, a seção diz que é hora de homenagear o técnico Flávio Costa, "esquecendo um revés e lhe reconhecendo os méritos que efetivamente possui". A Seção, portanto, em nenhum momento faz críticas negativas à seleção brasileira.

– reportagem "Fantasia venesiana em águas guanabaras" (p.11 a 13) - **CATEGORIA 5**. A matéria, à primeira vista, busca salientar as qualidades do Brasil, mostrando as belezas do país que atraem as atenções dos turistas que por aqui estavam durante a realização da Copa. Tem frases como "os verdadeiros embaixadores do Brasil são o café, o samba, [...] e agora, o futebol", ressaltando a grandiosidade do estádio do Maracanã. O texto aponta que o estádio já é conhecido em todo o mundo por conta das fotos enviadas pelos repórteres que está na cobertura do Mundial. Elogia, ainda, o trabalho das autoridades para preparar o Rio de Janeiro como um todo para receber os turistas. Porém, a partir deste ponto, o texto passa a tecer críticas justamente à falta de organização das autoridades. Primeiro, ao falar em turistas, diz que eles vieram em número baixo: "os turistas pouco apareceram e várias são as causas". Depois, diz que "Das muitas ocorrências que deveriam se realizar por iniciativa oficial e que haviam sido anunciadas bem antes do início dos jogos, apenas uma foi levada a efeito", e enumera todos os eventos que, ou não foram realizados, ou foram de maneira vexatória. Sobre o desfile dos 250 barcos das colônias de pesca, menos de 50 compareceram; sobre o concurso da Armada, apenas "nove barcos acenderam suas luzes, já no fim da festa"; sobre a queima de fogos, diz que "a festa foi fraca" e com poucas luzes no céu ("melhor teria sido guardar aqueles restos das festa junina"). Por fim, sobre a festa veneziana, o autor critica até o nome da festa, por ser alusiva a algo europeu, e não tipicamente brasileiro.

#### Número 30 (29 de julho)

– matéria "Elevação moral" (p.3) - **CATEGORIA 6**. O texto se apropria de palavras utilizadas pelo jornal uruguaio "El País" para elogiar o comportamento do torcedor brasileiro

mesmo após a derrota para o Uruguai no jogo final, com frases como "recebendo a queda dos seus ídolos com a elevação moral que define os rasgos espirituais de um povo". Diz o texto ainda que a seleção brasileira caiu com "dignidade" e que a derrota "não diminui o Brasil", e que o jornal uruguaio destacou "a correção do público brasileiro e a cordial acolhida dispensada aos orientais antes, durante e mesmo depois de conhecido o resultado". Por fim, o autor pede que esse comportamento dos torcedores sirva de "exemplo cívico" para todo o país. Trata-se, portanto, de um texto que busca enxergar virtudes do povo e da seleção brasileira mesmo diante de um revés.

– seção "A personagem da semana" (p.4) - **CATEGORIA 6**. A seção, apesar de trazer o presidente uruguaio como homenageado após a conquista do título, busca o tempo todo elogiar a torcida e o povo brasileiro, com expressões como "a educação esportiva de nossa terra se manteve digna de todos os louvores diante da derrota", assim como já fez na página anterior desta edição da revista. Somente no fim é que o texto justifica a escolha do personagem da seção, dizendo que o governo não poupou esforços "para homenagear os seus patrícios no regresso triunfal". O texto cita que o presidente uruguaio fez tremular, ao lado da bandeira do seu país, a bandeira brasileira, num "emocionante exemplo de fraternidade e educação esportiva". Portanto, além de apontar o bom comportamento da torcida brasileira, o texto subentende que o futebol aproxima nações vizinhas, e que tal comportamento deve ser levado para outras esferas.

– página de humor "A Copa Catete" (p.5) - **CATEGORIA 5**. A página é uma grande charge, com figuras políticas conhecidas naquela época vestidas com uniformes de jogador de futebol. No total, são dez políticos, divididos em quatro "times" diferentes (é possível perceber isso pelos uniformes), com o autor da charge querendo mostrar quem estava ao lado de quem na disputa eleitoral que haveria ainda naquele ano. Ou seja, eram candidatos disputando a bola (ou o voto) enquanto a Copa do Mundo era realizada, com cada um aproveitando o clima de euforia nos estádios para marcar presença e buscar votos. Trata-se, portanto, de uma charge que critica a maneira como a eleição era encarada como uma disputa pelos próprios políticos, tal qual uma partida futebolística.

– matéria "País feliz, esse Brasil" (p.6-17) - **CATEGORIA 1**. A longa reportagem busca encontrar aspectos positivos na realização da Copa do Mundo pelo Brasil, mesmo com a derrota da seleção para o Uruguai. E a solução encontrada para isso foi tratar a perda do título como um "acidente" e elogiar a organização do Mundial, a postura do time brasileiro, o comportamento dos torcedores, e o legado chamado Maracanã que o evento deixou para o país. Por exemplo, logo primeiro parágrafo da reportagem, o chamado lead, em que o autor resume o que o leitor lerá ao longo do texto, dá o tom exato do que viria a seguir. "De um acontecimento dessa natureza muitos proveitos podem tirar-se, muitas conclusões, dolorosas, sim, porém de futuro benefício". Ou seja, o jornalista que assina a matéria (a saber, Celestino Vieira) indica que a perda de um título que estava tão próximo da seleção brasileira não significaria a derrota do país, e que poderíamos colher muitos frutos após sediar o evento futebolístico de nível mundial. Em relação à própria derrota são usadas palavras que levam a crer que ela não foi "vergonhosa, irreparável e completa", pelo contrário, ela teria sido "honrosa". Claro que, ao longo das 12 páginas, em determinados momentos são feitas algumas críticas ao clima de vitória antecipado que pairava sobre todos – torcedores, políticos e imprensa – antes do jogo contra o Uruguai, e para desaprovar a atuação dos jogadores da seleção, tanto no quesito falta de vontade quanto no quesito técnico, ao dizer, por exemplo, que o goleiro Barbosa teria levado um frango. Mas, no geral, a reportagem traz termos positivos para falar sobre o estádio do Maracanã, principalmente para dizer que ele não ficaria abandonado após a Copa, e que outros campeonatos e partidas importantes, envolvendo até mesmo equipes estrangeiras, seriam realizados ali. O texto aponta que o local continuará sendo uma honra para o país e "o mundo continuará a interessar-se pelo estádio". Em relação à torcida, são usadas expressões como "entusiasmo", "hinos entoados em coro" e "tocados de fé e de esperança". Sobre a Copa, além de elogiar o Maracanã, o texto destaca que "mais de 36 milhões de cruzeiros foram arrecadados no Brasil, durante o torneio", apontando que, em termos financeiros, o Mundial trouxe benefícios. Já quando se refere à seleção, o autor utiliza referências como "fomos ao fim, com dignidade e nobreza", "derrubamos, um por um, a todos os adversários que nos foram escalados e só perdemos para o derradeiro" e "perderam em condições honrosas", sugerindo, ainda, que o time brasileiro deveria ficar feliz porque o Uruguai seria "um dos maiores, senão o maior competidor" entre todas as seleções do mundo. Seguem as reproduções das páginas que abriam a reportagem:



**"PAÍS FELIZ, ESSE BRASIL!"**

Pedro Escartin, delegado da Espanha, valoriza o aspecto moral da derrota brasileira - Campeões do mundo os uruguaios como poderiam ser os nossos - Conclusões lógicas do choque amargo.  
 Texto de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de NEWTON VIANA, JOSÉ SANTOS, ARNALDO VIEIRA JR. e ADIR VIEIRA

ESTER DO BRASIL - Estreia do desfile...  
 DURANTE O BRASIL - Era noite de comemoração de vitória...  
 O BRASIL COMENTA - Os jogadores...  
 O BRASIL COMENTA - Os jogadores...

– foto grande, quase de página inteira, com o título "O bolo que ninguém comeu" (p.58) - **CATEGORIA 3**. Trata-se de uma foto tragicômica que traz a imagem de um bolo estilizado, em formato de campo de futebol e com jogadores representados, e que seria partido pelos campeões mundiais brasileiros caso a seleção conquistasse o título. Mas como a seleção perdeu, ele teria ficado intacto. É uma brincadeira, portanto, com o favoritismo da seleção brasileira, considerada por todos – imprensa, torcedores, governantes – a grande candidata ao título, já que jogava pelo empate diante do Uruguai, e que já tinha até festa preparada para comemorar a conquista, com direito a queima de fogos de artifício e um bolo estilizado.

Para melhor visualizarmos as categorias exploradas pela revista, temos a seguinte tabela:

CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS NA <i>REVISTA</i> <i>DA SEMANA</i>
1- País moderno	1
2- Maracanã	1
3- Seleção Brasileira	3
4- Seleção estrangeira	3
5- País com problemas	4
6- Torcida	2

De acordo com os dados coletados, observamos que *Revista da Semana* publicou, entre as edições que vão de 8 de julho a 29 de julho de 1950, um total de 4 textos mostrando problemas brasileiros atrelados à Copa do Mundo. Se levarmos em conta que outros 3 textos abordavam seleções estrangeiras que vieram ao Mundial, notaremos que foram pelo menos 7 (ou 50% do total de 14) referências que não faziam elogios ao evento ou ao país, exatamente o mesmo número (7) de textos que apontavam aspectos positivos em relação à seleção brasileira (3), ao comportamento da torcida (2), ao Maracanã (1) e ao próprio Brasil (1). Portanto, podemos afirmar, em um primeiro momento, que esta publicação fez uma cobertura da Copa do Mundo de 1950 menos ufanista do que gostariam os governantes do país daquela época, ou seja, o discurso em relação ao evento não foi de todo otimista, de exaltação ao torneio.

Essa constatação tem a ver com o perfil da revista e com os critérios de noticiabilidade que os jornalistas utilizaram. Em primeiro lugar, é necessário lembrarmos que, quando descrevemos algumas características em relação à *Revista da Semana* no Capítulo 3, dissemos que ela produzia um conteúdo crítico sobre vários assuntos, em reportagens que buscavam apontar não apenas as qualidades e as coisas que davam certo no Brasil, mas também os problemas, como na agricultura, na política, na educação.

Assim, essa era a linha editorial do veículo, e tal postura crítica diante da competição de futebol entre seleções não fugiu à regra. Por isso, seja por meio de notas, charges ou mesmo em matérias maiores, os jornalistas da publicação apontaram vários problemas do país relacionados à Copa do Mundo, como o trânsito caótico nas imediações do estádio do Maracanã; o aproveitamento do evento por figuras políticas brasileiras em busca de votos para

as eleições que estavam por vir; os gastos excessivos na construção do estádio carioca e a ausência de estruturas como elevadores dentro dele; e a falta de organização por parte dos responsáveis pelo Mundial na hora de organizar eventos complementares à Copa.

Nem mesmo as seleções estrangeiras escaparam dos julgamentos negativos da publicação. Como pudemos notar, na página 56 da edição de 15 de julho, uma nota ("Enterro do foot-ball") questionava a real capacidade da seleção da Inglaterra, brincando com o fato de os ingleses terem inventado o futebol e apresentarem uma seleção ruim, que acabou desclassificada ainda na primeira fase da competição.

Sobre o fato de a revista utilizar o humor para tecer algumas dessas críticas, estudiosos como Felipe Boff (2013) apontam que essa foi uma maneira de, em um primeiro momento, as publicações jornalísticas darem sua opinião sobre os fatos de uma maneira mais velada, mas não menos contundente. "Amparada em melhores condições técnicas de impressão e com a vantagem de ter uma periodicidade mais dilatada, que permite maiores cuidados gráficos, [a revista] passou a exercer a opinião com ilustrações, charges e caricaturas" (p. 190). Por isso, nas revistas, Boff destaca que as opiniões, que inicialmente se restringiam às críticas literárias, como resenhas de obras culturais, puderam avançar para editoriais como a política, a economia, o social e até mesmo o esporte, exatamente como fazia *Revista da Semana*.

Podemos observar ainda que, entre as três referências encontradas que enfocaram o desempenho da seleção brasileira dentro de campo, ao menos uma, a da página 58 da edição de 29 de julho ("O bolo que ninguém comeu") não faz elogios à atuação do time. Pelo contrário, a foto e o texto, novamente com uma boa dose de humor (como podemos notar no próprio título da matéria), lembram que a conquista do título pelo selecionado da casa parecia tão certa, com jogadores, torcedores e autoridades tão confiantes na vitória (ou no empate, que já garantiria a taça de campeão ao Brasil), que a festa, com direito a bolo estilizado, já estava preparada. Mas, após o apito final do árbitro e a derrota surpreendente, o texto descreve que o bolo ficou intacto, já que ninguém teve coragem de saboreá-lo.

Então, na realidade, foram somente 6 referências (2 sobre a seleção brasileira, 2 sobre a torcida, 1 relacionada ao Maracanã e 1 sobre o país), de um total de 14, que trouxeram um ponto de vista mais favorável à Copa realizada no Brasil.

Sobre esse fato, em primeiro lugar, vale a pena destacarmos as duas matérias que elogiavam o comportamento da torcida brasileira nos jogos. Ambas foram veiculadas na

edição de 29 de julho, a mesma onde foi publicada a matéria sobre a derrota da seleção frente aos uruguaios, o que já mostra o artifício utilizado pela revista de enaltecer os torcedores mesmo diante do revés dentro de campo. Ou seja, ao invés de darem uma carga negativa para esta edição, mostrando o fracasso da equipe, os jornalistas e editores preferiram evidenciar os pontos positivos da Copa do Mundo, no caso, o bom comportamento da torcida que compareceu ao estádio no jogo final.

Na primeira matéria ("Elevação moral", p.3), como dissemos, o texto se apropria de palavras veiculadas em um jornal uruguaio para engrandecer a atitude dos torcedores brasileiros, desde a maneira como eles receberam a seleção do Uruguai ao longo da Copa até a postura diante da equipe brasileira derrotada, um verdadeiro "exemplo cívico". Na segunda ("A personagem da semana", p.4), como descrevemos, a revista usa a figura do presidente uruguaio para, mais uma vez, aprovar "educação esportiva" dos torcedores brasileiros, e finaliza dizendo que a decisão da Copa foi uma demonstração de fraternidade entre os dois países. Assim, em um momento em que o Brasil buscava se autoafirmar perante as demais nações do mundo, o comportamento dos cidadãos era importante para mostrar como o país era civilizado. Portanto, essas duas matérias vão ao encontro dos anseios dos governantes, que desejavam ter os meios de comunicação do "seu lado" na divulgação dos pontos positivos brasileiros. Mas, como já vimos, essa não foi a postura dominante de *Revista da Semana* ao longo do Mundial.

E é justamente na reportagem com maior número de páginas da edição ("País feliz, esse Brasil", p.6-17), a que traz o resultado e os desdobramentos da partida entre Brasil e Uruguai, que os profissionais da revista ratificam, ao menos neste número 30 (de 29 de julho), a preferência por exaltarem aspectos positivos relacionados à Copa do Mundo. Para isso, como mostramos, utilizam a tática de tirar a importância do título, dizendo que a seleção teria outras oportunidades para alcançar o sucesso (ou seja, desconsideram toda a trajetória do Brasil naquele Mundial, a preparação que o time fez, as goleadas que aplicou nos jogos anteriores, o envolvimento do país como um todo com o futebol naquele momento, e o fato de a equipe atuar dentro de casa, o que é uma oportunidade para poucas nações, ainda mais levando-se em conta que a própria Copa é disputada apenas de quatro em quatro anos) e que a derrota tinha sido um "acidente". Além disso, apontam que o evento esportivo deixaria um bom legado ao país, com ganhos concretos (como o estádio do Maracanã, o maior do mundo) e abstratos (como a capacidade de o Mundial teve de multiplicar a paixão do povo pela

seleção). Em resumo, trata-se de uma reportagem com um título autoexplicativo, que busca dissociar a derrota da seleção de um possível fracasso brasileiro fora de campo, enumerando algumas razões para o povo ser feliz, apesar da vitória uruguaia.

Em relação aos critérios de noticiabilidade, com base nas categorias que apresentamos no capítulo que discutiu essa teoria, acreditamos que, para *Revista da Semana*, as características relativas ao próprio produto foram as mais importantes no momento de definir como se daria a cobertura da Copa do Mundo de 1950. Questões como a linha editorial do veículo (de ser crítico em todas as editoriais, apontando problemas), a novidade (apresentar outros aspectos do evento que por ventura não seriam destacados pelas demais revistas), a brevidade (as matérias tinham pouca carga de texto e exploravam as imagens, em uma época em que a fotografia dentro do jornalismo tinha enorme importância, já que televisão ainda era algo distante da realidade do brasileiro) e o equilíbrio (dosar fatos positivos com negativos dentro de uma mesma edição ou mesmo ao longo de toda a cobertura de um tema, como a Copa) eram levados em consideração pelos profissionais da revista no momento de definir os rumos das pautas.

### 5.1.2 Fon-Fon!

Neste tópico, passamos a analisar as categorias abordadas pelas nove referências sobre a Copa publicadas por *Fon-Fon!* ao longo do período escolhido:

#### Número 2.256 (8 de julho)

– fotos de lances e pequenos textos (p.32 e 33) sobre as seleções durante a Copa do Mundo - **CATEGORIA 4**. As duas páginas trazem pequenas fotos (quatro por página) e legendas contando como foram os jogos entre Inglaterra x Chile e Suécia x Itália. Os textos, curtos e objetivos, informam apenas quem marcou gol e o resultado final das partidas.

– matéria "IV Campeonato Mundial de Futebol" (p.34 e 35), traz fotos e texto sobre a partida entre Brasil e México. As fotos retratam vários momentos do jogo de estreia das seleções naquele Mundial, como das duas equipes perfiladas antes da partida, do discurso das autoridades presentes e de lances do duelo - **CATEGORIA 3**. Como já foi dito anteriormente, esta matéria aborda a estreia da seleção brasileira no Mundial contra o México. Em seis fotos e textos curtos, característicos da revista na abordagem de qualquer tipo de

assunto, o relato é estritamente sobre o resultado do jogo, as autoridades que ali se fizeram presentes e o bom comportamento da seleção mexicana, que "a despeito de não ter resistido a alta classe da nossa equipe, foi um adversário digno, merecedor da nossa admiração, dado o alto espírito de esportividade e entusiasmo de seus componentes". É mais uma referência puramente informativa sobre a partida, sem qualquer citação a respeito do país, da torcida ou da grandiosidade do estádio do Maracanã, palco do duelo. Segue reprodução da matéria:



#### Número 2.257 (15 de julho)

– fotos com legendas (p.27) sobre a partida entre Inglaterra e Espanha na Copa - **CATEGORIA 4.** São quatro fotos e um pequeno texto sobre o duelo entre as seleções da Inglaterra e da Espanha, informando que os espanhóis levaram a melhor, mas sem especificar o placar exato do jogo. O conteúdo sobre a partida é extremamente raso, até porque, para o público feminino, o maior consumidor desta revista, pouco importava a realização da Copa no Brasil, na avaliação dos responsáveis pela revista.

– fotos e legendas (p.28 a 30) da partida entre Brasil e Iugoslávia (tem foto da arquibancada lotada, de lance de jogo, de comemoração de gol etc) - **CATEGORIA 3**. Assim como na edição anterior, a revista traz fotos (oito ao longo das três páginas) e um relato simples e direto sobre mais uma partida da seleção brasileira na competição, desta vez diante da Iugoslávia. Em termos de informação, o texto diz que foi uma "sensacional peleja", traz o placar do jogo (2 a 0 a favor do Brasil), e aponta o nome do autor de apenas um dos gols (Zizinho). Novamente, fica claro a falta de informações precisas.

#### Número 2.258 (22 de julho)

– fotos e legendas (p.32 a 35) da partida Brasil x Espanha, com muita variação de imagens, incluindo cena da torcida fazendo um lanchinho na arquibancada durante o jogo - **CATEGORIA 3**. Mais um relato, fotográfico e textual, sobre uma partida da seleção brasileira, desta vez já na fase final da competição, contra a Espanha. O texto, curto e pouco informativo, diz ter sido uma "sensacional peleja" e informa o placar final do jogo, 6 a 1 para os brasileiros, resultado em que "o onze nacional superou os resultados mais otimistas", mas sem dizer os jogadores que se destacaram e anotaram os gols. Nas duas primeiras páginas são apresentadas seis fotos de lances da partida e da formação das suas seleções. Já nas duas páginas seguintes, novamente seis fotos, mas desta vez focadas mais no entorno do jogo, como nas três torcedoras que aparecem fazendo um lanchinho na arquibancada, porque "com certeza deixaram de almoçar para poderem encontrar um bom lugar" no estádio, e nas celebridades (políticas, neste caso) que marcaram presença no jogo. Novamente, a revista assume um discurso de que a Copa é importante mais pelas pessoas envolvidas no fato do que pelo resultado esportivo em campo, até porque o futebol em si era um assunto de pouca afinidade com o público-leitor desta revista semanal. Segue a figura:



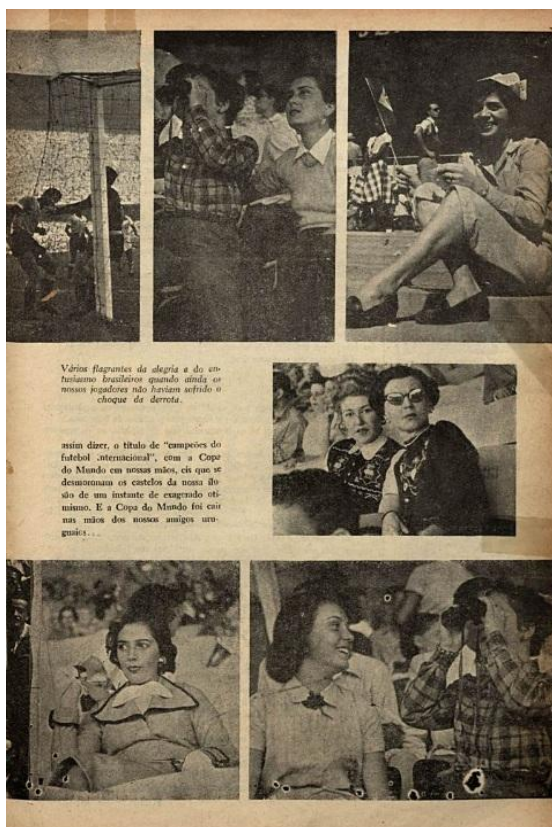
– fotos e legendas da partida Brasil x Suécia (p.36 e 37) - **CATEGORIA 3**. Outro relato (seis fotos e breves legendas) sobre a participação brasileira, agora no jogo diante da Suécia, também pela fase final. Novamente a seleção ganhou fácil, mas, para informar o placar da partida, a revista não chega a elogiar a atuação do Brasil, e diz apenas que "o selecionado sueco perdeu de 7 x 1 para o Brasil". Os autores de três dos gols são identificados em fotos que mostram o momento em que balançaram a rede adversária (Ademir, Chico e Maneca), mas os demais atletas que fizeram gols não são informados pelo texto. Pela importância do jogo (o penúltimo da seleção) e pelo resultado (goleada que deixava o time canarinho bem perto do título), a cobertura da revista foi muito simplista, mas jamais podemos nos esquecer que o esporte nunca foi o foco editorial de *Fon-Fon!*, publicação voltada para o mundo da moda, das celebridades e dos hábitos de vida e de consumo no exterior.

– fotos e legendas da partida Espanha x Uruguai (p.38) - **CATEGORIA 4**. São quatro fotos e seis linhas de texto para mostrar o que foi o jogo entre espanhóis e uruguaios, pela fase final do Mundial. Mais uma vez, a única informação importante passada pela matéria é que o duelo, disputado em São Paulo, terminou empatado em 2 a 2. O suficiente, na visão dos editores responsáveis, para o público-leitor da revista.



Número 2.259 (29 de julho)

– fotos e legendas (p.33 a 35) sobre a derrota do Brasil para o Uruguai no último jogo - **CATEGORIA 3**. No acervo digital da revista *Fon-Fon!* consultado para esta pesquisa, esta matéria não estava completa. No material que estava disponível para consulta, é possível perceber que, além de informar o resultado do jogo – derrota brasileira para os uruguaios por 2 a 1 e perda do título –, as fotos (várias) e os textos (curtos) exploram, mais uma vez, as autoridades políticas que marcaram presença no estádio e, principalmente, o comportamento da torcida, que passou da euforia à tristeza ao fim da partida. Diz o texto que o título estava nas "mãos" do Brasil, mas que desmoronou "o castelo da nossa ilusão de um instante de exagerado otimismo", e completa afirmando que "caiu sobre a torcida brasileira a amargura do desengano". Portanto, esta é a primeira vez que a revista emite uma opinião sobre algum jogo da seleção brasileira, com uma crítica ao excesso de otimismo que tomava conta do estádio do Maracanã antes e durante a final. Chama a atenção o fato de que as fotos de torcedores mostram apenas mulheres nas arquibancadas, sempre bem vestidas, sorridentes e com adornos como óculos escuros. Fica nítido que, diante da linha editorial de *Fon-Fon!*, o desfile de moda que se viu nas arquibancadas era mais importante do que o que ocorria dentro das quatro linhas do campo. Abaixo, a página com as mulheres retratadas nas arquibancadas:



– coluna "Sob a grande marquize" (p.40) aborda a perda da taça da Copa do Mundo pelo Brasil. Esta é a primeira vez que a coluna fala de futebol desde o começo daquele ano, período pesquisado nesta dissertação - **CATEGORIA 1**. Ao longo de toda a Copa do Mundo, é a primeira vez que esta coluna, presente em todas as edições da revista, aborda algum fato relacionado ao evento. O(A) autor(a), identificado(a) apenas por "Miss 'N'", usa a primeira parte do texto para contar sobre a final entre brasileiros e uruguaios – o restante da coluna fala sobre corrida de cavalos, assunto não relevante para esta pesquisa. Diz 'N' que o jogo "foi um acontecimento emocionante que sacudiu os nervos de todos os brasileiros". O autor afirma que, apesar de o povo brasileiro parecer "mole, pouco apegado a terra e muito despreocupado", mostrou-se envolvido com a possibilidade de a seleção conquistar seu primeiro título mundial de futebol. O jogo teria demonstrado "como este torrão é querido por todos que aqui nasceram", segundo o texto. Após a derrota, o autor afirma que jogo é "um divertimento", que a derrota foi coisa do "destino", que a seleção perdeu "com a elegância de jogadores de classe" e que a torcida, apesar da tristeza, mostrou ser um "povo civilizado". Ou seja, o texto procura mostrar as qualidades do país, como a alegria, o amor pela pátria e a civilização do povo. Segue reprodução da coluna:



Para melhor visualizarmos as categorias exploradas pela revista, temos a seguinte tabela:

CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS NA REVISTA <i>FON-FON</i>
1- País moderno	1
2- Maracanã	0
3- Seleção Brasileira	5
4- Seleção estrangeira	3
5- País com problemas	0
6- Torcida	0

Antes de a bola rolar pela Copa do Mundo, *Fon-Fon!* publicou uma reportagem relevante sobre os problemas relacionados ao trânsito que o torcedor iria enfrentar ao redor do estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, nos dias de jogos. O texto dava informações importantes sobre como o torcedor poderia fazer para se locomover até o estádio e evitar congestionamentos, com dicas de linhas de bonde que chegavam até o estádio e de locais para estacionar o veículo.

A referida matéria não entrou no diagnóstico que fazemos neste capítulo, pois foi publicada fora do período definido para análise (entre 8 e 29 de julho de 1950), mas serve de comparação para verificarmos como a revista não adotou este mesmo comportamento em relação ao Mundial assim que os jogos começaram. Como podemos verificar nos dados da tabela acima, depois que a seleção brasileira estreou no torneio, *Fon-Fon!* limitou-se a informar, por fotos e textos simples, o resultado de alguns dos duelos realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, os dois palcos esportivos mais relevantes daquele Mundial, e situados nas cidades mais desenvolvidas do país àquela altura. Nada de matérias que retratassem os problemas causados pela Copa ou mesmo os ganhos do país com a organização do campeonato, até porque este era o perfil de comportamento que a publicação adotava em relação aos demais conteúdos (política, economia, sociedade, cultura etc.).

Essa constatação da tabela também nos permite afirmar que revista priorizou, como um critério de noticiabilidade, a informação básica sobre os principais jogos da Copa do

Mundo disputados em cidades mais próximas dos jornalistas que trabalhavam para o veículo, pois vale lembrar que a redação de *Fon-Fon!* se localizava no Rio de Janeiro. Ou seja, questões como acessibilidade à notícia e proximidade do jornalista com a fonte ou com o local de ocorrência do fato foram determinantes para que os responsáveis por este veículo de comunicação escolhessem as partidas que iriam acompanhar ao longo do torneio.

Chama a atenção também o fato de que, a respeito da primeira fase da competição, além de relatos sobre partidas do Brasil, a revista trouxe a cobertura de outros três duelos: Inglaterra x Chile; Suécia x Itália; Inglaterra x Espanha. Nota-se, portanto, que nos três havia pelo menos uma seleção europeia – na verdade, nos dois últimos, apenas países daquele continente estavam envolvidos –, sendo que a Inglaterra jogou em dois deles. Não dá para ter certeza de qual foi o critério utilizado pelos editores para escolher esses jogos para acompanhar, mas o fato de os ingleses serem declarados oficialmente os inventores do futebol e de a Europa, para *Fon-Fon!*, ser vista como um modelo – de organização, de civilidade, de modernidade, de hábitos a serem copiados, como já mostramos nesta pesquisa – para o Brasil certamente pesaram para que esta decisão fosse tomada.

Em relação às referências sobre as partidas da seleção brasileira encontradas nesta publicação, fica claro que o objetivo dessas matérias era dar o mínimo de informação esportiva, até porque, como vimos, o público-alvo da revista era composto majoritariamente por mulheres, e o futebol, apesar de ser uma modalidade em pleno crescimento no país àquela altura, ainda era muito ligado à figura masculina por ser considerado um esporte viril, de contato físico.

Por isso, os textos não trazem ao menos informações básicas, como os autores de todos os gols do jogo, os destaques em campo, o número de torcedores presentes nas arquibancadas ou qualquer tipo de avaliação mais embasada sobre o desempenho das seleções. Todas as matérias tinham ao menos duas fotos, uma de cada seleção, com os 11 jogadores perfilados, naquela tradicional posição que adotam para que os fotógrafos tirem foto antes de o jogo começar, mas tais imagens não indicavam o nome dos atletas que ali estavam, como faziam os veículos de comunicação mais ligados à área esportiva.

Além disso, havia muitas fotos que mostravam os torcedores nas arquibancadas – a maioria das vezes, de mulheres, em clicks bem aproximados onde era possível verificar os trajes de gala que elas vestiam para ir ao estádio. Novamente, não podemos esquecer que revelar as novidades da moda pelo mundo afora era um dos focos de *Fon-Fon!*, por isso a

preferência por retratar as figuras femininas bem vestidas acompanhando as partidas. Também eram publicadas nestas páginas fotos de autoridades e celebridades, especialmente políticas, que marcavam presença nos jogos. Ou seja, outro critério de noticiabilidade utilizado pelo veículo era, portanto, a importância das pessoas envolvidas com o fato, por isso a decisão de identificar as pessoas conhecidas e poderosas que iam ao estádio, e não o torcedor comum, fazendo da arquibancada um cenário típico das colunas sociais publicadas pela revista.

Coube, assim, a uma coluna de opinião, assinada por uma pessoa identificada apenas por "Miss 'N'", tecer comentários um pouco menos enxutos e exaltar o Brasil em tempos de Copa do Mundo. Ao mesmo tempo em que o texto critica o povo brasileiro por parecer "mole, pouco apegado a terra e muito despreocupado", o elogia quando o assunto era o envolvimento dele com a seleção do país. O autor aponta que o Mundial de futebol fez despertar nas pessoas um sentimento de amor pela nação que poucos conheciam, vê a derrota na final contra o Uruguai como algo normal, de jogo, considera o futebol um divertimento, enaltece a dedicação dos jogadores em campo e ainda, exalta a civilização demonstrada pelo povo, antes, durante e depois dos jogos.

É claro que este texto é superficial, não traz dados ou situações que comprovam as afirmações. Mas como ele foi publicado após a realização do duelo entre brasileiros e uruguayos que definiu o título do torneio, pode ser encarado como um desfecho, uma espécie de balanço final sobre a primeira Copa do Mundo disputada no país. E, assim como *Fon-Fon!* preteriu da sua cobertura jornalística, ao longo da competição, fatos como as obras do estádio do Maracanã e os eventuais problemas relacionados ao evento esportivo, nenhum desses assuntos está presente no texto derradeiro sobre o Mundial.

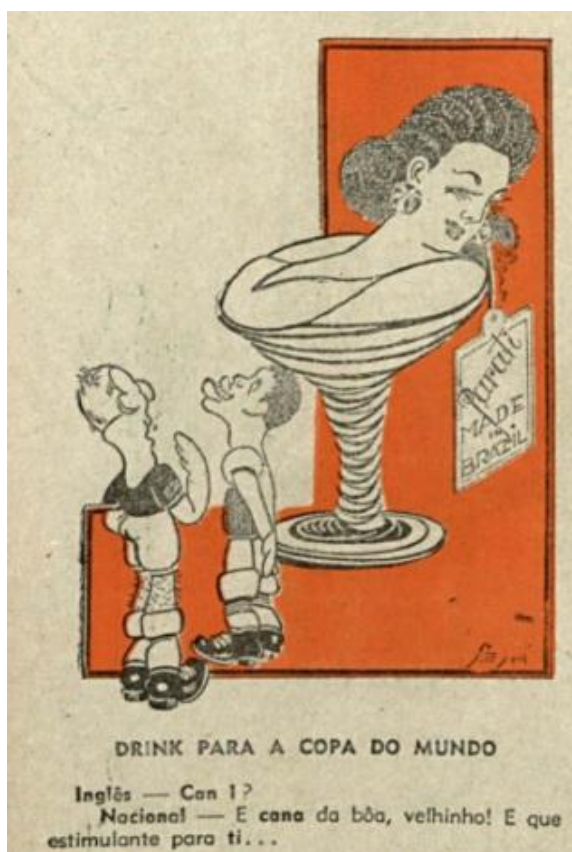
### 5.1.3 Careta

Abaixo, elencamos e analisamos as categorias abordadas pelas 14 referências sobre o Mundial de Futebol publicadas por *Careta* ao longo do período escolhido:

#### Número 2.193 (8 de julho)

– charge "Drink para a Copa do Mundo" (p.16) - **CATEGORIA 5**. A charge apresenta uma mulher em forma de drink e com uma etiqueta escrita "Parati - Made in Brazil". Em frente a ela, dois jogadores de futebol, devidamente trajados como tais (calção, meiões, chuteira)

conversam. O primeiro é identificado por "Inglês" e pergunta: "Can I?", expressão que, traduzida, quer dizer "Eu posso?". E o segundo atleta, denominado "Nacional", responde: "E cana da bôa, velhinho! E que estimulante pra ti...". Podemos identificar aqui ao menos dois estereótipos negativos do Brasil. O primeiro de que a mulher brasileira é um produto, "tipo exportação", ou seja, existe para ser consumida pelos turistas que visitam o país. E o segundo de que, além da mulher, o outro produto que atrai os estrangeiros é a bebida alcoólica, como a cachaça, tão consumida mundo afora. Ou seja, os jogadores das seleções estrangeiras que aqui desembarcariam para a disputa da Copa do Mundo estariam, na verdade, em busca destes dois "artigos" made in Brazil, enquanto o futebol seria deixado em segundo plano. Não deixa de ser também uma crítica à FIFA por ter escolhido o país para sediar o evento: é como se aqui não existisse nada mais interessante aos turistas, a não ser o turismo sexual e o turismo alcoólico, estereótipos tão combatidos atualmente, mas que, infelizmente, ainda existem, especialmente em épocas como o Carnaval. Assim, enquanto o governo brasileiro buscava, em tempos de Copa do Mundo, modificar a imagem do Brasil perante o mundo, vendendo o país como moderno, em desenvolvimento, urbanizado e civilizado, a revista explorava o lado negativo nesta charge. Abaixo, uma reprodução da charge:



– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.30 e 31) - **CATEGORIA 3**. A matéria traz relatos e fotos sobre a estreia da seleção brasileira na Copa contra o México, em jogo que terminou 4 a 0 para os donos da casa e que marcou também a primeira partida oficial realizada no estádio do Maracanã. O texto aborda a grande quantidade de torcedores que acompanharam o duelo na "maior praça de esportes do mundo - excusez du peu", ou seja, elogia a grandiosidade do Maracanã e ainda, com essa expressão em francês, o autor pede "desculpas pela modéstia". Mas também cita que o trânsito no local ficou complicado, com as vias que davam acesso ao estádio "entupidas de veículos que avançavam palmo a palmo". Interessante observar que, assim como *Fon-Fon!* fazia nas coberturas dos jogos do Mundial, *Careta* traz uma foto de cada seleção posada, mostrando os 11 jogadores de cada time que iniciaram a partida. Mas, ao contrário da concorrente semanal, *Careta* presta um serviço essencial para os adoradores do futebol e publica a escalação das equipes, com o nome dos 11 atletas. Outra semelhança entre as duas revistas é que *Careta* também não identifica os autores dos quatro gols do duelo. E, apesar da goleada na estreia, a publicação critica a atuação da seleção brasileira. Segundo o texto, o jogo foi "fraco", o Brasil estava "mal organizado", o resultado poderia ter sido "facilmente dobrado", não fosse a "péssima direção" dos chutes dos brasileiros, e a vitória não era "motivo para euforia". Segue a reprodução:

**Campeonato Mundial de Foot-Ball**



**C**OM o jogo Brasil x México foi inaugurado o Estádio Municipal, construído pela Prefeitura do Distrito Federal para que nele sejam realizados os jogos mais importantes do presente Campeonato Mundial de Foot-Ball.

Desde muito cedo a maior praça de esportes do mundo — excusez du peu... — se pôs a esboçar de gente, vindo dos quatro cantos da cidade, de modo que, ao meio-dia, já estava quase repleta. As treze ou quatorze horas as vias de acesso à praça de esportes da Av. Maracanã se achavam entupidas de veículos que avançavam palmo a palmo.

Logo após o hasteamento dos pavilhões dos países que ora disputam o Campeonato, apresentaram-se no gramado as duas equipes assim constituídas:

**BRASIL**  
Barbosa, Augusto e Juvenal — Eli, Danilo e Rigole — Manoel, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça.

**MEXICO**  
Carbalal, Zetter e Montchayre — Reis, Uchou e Boca — Septim, Ortiz, Castrin, Perez e Velasquez.

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.32 e 33) - **CATEGORIA 4**. Fotos e relatos do jogo entre Inglaterra e Chile, também disputado no estádio do Maracanã, no Rio, e vencido pelos ingleses por 2 a 0. Mesma fórmula da matéria anterior, e que irá se repetir em todas as matérias sobre as partidas da Copa: foto posada e escalação das duas seleções, além de algumas impressões do autor do texto sobre o desempenho dos times. A matéria afirma que a Inglaterra teve dificuldades para vencer os chilenos, pois os sul-americanos foram "combativos" e jogaram com "grande entusiasmo". Sobre a seleção europeia, o autor diz que, embora ela seja "concorrente ao título" e tenha atletas "robustos e ageis", deixou a impressão de que não é "tão boa quanto se diz". Trata-se, portanto, de um texto jornalístico adjetivado, como eram os demais encontrados na revista em outras editorias.

#### Número 2.194 (15 de julho)

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.20 a 23) - **CATEGORIA 3**. Cobertura da partida entre Brasil 2 x 0 Iugoslávia, o terceiro da seleção da casa pela primeira fase da Copa, disputada novamente no Maracanã. Ou seja, o segundo jogo do time, empate contra a Suíça em 2 a 2, realizado três dias antes no estádio do Pacaembu, em São Paulo, não teve a mesma atenção de *Careta*. Nesta matéria, novamente foto posada dos 11 jogadores brasileiros, escalação das duas seleções, e breves descrições sobre a partida. O autor escreve que pela primeira vez no Mundial os torcedores do Brasil saíram do estádio "sem trazer na alma um pouco de desilusão". Segundo ele, nas duas primeiras partidas o time não tinha feito boa apresentação, mas contra os iugoslavos "nosso selecionado atuou incomparavelmente melhor". O autor diz que, no futebol, não se pode fazer prognósticos, "mas não obstante isso, declaramos que acreditamos na vitória do Brasil" na Copa. Ou seja, o jornalista usa o discurso em primeira pessoa do plural para dizer isso, como se todas as pessoas envolvidas com a revista *Careta* tivessem aquele mesmo sentimento e torcessem pelo título brasileiro. O texto traz ainda elogios aos torcedores que lotaram as arquibancadas, ou melhor às "150 mil bocas que berravam a plenos pulmões", com o coro "mais fantástico" que já teria existido. Trata-se, portanto, de uma matéria otimista, que exalta a equipe e a torcida brasileiras.

– matéria "Campeonato Mundial de Foot-Ball" (p.24 e 25) - **CATEGORIA 4**. Fotos e relatos do jogo Inglaterra 0 x 1 Espanha, também disputado no estádio do Maracanã, no Rio. Assim como na cobertura feita na outra partida do selecionado inglês, o autor tece críticas negativas



ao time. Diz que, contra o Chile, a Inglaterra entrou em campo cheia de "fumaça" e "achando que o jogo seria uma tremenda barbada"; contra os Estados Unidos, país que "joga admiravelmente bem... o rugby", levou o primeiro "sapeca" e perdeu por 1 a 0; e diante dos espanhóis, os ingleses fizeram "magnífica exibição de ping-pong", em um jogo de "passes curtos e matemáticos, muito bonito de se ver porém muito fraco de rendimento". O autor escreve também que o "golpe de misericórdia" na Inglaterra teria sido dada pelos torcedores brasileiros, que acenaram com lenços brancos da arquibancada, "cujo significado pode ser traduzido desta maneira: by-by boys; vão pela sombra". Ou seja, ele deixa claro a decepção de todos com o desempenho dos ingleses, até então considerados favoritos ao título da Copa. E o texto encerra com um alerta à seleção brasileira, que enfrentaria a Suécia na abertura da fase final dias depois: "vejam lá, senhores schrotchmen brasileiros, se temos que escrever crônica semelhante a respeito de vocês...". Assim, enquanto na matéria anterior o autor fazia elogios à seleção brasileira, nesta outra há ainda uma certa insegurança em relação ao time.

– charge "Entre o livro e a 'pelota'..." (p.32) - **CATEGORIA 5**. A charge apresenta um diálogo entre um pai, sentado numa poltrona e lendo jornal, e um filho, que está sentado em uma cadeira, próximo a uma mesa, lendo um livro. O cenário tem ainda uma janela grande, com bela vista para a paisagem, o que nos faz acreditar ser aquela uma casa de família de boas condições financeiras. O filho diz: "Não acha o senhor, meu pai, que é mais importante para o Brasil ter um crack do que ter mais um doutor?!...". Observa-se nesta charge a ironia, em que o autor critica o fato de o Brasil, naquele momento, dar mais importância ao futebol do que aos estudos. Mesmo um jovem de classe social mais alta já apresentava interesse em largar os estudos e tentar uma carreira na modalidade, já que os meios de comunicação davam muito destaque à Copa, e o governo brasileiro tinha investido muito dinheiro em obras e no estádio do Maracanã, tudo para sediar a competição da FIFA. O silêncio do pai, que não responde ao filho, deixa claro que aquela era uma pergunta difícil de se responder, já que a realidade mostrava que sim, o jovem tinha razão, mas que aquela não era uma ideia correta. Como explicar tudo isso a uma criança? Nesta mesma página, uma nota com o título "O trânsito, seus problemas e soluções" aborda o problema do trânsito no Rio de uma maneira geral, e cita que as imediações do Maracanã em dias de jogos ficam muito congestionadas. O autor elogia o secretário estadual de trânsito, que teria tomado algumas providências e amenizado o problema no estádio. Assim, temos duas críticas ao Brasil nesta página: na charge, à

importância dada ao futebol, dizendo que no país jogador era mais bem sucedido que médico; na nota, aos congestionamentos causados pelas partidas de futebol.

Número 2.195 (22 de julho)

– seção Black Notes (p.6) traz o título "O nosso fracassado turismo" - **CATEGORIA 5**. A seção toda foi utilizada pelo autor para criticar o turismo brasileiro em tempos de Copa do Mundo. O texto começa dizendo que todos no país acreditavam que o turismo, "fonte inevitável de dólares e propaganda", compensariam os gastos que o governo teve para organizar o Mundial de futebol, incluindo a "construção suntuária do Estádio Municipal", mas que essa foi a "ilusão" que alimentamos no "embalo da publicidade pessoal do Prefeito". Em termos de futebol, a Copa teria sido um sucesso, mas "em matéria de turismo, tivemos uma decepção", considera o autor. Em linhas gerais, ele aponta como causa principal para esse fracasso o Departamento de Turismo da Prefeitura, "que não funcionou de modo eficaz" ao não divulgar, mundo afora, informações essenciais aos estrangeiros sobre o Rio de Janeiro, como preços, mapas, atrações, curiosidades, localizações e informações gerais sobre a cidade: "turista não se atrai senão com informações úteis, seguras, exatas e tranquilizadoras". O autor acredita que turismo "não se faz apenas com paisagem", e que algumas notícias sobre assaltos, desabastecimento de água e problemas de transporte afugentaram os estrangeiros do Brasil em tempos de Copa. Ou seja, em um único texto o autor consegue apontar os problemas mais crônicos, do Rio e do país, e a ineficácia dos governantes para reverter esse quadro. Um texto, portanto, totalmente contrário ao que o governo pregava antes do Mundial, de que o Brasil era uma nação organizada, moderna, em franco desenvolvimento e pronta para receber turistas. Abaixo, uma reprodução da crítica seção:

**BLOCK NOTES**  
O NOSSO FRACASSADO TURISMO

**Z**ODA gente estava certa de que a Copa do Mundo ia ser um motivo de atração turística para o Brasil. Tarifários, pois, compensados os nossos grandes sacrifícios, com o afluxo de uma numerosa caravana de turistas — fonte inevitável de dólares e propaganda. Nesse pressuposto muita gente concordou com todas as prodigalidades do Prefeito, inclusive a construção suntuária do Estádio Municipal. Vindo em massa para o Brasil com os seus dólares, efim de assistirem à Copa do Mundo, os turistas pagariam com juro alto todos os nossos gastos, e no final das contas haveria ainda um bom saldo a nosso favor. Foi essa a ilusão que alimentámos durante largo tempo, ao embalo da publicidade pessoal do Prefeito.

Entretanto, realizada no Brasil a disputa da Copa do Mundo, que do ponto de vista desportivo foi sem dúvida um brilhante acontecimento (e seria positivamente tólo e injusto negar o seu êxito), verificamos com tristeza que, em matéria de turismo, tivemos uma decepção e um desapontamento. A Copa do Mundo — não obstante acompanhada de touradas, festa veneziana e outros carnavales — não teve força para trazer ao Rio nem um turista! Não só foi incapaz de canalizar para o Brasil as esperanças e apregoados torrentes de turistas dos planos do Prefeito, como não chegou sequer a atrair para nós o curiosidade nem mesmo de meia dúzia de aficionados internacionais do foot-ball. Segundo o melancólico depoimento dos donos dos hotéis e dos gerentes das Companhias de Turismo, a Copa do Mundo deixou indiferentes os turistas americanos e europeus!

Por que esse fracasso da Copa do Mundo como atração turística? Qual o motivo da integral ausência de turistas no Rio durante a inauguração do Estádio Municipal — que é o maior do mundo? Certamente devem ser múltiplas e complexas as causas d'esse lastimável moçoim. Um primeiro lugar deve ser reconhecido o Departamento de Turismo

da Prefeitura, que não funcionou de modo eficaz e organizado. O Departamento de Turismo, para ser útil, deve ter larga capacidade de difusão internacional, espalhando pelo mundo inteiro não só propaganda atraiante e inteligente, sendo também informações essenciais sobre hotéis (preços, instalações, condições de conforto, localização), restaurantes (instalações, localizações, menus, quantidade, preços), estradas (com os respectivos mapas, suas direções de penetração, condições técnicas, hotéis e restaurantes, abastecimento de gasolina etc.); museus, obras d'arte, relíquias históricas, peculiaridades nacionais (inclusive culinárias); e, por fim, diversas atrações de toda ordem, paisagens, sites pitorescos, etc. etc. Ora, isso não fez, que nos conta, o Departamento Municipal de Turismo. E isso não fez porque não tinha no gênero, organizada e eficaz, para mostrar. As nossas instituições relacionadas com o assunto, como o Touring Club e o Automobile Club, não possuem sequer aqueles úteis mapas do nosso sistema rodoviário (com as informações correlatas: quilometragem, abastecimento, reparos, hotéis e postagens) que as sociedades congêneres da Europa e dos Estados Unidos oferecem, gratuita e largamente, a todos os turistas que visitam seus centros de turismo. E turista não se atrai sendo com informações úteis, seguras, exatas e tranquilizadoras. Porque ninguém sai de sua casa para viagem de turismo para se amolar, entender e aborrecer com problemas elementares de transporte, de alimentação, de hospedagem e de recreação.

A verdade é que não é apenas com paisagem que se faz turismo. O turista e exigente: além de paisagem, ele quer conforto, prazer, tranquilidade, segurança. Não gosta de ser roubado nos taxis, nos hotéis ou nos restaurantes, nem tempo de perder-se n'uma bela cidade sem transportes, sem divertões e sem abastecimento onde tudo em última análise é caro, escasso e ruim. Se desejamos trazer turistas para o Rio, cumpre-nos preliminarmente não só prepararmos para isso, organizando de modo adequado e moderno o nosso Departamento de Turismo. Na situação em que nos encontramos atualmente, as nossas veleidades turísticas são tólas e inconseqüentes, se não forem muitas vezes impudentes e ridículas, como no caso da Copa do Mundo.

**Pater-Pan**

**SAIBA...**

... que em 1954 que o vice-rei do Egipto Saad Pacha deu autorização para abertura do canal de Suez. Seu sucessor, Ismael Pacha, inaugurou-o em 1959. O canal tem 160 quilômetros de comprimento.

... que em quase todos os trens do Jazir há um velho bibliotecário.

... que há em França uma "Fédération de l'Hygiène", que reúne cinquenta e dois clubes essencialmente dedicados a esse jogo.

... que a cidade de Sofia é muito antiga: ali se realizou, no século IV, famoso êxodo; mas somente em 1878 tornou-se capital da Bulgaria.

**DO CONTRA?  
- EU, MEIN...!**

**Puxa vida!**

Logo au que sempre estus prest' no trabalho e a div' não l' fad' las, se tanto Eni f'ra, a d'as e o de- parar e o deltar. Esse regime me- lles mas bon humor invenç'. Eni co- bote o príado de ver'ra e ali- m'ca os f'ctos de orga lazo. Não seja "do contra" fa e como su, toma

**SAL DE FRUCTA**

**ENO**

A vida de hoje precisa d' ENO!

**6** **22-7-1950**

– matéria "Brasil x Suécia" (p.19 a 23) - **CATEGORIA 3**. Nas quatro páginas de cobertura sobre a goleada por 7 a 1 do Brasil sobre os suecos, além de muitas fotos e das tradicionais escalações das seleções, a revista abusa dos adjetivos para elogiar a atuação da equipe. O texto começa lembrando os jogos anteriores do Brasil para dizer que finalmente a seleção "resolveu jogar foot-ball de verdade". Diz que os atletas "jogaram assombradamente", tiveram "domínio absoluto" e que, se repetirem a mesma atuação nos próximos duelos diante de espanhóis e uruguaios, "sairão vencedores com certeza", garantindo o título inédito. O autor fala ainda que "Ademir e Zizinho estavam com toda corda", os zagueiros "foram muito firmes" e que os suecos "souberam perder como gentlemen", ao dizerem que "É honroso perder assim". Por sim, o jornalista escreve que "Tudo isso que acabamos de escrever é resultante do entusiasmo e do otimismo de que nos encontramos possuídos", e pede para os jogadores não "estragarem tudo no dia 13", pedindo para que eles atuem "sem brincadeiras porque sofremos do coração". É mais um texto otimista, como o próprio autor define, mas novamente faltaram informações como os autores dos oito gols do jogo.

– matéria "Espanha x Uruguai" (p. 24 a 26) - **CATEGORIA 4**. Aqui, *Careta* acompanhou a partida entre as seleções, disputada no Pacaembu. O autor define o duelo como uma "tourada", porque "os disputantes perseguiram antes as canelas dos adversários do que a bola", e diz que o jogo teve muitos "incidentes" e "pontapés", mas que o juiz "fechou os olhos e deixou o espetáculo continuar". Ou seja, traz informações típicas da imprensa esportiva, mostrando que parece entender do assunto, o que agrada aos leitores que gostam de futebol, pois conseguem imaginar como foi a partida. No final, o jornalista aponta que, com o empate em 2 a 2, "os beneficiados fomos nós, que ficamos na frente dos disputantes", mas mostra preocupação com a violência que esses dois times podem apresentar nos jogos contra o Brasil: "se fizerem o mesmo contra os jogadores brasileiros, será que o Campeonato acabará em paz?". Assim, é mais uma matéria puramente esportiva, focada nas ações dentro de campo.

– charge "Goal" (p.28) - **CATEGORIA 5**. A charge retrata a conversa entre dois homens que parecem se conhecer. Um deles está caracterizado como um carioca do tipo "malandrão": chapéu cheio de estilo na cabeça, traje social, bengala pendurada no braço, e charuto e um belo sorriso na boca. Do outro, escondido atrás do primeiro, só é possível ver a expressão de susto no rosto. E é ele quem pergunta ao amigo: "Mas por que tanta alegria? Você nunca se interessou por foot-ball." E a resposta do malandro é: "Ah, seu Degas, que sucesso, que sucesso; a patroa foi ao jogo e não voltou". Trata-se, portanto, de um estereótipo do homem carioca, que gosta de aproveitar a vida e prefere não ter a mulher por perto para repreendê-lo. A charge toca, ainda, na questão da presença das mulheres nos jogos da Copa, criticando o fato de elas irem ver as partidas sozinhas, com as amigas e sem os companheiros, interessadas em mostrar para a alta sociedade suas roupas luxuosas e ver em campo atletas estrangeiros de porte físico avantajado. E deixa no ar, ainda, a possibilidade de a mulher ter se enamorado com alguém no estádio, a ponto de não voltar para casa – o que parece não incomodar nem um pouco o marido. Assim, a charge acaba reprovando as atitudes do homem e da mulher que moravam no Rio de Janeiro.

– charge "O técnico" (p.29) - **CATEGORIA 3**. A charge faz referência ao jogo Brasil e Suécia, pela primeira rodada da fase final do Mundial, e que terminou em goleada por 7 a 1 a favor dos brasileiros. Nela, dois senhores conversam sobre a partida, e pela expressão de ambos, parecem estar exaltados – um deles, inclusive, está com o dedo em riste, próximo ao

rosto do outro. E é ele quem diz: "Eu também estive lá, no jogo Brasil x Suécia. Achei que o Flavio Costa continua errando. Se fosse eu teria escalado dois center-fowards. Para que goal-keeper?...". A charge retrata um hábito típico de torcedor, algo que parece ter nascido há muitas décadas: o de querer opinar na escalação dos técnicos de futebol. Neste caso, apesar de a seleção brasileira ter vencido facilmente a equipe europeia, o torcedor critica a escalação do técnico Flavio Costa, sugerindo que ele escalasse dois centroavantes e tirasse o goleiro, sendo que jamais um time atuou sem um guarda-metas. A charge mostra, portanto, que mesmo depois da goleada, ainda havia desconfiança em relação ao selecionado brasileiro, já que em pelo menos dois dos jogos da primeira fase o time não tinha feito uma apresentação empolgante, mesmo com o apoio de dezenas de milhares de torcedores nas arquibancadas.

– carta na seção dos leitores (p.33) com o título "A grande compensação" - **CATEGORIA 5**. Mais um texto carregado de duras críticas ao governo do Rio de Janeiro. Um leitor identificado apenas por "X" – o que é estranho, já que todas as demais cartas da seção são assinadas por nomes reais de pessoas – desaprova, no início do texto, toda a festa feita em torno da inauguração do estádio do Maracanã, com direito a "champagne, discursaria, risos alvares e bajulação de estilo". Diz ele que os discursos foram rasos e que os políticos, alguns em campanha, já que seriam realizadas eleições naquele ano, se aproveitaram do ato para se aproximarem dos eleitores. "X", depois, chama o estádio de "elefante branco de cimento armado", e enumera vários problemas da população carioca que poderiam ser resolvidos com o dinheiro investido no Maracanã: a falta de água, especialmente para "os bairros pobres e 400.000 faveleiros"; a falta de esgoto e as epidemias decorrentes disso; a falta de escolas para "80.000 crianças"; a "balburdia no tráfego urbano" e a falta de meios de transporte subterrâneos; o encarecimento do custo de vida; a precariedade da saúde pública; a falta de habitações; o "abandono do sertão carioca"; a deficiência no policiamento; a falsificação de alimentos e medicamentos; "o funcionalismo inútil e dispendioso"; o excesso de buracos nas ruas; o desmatamento; a deficiência na limpeza urbana. Fica até difícil imaginar que algum problema da cidade tenha escapado das críticas do leitor. Podemos considerar esse texto um editorial de *Careta*, pois ele parece refletir muitas das opiniões dos responsáveis pela revista. Como notamos até aqui, a publicação, sempre que pode, com ou sem humor, critica o fato de a Copa do Mundo ser realizada no Brasil, um país carente de muitas coisas. Ao condenar o aspecto eleitoreiro da inauguração do Maracanã, e apontar todas as deficiências do Rio, o

texto vai, obviamente, contra a propaganda que o governo fazia sobre os benefícios que o evento esportivo traria ao país. Segue a reprodução da carta:

le interessante quadro, já publicado por mais de uma vez, do resultado a que se chegará, no Distrito Federal, com os dissídios coletivos, quanto aos comerciários. Segundo esse quadro, dentro de alguns anos — coisa ainda para a nossa geração... — um comerciário estará ganhando apenas mais de um milhão de cruzeiros por mês...

Penso, pois, que nova publicação do referido quadro seria recebida com muito agrado pelos numerosos leitores de "Careta".

Feita essa sugestão, subscrevo-me, atenciosamente,

Afonso Gama

N. da R.  
O quadro a que o leitor se refere é o seguinte:

Ordenado Inicial	Mensal	
	Cr\$	1.000,00
2.º ano - 1.º dissídio mais 30% - Cr\$	300,00	1.300,00
3.º ano - 2.º " " " " " " " "	390,00	1.690,00
4.º ano - 3.º " " " " " " " "	507,00	2.197,00
5.º ano - 4.º " " " " " " " "	659,10	2.856,10
6.º ano - 5.º " " " " " " " "	856,80	3.712,90
7.º ano - 6.º " " " " " " " "	1.103,90	4.826,80
8.º ano - 7.º " " " " " " " "	1.448,00	6.274,80
9.º ano - 8.º " " " " " " " "	1.882,40	8.157,20
10.º ano - 9.º " " " " " " " "	2.447,20	10.604,40
11.º ano - 10.º " " " " " " " "	3.181,30	13.785,70
12.º ano - 11.º " " " " " " " "	4.135,70	17.921,40
13.º ano - 12.º " " " " " " " "	5.376,40	23.297,80
14.º ano - 13.º " " " " " " " "	6.989,30	30.287,10
15.º ano - 14.º " " " " " " " "	9.086,10	39.373,20
16.º ano - 15.º " " " " " " " "	11.812,00	51.185,20
17.º ano - 16.º " " " " " " " "	15.355,60	66.540,80
18.º ano - 17.º " " " " " " " "	19.962,20	86.503,00
19.º ano - 18.º " " " " " " " "	25.950,90	112.453,90
20.º ano - 19.º " " " " " " " "	33.736,20	146.190,10
21.º ano - 20.º " " " " " " " "	43.837,00	190.047,10
22.º ano - 21.º " " " " " " " "	57.014,10	247.061,20
23.º ano - 22.º " " " " " " " "	74.118,40	321.179,60
24.º ano - 23.º " " " " " " " "	96.353,90	417.533,50
25.º ano - 24.º " " " " " " " "	125.260,10	512.793,60
26.º ano - 25.º " " " " " " " "	162.838,10	705.631,70
27.º ano - 26.º " " " " " " " "	211.689,50	917.321,20
28.º ano - 27.º " " " " " " " "	275.196,40	1.192.517,60

Esta tabela foi calculada de acordo com o Jurisprudência firmada pelo Ministério do Trabalho, para servir de base aos aumentos de salário em consequência de dissídios coletivos, aumentos que serão em média de 30%. Pela legislação trabalhista os operários poderão promover um dissídio coletivo por ano.

**A GRANDE "COMPENSAÇÃO"**

"Voto não enche barriga!" Enchem-na, porém, os "bestialógicos" e as "inaugurações"!

A mentira bombástica faz parte do programa!

Para compensar a posse desse elegante branco de cimento armado, temos:

a) falta d'agua em toda a cidade, especialmente nos bairros pobres e para 400.000 favelados;

b) falta de esgotos em grande área da cidade, gerando epidemias;

c) falta de escolas para 80.000 crianças;

d) balbúrdia no tráfego urbano, para o qual o subterrâneo já faz falta há trinta anos;

e) serviço precário de assistência médica;

f) encarecimento progressivo da subsistência, apesar do apregoado crescimento da produção;

g) dificuldade de residência, não obstante o (ou por causa do) congelamento dos aluguéis;

h) abandono do sertão carioca, a despeito da gabolice do "cinturão verde";

i) deficiência de policiamento, apesar da existência de sete qualidades de polícia;

j) falsificação descarada de gêneros alimentícios e de medicamentos;

k) plethora de funcionalismo inútil e dispendioso;

l) esburacamento em toda a área da cidade;

m) devastação de matas;

n) deficiência de limpeza, até nos bairros de luxo.

O caudilho pretende "corrigir" tudo isso. Nós, entretanto, corrigimos o "corrigir" para "agravar".

X.

**Pequenas Pílulas de REUTER para o fígado**

Laxo-purgativo vegetal de ação eficaz. Ajuda o aparelho a evacuar suave, eficaz e prontamente os resíduos indesejáveis intestinais.

**L&K** testinais

Número 2.196 (29 de julho)

— matéria "Brasil x Espanha" (p.19 a 21) - **CATEGORIA 3**. Cobertura tradicional (fotos de lances, fotos posadas das duas seleções, escalações e impressões do autor sobre o desempenho do Brasil, ausência dos nomes dos atletas que fizeram os gols) sobre a partida, válida pela segunda rodada da fase final, e que terminou com nova goleada brasileira, desta vez por 6 a 1. O autor diz que tudo levava a crer que a seleção espanhola, "a Furia, como era conhecida antes do jogo", seria o adversário mais duro que o Brasil enfrentaria nesta fase, pois já tinha vencido a Inglaterra e empatado com o Uruguai na Copa, mas que o resultado em campo foi outro. "A Furia foi amansada [...]. Saímos naquela tarde do estádio convencidos de que a vitória brasileira no Campeonato eram favas contadas". Em seguida, o autor elogia os atletas brasileiros, nomeando alguns deles, inclusive, como o goleiro Barbosa, que "fizera defesas magistrais". Mas como essa matéria foi publicada na mesma edição que o relato da derrota do

Brasil para o Uruguai (como veremos na reportagem a seguir), o autor já sabia que o título da Copa não tinha ficado em terras brasileiras. Por isso, depois dos elogios, ele começa a tecer acríticas à festa antecipada que teria sido armada depois da goleada contra os espanhóis. "Cometeram erros indesculpáveis", escreve ele, sobre a festa preparada pelos governantes, com direito a fogos de artifício, bebida e escola de samba, para comemorar o título após o duelo contra o Uruguai. "Só serviram para enervar ainda mais os nossos jogadores", continua o autor, emendando que "os palhaços se puzeram a comemorar logo pela manhã, dentro e fora do Estádio, com estouros de rojões, [...] por banda de música e samba que haviam sido convocadas pela Prefeitura [...]". Assim, a matéria já deixa explícito que o Brasil não conquistou o título, reprovando a atitude dos que já estavam prontos para a festa.

– matéria "Brasil x Uruguai" (p.22 e 23) - **CATEGORIA 3**. A matéria sobre a decisão do Mundial, na verdade, é uma continuação da anterior. O texto, inclusive, começa sem a tradicional capitular, no meio de uma frase já iniciada na página anterior, em que criticava os rojões que pipocavam no ar antes mesmo de o jogo iniciar. "Sucede, porém, que o foot-ball tem esquisitices", afirma o autor. Em seguida, elege o "vilão" brasileiro, colocando toda a culpa pela derrota no goleiro Barbosa, até então elogiado, inclusive na matéria anterior: "Perdemos para os uruguaios e é preciso ser justo e dizer a verdade: perdemos porque não mereceríamos ganhar. Barbosa, desde o começo, jogou mal. A segunda bola que deixou entrar foi verdadeiro 'frango'". O autor comenta ainda a má atuação de outros setores da seleção, como o zagueiro, "que não deu no couro", o meio de campo, que "pregou, quase parou", e os atacantes, que "visivelmente nervosos, desperdiçaram várias oportunidades". Mas o peso pela perda do título recaiu mesmo sob as costas do goleiro Barbosa, não só para *Careta*, mas para grande parte da mídia esportiva brasileira, que até hoje critica a atuação do jogador. No fim, o texto traz uma repreensão ao esquema tático da equipe, que deveria ter cuidado mais da defesa quando vencia por 1 a 0, sendo que o empate já bastaria para o Brasil ser campeão. "Andamos, evidentemente errados, no último jogo do grande certame...", conclui o autor. Obviamente, se durante toda a Copa do Mundo os textos referentes às partidas da seleção brasileira continham sempre críticas ao time, mesmo em goleadas, na despedida do Mundial, com a decepção da derrota, a revista não deixaria de apontar os erros do time e de todos os que comemoraram o título antecipadamente após a goleada sobre a Espanha. Vale dizer ainda que este texto não tem as tradicionais escalações das duas seleções, o que é uma falha, ainda

mais em se tratando de uma partida decisiva, que todo aficionado por futebol gostaria de saber e até de guardar como recordação. Segue a reprodução da matéria:



Para melhor visualizarmos as categorias exploradas pela revista, temos a seguinte tabela:

CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS NA REVISTA <i>CARETA</i>
1- País moderno	0
2- Maracanã	0
3- Seleção Brasileira	6
4- Seleção estrangeira	3
5- País com problemas	5
6- Torcida	0



De acordo com os dados coletados, observamos que *Careta* publicou, nas quatro edições que vão de 8 de julho a 29 de julho de 1950, 14 matérias que se concentraram em apenas três das seis categorias definidas para análise nesta pesquisa. Quase a metade delas (seis no total) abordavam o desempenho da seleção brasileira dentro de campo, sendo cinco matérias (com textos curtos e fotos) e uma charge. Apenas um jogo do time comandado pelo técnico Flavio Costa não foi acompanhado de perto pela revista, justamente o único não disputado no estádio carioca do Maracanã: foi o duelo contra a Suíça, realizado no estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Assim, já podemos apontar o local das disputas dos confrontos envolvendo os brasileiros como um critério de noticiabilidade utilizado pela publicação para definir as partidas que receberiam cobertura jornalística, da mesma maneira que já tinha ocorrido com *Fon-Fon!*, como vimos anteriormente. E, assim como a sua concorrente no mercado das revistas semanais ilustradas naqueles anos, a redação de *Careta* se localizava no Rio de Janeiro, o que facilitava o deslocamento da equipe de reportagem ao estádio, ao passo que, naquela época, enviar jornalistas para acompanhar partidas de futebol em outros estados era um gasto possível para pouquíssimos veículos de comunicação, restrito, talvez, apenas à imprensa especializada em esportes e a grandes jornais e revistas.

Ainda sobre as referências a respeito dos jogos do Brasil, chamou a atenção o fato de as cinco matérias trazerem as escalações das suas seleções que se enfrentaram, com o nome dos jogadores escalados na ordem das posições em que atuavam, ou seja, começando pelo goleiro, passando pelos defensores, meio-campistas e finalizando com os homens do ataque, tal qual a imprensa publica até os dias de hoje. Como já foi dito, saber quais atletas entraram em campo é um hábito adorado pelos que acompanham o futebol, além de servir como registro histórico aos que pesquisam e guardam este tipo de material. Junto com as escalações, *Careta* também trazia a tradicional foto posada dos 11 atletas das duas equipes, outro elemento muito apreciado pelo público apaixonado pelo esporte. Essas duas características reafirmam que a revista tinha os homens como público-alvo principal.

Estas cinco matérias, vale ressaltar também, focavam o jogo em si, as ações ocorridas dentro de campo. O comportamento dos torcedores acomodados nas arquibancadas ou mesmo ao redor do estádio, chegando para a partida, não recebeu qualquer destaque ao longo da cobertura da revista. Os textos eram curtos e informativos, traziam a descrição de um

ou outro lance, ou mesmo a jogada de algum gol, e tinham ainda uma boa carga de opinião, pois o jornalista sempre criticava ou elogiava determinados jogadores.

A seleção brasileira, mesmo nas partidas em que vencida com tranquilidade, era sempre retratada com desconfiança. A cautela adotada pelo autor no texto e as críticas ao clima de "já ganhou" (por parte da torcida, de uma boa porcentagem da imprensa e até de pessoas ligadas à seleção) contrastavam com o bom desempenho em campo, pelo menos no que diz respeito aos resultados, já que foram quatro vitórias e um empate até chegar ao duelo decisivo contra o Uruguai. Tal discurso possivelmente era usado para fazer oposição ao utilizado pelo governo brasileiro, de que a Copa do Mundo seria um sucesso em todos os sentidos para o país. Já a charge referente à seleção brasileira, quando o autor critica o técnico Flavio Costa, reproduz essa mesma característica das matérias: reprovar o desempenho do time dentro do gramado.

Como notamos pelo quadro, foram publicadas três matérias a respeito de confrontos entre seleções estrangeiras: Inglaterra x Chile, Inglaterra x Espanha e Espanha x Uruguai. Como em *Fon-Fon!*, temos em *Careta* a presença da seleção inglesa em dois destes jogos, o que pode ser explicado por dois critérios de noticiabilidade: a relevância histórica do país para o futebol – os ingleses são considerados os inventores da modalidade, além de ter sido um inglês, Charles Miller, o personagem que teria trazido o futebol para o Brasil, no início de 1863, segundo a historiografia especializada – e também pelo suposto favoritismo ao título que era dado à Inglaterra antes de a Copa do Mundo começar.

Também percebe-se que os espanhóis participaram de duas destas três partidas cobertas pela publicação. Novamente, dois critérios podem ajudar a explicar essa preferência da revista pelo país: primeiro, o fato de que a colônia da Espanha no Rio de Janeiro era uma das maiores entre os estrangeiros (talvez atrás apenas de italianos e portugueses), ou seja, era de se imaginar que havia muitos torcedores do país acompanhando o Mundial no Brasil; segundo, a avaliação de que a seleção espanhola era forte e poderia fazer frente ao Brasil na fase final, tanto que havia eliminado a própria Inglaterra na primeira fase da competição.

Essas três matérias com jogos entre times estrangeiros seguiam o mesmo formato das reportagens sobre as partidas da seleção brasileira: textos curtos e adjetivados (normalmente para criticar o desempenho das equipes, especialmente da Inglaterra, considerada a grande decepção do Mundial), com descrição de algumas jogadas; escalações e fotos posadas das equipes; imagens de lances e ausência de registros, textual ou fotográfico, sobre os torcedores

nas arquibancadas. Portanto, são matérias direcionadas ao público formado por leitores masculinos.

Por fim, vamos à análise das cinco referências encontradas sobre a categoria 5, ou seja, que falam de problemas do Brasil enquanto país, fora dos gramados da Copa, mas relacionados ao evento esportivo em si. Em primeiro lugar, observamos que foram publicadas três charges, uma seção e uma carta de leitor com críticas ao país. Ou seja, nenhuma matéria assinada por jornalista, com análises e desaprovações a respeito do Brasil e do Mundial, foi encontrada em *Careta*. Isso pode ser um indício de que os editores da revista não queriam associar a imagem da publicação a essas críticas, já que quem assumiria a autoria por esses julgamentos seriam os chargistas, o leitor e o profissional responsável pela seção *Black Notes*. Dessa forma, as opiniões contidas nestas cinco referências podem até ter sido mais severas do que se o problema fosse retratado em uma matéria assinada.

Os problemas retratados nas charges, na carta e na seção foram distintos, mas abarcaram várias áreas do país: estereótipos negativos da mulher brasileira, do Brasil como um país em que os estrangeiros poderiam visitar e se aproveitar das "maravilhas" daqui (a própria mulher e a bebida alcoólica), e do carioca "malandrão"; o tratamento exacerbado de ídolo que o jogador de futebol tinha por aqui (na charge em que o filho diz que quer parar de estudar para virar jogador); o trânsito caótico; o turismo que não vingou com a Copa por falta de divulgação eficiente do governo e por conta da insegurança do país; e todos os problemas (sociais, políticos, econômicos e ambientais) retratados na carta do leitor, que não convém citá-los novamente aqui, pois já foram descritos anteriormente.

Ou seja, no momento em que os governos municipal, estadual e federal, e boa parte da imprensa tentavam passar uma imagem positiva do Brasil, com os objetivos de atrair os turistas estrangeiros para a Copa, mostrar ao resto do mundo que o país estava em pleno desenvolvimento e, principalmente, fazer a própria população brasileira acreditar que a nação estava se modernizando, que as condições de vida de todos estavam melhorando, *Careta*, de diversas maneiras, revela que o otimismo era exagerado, que ainda havia sérios problemas a serem resolvidos, e que todo o dinheiro gasto com a organização do evento esportivo, especialmente na construção do Maracanã, poderia ter sido utilizado de maneira mais proveitosa para o povo.

Assim, é possível concluir que a revista, com sua invariável proposta de cunho crítico e provocador, ancorada na sátira política e na crítica social frequentemente presentes

no conteúdo que publicava, transportou essas características quando foi realizada a Copa do Mundo de 1950, utilizando vários tipos de textos (escritos, fotográficos, charges, seções etc.) para mostrar que a seleção brasileira não conquistou o título por desconsiderar a força do adversário uruguaio na decisão e por fazer festa antecipada, e para apontar os problemas que o evento teria causado ao país, desde o excesso de trânsito, a gastança de dinheiro e a idolatria (exagerada, na visão dos editores) que já existia pelos jogadores de futebol.

#### 5.1.4 O Cruzeiro

Para finalizar as análises das quatro revistas, avaliamos, neste tópico, as categorias abordadas pelas 30 referências sobre a Copa do Mundo publicadas por *O Cruzeiro* ao longo do período escolhido:

##### Edição de 8 de julho

– artigo "Literatura e Futebol" (p. 6), de autoria de Genolino Amado - **CATEGORIA 5**. O autor se aproveita da realização da Copa do Mundo para comparar Inglaterra e Brasil, mas não no campo do futebol, e sim, da literatura relacionada ao esporte. Segundo ele, não era possível prever como seria a participação da seleção inglesa no Mundial, pois "todas as surpresas são possíveis no futebol", mas que, seja qual fosse o desempenho dos jogadores britânicos, "em nada alteraria a posição da velha Albion como verdadeira campeã da literatura inspirada no bate-bola. Ela ganha de longe, por vários tentos, do próprio Brasil", escreve o autor (nota: em uma rápida pesquisa na Internet, descobrimos que Albion é o nome celta para designar a Grã-Bretanha). Em seguida, Genolino compara o discurso proferido por um deputado pernambucano quando Recife recebeu a seleção brasileira após uma excursão pela Europa, com textos esportivos de autores britânicos, como J. B. Priestley. Segundo ele, o discurso do político brasileiro era raso, repleto de "nacionalismo", enquanto nos textos que escrevia Priestley mostrava "extraordinário realismo, densidade nas observações e força no estilo". Na sequência, o autor publica trecho traduzido de uma das crônicas do inglês.

– matéria "Torre de Babel" (p. 12 a 15 + 82) - **CATEGORIA 5**. O pano de fundo para esta reportagem de cinco páginas é o jogo de estreia da seleção brasileira na Copa, quando goleou o México por 4 a 0. Mas o texto reúne pequenas histórias curiosas contadas pelo jornalista David Nasser, que assina a matéria. O ponto em comum entre elas é que fazem crítica a algum

problema vivenciado por torcedores de outros países que foram ao Maracanã assistir a partida. A primeira história é de um inglês que enfrentou longo congestionamento nas imediações do estádio antes do jogo. Segundo este torcedor, tinha sido mais fácil "entrar em Tobruk" (nota: a batalha de Tobruk aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial) do que "transpor a fronteira do Maracanã". A segunda história critica a falta de organização e de pessoas bem informadas para ajudar os torcedores a encontrar seu lugar dentro do estádio. Segundo David, um turista japonês, "que por desgracia só sabia japonês", precisou se contentar em assistir ao jogo da arquibancada, mesmo tendo em mãos um ingresso para cadeira cativa. Isso porque ninguém o entendi para explicar onde ficava o lugar dele. O jornalista diz que, se o japonês fosse se sentar no lugar exato para o qual comprou o tíquete, teria que achar a rua certa, que daria acesso ao portão certo, que o possibilitaria entrar no setor certo e, depois, localizar o assento certo: "E a essa altura, o jogo já teria terminado e ele ainda não teria encontrado a sua preciosa cadeira. Nessa fantástica torre de babel, as indicações em português de nada valiam". A terceira história é sobre um brasileiro, Brício de Abreu, que também não encontrava o lugar correto dentro do estádio. De acordo com o jornalista, Brício já tinha abordado vários agentes contratados para isso, mas não recebia a informação adequada. Foi quando abordou outro funcionário e, em francês, perguntou como fazia para encontrar o assento. E logo recebeu a resposta adequada. "Aquele bisonho funcionário de agência de turismo não quer se cansar e só informa a estrangeiros", contou Brício. Ou seja, mais uma crítica à falta de atendimento adequado nas imediações do estádio. David Nasser, na sequência, narra alguns lances da partida entre brasileiros e mexicanos, mas sempre a partir do olhar dos torcedores estrangeiros, como de um italiano, que reclama da atuação da seleção da casa, e do mexicano, que não consegue assistir ao jogo porque todos ficam em pé na arquibancada. O jornalista reclama ainda da poeira em volta do estádio, e logo depois passa a falar sobre a partida entre Inglaterra e Chile, também ocorrida no Maracanã, no dia seguinte, um domingo. "Em vez de poeira tem lama suficiente para atolar carros", escreveu. Ele reclama que a informação sobre setores e cadeira "piorou" neste segundo dia, que havia "muito policial troncudo à espera de um protesto para baixar a lenha", e conta que um iugoslavo ameaçava ir embora do Brasil, pois, mesmo com ingresso na mão, não tinha conseguido entrar no estádio para ver a estreia da seleção brasileira e também estava com dificuldades de assistir ao duelo entre ingleses e chilenos. Portanto, um texto sobre jogos da Copa, mas repleto de desaprovações dos turistas que foram (ou tentaram ir) ao estádio carioca. Em termos de fotos, a matéria tem retrato da

seleção brasileira posada, da arquibancada lotada, do goleiro brasileiro Barbosa no aquecimento pré-jogo, e de políticos e pessoas famosas que estavam no Maracanã.

– matéria "Brasil x México; Inglaterra x Chile" (p. 16 a 19 + 42) ) - **CATEGORIAS 3 E 4**. O título bem direto deixa claro que, desta vez, a matéria falará apenas sobre os fatos ocorridos dentro de campo nas duas partidas disputadas no Maracanã. Em relação à apresentação da seleção brasileira, o autor afirma que o segundo tempo deixou os torcedores animados, já que "os 'bailarinos atletas' eram os donos da cancha", e que o placar, 4 a 0, só não foi maior por conta da boa atuação do goleiro mexicano Carvallal. O texto trata ainda sobre a arrecadação com bilheteria, que foi um recorde sul-americano – "mais de dois milhões e quinhentos mil cruzeiros". No total, são 18 fotos, a maioria referente a Brasil x México, com muitos flagras de lances, gols, comemorações, além de cenas da arquibancada, do árbitro, da imprensa, das seleções posadas (do Chile e da Inglaterra). Sobre o duelo entre chilenos e ingleses, o jornalista afirma que "não convenceu a atuação inglesa", mesmo vencendo a partida por 1 a 0: "ninguém poderia imaginar que os chilenos fossem dar o trabalho que deram aos chamados 'mestres da pelota'", escreve. Para ele, a Inglaterra decepcionou, apesar de se mostrar mais "técnica e perigosa" que a seleção chilena. Em determinado momento, o autor compara "a improvisação brasileira" (referência ao estereótipo de que o Brasil pratica um futebol alegre e sem muita organização, tal como seu povo é) com a "cronometragem inglesa" (referência ao estilo retilíneo e correto, sem surpresas, do futebol inglês), deixando claro que o futebol brasileiro tinha encantado muito mais do que o apresentado pelos favoritos ingleses. Com essa matéria, o autor mostra certo otimismo em relação ao Brasil na Copa do Mundo.

– matéria "Suíça versus Iugoslávia" (102 e 103 + 42) - **CATEGORIA 4**. Matéria sobre a partida entre Suíça e Iugoslávia, disputado em Belo Horizonte. Na linha fina (texto localizado logo abaixo do título e que resume para o leitor o que a matéria contará) o autor diz que foi o "verdadeiro futebol da velha escola" e "com um final sensacional", elogiando a atuação das equipes. O texto começa com elogios à postura dos jogadores suíços, chamados de "grupo de 'gentlemen'", e brinca com o fato de eles serem considerados o país dos relógios: "talvez por serem da terra dos relógios, resistiram uma hora exata aos grandalhões iugoslavos (o 1º gol foi marcado aos 15 minutos do segundo tempo)" e, depois disso, "o relógio rebentou a corda", com o jogo terminando em 3 a 0 para a Iugoslávia. Após descrever alguns lances da partida, o

jornalista mostra conhecimento e passa a analisar as duas seleções em termos táticos, algo que não vimos em nenhuma das revistas até então. Ele usa frases como "praticaram as duas seleções um futebol da velha escola que o Brasil abandonou pela inovação da diagonal"; "joga a Iugoslávia dentro do padrão inglês (WM), com os dois zagueiros marcando os pontas"; "se aprenderem a marcação cerrada, hão de melhorar"; "A dinâmica do quadro está tôda nos dois médios e nos dois meias"; entre outras. E a parte mais curiosa do texto (e não menos informativa) ficou para o final, quando o jornalista abre um tópico, chamado "Quem são eles", e explica como são formadas as duas equipes. A seleção da Iugoslávia, por exemplo, é "composta de funcionários públicos (em sua maioria)", os jogadores "procedem somente de 3 cidades" e a maioria deles "tem de 24 a 28 anos". Já no selecionado suíço, os atletas "têm profissões mais diversas" como "operário, comerciário, professor, advogado, contador e eletricitista". E, no último parágrafo, o autor fala sobre o estádio Independência: ano de construção, capacidade, público que recebeu naquele jogo, renda arrecada com a venda de ingressos e para qual seleção os brasileiros torceram. Ou seja, a quantidade e a qualidade da informação trazida pelo jornalista neste texto, que não era nem sobre uma das partidas mais importantes da Copa, mostra o preparo de *O Cruzeiro* para acompanhar o evento.

– matéria "Derrota da Squadra Azzurra" (p. 104 a 106) ) - **CATEGORIA 4**. Matéria sobre a estreia da então bicampeã do mundo, a Itália, contra a Suécia, em duelo disputado no estádio do Pacaembu (SP) e que terminou com vitória sueca por 3 a 2. Trata-se de mais um texto rico em detalhes sobre as condições de cada seleção, a tática e o jogo. Nos primeiros parágrafos, o autor dá um panorama sobre o surpreendente resultado. Afinal, "se dizia a boca pequena que os bicampeões mundiais do esporte bretão fariam um 'passeio' na cancha", pois a Itália era "uma das mais sérias concorrentes ao título", enquanto sobre os suecos "afirmava-se serem bisonhos, primários, desprovidos de técnica e de qualidades", já que um time daquele país tinha feito excursão recente pelo Brasil, para disputar amistosos, e caído "espetacularmente em quase todos os 'matches' por goleadas acachapantes". Só nesses trechos separados já é possível identificarmos referências ao futebol praticado pelas seleções, em que o jornalista mostra conhecimento sobre o tema. Ele ainda cita, neste início de texto, que o futebol na Itália já era profissional e que a seleção do país tinha se preparado muito para a Copa, com rígido regime de concentração (jogadores confinados em um hotel, com hora marcada para tudo), enquanto na Suécia a modalidade ainda era amadora, e a seleção tinha chegado um dia antes a

São Paulo para disputar a partida. Na sequência, o autor usa adjetivos para descrever alguns lances do jogo, elogiar ou criticar atletas e avaliar o nível técnico dos times. Diz, por exemplo, que os times eram "lentos, sem precisão nos passes, preferindo os tiros longos sem direção, com uma ligação deficiente entre o ataque e a defesa, sem harmonia e sem conjunto". Chama a atenção ainda o fato de o autor trazer o tempo de jogo para descrever os lances, como em "o empate surge aos 28 minutos, numa jogada espetacular de Jepsen". Esse artifício é utilizado até hoje na cobertura jornalística pela imprensa esportiva. O texto ainda cita a torcida, dizendo que "do lado dos italianos estão o Brás e o Palmeiras, e do lado dos suecos os sampaulinos e corinthianos", em que o jornalista mostra, novamente, conhecimento sobre o futebol, já que o time do Palmeiras foi fundado por italianos, daí a torcida dos palmeirenses pela seleção da Itália, enquanto os são-paulinos e corinthianos, até pela rivalidade regional com os palmeirenses, estavam do lado da Suécia. No fim, o jornalista diz que o resultado foi justo, avalia que a seleção italiana "decepcionou, na extensão máxima da palavra", traz a ficha técnica das duas equipes, e ainda analisa a atuação do árbitro Jean Lutz, "que teve um desempenho apenas regular", prejudicou "mais os vencedores do que os perdedores" e "teve o trabalho facilitado pela excelente disciplina apresentada pelos dois bandos". Mais uma vez, avaliações de quem realmente parecia entender de futebol, e escritas para um público que, ao que parece, também gostava de acompanhar os detalhes da modalidade. Em relação às fotos, a matéria traz as seleções posadas, dois lances do jogo e uma do árbitro.

#### Edição de 15 de julho

– Capa da edição - **SEM CATEGORIA**. Esta referência ao Mundial de Futebol não se encaixa em nenhuma das categorias analisadas nesta pesquisa, mas não poderíamos deixar de citá-la porque mostra a preocupação de *O Cruzeiro* em acompanhar o evento. A capa traz, como sempre, a foto de uma mulher, mas a chamada textual diz: "Neste número: Copa do Mundo - 26 paginas esportivas com jogos no Distrito Federal, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e em Pôrto Alegre". Um destaque chamativo para atrair os leitores que queriam saber todos os detalhes sobre a Copa, e mais uma prova de que a equipe da revista estava preparada para fazer a cobertura dos jogos em cinco das seis capitais que receberam o Mundial – Recife era a sexta cidade que abrigou a competição. Abaixo, reprodução da capa:





– matéria "A Copa errada" (p. 12 a 19 + 26) - **CATEGORIA 5**. Esta grande reportagem foi escrita durante o jogo Brasil 2 x 0 Iugoslávia, mas pouco diz da partida em si. No geral, apresenta fotos e fatos importantes relacionados à Copa, ou melhor, aos problemas relacionados ao Mundial. Seis das nove páginas do material são compostas apenas por fotos, tiradas a partir da arquibancada, em meio aos torcedores, e que retratam, além da alegria e da tensão das pessoas durante um jogo do Brasil, o aperto das arquibancadas e a falta de organização por parte dos responsáveis pela Copa. Mas é no texto que estão as principais críticas do autor. Não se trata de um relato sobre uma partida, e sim, de uma série de narrativas e opiniões a respeito dos problemas relacionados ao evento esportivo em si. O jornalista inicia dizendo que teve que fazer a matéria "da cadeira numerada 2, letra G, setor 25, 140 cruzeiros pagos, debaixo de goteira", pois a "inepta e inexistente Comissão de Imprensa criada para a Taça Jules Rimet" não conseguiu controlar o acesso ao espaço reservado aos jornalistas dentro do estádio do Maracanã e, por isso, ele tinha sido tomado por "880 pseudojornalistas, enquanto a alguns profissionais em serviço se procurava dificultar a missão". Essa é a primeira deixa para que o autor critique a falta de organização em todo o

esporte brasileiro. "Só de trata de esporte, no Brasil, em função do lucro. O atletismo está abandonado, o tênis foi pôsto à margem, o basquete atravessa fase ruim, a natação já não interessa. Só o futebol, porque o futebol dá renda. Essa história de cultura física, de aprimoramento racial, não passa de bobagem sem nexo para os mentores esportivos do Brasil". Em seguida, ele critica o fracasso do turismo durante a Copa. Explica que isso só aconteceu porque a Confederação Brasileira de Desportos não quis gastar dinheiro com a propaganda no exterior e "se recusou a imprimir cartazes e a divulgar as nossas coisas na Europa e noutros continentes". Para comprovar a tese, o autor traz uma notícia da "'Match', a maior revista da França: - Temos a impressão de que não será realizada a disputa da Taça Jules Rimet no Brasil em 1950. Nada sabemos a respeito da construção do novo estádio e só se propala, aqui, a falta de hotéis e acomodações para turistas". Por isso, "Dos noventa mil, apenas uns dois mil turistas apareceram por aqui", aponta o autor. E os que vieram, continua ele, "sentiram-se deslocados, sem informações, sem guias, sem facilidades". Depois, passa a falar da pouca evolução do futebol brasileiro. Cita, por exemplo, que anos antes do Mundial, "Enquanto os nossos só sabiam dar chutes longos e quase sem direção, tornando difícil receber a pelota, os ingleses, os húngaros, os austríacos e outros possuidores de bons quadros se empenhavam cada vez mais em aprimorar o sistema de marcação e de passe". E desaprova até a escolha de Flávio Costa para ser o técnico da seleção brasileira na Copa: "Flávio Costa, que foi um 'crack' no Flamengo, estava longe de supor que seria transformado em técnico da seleção nacional - e num bom técnico". O autor usa jogos do Brasil naquele Mundial para reпреnder as atuações de vários jogadores e do time em si, e discorda de algumas escolhas do treinador para definir os 11 titulares. No fim, o jornalista analisa, em dois parágrafos, a vitória do Brasil contra a Iugoslávia. Pelo que descrevemos, portanto, a reportagem caminha em direção contrária ao que pregava o governo, apontando problemas na organização do Mundial, no turismo fracassado e na maneira de jogar da seleção brasileira.

– matéria "Vitória da classe, fibra e coração" (p. 20 a 23 + 26) - **CATEGORIA 3**. Este material vem na sequência da reportagem anterior e, aqui, sim, o foco do jornalista é a vitória do Brasil por 2 a 0 contra a Iugoslávia. São 13 fotos de lances da partida, das arquibancadas lotadas e do técnico Flávio Costa no banco de reserva. Já no texto, o autor afirma de início que aquele duelo no Maracanã reuniu o maior público esportivo no Brasil e "nos proporcionou o 'record' de renda mundial, arrecadando quatro milhões e quinhentos mil

cruzeiros". Ele descreve o jogo como tenso, pois quando estava 1 a 0 para o Brasil, "bastava um tento do adversário para empatar a partida e o empate significava a nossa desclassificação e conseqüentemente um desastre para o nosso futebol". Cita que os atletas brasileiros "desperdiçaram grandes oportunidades" de marcar mais gols. Sobre os iugoslavos, afirma que "apresentaram, como os demais conjuntos europeus, um sistema de jôgo menos rendoso, embora técnico, ao contrário do nosso, improvisado, bonito e produtivo". Ou seja, ele compara a organização e o pragmatismo do futebol europeu ao improvisado do futebol brasileiro, concluindo que "mais uma vez, a classe dos nacionais, o sistema de jôgo por nós praticado, provou superioridade sôbre o antiquado WM, muito usado no Velho Mundo".

– matéria "O francês que veio ao Maracanã" (p. 24 e 26) - **CATEGORIAS 3 E 4**. Esta matéria grande, com duas páginas de texto e uma grande foto, é mais um retrato da preocupação de *O Cruzeiro* em abordar vários aspectos da Copa e informar, da melhor maneira possível, o leitor da revista. Aqui, os editores convidaram um jornalista francês especialista em futebol, Jean Eskenazi (apresentado como chefe da equipe do jornal de maior tiragem na França e que "assistiu a todos os grandes jogos que se realizaram na Europa nos últimos 20 anos"), para dar suas impressões à respeito daquele Mundial e analisar o desempenho de algumas seleções. Jean começa escrevendo que a Copa "já teve um grande vencedor: o futebol". Ele elogia, por exemplo, os resultados inesperados, diz que o futebol tem muita projeção em todo o mundo justamente por não ser "uma ciência exata" e que como o futebol é, "além de um esporte, um jôgo, tem-se que admitir que nêle tôdas as especulações são possíveis". O francês considera o fracasso da seleção italiana na Copa como "normal", pois os jogadores vieram ao Brasil de navio, e não de avião, por medo de uma nova catástrofe depois da queda do avião que levava o time italiano do Torino, ocorrida no ano anterior. Por isso, os atletas teriam engordado muito durante a viagem marítima e, "tendo que fazer regime para emagrecer, acabaram enfraquecendo fisicamente". Ele classifica a vitória dos Estados Unidos sobre a Inglaterra como "a maior surpresa do futebol de todos os tempos", e acredita que esse resultado poderia ajudar a desenvolver a modalidade no país norte-americano. Sobre esse jogo, fala ainda que foi "uma lição de humildade para os ingleses, que levarão, sem dúvida, a idéia de reformas de estrutura de sua organização interna". A respeito da vitória da seleção espanhola sobre a mesma Inglaterra, diz que isso aconteceu "porque o automatismo absoluto será sempre derrotado por um traço de gênio". Em seguida, explica a ausência da França na Copa, por uma "brusca reviravolta da Federação" francesa, que não teria gostado da

cidade em que sua seleção atuaria no Mundial - Recife. Depois, avalia que a seleção brasileira ainda tem muito a mostrar, mas que tem um bom time, com "inspiração, variedade, entusiasmo", apesar de ser muito "individual". Elogia também o público presente no estádio e, por fim, escreve que "Cada um fala com seu acento próprio, das suas origens ou de seu temperamento, mas os modos de expressão são os mesmos, tendo o futebol enfim somente uma língua". Assim, estamos diante de um texto analítico, totalmente opinativo, assinado por um jornalista entendido em futebol, e que certamente contribuiu para formar a opinião dos leitores de *O Cruzeiro*.

– matéria "Suécia x Paraguai" (p. 104 e 105 + 120) - **CATEGORIA 4**. Relato textual e fotográfico da partida entre as duas seleções, realizada no estádio Dorival de Brito, em Curitiba, e que terminou empatada em 2 a 2. Nas fotos, as tradicionais posadas das duas seleções, quatro lances do jogo e uma, de página inteira, do jogador sueco Skloglund, considerado pelo autor o melhor do time. No texto, o jornalista define o jogo como "o melhor até hoje realizado em Curitiba", e que "o público pôde assistir a um jogo de autênticos craques". Ele descreve vários lances, alguns deles "formidáveis e emocionantes", e elogia as duas seleções, tanto em termos técnicos quanto em termos táticos, além da vontade demonstrada em campo. Sobre o público presente no estádio, o autor escreve que "o que de melhor Curitiba possui nos seus círculos sociais estava presente ao estádio, inclusive o governador do Estado e seus secretários", e emenda que a torcida "convergiu exclusivamente para os nossos vizinhos guaranis", em alusão ao fato de os brasileiros terem torcido pelo Paraguai. No fim, avalia alguns atletas das duas equipes, apontando as principais características apresentadas por eles.

– matéria "Estados Unidos x Inglaterra" (p. 106 e 107 + 06 e 90) - **CATEGORIA 4**. A primeira questão que chama a atenção nesta matéria é que, nas fotos, há apenas a da seleção inglesa em formação, mas não existe o mesmo registro dos norte-americanos. Talvez porque a seleção da Inglaterra fosse muito mais forte e conhecida que sua adversária naquela partida, disputada em Belo Horizonte, e que terminou com o surpreendente resultado de 1 a 0 para "o selecionado dos Estados Unidos, composto de onze desconhecidos" diante do "fabuloso scratch inglês". O início do texto traz, segundo o autor, um "comentário invariável nas rodas esportivas", e que dizia: "Ora, os Estados Unidos não têm futebol. Vão levar uma goleada da

Inglaterra". Afinal, enfrentavam-se um país sem tradição alguma na modalidade (algo que ele tenta reverter até os dias de hoje) e um país considerado o inventor do futebol. "Tôda a curiosidade dos torcedores estava voltada para os 'cracks ingleses - os reis do futebol", lembra o jornalista, mas "aos poucos, porém, os norte-americanos tornaram-se donos da festa", e levou a torcida presente no estádio "a torcer pelo lado mais fraco". Na sequência, o autor descreve lances para mostrar como os Estados Unidos fizeram para vencer a partida, elogiando alguns atletas, como "Mac Ilvanny, médio-direito funcionando como centromédio, em escocês naturalizado norte-americano, jogador admirável, tipo 'mignon', verdadeira máquina". O gol do jogo, segundo o jornalista, foi marcado pelo "centroavante dos Estados Unidos, Gaetjens (Caetano, para nós), um mulato do Haiti, naturalizado norte-americano", que "voou a meia-altura na bola, desviou-a esplêndidamente - um toque leve de cabeça". A riqueza de detalhes e o uso de adjetivos, aliás, típicos da cobertura esportiva feita pela imprensa até hoje, mais uma vez marcou presença nesta matéria da revista. O jornalista finaliza a matéria relatando a alegria da seleção dos Estados Unidos no vestiário, após o fim do jogo, e traz expressões usadas por jornalistas ingleses para definir a derrota, como "bad luck! (má sorte)", "that's ridiculous (ridícula)" e "unbelievable! (inacreditável)". Ao traduzir as expressões, o autor permite que qualquer leitor de *O Cruzeiro* entenda o que estava sendo dito pelos estrangeiros.

– matéria "Iugoslávia x México" (p.108 e 109 + 122) - **CATEGORIA 4**. O autor inicia o texto explicando porque a partida entre as duas seleções, jogada em Porto Alegre, teve baixo público: "caiu num dia de semana, véspera de feriado. As repartições públicas estabeleceram ponto facultativo, o comércio fechou apenas em parte e a indústria continuou girando as suas máquinas". Segundo o jornalista, Além da curiosidade do público em saber como pronunciariam os locutores esportivos os nomes dos jogadores da Iugoslávia, houve grande interesse em conhecer as técnicas de futebol, principalmente dos europeus que vinham precedidos de grande fama". Essa fama, pelo visto, se comprovou, pois a partida terminou com vitória iugoslava por 4 a 1. Ao contrário das outras matérias sobre jogos que *O Cruzeiro* publicou até aqui, o relato deste duelo não descreve tantas jogadas e lances de gol. O autor preferiu contar que "os rapazes do México encantaram desde logo as moças gaúchas" e "estiveram sempre cercados de admiração e distribuíram autógrafos como qualquer grande astro da tela". Por isso, nas arquibancadas, havia "elevado público feminino". Em relação aos

atletas da Iugoslávia, o texto diz apenas que "jogaram melhor" e que "foram os donos da bola durante os noventa minutos". Assim, para o leitor que gostava de futebol, a matéria careceu de informações importantes, como as táticas das equipes e os autores dos gols.

– matéria "Brasil x Suíça" (p. 112 e 113) - **CATEGORIA 3**. Apesar deste jogo ter sido realizado dias antes da partida entre Brasil e Iugoslávia, que *O Cruzeiro* já relatou em páginas anteriores desta mesma edição, a descrição dele foi colocada quase no fim da revista, ou seja, ordem das matérias não seguiu a ordem cronológica dos fatos. Aqui, novamente, muitas fotos (nove no total) de lances da partida, realizada no estádio do Pacaembu e que terminou em 2 a 2. A atuação da seleção brasileira foi muito criticada pelo autor por causa da "displicência, excesso de confiança e menosprezo ao adversário". Segundo ele, o Brasil deveria ganhar com tranquilidade, pois a Suíça tinha "um conjunto considerado dos mais apagados do certame", mas só conseguiu empatar, e graças "as falhas do juiz espanhol Ramon Azzon, cuja arbitragem foi péssima, prejudicando quase sempre a camiseta vermelha", fala o jornalista, lembrando, por exemplo, que o primeiro gol brasileiro deveria ter sido anulado por conta de irregularidade no lance. O autor, depois de apresentar um resumo da partida, divide o texto em seis tópicos e, em cada um, aborda um tema relacionado ao duelo. No primeiro, chama o time do Brasil de "desconjunto" e critica a escalação colocada em campo pelo técnico Flávio Costa. Um dos atletas escalados teria dito, antes do jogo, que "qualquer quadro de casados ou solteiros de escritório ganharia dos suíços", desdenhando dos adversários. No segundo tópico, ele também reprova a atuação da Suíça, que teria apresentado "um futebol tão medíocre quando o dos nossos". Em seguida, o jornalista cita as "vaias fortíssimas" da torcida para a seleção nacional, um sintoma de que "o torcedor está cada vez mais exigente, quer ver bom futebol, paga para assistir a uma exibição que lhe agrade". O quarto tópico é dedicado à descrição dos gols e de outros lances importantes. Na sequência, narra atritos envolvendo atletas das duas seleções quando "Baltazar, numa investida contra o arco suíço, atingiu com os pés o queixo do keeper Stuber". Já no sexto e último tópico o autor apresenta as escalações das equipes, analisando alguns aspectos táticos de ambas, traz a renda e o público presente no estádio, e avalia a atuação do árbitro como "péssima", "tendo prejudicado sobretudo os suíços".

– matéria "Espanha versus Estados Unidos" (p. 114 e 115) - **CATEGORIA 4**. Mais uma cobertura da revista em jogo disputado em Curitiba. Apesar de ter saído na frente, os Estados Unidos foram derrotados por 3 a 1. Era a partida de estreia das duas seleções na Copa do Mundo, embora outras matérias com jogos de ambas já tinham sido publicadas em páginas anteriores desta edição de *O Cruzeiro*. Aqui, repete-se a fórmula que já estava consagrada pela publicação: muitas fotos (onze ao todo) e um texto descritivo, mas também opinativo, com as escalações dos times. Nas imagens, retratos de lances, das seleções posadas no pré-jogo, e algumas de vestiário, antes dos atletas entrarem em campo (recebendo massagem e calçando as chuteiras). Já o texto volta a dizer, como já tinha ocorrido na outra partida dos norte-americanos, que a torcida brasileira tinha preferência pela seleção dos Estados Unidos, formada "por bisonhos aprendizes de futebol", ou seja, a torcida, "ficou, como sempre, com os mais fracos". O autor destaca que os três gols espanhóis saíram apenas nos nove minutos finais da partida, quando o time "pressionava fortemente". Ele avalia que a equipe norte-americana estava tranquila no hotel, no dia anterior ao jogo, com alguns atletas dormindo e outros jogando pingue-pongue, e que, por isso, no jogo, "exibiu um espírito esportivo que já é tradicional na terra do Tio Sam". Já os espanhóis, escreve o jornalista, "preocupavam-se e muito com o jogo", já que "teriam que vencer, sem alternativa" para provar o favoritismo lhe dado antes de a bola rolar. No fim, o autor destaca como ficou Curitiba naqueles dias de jogos, "com movimento em suas principais ruas", a presença de "jornalistas de quase todas as grandes capitais, esportistas de vários Estados e do interior do Paraná", "festas nos principais clubes" e uma verdadeira "variedade de côres e de gentes". Assim, o jornalista procurou trazer um pouco do ambiente curitibano, mostrando como o Mundial de futebol tinha mexido com a paisagem da cidade.

– matéria "Espanha x Chile" (p. 116 e 117) - **CATEGORIA 4**. Relato sobre a partida entre as duas seleções, disputada no estádio do Maracanã, e que terminou com vitória por 2 a 0 para os europeus. O autor destaca no início o equilíbrio do jogo, pois "os espanhóis entraram em campo dispostos a vencer de fato. mas os chilenos também possuem 'sangue' e a peleja foi renhida. A luta foi árdua; bravos os que dela participaram". Em seguida, o texto retrata uma série de disputas ocorridas na partida, com ataques das duas seleções. Na maioria dos lances descritos, a tradição de *O Cruzeiro* de colocar quantos minutos de jogo já tinham transcorridos. Depois de dar a escalação dos times, apontar como foi a atuação do árbitro

brasileiro - "discreta" -, o autor do texto transcreve uma frase dita por um cronista esportivo brasileiro presente no jogo: "Vai ser um osso duro de roer", falou, sobre a seleção da Espanha. Em relação às fotos, faltaram as tradicionais posadas das duas equipes, com os onze de cada lado que entraram em campo. Abaixo, uma reprodução da primeira página da matéria:



– matéria "Espanha x Inglaterra" (p. 118 e 119) - **CATEGORIA 4**. Trata-se da terceira matéria consecutiva sobre a seleção espanhola, desta vez no duelo contra a Inglaterra. Os ingleses, lembra o autor do texto, depois "da inesperada, da incrível derrota frente ao desprezioso esquadrão norte-americano", precisavam vencer para se classificar à próxima fase. Um empate, por outro lado, garantiria a passagem aos espanhóis, que chegaram para este duelo com duas vitórias nas outras duas partidas. "Mas como bons ingleses, não deixaram transparecer o nervosismo", relata o jornalista. "Os primeiros quarenta e cinco minutos de jogo foram fabulosos. Alta exibição de futebol", e terminada com a Espanha vencendo por 1 a 0, após "falha feia do zagueiro Ramsey". Já no segundo tempo, o autor diz que "os espanhóis começaram a 'fazer cêra'", em uma expressão até hoje utilizada no futebol quando alguém



quer dizer que uma equipe demora para repor a bola em jogo quando ela lhe pertence, pois o resultado lhe é favorável. Por isso, "logo o público enervou-se com aquela atitude deselegante e antiesportiva, e começou a vaiar os 'fúrias'", mas o jogo terminou com vitória espanhola por 1 a 0. Segundo o jornalista, o resultado, que desclassificou a Inglaterra em sua primeira participação em Copas do Mundo, "causou alarme em Londres". Tanto que um jornal londrino teria estampado em uma de suas páginas, toda escura: "Em afetuosa memória do futebol inglês, falecido no dia 2 de julho de 1950, Rio de Janeiro. O finado foi profundamente chorado pelo grande círculo de amigos e parentes enlutados. O corpo será cremado e as cinzas serão levadas à Espanha". De fato, a campanha de duas derrotas em três jogos foi ruim para uma seleção que era, antes do Mundial começar, considerada uma das favoritas ao título, dada a tradição da modalidade no país e à organização que o futebol profissional já tinha em terras britânicas. Muito interessante esse relato de *O Cruzeiro* sobre a imprensa inglesa.

#### Edição de 22 de julho

– matéria "Sob a batuta de Ademir - Em ritmo de Samba" (p. 12 a 17 + 24) - **CATEGORIA 3**. A linha fina da matéria já adianta o que viria pela frente: uma comparação entre o bom entrosamento (leia-se futebol coletivo) apresentado pela seleção brasileira durante uma partida da Copa e uma boa banda musical. "Quando o 'scratch' joga o seu jogo, lembra um conjunto bem afinado na cadência da música brasileira - Do piano do Ari Barroso à harmonia de Zizinho, Jair e Ademir", dizia a linha fina. O texto, na verdade, narra uma tarde na vida do compositor e músico Ari Barroso (o nome do artista é com "y", Ary, mas naquela época a imprensa escrevia Ari) em dia de jogo da seleção brasileira contra a Suécia, pela fase final da Copa. Desde o momento em que Ari está reunido em casa com os amigos, até o momento em que vão para o estádio do Maracanã e assistem à goleada por 7 a 1. Durante toda a matéria, o jornalista David Nasser traça um paralelo entre a seleção e a música. Antes de sair de casa, por exemplo, Ari descreve como seria um ataque do Brasil: "A música é lenta e suave. Danilo está com a pelota. Ligeira variação. Passa a Bigode e a melodia vai num crescente violento. A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado. Bigode é a selvagem poesia musical de Vila Lobos. Jair é Wagner poderoso e dramático. Quando a bola está com Zizinho, é Mozart tecendo filigramas, mas se entrega a Ademir... O futebol de Ademir é a música da terra, de ritmo marcante e beleza inconfundível. Que faz Ademir a caminho do arco senão passes do mais puro samba, da mais brasileira das capoeiras, e se dribla, é maxixe autêntico, é

jongo, é o frevo de sua terra pernambucana". E assim caminha o texto até o fim, narrando o encontro de Ari com outros famosos na arquibancada do estádio, como o escritor José Lins do Rego, e os gols marcados pela seleção. Após a partida, o compositor vai participar de um programa de calouros na rádio Tupi. De acordo com o autor da matéria, um conjunto que se apresentou no programa lembrou o trio de atacantes do Brasil: "A flauta era Zizinho em variações. O cavaquinho parecia a Jair, saltando aqui e ali entre os suecos. E o violão era o chute de Jair, tudo em perfeita harmonia, tudo em ritmo de samba". Já as fotos (27 no total) registraram uma variação incrível de situações: dos atletas da seleção almoçando antes do jogo; lances da partida; pessoas famosas que estavam no Maracanã; torcedores comuns comemorando os gols. Como notamos, esta matéria, apesar de ser sobre a Copa do Mundo de futebol, exigia um repertório musical e cultural muito grande por parte do leitor. E o texto, ao invés de trazer informações características de uma matéria esportiva, era praticamente uma poesia escrita em prova por David Nasser. Segue reprodução das duas primeiras páginas:



– matéria "O Brasil dá uma lição de futebol" (p. 18 a 21 + 120) - **CATEGORIA 3**. Agora, sim, esta edição de *O Cruzeiro* traz a matéria esportiva sobre a goleada da seleção brasileira por 7 a 1 contra a Suécia. O texto inicia contando que a torcida, mais uma vez, tinha lotado o

Maracanã "para aplaudir, preparada contra qualquer surpresa, disposta a sofrer e a vibrar com uma vitória", até porque o time sueco não era ruim e terminou em primeiro lugar em "uma chave em que tomavam parte representações como a paraguaia e a italiana". Mas quando o jogo começou, escreve o autor, a diferença entre o Brasil e a Suécia ficou evidente, e aí ele passa a narrar todos os gols do duelo. E os suecos nada puderam fazer para evitar a goleada: "estavam certos os escandinavos de que a mobilidade, a improvisação e a técnica aplicada pelos nacionais, essa mesma técnica que vem revolucionando o futebol mundial, não poderia ser assim superada pelos seus representantes". O jornalista analisa as táticas usadas pelas duas seleções, diz que todo o time brasileiro jogou bem, por isso ele não "destaca nomes no conjunto vencedor", elogia o técnico Flávio Costa ("realmente superior a qualquer outro, não querendo com isso dizer que seja invencível") e exalta mais um recorde de renda e de público. Faltou, contudo, o autor trazer a escalação das duas equipes e comentar a atuação do árbitro. Já nas fotos, além dos habituais registros de lances do jogo, há novidades como as que mostram os atletas do Brasil tomando banho após a partida e a que revela a subida deles do túnel para o gramado, antes do jogo iniciar. No geral, porém, mais uma matéria focada no que aconteceu dentro de campo, com descrições e informações relevantes para o leitor que acompanhava a Copa do Mundo.

– matéria "Grandioso" (22 a 24 + 110) - **CATEGORIAS 3 E 4**. Mais um texto que se encaixa em duas categorias. Trata-se, na verdade, de um "comentário", como está escrito logo no começo da página, assinado novamente por Jean Eskenazi, outro jornalista francês famoso naquela época, conhecido por acompanhar de perto o futebol pelo mundo. A partir da apresentação da seleção brasileira na goleada contra a Suécia, ele compara o estilo da equipe nacional com o de outras seleções, principalmente as europeias. Segundo ele, "o jogo da equipe do Brasil contra a da Suécia foi a mais deslumbrante exibição de futebol que já foi possível alguém assistir. Um verdadeiro festival, um inigualável carrossel de futebol". Depois desta atuação do Brasil, escreve Jean, "o futebol europeu de amanhã será diferente... ou será varrido como as folhas do outono na primeira tempestade do inverno. Há muito tempo que o samba suplantou a polca na Europa. É o ritmo de uma época, não somente o ritmo de um país", continua o jornalista. E ele continua comparando os estilos: "Uma equipe européia joga primeiro para que a bola não entre em seu próprio gol. A equipe brasileira joga para fazer gols." Ele conclui dizendo que a beleza do futebol brasileiro está na técnica de seus jogadores,

que atuam de maneira "ofensiva e moderna", e que o time dá uma verdadeira aula aos europeus quando está em campo. "A questão agora é de saber se vamos aproveitar disso", finaliza. As fotos retratam lances do duelo entre Brasil e Suécia. Assim, temos mais um texto opinativo, em que novamente o futebol e a música caminham lado a lado. Abaixo, reprodução das primeiras páginas da matéria assinada pelo francês:



– matéria "Última rodada nos pampas" (p. 98 e 99) - **CATEGORIA 4**. Relato textual e fotográfico da partida Suíça 2 x 1 México, disputada em Porto Alegre. A matéria começa já com uma crítica aos jogadores mexicanos, "que não possuem apenas vontade de ganhar. Não têm conjunto, perdem a calma e o domínio da bola a todo o momento". Por isso, a vitória dos suíços por 2 a 1 teria sido muito maior caso o time europeu tivesse "um pouco mais de sorte nos arremates". Em seguida, o autor diz que, no dia anterior, a seleção da Suíça não tinha "desgrudado o ouvido do rádio" para ouvir o jogo entre Brasil e Iugoslávia, pois uma vitória brasileira já eliminaria os suíços da Copa. E foi o que aconteceu, por isso, a partida em Porto Alegre não valia mais nada em termos de classificação para a próxima fase. Ao invés de descrever jogadas e gols da partida, o jornalista usa o curto espaço destinado ao texto da

matéria para trazer as escalações dos times, criticar o árbitro (que teve "uma atuação muito aquém de regular, não puniu o jogo violento, deixou de assinalar penalty contra o México e várias infrações passaram"), falar que houve pouco interesse do público pela partida (pois os times "eram carta fora do baralho" da Copa) e citar que uma pequena torcida "organizada pela sua colônia em Pôrto Alegre" foi ao estádio apoiar os suíços, inclusive para queimar "uma enorme quantidade de foguetes no início do prélio". Fica claro, portanto, que conforme o Mundial ia chegando ao fim, os jogos que não significavam mais nada em termos de classificação ocupavam o mesmo espaço que os demais em *O Cruzeiro*, mas o texto era menor e descrevia menos as jogadas, dando preferência para outros aspectos da partida.

– matéria "A valsa do adeus" (p. 100 e 101 + 106) - **CATEGORIA 4**. Reportagem sobre o último jogo de Itália e Paraguai no Mundial, realizado no Pacaembu e que terminou com triunfo italiano por 2 a 0, apesar de que "os sul-americanos mereciam pelo menos, o empate, já que dominaram completamente os 'azzurri' durante três quartas partes do prélio", aponta o jornalista. Segundo o texto, foi uma partida boa, que "arrancou aplausos" da torcida, e que envolveu "o entusiasmo guarani e a melhor classe da 'squadra azzurra'". O Paraguai, escreve o autor, surpreendeu os italianos por causa da "capacidade estonteante de deslocação" dos seus atletas, "com dois extremas velocíssimos e dois meias construtores", mas a equipe cometia erros na hora da finalização. Mesmo com a vitória, o time italiano apresentou "um futebol apenas regular, sem nada que o notabilizasse", além de "um preparo físico deficiente". Na sequência, lances da partida e os dois gols são descritos em detalhes (com os minutos em que ocorreram) e, no fim, o jornalista informa as escalações das equipes, a renda proporcionada pelo público presente no Pacaembu, e avalia rapidamente a atuação do árbitro, que teria "deixado de assinalar duas penalidades máximas contra a Itália e uma contra o Paraguai". Como sempre, informações dadas por um jornalista que certamente conhecia as regras do futebol, já que as matérias eram escritas para um público que acompanhava de perto a modalidade.

– matéria "Pernambuco só assistiu a um jogo" (p. 102 e 103 + 106) - **CATEGORIA 4**. Relato sobre o jogo Chile 5 x 2 Estados Unidos, o único de toda a Copa do Mundo disputado no estádio Ilha do Retiro, em Pernambuco. Apesar de grande quantidade de gols (sete, o segundo maior número em uma partida da primeira fase do Mundial daquele ano), o autor do texto

afirma, logo na linha fina, que "a única partida da Copa do Mundo realizada no Recife não correspondeu aos esforços dos pernambucanos no sentido de preparar em tempo o estádio Ilha do Retiro". No começo da matéria o jornalista explica porque apenas um duelo foi disputado naquele estádio, ao lembrar que algumas seleções, como a França (que alegou que não queria fazer uma longa viagem pelo Brasil para jogar no sul e depois em Pernambuco), desistiram de participar do campeonato. Por isso, escreve o autor, "o esforço e a tenacidade dos seus habitantes, no sentido de preparar um estádio que correspondesse às exigências da FIFA, mereciam um prêmio mais compensador". Na sequência, o autor narra como surgiu a Ilha do Retiro e traz à tona os fatos que levaram a FIFA a incluir o estádio como sede da Copa. Para que isso ocorresse, "em sessenta dias, promoveu-se uma campanha que consistia em doações de cimento e de dinheiro" para que mais arquibancadas fossem construídas no local. "Tôdas as noites, inúmeros sócios iam ajudar na obra, carregando areia e tijolos, trabalhando em muros. No fim de cada jornada, o clube lhes oferecia uma refeição de sarapatel e mungunzá", conta o jornalista. Só depois, então, o autor aborda a partida entre chilenos e norte-americanos, já na parte final do texto. Após informar as escalações, o público pagante e a renda, o texto traz alguns lances, nomeia o autor de todos os gols, e conclui que os norte-americanos estão evoluindo no futebol e "serão contendores perigosíssimos, no futuro, pois alardeiam invejável disposição para a luta e ótima forma física". Assim, trata-se de uma matéria riquíssima, que vale não somente pelas informações esportivas que revela, mas por proporcionar aos leitores conhecer como surgiu o estádio, uma história que certamente até hoje marca o povo pernambucano que participou desse episódio. As fotos trazem apenas imagens gerais do estádio e de personalidades que acompanharam o jogo. Segue o registro da única partida realizada no nordeste brasileiro naquele Mundial:



– matéria "Rosário de 'goals' em Belo Horizonte" (p. 104 e 105 + 120) - **CATEGORIA 4**. Matéria da única partida que o Uruguai precisou disputar na primeira fase para garantir vaga na fase final daquele Mundial, contra a Bolívia. As seleções estavam na chave C, e o jornalista explica, no começo do texto, que apenas as duas vieram para o campeonato, tendo a França desistido de participar. Ele critica o que chama de "bem-bom" que os uruguaios tiveram nesta fase, lembrando que outras seleções favoritas tinham tido muito mais dificuldades na Copa, incluindo o próprio Brasil. O selecionado boliviano é chamado de "pudim de pão" pelo jornalista, o que possibilitou a grande goleada uruguaia por 8 a 0, "número igual de 'goals' ao total do recordista das semifinais, o Brasil - que suou três jogos para fazer oito tentos". Por mais de uma vez, ao invés de exaltar a atuação do Uruguai, o autor desaprova a Bolívia: "metade do escore deve ser debitada à inexperiência dos jovens fogosos mas ingênuos de La Paz"; "a Bolívia soube ser uma seleção bisônhã". Apenas o trio de ataque uruguaio ganha elogios: "pode ser que desminta mais tarde, porém, na estréia o Uruguai venceu mas não convenceu", comenta o jornalista, utilizando uma expressão até hoje famosa na imprensa esportiva. No fim, alguns lances e gols são narrados, e o texto é finalizado com as escalações das equipes, público e renda da partida. Em relação às fotos, oito delas

registram os gols uruguaios, e duas são das seleções posadas antes da partida iniciar, padrão que permanece praticamente em todas as matérias de *O Cruzeiro* nesta Copa do Mundo.

#### Edição de 29 de julho

– artigo "Ufano-me do meu país" (p. 5) - **CATEGORIA 1**. Coube ao jornalista Austregésilo de Athayde, em artigo opinativo, o primeiro texto que trazia elogios ao Brasil enquanto país durante a Copa do Mundo. A página foi publicada na mesma edição que traria os relatos da derrota da seleção brasileira na partida final daquele Mundial para o Uruguai e, portanto, pode ser vista como um consolo em um momento em que parte da população estava triste com o resultado em campo. O autor, em linhas gerais, exalta o estádio do Maracanã, descrito como "monumento", detentor de "perfeição técnica da estrutura". Ele lembra que o brasileiro sempre teve a sensação de ser inferior em relação a outras nações, mas que agora, com o novo estádio, "a gloriosa e consoladora sensação de possuir algo que é o 'maior do mundo', batendo os 'records' americanos nessa espécie de grandeza, talvez nos libertem dêsse complexo de mesquinhez". O artigo tem outros rompantes de ufanismo, e Austregésilo diz: "quando ando pelas outras terras, sejam da Europa ou da América, vou fazendo comparações que colocam o Brasil acima de tódas". Ele celebra, por exemplo, algumas grandes igrejas brasileiras, como a Candelária (quando a compara com o que já viu em Roma), escritores como Machado de Assis (quando o compara com literatos franceses), e volta a exaltar o Maracanã, já no fim do texto. Assim, o jornalista tenta passar uma imagem de Brasil moderno, de país que tem, sim, motivos para encher seu povo de orgulho, tal como os governantes pregavam na época.

– matéria "Derrota da máscara" (p. 14 a 20) - **CATEGORIA 3**. Matéria longa sobre a derrota por 2 a 1 do Brasil para o Uruguai no último jogo da Copa, resultado que garantiu o título mundial aos uruguaios. São sete páginas no total repletas de fotos (24 ao todo) que retratam momentos como lances da partida e, principalmente, a tristeza dos brasileiros (jogadores e torcedores) e as comemorações dos campeões. Em relação ao texto, o jornalista não descreve nada sobre como foi o duelo, e prefere fazer uma avaliação opinativa a respeito da derrota, tentando mostrar que o clima de euforia criado pela proximidade do título pelo Brasil (afinal, a seleção precisava apenas de um empate para isso) atrapalhou os planos da equipe. Segundo o autor, a culpa pela derrota era de todos: "Todos somos culpados. Que história é essa, agora, de descarregar sôbre os ombros de Bigode, de Barbosa, de Jair, de Flávio Costa, a



responsabilidade por uma derrota que é tão nossa quanto deles e para a qual contribuimos e pela qual nos penitenciamos? A máscara estava atarrachada em nossos rostos, desde as goleadas, e o Brasil perdeu o campeonato do mundo naquela tarde em que esmagou o quadro da Espanha", escreveu, logo no primeiro parágrafo da matéria. E essa "culpificação" pela perda do título se repete até o fim do texto. Ele critica a imprensa, que teria classificado a seleção como "imbatível, invencível em tôdas as suas linhas" e chamado os uruguaiois de "homens velhos e cansados" antes da partida; desaprova a atitude de torcedores e comerciantes, que teriam mandado "bordar as faixas de campeões do mundo antes do jôgo"; e reclama da festa antecipada armada no estádio do Maracanã, palco do jogo, quando houve "desfiles cívicos" e "gritos de campeão" no alto-falante. Claro, ele não deixa de apontar o desempenho ruim dos atletas, que "não deram o que sabem, pararam em campo, não tiveram sangue, não tiveram raça, capacidade de lutar", mas considera que tudo isso só aconteceu pelos "elogios exagerados e pela super-estimação" da equipe. O único absolvido de culpa pelo jornalista é o técnico Flávio Costa, segundo ele, um profissional "competente, dedicado, sincero", e que tentou o tempo todo que os atletas "compreendessem o perigo da certeza de vitória". Em seguida, o autor passa a enaltecer a atuação da seleção uruguaia, "guerreira, carrancuda, estrategista", que soube usar da "velocidade, dos passes longos para atravessar as barreiras da defesa" brasileira. No fim, ele conclui que a derrota poderia fazer renascer o futebol brasileiro, porque "todos os seus vícios, todos os seus êrros, tôdas as suas falhas se cristalizaram na derrota", e que isso ajudaria a seleção brasileira a ver que o esporte é mais "coletivo", e não "individual", pois "uma bola apenas para os onze exige homogeneidade, menos egoísmo de fazer 'goals'. E termina dizendo que "da estúpida tarde do Maracanã nascerá o futebol brasileiro sem máscara". Como notamos, esta é uma matéria que analisa a derrota da seleção de um outro ponto de vista e com uma alta carga de crítica distribuída a todos: imprensa, torcedores, organizadores do jogo final, jogadores. Segue a página de abertura desta longa e crítica reportagem:



– matéria "Fibra, fôrça, sangue e peito" (p. 22 a 27) - **CATEGORIAS 3 E 4**. Mais uma matéria assinada pelo jornalista francês Jean Eskenazi, especialista em futebol, convidado pela revista para analisar a Copa, e que se encaixa em duas categorias. Aqui ele analisa a seleção uruguaia, a brasileira e a competição como um todo. São apresentadas fotos individuais (no estilo 3 x 4) de vários jogadores uruguaiois, imagens de torcedores presentes no Maracanã e de lances da partida contra o Brasil. O texto começa com uma exaltação ao Mundial: "A 4ª Copa do Mundo foi o maior espetáculo de futebol que se pode imaginar". Em seguida, elogios também à seleção brasileira pelas vitórias por goleada contra Suécia e Espanha: "contra os suecos, os jogadores brasileiros dançaram um verdadeiro 'balet'; contra os espanhóis, foram mais extraordinários ainda", escreve. E ele não economiza nos adjetivos quando se refere ao time do Brasil: "mais surpreendente equipe de futebol de todos os

tempos", "maestria inigualável", "uma verdadeira sinfonia fantástica" e "é muito raro assistir a perfeição na arte como no esporte". Na sequência, o francês traça um paralelo com o tênis, e usa uma frase gravada no muro da quadra em Wimbledon, na Inglaterra, um dos templos do tênis mundial, para analisar o que aconteceu no duelo final entre brasileiros e uruguaios pela Copa do Mundo de futebol: "Saiba receber da mesma frente os dois mentirosos, que são o triunfo e a derrota". Ou seja, ele acredita que a seleção brasileira confiou demais nas vitórias fáceis que tinha conseguido nos duelos anteriores, já que, agora, após o fim do Mundial, "não é à equipe que pratica o melhor jogo nesta sensacional Copa do Mundo que se confere os lauréis da vitória". Ele também desaprova a festa antecipada que foi vista no Maracanã antes da partida acabar: "Os que tinham um pouco de pressa, preparado o trono dos triunfadores, esqueceram-se de uma coisa: que o jogo é sempre um jogo, onde tudo é possível". Depois, cita duas provas de atletismo que ele tinha visto para novamente comparar com a derrota da seleção brasileira. Em ambas as corridas (Marcha Paris-Strasbourg e Maratona dos Jogos Olímpicos de Londres de 1948), lembra ele, os atletas que estavam à frente, próximos da vitória, foram surpreendidos na reta final por adversários considerados inferiores. No fim, ele atribui a perda do título ao nervosismo brasileiro ("seus nervos traíram mais que seu valor"), exalta a vontade uruguaia ("soube compensar tôdas as suas faltas por uma impessoalidade, uma sobriedade e uma defesa realmente magníficas") e conclui: "A honra é do Brasil". Mais uma matéria, portanto, que procura não execrar os jogadores brasileiros pela derrota, pelo contrário, elogia as atuações que a equipe teve até a final e considera o futebol brasileiro um dos vencedores da Copa.

– matéria "A última vitória dos brasileiros" (p. 102 a 107) - **CATEGORIAS 3**. Assim como já aconteceu nas outras revistas analisadas para esta pesquisa, *O Cruzeiro* traz, em uma única edição, mais de um jogo da seleção brasileira (por conta do processo produtivo do veículo e do fato dele ser semanal, e não diário), e prefere trazer nas primeiras páginas da edição o último jogo, aquele com o fato mais "quente", como se diz no jornalismo, reservando para as últimas páginas uma partida disputada antes do duelo final. Ou seja, esta matéria sobre a vitória do Brasil por 6 a 1 sobre a Espanha foi publicada em páginas posteriores à que retratou a derrota da seleção para o Uruguai. Por isso, por mais que a exibição da equipe contra os espanhóis tenha sido formidável, o texto não será tão eufórico, já que os leitores já tinham lido sobre o revés frente aos uruguaios. E a matéria, logo no início, lembra da derrota na final

e fala que "ficou provado que classe e técnica nada significam quando a um time falta raça, sangue e personalidade" e que "venceu o Uruguai e bem mereceu a vitória". Mas, em seguida, o próprio autor escreve: "Mas estou aqui para comentar o jogo de quinta-feira, o jogo Brasil x Espanha". E ele começa, então, a narrar os lances deste duelo, especialmente os seis gols brasileiros, com fotos que mostravam cada uma das vezes que a bola balançou a rede do goleiro espanhol. Desta vez, no entanto, o autor não traz as escalações das duas seleções, nem cita o público presente no estádio e a renda proporcionada pela venda de ingressos. No último parágrafo, novamente o tema "festa antecipada pelo título" aparece. O jornalista critica o que chama de "otimismo geral" que pairava no ar após a goleada contra os espanhóis: "cantou-se, dançou-se e bebeu-se". Lembra até de uma frase que ouviu depois desta partida: "beberemos na taça Jules Rimet o vinho da vitória". Afirma que houve "escândalo na CBD (Confederação Brasileira de Desportos)" durante a venda de ingressos para o duelo Brasil x Uruguai, quando "prenderam cambistas", diz que o Rio de Janeiro estava alegre no dia do jogo, com "hotéis superlotados" e gente que "dormiu nas proximidades" das bilheterias, e conclui: "O resto é silêncio", já denunciando a derrota que estava por vir (ou melhor, que já tinha acontecido, como a própria revista tinha mostrado em páginas anteriores). Nas fotos, além das tradicionais posadas das seleções e de lances da partida, chama a atenção uma série de seis imagens na última página da matéria e que mostram torcedores sendo atendidos por médicos no estádio do Maracanã. A legenda não explica o que aconteceu, e diz apenas: "O respeitável público: 262 feridos; 1 morto". Ao que parece, a revista preferiu não dar muito destaque a um fato totalmente negativo ligado à Copa do Mundo. Uma rápida pesquisa na internet mostra que um torcedor morreu na confusão por ingressos para a final da Copa de 1950.

– matéria "Luta de gigantes" (p. 114 e 115) - **CATEGORIA 4**. Matéria sobre a partida Espanha 2 x 2 Uruguai, no Pacaembu (SP), também realizada antes do jogo decisivo entre brasileiros e uruguaios. Aqui, reportagem típica de *O Cruzeiro*, com descrição de jogadas, escalações das equipes, avaliação do árbitro, números de público e renda, e nove fotos sobre fatos relacionados ao jogo em si. O jornalista avalia o duelo como "a melhor partida da Copa do Mundo disputada no Estádio Municipal do Pacaembu", palco que recebeu grande público (50 mil pessoas) e muitos jornalistas de todo o mundo, apesar "do tempo mau, chuvoso e frio, reinante na capital paulista". O autor festeja a "movimentação, entusiasmo, ardor, vontade férrea de vencer e sangue, muito sangue" mostrados pelas duas seleções. Ele avalia os

"sistemas diversos de jôgo" apresentados por uruguaio e espanhóis, mostrando as qualidades e os defeitos de ambos ao narrar lances do duelo. Mostra, como sempre, conhecimento sobre o assunto, ao avaliar jogadores individualmente, como nestes exemplos: "na zaga sobressaiu-se M. Gonzalez, um 'half-back' de classe e de grandes recursos"; Maspoli estêve brilhante"; Schiaffino, na meia-esquerda, foi um batalhador incansável, enquanto Vidal foi o pior homem de sua equipe". Assim, podemos novamente dizer que o texto era destinado a leitores que gostavam e entendiam de futebol.

– matéria "Uruguai x Suécia" (p. 116 e 117) - **CATEGORIA 4**. Relato da partida disputada no estádio do Pacaembu e que terminou com vitória uruguaia por 3 a 2. Outra vez temos uma matéria sobre um jogo realizado antes do duelo Brasil x Uruguai, e com as características típicas da cobertura cruzeirense nesta Copa: detalhes de lances do jogo, avaliações técnicas e táticas pelo jornalista, escalações, público presente e renda. Apesar dos cinco gols, a partida é definida como "mediocre" pelo autor do texto, que diz ainda que "os nórdicos comandaram a partida e deviam ter vencido", mas após um "recoo fatal", foram derrotados. No começo, o jornalista diz que "depois de triturados impiedosamente pelo selecionado brasileiro", não parecia que os suecos fariam "frente aos 'celestes olímpicos', aos campeões mundiais de futebol de 1930", ou seja, ele mostra conhecimento, lembra da goleada sofrida pela Suécia na partida contra o Brasil e resgata a tradição de títulos do selecionado uruguaio. Mas aconteceu o contrário, e a Suécia iniciou bem o jogo e foi "mais técnica, mais equilibrada e mais harmoniosa" que o adversário naquela tarde. Na sequência, o autor afirma que a torcida brasileira que estava na arquibancada do estádio apoiava os suecos, tanto que, depois do duelo, foram "agradecer o incentivo, recebendo verdadeira consagração do público esportivo paulista". Depois, como de praxe, descreve os gols, inclusive com os minutos em que ocorreram, e termina avaliando o duelo novamente como "mediocre". Mais um texto com muita informação e carregado de opinião, assim como até hoje são as matérias futebolísticas da imprensa brasileira.

– matéria "Suécia – 3º lugar" (p. 118 e 119 + 10) - **CATEGORIA 4**. Matéria sobre a partida entre suecos e espanhóis no Pacaembu (SP), vencida pelos nórdicos por 3 a 1, resultado que garantiu a eles a terceira colocação na Copa do Mundo de 1950. A diferença desta reportagem em relação às outras é que, o tempo todo, o jornalista lembra que, no mesmo horário deste

jogo, estava sendo disputada a decisão entre Brasil e Uruguai, no Maracanã. Por isso, no início do texto, o autor conta que, após ver Suécia x Espanha, parte da torcida "deixava o Pacaembu acabrunhadíssima, decepcionada, amargurada, sofrendo no fundo da alma, depois que os alto-falantes anunciaram a derrota do Brasil". Ele diz ainda que "milhares de pessoas começaram a abandonar o estádio, assim que os uruguaios marcaram o segundo tento no Maracanã. Ninguém queria saber mais de futebol". Ou seja, a torcida que foi ao Pacaembu não desgrudava os ouvidos dos alto-falantes e dos rádios para saber como estava a seleção brasileira. Torcida, aliás, que compareceu em pouca quantidade no estádio paulistano justamente por conta da decisão, no Rio. "O público foi dos menores que já vi. A começar da renda, que foi de 330 mil cruzeiros, tanto ou menor até que os jogos de categoria mais baixa do campeonato paulista de futebol", compara o jornalista. Só depois é que o texto fala sobre a vitória dos suecos sobre os espanhóis, resultado justo, na análise do autor, pois "atuaram os nórdicos com nítida superioridade. Qualificaram-se, enfim, como o melhor conjunto europeu do campeonato do mundo". Na sequência, seguem as descrições de lances da partida, incluindo com detalhes dos quatro gols marcados, em que o jornalista avalia o desempenho dos jogadores, como em "Aos 30 minutos [...] Asensi 'fura' bisonhamente e Melberg, que vinha correndo, entra e chuta contra as rês". A matéria é encerrada com as escalações das seleções e a conclusão de que "a famosa 'Fúria' não apareceu em campo".

Para melhor avaliarmos como deu-se a distribuição das categorias exploradas nas 30 matérias por *O Cruzeiro*, temos a seguinte tabela:

CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS NA REVISTA <i>O CRUZEIRO</i>
1- País moderno	1
2- Maracanã	0
3- Seleção Brasileira	10
4- Seleção estrangeira	19
5- País com problemas	3
6- Torcida	0
Sem categoria	1

De acordo com os dados coletados, notamos que a revista publicou, nas quatro edições que vão de 8 de julho a 29 de julho de 1950, 30 matérias que proporcionaram 33 inclusões nas seis categorias definidas para esta pesquisa. Aqui já cabe uma explicação: quatro dos textos se encaixaram em duas categorias simultaneamente, enquanto uma das referências (uma capa da publicação) não se ajustou a nenhuma das categorias criadas – abordava a Copa do Mundo de uma maneira geral.

Observamos também que 19 textos (ou 57,57% das 33 referências) abordaram partidas envolvendo seleções estrangeiras, fazendo desta a categoria que recebeu a maior cobertura de *O Cruzeiro*. A segunda categoria mais abarcada foi "seleção brasileira", com 10 matérias (ou 30,30% do total) trazendo análises e descrições de jogos da nossa seleção no campeonato. Somando esses dois grupos, temos que 87,87% do conteúdo divulgado pela revista durante a realização da Copa do Mundo tratou exclusivamente sobre futebol e os fatos ocorridos dentro de campo. Esse dado mostra qual o principal critério de noticiabilidade utilizado pela publicação: a importância das partidas para o universo futebolístico, ou seja, o interesse nacional despertado pela competição em si. Afinal, se esta era a primeira vez que o Brasil sediava o evento, e se a Copa era (e muitos acreditam que até hoje continua sendo) a principal competição esportiva de todo o mundo, *O Cruzeiro* resolveu acompanhar, dentro da estrutura que tinha, o maior número de jogos possível, mostrando as vitórias e derrotas das equipes, os gols marcados, os jogadores que se destacaram, as questões táticas e técnicas envolvidas nos duelos.

Essa decisão tem a ver também com o público-leitor da revista, pois é de se imaginar que como a publicação era a mais lida entre as concorrentes em sua época, conforme ranking já revelado nesta pesquisa, certamente havia milhares de pessoas (principalmente homens) que gostavam de futebol, modalidade que, como também já mostramos em capítulos anteriores, crescia no país.

Para definir quais partidas acompanhar, notamos que o critério de noticiabilidade conhecido como "acessibilidade e proximidade do veículo com a fonte ou com o local da notícia" não influenciou a revista. Isso porque todas as seis capitais brasileiras que sediaram jogos do Mundial – a lembrar, Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) – foram visitadas pelas equipes de *O Cruzeiro*. Nem mesmo o único duelo disputado no estádio pernambucano passou despercebido pela publicação. E até nas partidas que já não iriam interferir em termos de

classificação para a fase final os jornalistas e repórteres fotográficos marcaram presença. No fim, temos que todos os 22 jogos da Copa do Mundo, sem exceção, foram noticiados pela revista, fato que não encontramos em nenhuma das outras três publicações analisadas para esta pesquisa.

Esses 29 relatos textuais e fotográficos sobre as partidas (os duelos da seleção brasileira rendiam sempre uma matéria sobre o jogo em si e outra mais analítica e opinativa; além disso, artigos avaliando o desempenho da equipe também foram escritos, por isso, apesar de a Copa ter 22 jogos, a revista publicou 29 textos a respeito deles) também demonstram outra marca da publicação: o conhecimento sobre a modalidade que os jornalistas tinham. Como vimos, as matérias em *O Cruzeiro* são muito próximas do estilo que até hoje vemos na imprensa brasileira esportiva: um lead com o resumo da partida, contendo informações básicas como o resultado e o local do jogo; detalhamento das principais jogadas e descrição dos lances de gol, inclusive com a indicação do minuto em que foram marcados; análise tática das seleções, contando como os jogadores se posicionavam dentro de campo e as principais "armas" que utilizavam no ataque; avaliação individual dos jogadores que mais influenciaram o resultado, comentando as principais qualidades que demonstraram em campo; ficha técnica do jogo, contendo o nome dos atletas que entraram em campo e do árbitro, o número de torcedores presentes no estádio e a renda proporcionada pela venda de ingressos.

Os termos usados pelos jornalistas nestas matérias também são típicos do universo do futebol, como: "canha", "pelota", "futebol da velha escola", "marcação cerrada", "goleada acachapante", "ligação entre defesa e ataque", "precisão nos passes", "crack", "donos da bola", "investida contra o arco", "fazer cera", "atuação discreta", "bola à meia-altura", e muitos outros. É preciso deixar claro que algumas destas expressões já não aparecem mais na atual cobertura jornalística esportiva justamente por serem antigas, por representarem uma época diferente do futebol brasileiro e da própria língua portuguesa – por exemplo, o "crack" de antigamente foi substituído pelo "craque" atualmente –, mas certamente eram muito comuns no jornalismo esportivo daqueles anos.

E é sempre bom lembrar que *O Cruzeiro* não era uma publicação voltada especificamente ao universo dos esportes. No capítulo IV, quando descrevemos as principais características do veículo, pontuamos que se tratava de uma "revista de informação, cultura e entretenimento, trazia um conteúdo variado e se dirigia a um amplo público leitor", em que todas as editorias mais conhecidas do jornalismo (economia, política, cidades e urbanização,



agricultura, vida social, cultura e esportes) tinham espaço garantido. Mas como a Copa do Mundo era um evento inédito e grandioso, os responsáveis pela revista dedicaram atenção especial a ele, a ponto de, em uma única edição (de 15 de julho), 26 páginas abordarem a competição, o que rendeu até uma chamada na capa: "Neste número: Copa do Mundo - 26 paginas esportivas com jogos no Distrito Federal, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e em Pôrto Alegre".

Além disso, os textos algumas vezes dialogavam com outros fatos históricos ou mesmo com veículos de comunicação de países estrangeiros, mostrando um amplo repertório cultural dos jornalistas. Por exemplo, no relato do jogo entre Brasil e México, o autor cita a batalha de Tobruk, ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial. Em outro texto, um jornalista se refere à seleção da Inglaterra como Albion, nome celta para denominar a Grã-Bretanha. Já partidas das seleções norte-americanas e ingleses traziam expressões em inglês usadas por jornais desses países para descrever esses mesmos jogos. E, claro, temos que lembrar ainda que a revista foi buscar na França um jornalista especializado em futebol, Jean Eskenazi, para escrever comentários sobre o Mundial exclusivos para a publicação. O profissional é apresentado como um "jornalista que assistiu a todos os grandes jogos que se realizaram na Europa nos últimos 20 anos", ou seja, tratava-se de alguém com bagagem futebolística indiscutível para opinar sobre as partidas da Copa. Ao publicar matérias assinadas por Jean, *O Cruzeiro* lança mão do critério de noticiabilidade "exclusividade", que o diferencia da concorrência.

Todas essas marcas encontradas nas matérias que a revista publicou sobre as partidas podem ser analisadas ainda como uma tentativa de *O Cruzeiro* se distanciar daquele meio de comunicação que mais concorria com a revista nas bancas e no mercado dos anunciantes: o jornal impresso diário. Como os próprios editores da revista fizeram questão de escrever no editorial de estreia dela, em 1928, o jornal deveria ser encarado como peregrino, "um documento fóra de circulação: um documento de arquivo e de bibliotheca", com duração de apenas um dia. A revista, por sua vez, tinha um campo de atuação mais amplo e uma função educadora, muito maior do que simplesmente informar, em que "a sua interpretação dos acontecimentos deve subordinar-se a um critério muito menos particularista do que o do jornal", defendiam os editores de *O Cruzeiro*. Daí a insistência dos jornalistas da publicação, ao acompanharem os jogos do Mundial, tentarem fazer uma cobertura diferente, com análises das equipes e dos

atletas, com referências a fatos históricos e com uma narrativa mais opinativa, repleta de adjetivos e ponderações em relação aos fatos ocorridos dentro de campo.

Para exemplificar o que acabamos de apontar, podemos usar a cobertura que a revista fez sobre a derrota da seleção brasileira para o Uruguai na partida derradeira da Copa. Como já mostramos, foram publicados três textos sobre o tema na edição de 29 de julho: um artigo opinativo (de Austregésilo de Athayde), em que o autor celebra o país e diz que a população tem vários motivos para se orgulhar dele, apesar da perda do título mundial no futebol; uma matéria ("Derrota da máscara"), em que o jornalista avalia a derrota de maneira bastante crítica, não apenas em relação à postura dos jogadores e do técnico, mas principalmente, em relação ao clima de "já ganhou" que pairava sobre o Brasil, criado pelos torcedores, pelos governantes e, claro, pela própria imprensa; e outra matéria ("Fibra, fôrça, sangue e peito"), agora assinada pelo jornalista francês Jean Eskenazi, em que aborda o desempenho e as qualidades das seleções uruguaia e brasileira, compara o futebol com outros esportes (demonstrando muito conhecimento esportivo) e conclui dizendo que o futebol praticado pelo Brasil ao longo da Copa, apesar da derrota na final, foi um dos vencedores daquele Mundial.

Como notamos, os três textos trazem muito mais informação, análise e opinião do que a cobertura realizada por um jornal impresso diário, até porque, quando esta edição de *O Cruzeiro* chegou às bancas, já tinham se passado pelo menos 10 dias da disputa do jogo, realizado em 16 de julho. Ou seja, todas as informações básicas sobre aquela partida já tinham sido publicadas pelos jornais, e era necessário, portanto, trazer algo diferente para o público-leitor da revista.

Voltando aos dados da tabela, a terceira categoria mais visitada pela revista foi "país com problemas", mas bem atrás das duas primeiras mais citadas, com apenas 3 textos (ou 9,09% do total de 33 referências). O primeiro foi um artigo assinado por Genolino Amado que, em linhas gerais, enquadrou-se nesta categoria apenas por criticar o discurso raso e extremamente nacionalista de um político brasileiro durante a realização da Copa do Mundo em Pernambuco, comparando tal discurso com a alta literatura inglesa.

Já os outros dois textos, de fato, desaprovam vários pontos do país quando o assunto era a Copa. A matéria "Torre de Babel" (edição de 8 de julho) tem como pano de fundo jogos disputados no Maracanã, e como já dissemos, nela o jornalista relata diversos problemas ocorridos dentro e fora do estádio carioca, como: excesso de congestionamento; falta de preparo das pessoas da organização que deveriam dar informações aos turistas e demais

torcedores que iriam assistir ao jogo (teve japonês que não conseguiu se fazer entendido ao perguntar como fazia para achar a cadeira para a qual tinha comprado ingresso, e teve estrangeiro que só se fez entendido quando falou francês com os organizadores, língua oficial da FIFA); acúmulo de poeira (em dias de sol) e lama (dias chuvosos) nas proximidades do estádio; truculência por parte dos policiais destacados para garantir a segurança dos torcedores. Todos esses são problemas diretamente relacionados com a falta de organização do evento e a falta de estrutura do país para receber tal competição – as ruas de terra, por exemplo, denunciavam que o Brasil estava longe de ser aquele país moderno e em pleno desenvolvimento tão propagado pelos governantes da época.

A matéria "A Copa errada" (edição de 15 de julho) caminha basicamente pelos mesmos problemas, especialmente de organização. O jornalista que assina o texto, por exemplo, afirma que não pôde trabalhar na tribuna da imprensa, no estádio do Maracanã, porque o espaço reservado estava lotado, ocupado por muitas pessoas que provavelmente não eram profissionais da área. Por isso, ele precisou pagar ingresso e assistir à partida de uma cadeira na arquibancada, "debaixo de goteira", como escreveu no texto. As críticas depois são direcionadas ao esporte brasileiro como um todo, quando ele cita modalidades que estariam abandonadas no país por não proporcionarem lucro aos organizadores, como atletismo, tênis, natação e basquete. Ou seja, ao invés de tratarem o esporte como ferramenta educacional, o jornalista diz que no Brasil só se tem olhos para aquilo que rende dinheiro, como o futebol. Na sequência, ele condena a falta de propaganda das qualidades do país em terras estrangeiras, o que teria afastado os turistas daqui durante a Copa. No fim, desaprova a evolução do próprio futebol brasileiro. Ou seja, nada do que o governo gostaria que fosse propagado sobre o país antes e durante o Mundial é encontrado nesta reportagem.

Nem mesmo o Maracanã, maior símbolo da Copa do Mundo de 1950 e considerado o grande patrimônio que a competição deixou para o país, foi alvo de matéria especial de *O Cruzeiro* durante o evento ou mesmo foi exaltado em reportagens sobre as partidas. Pelo contrário, quando citado, como no caso das goteiras relatado acima, foi pelo aspecto negativo. Mas aqui vale uma ressalva: o estádio já tinha sido tema de reportagem na edição de 1º de julho ("O gigante Maracanã"), que não entrou no período de análise da pesquisa. Esta matéria, além de exaltar o tamanho do Maracanã, elogiava os trabalhadores brasileiros que se desdoblaram para a construção da obra.

Da mesma maneira, nas quatro edições aqui analisadas, a torcida brasileira, que compareceu em excelente número nos estádios, principalmente nos jogos do Brasil – o recorde de público da história do Maracanã até hoje pertence ao jogo Brasil 1 x 2 Uruguai, na decisão do Mundial de 1950, quando, segundo a imprensa da época, 199.854 torcedores estiveram presentes – não foi alvo de matéria específica desta revista ao longo do campeonato. Alguns personagens presentes nas arquibancadas até foram citados no meio de textos sobre as partidas, e fotos de torcedores (na maioria das vezes, pessoas conhecidas naquela época, como políticos) também apareceram nas páginas de *O Cruzeiro*, contudo, não houve um texto dedicado apenas aos espectadores. Mais uma vez, fica demonstrado que a competição esportiva em si, o futebol praticado pelas seleções, era mais relevante para esta publicação do que outros aspectos referentes ao evento.

Por fim, notamos que somente um texto da revista abordou a categoria "país moderno", em que há exaltação de algum aspecto positivo do Brasil. Trata-se do artigo "Ufano-me do meu país" (edição de 29 de julho), em que o autor Austregésilo de Athayde, cita exemplos que lhe fazem ter orgulho de morar no país: construções como a igreja da Candelária, escritores como Machado de Assis e, especialmente, o Maracanã, "monumento" com sua "perfeição técnica da estrutura", considerado "o maior do mundo", inclusive superior a arenas esportivas norte-americanas. Mas é pouco elogio para uma publicação que trouxe 30 textos durante a Copa do Mundo, o que revela, novamente, que ela não estava com o discurso alinhado ao do governo brasileiro. Pelo contrário, preferiu, ao longo do evento, realizar uma cobertura jornalística isenta, sem exaltar características que o Brasil não tinha, e colocando o dedo em feridas tradicionais, como trânsito, falta de organização e de preparo para realizar uma competição deste porte.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Copa do Mundo de 1950 representou um marco para o Brasil em várias esferas.

No âmbito esportivo, obviamente, porque foi a primeira competição mundial organizada pela FIFA, a entidade máxima do futebol, realizada por aqui. Assim, era uma oportunidade inédita de os torcedores (aqueles que podiam gastar dinheiro com isso, é verdade) assistirem de perto algumas das principais seleções do mundo. Era também uma chance concreta de o futebol brasileiro, em constante evolução e caminhando para a profissionalização da modalidade, conquistar o título inédito, com o apoio da torcida, algo que por muito pouco não se concretizou.

Um marco também para o Brasil enquanto país. Como já descrevemos, o processo de urbanização e industrialização caminhava a passos largos, e o governo exaltava o avanço e a modernidade da pátria. Porém, a urbanização trazia sérios problemas para a população, como o inchaço das cidades. Como consequência, sem a infraestrutura adequada, o desemprego crescia, pois não havia ocupação a todos os que chegavam do campo; o trânsito piorava e o atendimento na saúde definhava. A Copa, portanto, seria o momento ideal para que essas demandas começassem a ser resolvidas, inclusive, incentivando a economia local para atrair os turistas durante o evento. Era a hora de os governantes olharem para o país e realizarem obras que, de fato, melhorariam as condições de vida da população. Mas, como vimos no material produzido pelas quatro revistas analisadas, os investimentos realizados nessas áreas foram insuficientes, e os problemas persistem até hoje. O futebol, elemento-chave dentro do projeto de modernização traçado pelo governo brasileiro, não modificou o panorama do país. Nem mesmo a realização de uma segunda Copa do Mundo no Brasil, em 2014, em que os gastos com organização e infraestrutura passaram da casa dos R\$ 25 bilhões, deram conta de resolver as carências do país.

E, dentro do universo do jornalismo de revista semanal, o que esta pesquisa buscou mostrar é que o Mundial da FIFA também teve um amplo significado e modificou a rotina produtiva destes veículos de comunicação. Para as quatro publicações aqui analisadas – *Revista da Semana*, *Fon-Fon!*, *Careta* e *O Cruzeiro*, todas elas importantes naquela época dentro da função de registrar a vida social, cultural, política e econômica brasileira –, o fato de nenhuma pertencer ao segmento esportivo (e esta foi uma das justificativas para terem sido escolhidas nesta análise) em nada diminuiu a responsabilidade que tinham junto ao público-

leitor, que era mostrar, cada uma dentro das características e da linha editorial que possuíam, que o Brasil, naquele momento, organizava a maior competição futebolística do mundo, e que as principais seleções de futebol desembarcariam aqui, trazendo junto centenas ou milhares de torcedores-turistas.

Assim, centenas de páginas contendo informações textuais e fotográficas foram publicadas pelas quatro revistas nas edições que circularam entre 8 e 29 de julho de 1950, o período de análise mais minuciosa definido para esta pesquisa. Cada uma, ao seu estilo, acompanhou o evento e provocou o efeito de agendamento nos leitores, ou seja, é impossível que uma pessoa, naquele período, tenha adquirido um exemplar de qualquer uma dessas publicações e não tenha percebido que, em seis cidades do país, era disputada a Copa do Mundo de futebol. Além disso, como revelamos no capítulo IV, o material a respeito da Copa produzido pelas revistas suplantou e muito todos os textos que elas publicaram sobre qualquer outra modalidade esportiva no período entre 1º de janeiro de 1950 e 31 de agosto daquele ano, comprovando a importância que deram para o campeonato.

Mas esta pesquisa tinha outro objetivo, que era verificar se esses quatro periódicos estavam alinhados com o discurso eufórico do governo, de que o país estava se desenvolvendo e a organização da Copa, dentro e fora dos gramados, comprovaria esse momento próspero. Na análise que fizemos no capítulo IV mostramos que, ao contrário, as revistas usaram o evento esportivo como pano de fundo para criticar os velhos problemas do país. Ao somarmos os número descritos nas tabelas dos quatro veículos, verificamos que apenas 3 textos exaltaram alguma qualidade do país, enquanto outras 12 referências, número quatro vezes maior, apontaram para as mazelas brasileiras, principalmente para a desorganização da Copa, o excesso de trânsito e a falta de turistas por conta da má divulgação do país no exterior.

Não queremos e nem podemos afirmar que essas publicações faziam oposição ao governo, no sentido político do termo, e sim, que elas não embarcaram na ilusão que se criou, de um Brasil pronto para se tornar país de primeiro mundo. O fato é que todas elas perceberam que, durante a Copa, era o futebol que deveria estar em evidência, seja em jogos das seleções estrangeiras (foram 28 referências), seja para narrar os fatos relacionados às partidas da seleção brasileira (24 textos).

O quadro completo com os dados colhidos nas revistas ficou assim:

CATEGORIAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS NAS QUATRO REVISTAS ANALISADAS
1- País moderno	3
2- Maracanã	1
3- Seleção Brasileira	24
4- Seleção estrangeira	28
5- País com problemas	12
6- Torcida	2
Sem categoria	1

Observando a tabela, e como já descrevemos, notamos que o número de referências às seleções estrangeiras (28) superou qualquer outra categoria, inclusive o montante de textos a respeito da seleção brasileira (24). Mas isso não significa que as quatro publicações deram preferência para o conteúdo dessas equipes em detrimento ao time brasileiro, ou seja, que isso é mais um indício de que o estilo de vida europeu e norte-americano, que tanto invadia as páginas jornalísticas brasileiras, também teriam influenciado na cobertura da Copa. Na realidade, proporcionalmente, a seleção brasileira foi a categoria mais visitada pelas publicações, uma vez que havia 12 seleções estrangeiras presentes naquele Mundial, que juntas renderam 28 notas, matérias e outros textos, enquanto o time brasileiro, sozinho, foi representado 24 vezes.

*Revista da Semana* fez, no geral uma cobertura pouco otimista em relação ao Brasil, mas essa característica era do perfil da revista, que sempre produzia um conteúdo crítico em relação aos assuntos que abordava em suas páginas. Mas, ao mesmo tempo, metade dos 14 textos publicados pelo veículo no período analisado exaltavam a seleção brasileira, a torcida e o bom comportamento na arquibancada, o Maracanã e o próprio Brasil como país com capacidade para se desenvolver. Assim, podemos dizer que, entre as quatro publicações, foi a que mais trouxe aspectos positivos ao longo do Mundial.

*Fon-Fon!* limitou-se a informar, por fotos e textos simples, o resultado de alguns dos jogos realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, as duas cidades-sedes mais importantes daquele Mundial. Como já era de se esperar, dada a linha editorial da revista, com a produção

de um conteúdo voltado primordialmente ao público feminino, não fez grandes análises sobre a qualidade das seleções, sobre a participação do Brasil, a construção do Maracanã. Também não publicou matérias que retratassem os problemas causados pelo Mundial ou os benefícios que o país poderia ter com a organização do campeonato. Mas não deixou o evento de lado, como poderíamos imaginar, e fez uma cobertura do tamanho da importância que os possíveis leitores da revista dariam para a Copa.

A sempre provocadora *Careta*, por sua vez, pode ser apontada como a revista mais crítica em relação ao Mundial de futebol dentre as quatro. Nada de elogios para o Maracanã, a torcida brasileira, o país, o turismo, a qualidade do futebol praticado pelas seleções. O veículo acompanhou, sim, o desempenho do time brasileiro na competição, tanto é que esteve em cinco dos seis jogos que a equipe disputou, mas o diferencial da cobertura da revista certamente foram as referências aos problemas do país, na maior parte das vezes, por meio do humor e de suas famosas charges. Ao mesmo tempo, a cobertura que *Careta* fez dos jogos do Brasil, como vimos, em muito se assemelha com algumas práticas atuais do jornalismo esportivo, como a escalação das equipes e a tradicional foto posada dos times.

Além dela, apenas *O Cruzeiro* preocupou-se em trazer a ficha técnica das partidas, com o nome dos jogadores das seleções. Por falar nesta publicação, ela foi a responsável pela maior cobertura da Copa de 1950 entre as semanais aqui analisadas, com nada menos que 29 referências a jogos. No fim, todos os 22 duelos da competição foram retratados nas páginas da revista, o que comprova o bom espaço ao esportivo que *O Cruzeiro* sempre reservou em suas edições. Por outro lado, foram três textos com críticas ao país relacionadas à organização do Mundial, e apenas um com elogios.

Mas podemos lançar um outro olhar sobre toda essa cobertura das quatro publicações. Apesar da predominância do conteúdo crítico ao longo do Mundial, se observarmos apenas para a edição de 29 de julho, que trouxe os desdobramentos da derrota brasileira para o Uruguai, o tom dos textos é muito mais brando, com as publicações tentando fazer um balanço otimista a respeito do evento.

Olhemos, primeiramente, para a *Revista da Semana*, que trouxe quatro referências, diretas ou indiretas, sobre a decisão daquele Mundial. No geral, os textos retratam apenas aspectos positivos relacionados à final Copa, mesmo com a perda do título pela seleção brasileira, em um discurso alinhado ao do governo. No primeiro, o autor busca palavras escritas por um jornal uruguaio para mostrar as virtudes do povo e da seleção brasileira,



apontando o bom comportamento dos torcedores após a derrota como um "exemplo cívico", pois, apesar da tristeza de todos, não houve nenhuma ocorrência policial relacionada à revolta desses torcedores. Ou seja, ao invés de chorarmos a derrota, deveríamos comemorar a maneira como a torcida presente no Maracanã encarou o fato, como se o bom comportamento não fosse o mínimo que se esperaria de pessoas civilizadas.

No segundo texto, além elogiar essa postura da torcida, o autor tenta mostrar que a relevância do futebol para uma sociedade é muito maior do que o resultado em campo. Na avaliação dele, o esporte aproximaria nações vizinhas – no caso, brasileiros e uruguaios. E ele afirma ainda que o hasteamento da bandeira brasileira pelo governo uruguaio durante a comemoração do título em seu país deveria ser levada para outras esferas, como a política e a economia, uma clara evidência de que a rivalidade do esporte deveria existir apenas dentro das quatro linhas do gramado.

O terceiro texto também aponta para a mesma direção. Como vimos, o jornalista Celestino Vieira indica que a perda de um título que estava tão próximo da seleção brasileira não significaria a derrota do país, e que poderíamos colher muitos frutos após sediar o evento futebolístico de nível mundial. Nem em termos esportivos o autor acredita que houve uma tragédia, apesar de até hoje virmos a imprensa brasileira tratar o assunto como tal, pois ele diz que o time brasileiro deveria ficar feliz porque o Uruguai, ao conquistar seu segundo título mundial, seria "um dos maiores, senão o maior competidor" entre todas as seleções. Já o quarto texto, apesar de criticar a festa preparada dentro do Maracanã para comemorar a possível conquista brasileira, não faz grandes análises sobre o fato, deixando-o mais no aspecto cômico.

Com dois textos a respeito do assunto, a última edição de *Fon-Fon!* sobre a Copa também procura trazer mais esperança ao brasileiro depois da triste derrota. O primeiro até trazia uma rápida crítica ao excesso de otimismo que tomava conta de todos os presentes no estádio do Maracanã antes de Brasil e Uruguai iniciarem a disputa pelo título, mas o foco da matéria estava mesmo na arquibancada, daí a publicação de fotos de várias mulheres que estavam presentes no jogo, como se fosse um catálogo de moda.

No segundo texto, a revista faz uma análise mais positiva sobre a realização do Mundial e procura mostrar as qualidades do país, como a alegria, o amor pela pátria e a civilização do povo. O autor que assina a coluna tenta enxergar o futebol como um aspecto cultural que teria permitido a união do brasileiro em torno de um objetivo, e ao mesmo tempo

fala que esporte é diversão, como se quisesse consolar os tristes torcedores brasileiros dizendo que o futebol não deveria ser levado tão a sério.

Como pudemos observar, *O Cruzeiro* publicou três textos sobre o duelo entre brasileiros e uruguaios, sendo um artigo e duas matérias. Os textos que abrem e fecham o assunto são mais positivos, ou seja, a revista tenta deixar uma primeira e uma última impressão positiva sobre a participação do Brasil e a organização do Mundial. No primeiro, o autor, Austregésilo de Athayde, insiste em passar uma imagem de Brasil moderno, de país que tem, sim, apesar da derrota dentro de campo, motivos para encher o povo de orgulho, tal como os governantes pregavam na época. A comparação que faz das igrejas e dos escritores existentes aqui no país com os que já viu fora do Brasil, além da exaltação exacerbada ao estádio do Maracanã, agora maior até que as arenas esportivas norte-americanas, como ele mesmo escreve, é uma clara tentativa de acabar com o complexo de inferioridade que sempre rondou os brasileiros. O jornalista e cronista sai do campo esportivo, já que, nele, o Brasil perdeu um título que parecia ganho, e vai para outras áreas em busca de marcas que possam mostrar que o país é, sim moderno e desenvolvido, exatamente a imagem que os governantes da época gostavam de propagar, apesar dos diversos problemas econômicos e principalmente sociais que aqui existiam.

O terceiro texto mostra, primeiro, a força e o poderio econômico que *O Cruzeiro* tinha dentro do mercado editorial nacional, pois a publicação buscou o renomado jornalista francês Jean Eskenazi, que escrevia para diversas publicações esportivas na Europa, para fazer a análise da Copa. Mas quem esperava por uma visão mais autônoma e menos alinhada com a do governo brasileiro, enganou-se, pois a matéria procura não execrar os jogadores da seleção ou qualquer outro personagem pela derrota, pelo contrário, elogia as atuações que a equipe teve até a final (como nas goleadas contra Espanha e Suécia, pela fase final) e considera o futebol brasileiro um dos vencedores da Copa. Uma das coisas que mais chamam a atenção neste texto são as referências que o autor traz de outras modalidades para tentar explicar a derrota do Brasil, procurando achar paralelos no atletismo, por exemplo, para mostrar que, no esporte, nem sempre o melhor vence. Trata-se, portanto, de uma maneira de consolar o torcedor e até mesmo a imprensa brasileira.

O texto do meio, por outro lado, é extremamente negativo, apontando, como já mostramos, vários problemas no comportamento da seleção, dentro de campo, e no da imprensa, dos torcedores e dos organizadores da Copa, fora dele, que teriam culminado na

derrota diante do Uruguai. Ninguém é poupado pelo jornalista David Nasser. Na avaliação dele, como escreve desde o título, a máscara de seleção campeã foi a grande causadora do revés. No fim, o autor até tenta trazer um aspecto bom da derrota ao dizer que, apesar de triste, o resultado na decisão poderia fazer renascer o futebol brasileiro, porque "todos os seus vícios, todos os seus erros, todas as suas falhas se cristalizaram na derrota", e que isso ajudaria a seleção brasileira a ver que o esporte é mais "coletivo", e não "individual", mas o julgamento negativo é o que predomina.

A revista *Careta*, por sua vez, publicou somente um texto sobre o triunfo uruguaio naquela decisão, e é o único entre os quatro veículos que não faz um balanço positivo sobre a Copa, apontando, nominalmente, os culpados pelo resultado. O goleiro Barbosa, que durante muitos anos foi considerado o principal responsável pela não conquista do título, é eleito vilão pela revista, pois teria tudo uma atuação ruim e, inclusive, sofrido um "frango", expressão até hoje comum no jornalismo esportivo.

Enfim, seja com um conteúdo mais otimista em relação ao futebol apresentado pelos brasileiros ou com um tom mais pessimista, seja por meio de um texto curto com foto ou por uma longa matéria, repleta de imagens e informações trazidas por jornalistas especialistas, ou ainda, seja por meio de uma charge, artigo ou sessão, é importante ressaltar que o time escolhido para representar o país no Mundial foi o assunto mais comentado pelas quatro revistas. Nada de exaltar o trabalho realizado pelo governo para organizar o evento, o que realmente mais apareceu nas páginas das revistas foi o esporte em si e toda a emoção que ele provoca – nos torcedores, nos jogadores e até mesmo nos jornalistas.

Em uma época em que o nível de alfabetização no Brasil ainda estava muito longe dos padrões europeus, em 1950 o jornalismo de revista buscava seu espaço entre os leitores dos jornais diários e os anunciantes, e a Copa do Mundo foi mais um evento que mostrou a importância e, principalmente, as peculiaridades deste meio de comunicação. Com inovação gráfica, tipológica e editorial, uma diagramação mais moderna e arrojada, e apostando em uma informação menos perecível e mais analítica e opinativa, o jornalismo de revista, por meio das quatro publicações analisadas nesta pesquisa, marcaram um verdadeiro gol de placa.

## 7. REREFÊNCIAS

ALVIN, B. **Jornal Nacional: o discurso da brasilidade projetado na cobertura da Seleção Brasileira de Futebol**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba.

AQUINO, R. S. L. de. **Futebol uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes. 1977.

BARTHES, R. **O que é o esporte**, em Revista Serrote, nº 3, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte - uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

BEDNARIK, S.; VARELA, A. **Maracanã**. [Documentário-vídeo]. Produção de Mercedes Sader, direção de Sebastián Bednarik e Andrés Varela. Uruguai, 2014, 80 min. color. son.

BERGER, C.; MAROCCO, B.. **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Vol 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. 2ª. ed. (1ª. reimpr.) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. **O Cruzeiro – a maior e melhor revista da América Latina**. Prefeitura do Rio de Janeiro, série Memória, nº 3.

\_\_\_\_\_. **Fon-Fon! – buzinando a modernidade**. Prefeitura do Rio de Janeiro, série Memória, nº 22.

CAILLOIS, R. **Los juegos y los hombres**. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

DA MATTA, R. **Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**. In: DA MATTA (org.) Universo do Futebol. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DANZIN, N; LINCON, Y. S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FARRUGIA, B, et al. **1950: O preço de uma Copa**. 1. ed. São Paulo: Letras do Brasil, 2013.

FRAGA, G. W. **A derrota da máscara: a revista O Cruzeiro e a Copa do Mundo de 1950.** In: IX Encontro Estadual de História, 2008, Porto Alegre. Vestígios do passado: a História e suas fontes. Porto Alegre : Anpuh/RS, 2008.

\_\_\_\_\_. **A derrota do Jeca na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

FRANCO JR, H. **A dança dos deuses.** Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Futebol e orgulho nacional.** Le Monde Diplomatique Brasil, 2010. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=697>. Acesso em 14/12/2014.

FRAZÃO, F. C. C. **Revista Careta (1914-1918): periodismo na Primeira República para investigação da educação feminina.** In: VI Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais. Viçosa MG: Universidade Federal de Viçosa, 2011. v. VI. p. 1-14.

FREITAS JR, M. A. de. **No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950.** Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

GASTALDO, E. A pátria na imprensa de chuteiras: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, E. e GUÊDES, S. (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional,** Niterói: Intertexto, 2006.

GASTALDO, E. et al. **A bola no bar.** In: 7º Congreso Latinoamericano de Investigadores de La Comunicación, 2004, Buenos Aires (Argentina). Disponível em: [http://www.alaic.net/VII\\_congreso/gt/gt\\_5/GT5-P6.html](http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_5/GT5-P6.html)

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, R. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil.** Comunicação, Mídia e Consumo, ESPM (SP), v.8, n.21, 11-37, março/2011.

HELAL, R. e SOARES, A. J. **O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002.** Comunicação apresentada na XII Reunião da Compós. Recife: 3 a 6 de junho de 2003.

HELAL, R.; SANTORO, M. A.; SOARES, A. J. **Futebol, imprensa e memória.** Revista Fronteiras, Unisinos (RS), v.6, n.1, 61-78, janeiro/2004.

HELAL, R.; CABO, A. **A Cobertura das Copas do Mundo de 1930 e 1950 no Jornal Diário Carioca.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2010. Intercom. v. 1. p. 35-45.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Instituto Ipsos Marplan. **Dossiê Esporte**: Um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro. 2006. Disponível em: [www.globosat.globo.com/sportv/hotsite/dossie/dossie\\_esporte.htm](http://www.globosat.globo.com/sportv/hotsite/dossie/dossie_esporte.htm).

LIMA, L. C. **Teoria da Cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, L. C. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2013.

MARQUES, J. C. (org.) **Comunicação e esporte – diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor, 2007.

MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC, 2000. 212p.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. Campinas: Unicamp, 1997.

MORATO, M. P.. A dinâmica da rivalidade entre pontepreteanos e bugrinos. In: **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MUYLAERT, R. **Barbosa: um gol faz 50 anos**. São Paulo: RMC Comunicação, 2000.

NERY, J. E.; SILVA, G. T. da. **A Revista da Semana em Perspectiva**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Comunicação, acontecimento e memória, 2004.

NOGUEIRA, C. A. **Revista Careta (1908-1922): Símbolo da modernização da imprensa no século XX**. *Miscelânea*, Unesp-Assis (SP), v.8, 60-80, julho/2010.

OLIVEIRA, C. D. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamound, 2010.

ORICCHIO, L. Z. **Fome de Bola: Cinema e Futebol no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RIBEIRO, L. C. . **O futebol no campo afetivo da história**. Movimento (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 10, p. 99-111, 2004.

SANTANA, A. C. ; RIBEIRO, M. R. R. . **Política e modernidade: como a revista Fon Fon tratou a temática na República Velha**. In: 8º Encontro nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava - PR. 8º Encontro Nacional de História da Mídia-Rede Alcar, 2011.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SODRÉ, M., FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

TAVARES, F. M.; SCHWABB, R. (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TEMER, A. C. R. P.; NERY, V. C. A. **Para entender as Teorias da Comunicação**. 2. ed. revista e atualizada. Goiânia: EDFU, 2009.

TRAQUINA, N. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WITTER, J. S. **Futebol - um fenômeno universal do Século XX**. Revista USP, São Paulo, v. 58, p. 161-168, 2003.

\_\_\_\_\_. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

ZANON, M. C. **Fon-Fon! - Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Patrimônio e Memória (UNESP), Universidade Estadual Paulista, v. 1, n.2, p. 1-13, 2005.